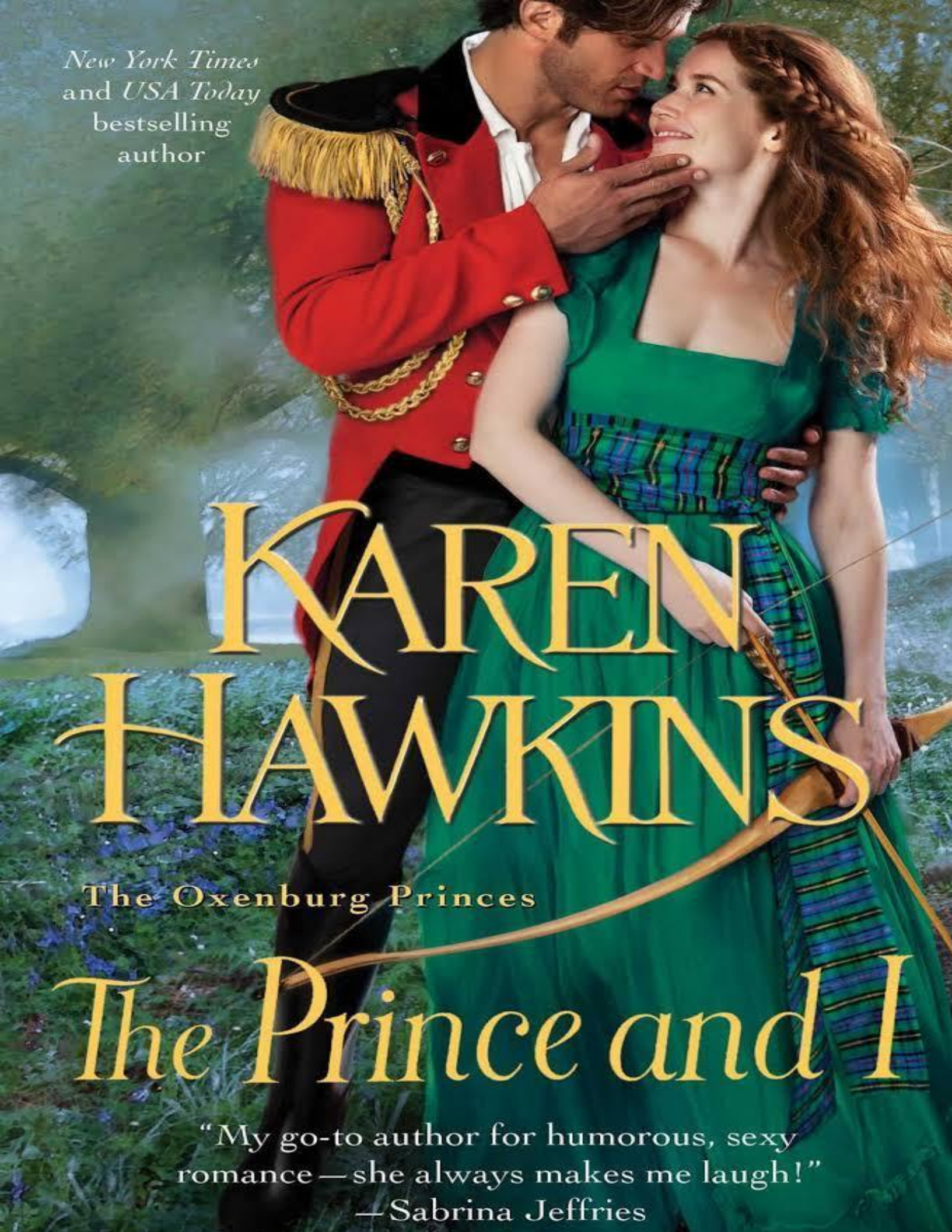

New York Times
and USA Today
bestselling
author
KAREN
HAWKINS
The Oxenburg Princes
The Prince and I
"My go-to author for humorous, sexy
romance—she always makes me laugh!"
—Sabrina Jeffries

O Príncipe e Eu

Karen Hawkins

(Série Os príncipes de Oxenburg 02)



Lilah Malveira, Anice Pereira, Sil, Sónia Silva , Val Nascimento e Darling

Sinopse

Gregori Romanovin, o príncipe guerreiro de Oxenburg, escolta sua avó para um baile no alto das Terras Altas da Escócia, quando ele e sua comitiva são roubados no ponto da espada por um grupo de rufiões. Conduzido por um homem apelidado de Robin Hood escocês, Gregori sentiu a sensação de que algo estava mal – que, ele, na verdade, é ela.

Lady Murian é uma jovem e bela viúva que busca vingança contra o poderoso conde que matou seu marido e roubou seu direito de nascença. Vivendo no bosque, ela e seu bando de homens banidos roubam nobres ricos visitando o conde maligno.

Mas quando Murian embosca a carruagem dourada do Príncipe, ela ganha muito mais do que esperava. E ela ficou com medo de que ele seja o verdadeiro ladrão... do seu coração.

Para o melhor marido do autor no mundo, também conhecido como HOT COP. Obrigado por jantar / lavar roupa e pratos / passear os cachorros / fazer toda a aspiração dessas poucas centenas de vezes enquanto eu sofria de Deadline Dementia. Você facilita os tempos difíceis. Eu te amo com todo o meu coração. Tu e eu.



Reconhecimentos

Um agradecimento especial aos meus fabulosos editores, Rachelle Wadsworth, Cail Rodgers e Suzanne Verikios, que ajudaram muito com seus comentários pensativos, questões especiais e detalhes claros para detalhes.

Do fundo do meu coração manchado de tinta, obrigado!



Capitulo 1

— ... As estradas são miseráveis, esta carruagem salta como uma mola e eu estou congelando. *Bozhy moj*, as pessoas deste país gelado nunca ouviram falar de um aquecedor de pés? — No escuro brilho da lanterna que girava em um gancho na carruagem rangente, a Grã-Duquesa Natasha Nikolaevna esperou por uma resposta. Ela catalogou nada menos que catorze queixas, mas seu companheiro não ficou impressionado. Na verdade, ele parecia estar dormindo.

Profundamente adormecido.

Mas ela já sabia. Seu neto poderia ser um príncipe, mas ele também era um soldado ao longo da vida, que fez um nome para si mesmo em muitas batalhas duramente conquistadas. Um famoso general e o líder do Grande Exército de Oxenburg, o Príncipe Gregori Maksim Alexsandr Romanovin não dormia profundamente. Nunca.

Seus irmãos e pais o chamavam de — Grisha—, um apelido para Gregori, mas Natasha se recusara. Desde o dia em que nasceu ela o chamou de Max, como o nome de um conquistador. O nome tinha se encaixado, para a irritação de seus pais – e o deleite de Natasha – ele cresceu preferindo Max e eventualmente se recusou a responder a qualquer outra coisa.

Mas príncipe guerreiro ou não, não havia desculpa para ignorar sua avó. Ela bateu a bengala no chão da carruagem.

Suas pestanas se deslocaram e ela soube que ele olhara rapidamente. Embora não fosse muito, provou seu ponto de vista: ela estava sendo deliberadamente ignorada.

A mão apertou-se no topo da bengala e imaginou o rosto dele se ela batesse a bengala sobre o joelho. Isso faria com que ele prestasse atenção. Infelizmente, isso também o enfureceria, e ela precisava estar em suas boas graças. Pelo menos até que ela encontrasse uma saída para sua situação não tão pequena.

Ela forçou os dedos a relaxar. Haveria tempo para resolver isso mais tarde. Por enquanto, ela deveria se concentrar em seu neto. Para ser sincera, ele a preocupava.

Como seus três irmãos, ele era alto e de ombros largos, o cabelo grosso e preto, os olhos verdes. Ao contrário de seus irmãos, ele carregava uma cicatriz em sua testa, causada pelo raspão de uma bala durante uma batalha. Outras

cicatrizes marcavam o queixo e a mandíbula, e sem dúvida outras partes do seu corpo. No entanto, as cicatrizes que ela via não a preocupavam.

Ultimamente ela chegou a pensar que seu neto tinha feridas muito mais profundas. Se o que seus companheiros relataram fosse verdade, a morte do amigo de infância de Max e um dos seus principais assessores, Dimitri Fedorovich, o afetou fortemente.

Não que Max admitisse tal coisa, não importa quantas oportunidades ela lhe desse. Ele não se tornou o melhor general e o mais brilhante estrategista em toda a Europa admitindo fraqueza, e ele não estava prestes a começar agora.

Droga. Ela franziu o cenho enquanto olhava para o seu lindo perfil. Mesmo com cicatrizes, com um nariz muito quebrado, ele ainda parecia principesco. *Como convém a um príncipe do sangue do imponente Oxe.*

A carruagem virou para um lado, inclinando-se loucamente, como se estivesse levantando duas rodas. Natasha agarrou a borda de seu assento, mas foi jogada para a frente. Com a graça de um leão, Max a pegou no ar e colocou-a de volta no assento, assim que a carruagem bateu de volta nas quatro rodas e continuou em um ritmo muito mais rápido.

Irritada, Natasha recolheu seu xale, puxando-o de volta sobre seus ombros à luz da lanterna que balançava.

— Isso foi quase um acidente perigoso - nenhuma surpresa, considerando a forma como esse cocheiro conduz, atingindo cada solavanco e buraco na estrada.

Não mais fingindo estar dormindo, Max afastou a cortina e olhou para fora, sua sobrancelha abaixada.

Gritos se misturaram com o relincho selvagem dos cavalos e a carruagem repentinamente parou, deslizando para um lado da estrada. Houve um baque e depois uma queda, uma vez que uma roda pareceu escorregar para uma vala. Mais uma vez, Natasha voou para a frente, uma boneca de pano jogada pelo movimento brusco. Ela teria atingido a borda do assento oposto, se Max não a tivesse capturado novamente.

Ele a depositou no chão da carruagem e soprou a lanterna, lançando-os na escuridão.

Ela mexeu para voltar ao assento, mas ele colocou uma mão no ombro dela.

— Fique.

— Eu não vou sentar no chão...

— Shh! Preciso ouvir. — Max olhou através de uma pequena abertura na cortina, uma lasca de luz da lanterna do lado de fora fazendo uma barra branca em seu rosto. — Os vagões de bagagem também pararam.

Vozes discordantes subiram no escuro; gritando, seguido de exclamaçoes ansiosas.

Natasha notou a linha firme de sua boca, a intenção de sua expressão.

Uma voz berrou através da noite, áspera e surpreendentemente alta, pedindo aos cocheiros para se afastarem.

Natasha agarrou sua bengala mais firme.

— Salteadores? — Ela tinha ouvido que não havia nenhum, mas ela disse a Max que eles atacavam constantemente nesta estrada isolada para convencê-lo a acompanhá-la. — Eu lhe disse que haveria...

— Silêncio, — ele sibilou. Outro toque na porta, desta vez um pedido estranhamente educado, mas firme, para que os dois cocheiros saissem. Ao som de uma briga, o rosto de Max ficou mais severo quando ele fechou a cortina de couro, deixando-os na escuridão. Ela ouviu um movimento farfalhante, e então um cobertor foi jogado sobre ela. — Fique aqui.

— Nyet! — Ela tirou o cobertor de sua cabeça, alisando seus cabelos em desordem.

— Não vou me esconder.

— Você fará o que eu digo. — As palavras suaves não admitiam discussão, e ela percebeu que estava ouvindo o general e não o neto. — O que quer que aconteça — disse ele calmamente, — não deixe que eles saibam que você está aqui. Se eles abrirem a porta, faça o menor barulho possível e não se mova. Se tivermos sorte, eles não vão te ver no escuro.

— Você não precisa me dizer o que fazer, eu não sou tola.

— O que você é, é uma velha obstinada muito acostumada a alcançar seus objetivos.

— Pah!

Ele ergueu um canto da cortina para fornecer um leve raio de luz enquanto ajustava sua espada, e então rapidamente examinou sua pistola. Satisfeito, ele recolocou no esconderijo na parte de trás do cinto e fechou a cortina. No escuro, ela ouviu o clique da maçaneta da porta.

Ela pulou para seu braço, agarrando-o com as duas mãos. — Você não pode sair!

Houve um silêncio gelado, e ela podia imaginar a dureza de sua expressão. Com um estremecimento, ela o soltou.

— Você não pode me proteger afastando-se. Esse é o seu trabalho: proteger-me e a mais ninguém. Se alguém abrir a porta, você pode atirar neles, mas você não se colocará em perigo...

— Fique abaixada. — Com isso ele abriu a porta, a luz fraca delineando sua figura ampla. A última coisa que viu antes que ele fosse envolvido pela

escuridão foi sua capa preta coberta de peles balançando de seus ombros largos, suas botas cintilantes na luz da lanterna.

Ao fechar a porta atrás dele, Max agradeceu rapidamente pela névoa baixa que lhe permitia passar despercebido atrás de um baú que caíra de uma das outras carruagens. Caído de lado, quebrado, vários dos caros mantos forrados de pele de Tata Natasha se espalharam pela lama.

Agachado atrás do baú, ele examinou a cena diante dele. Dois homens usando lenços na parte inferior do rosto haviam amarrado os chocheiros em um pequeno nó Dois outros salteadores mascarados vigiavam as portas das outras carruagens para impedir que os passageiros saíssem. Enquanto Max olhava sobre o baú, um terceiro salteador de máscara foi enviado para olhar a carruagem de Tata Natasha. Max teve a sorte de sair enquando ele se aproximava.

Onde estão meus homens? Ele se inclinou para o lado do baú, mantendo-se abaixado. Piotr Orlov, seu grande e rude sargento de armas, o filho mais novo de um nobre menor de Oxenburg e o homem mais confiável de Max, apoiava-se contra uma árvore ao lado da estrada, segurando seu braço contra o peito, uma mancha de sangue em sua testa. A alguns passos atrás, Ivan Golovin, um duro veterano de quatro campanhas, estava inconsciente no chão, seu nariz ensanguentado. O resto de seus homens estava longe de serem vistos, provavelmente enviado à frente por Orlov para procurar justamente uma emboscada. *Que eu sugeri que ele fizesse, droga. Os ladrões tiveram sorte em escolher o momento do ataque. Ou eles estavam nos observando enquanto viajávamos?*

Max engoliu um rosnado. A segurança de toda a viagem havia sido prejudicada pelas exigências de Tata Natasha de que parassem em todas as estalagens por onde passassem, uma prática que ele permitira continuar por muito tempo. Os atrasos os obrigaram a viajar de noite, o que era muito mais perigoso, mas ele tinha sido influenciado em sua decisão por sua idade e exaustão óbvia. Apesar de suas palavras duras e seus olhares mais duros ainda, Tata Natasha era velha e frágil. E tão desagradável quanto o vinho azedo. *Essa velha será a minha morte.*

Um movimento nos arbustos atraiu o olhar de Max. Ah. *Existem mais se escondendo entre as árvores.* Ele contou quatro figuras escuras flutuando na névoa. Era impossível dizer se os homens estavam armados, mas seria uma tolice assumir que eles não estavam.

Como se esse número de rufiões não fossem suficientes, sentado em um cavalo no comando de tudo estava um homem solitário. A névoa rodopiava ao redor das pernas de seu corcel enquanto uma lanterna brilhava atrás dele, lançando luz sobre os que estavam diante dele e destacando o cano de um

longo rifle. *Um atirador de elite, e na mesma posição que eu o teria colocado também.*

O que era, um rifle ou um bacamarte? A luz incerta brilhou no cano, mas escondeu o resto da arma. Rifles eram mais difíceis de carregar do que bacamartes, e tinham que ser limpos entre os tiros, pois os canos eram facilmente sujos por resíduos de pó preto. Mas eles eram extremamente precisos; um tiro poderia ser mortal. *Quem planejou esse pequeno encontro fez um excelente trabalho.*

Enquanto Max observava, uma figura esbelta apareceu à beira da estrada. O recém-chegado deteve-se, longe da ação, mas todos os ladrões concentraram-se instantaneamente no homem leve. *Então, o líder se mostrou.*

O homem falou em voz baixa com o maior dos ladrões vigiando os cocheiros, um verdadeiro gigante que se virou para onde Max estava escondido atrás do baú caído.

A mão do grande homem moveu-se para a ponta curvada do que parecia ser uma pistola presa em seu grosso cinto de couro, enquanto ele gritava, — Peço para que venha Sua Alteza. Nós sabemos que você está escondido ai. Podemos ver você, nós podemos.

Então eles conhecem meu título. Interessante. Havia pouca vantagem em continuar a se esconder, se os ladrões sabiam onde ele estava, e muito a lucrar enfrentando-os, então Max levantou-se e deu um passo à frente.

— Aguarde! — O gigante latiu. — Não venha mais perto.

Max olhou o oponente minuciosamente. O bruto era maior do que qualquer homem que ele já tivesse visto, o rosto largo, uma barba vermelha aparecendo sob o lenço na face inferior. O homem possuía um pescoço incrivelmente grosso e tinha braços do tamanho da maioria das coxas masculinas.

— Eu falarei com o seu líder. — Sopros gelados de respiração pontuaram cada palavra.

Os olhos do homem se estreitaram. — Você tem um sotaque estranho.

— Não finja surpresa. Você sabe quem eu sou, então você também deve saber que sou de Oxenburg.

— Eu sei muitas coisas, mas nunca ouvi falar sobre Oxenburg.

— Tudo bem. Eu só recentemente soube da Escócia, e estou começando a não gostar dela.

As sobrancelhas do homem juntaram-se. — Se você não gosta, então você pode ir para casa, onde você pertence.

Outro homem resmungou, este um jovem magro de cabelo castanho esvoaçante, seus olhos azuis zombeteiros destacando-se sobre a parte superior

de sua máscara. Um chapéu desgastado adornava sua cabeça, uma capa escarlate balançando nos seus ombros estreitos.

— Um príncipe, hein? Lorde Loudan está ficando 'chic'.

Eles também sabem de quem são os hóspedes. Como obtiveram informações tão completas?

Como se estivesse ciente do deslize, o salteador gigante lançou um olhar de advertência para o segundo homem, que encolheu os ombros sem remorso.

Tagarelice e imprudência numa pessoa são fraquezas, meu jovem amigo. O gigante está certo sobre isso.

Max dirigiu-se ao salteador mais ousado. — Você sabe que eu sou um convidado do conde.

— Sim! É a razão pela qual estamos aqui. — A voz do salteador gotejava com uma fúria mal contida. — Nós só incomodamos a escória baixa quando vem visitar sua senhoria, o *Conde de Piolho*.

O gigante sibilou um aviso, mas o rapaz ficou excitado e continuou: — O conde não fez nada além de "roubar durante a sua vida inteira", e estamos aqui para fazer com que ele pare.

— Se o que você diz é verdadeiro, o que eu duvido... — Max fez uma pausa, deixando que registrasse isso, vendo o rapaz enrijecer de indignação... — então olhe para você. Você não é melhor do que ele: um ladrão de baixa categoria.

Os olhos azuis do jovem faiscaram, mas antes que o tolo pudesse abrir a boca e desperdiçar mais informações, o gigante estalou: — Quieto agora! Não diga nada que ele precisa saber – o que não é muito. — O gigante voltou sua atenção para Max, sua respiração soprando branca como a de um enorme dragão se preparando para cuspir fogo. — Jogue sua pistola no chão.

Max desejou poder sacar e atacar; exceto pelo salteador solitário posicionado à frente, nenhum homem tinha sua arma sacada. Embora não ter as armas prontas fosse uma boa estratégia para evitar que tropas desordeiras disparassem desnecessariamente e, talvez, despertassem um alarme, isso os deixava aberto a surpresas.

Era muito tentador responder a essa falta de previsão, mas a constatação de que sua avó estava na carruagem atrás dele e, portanto, diretamente na linha de fogo, impediu Max de seguir o curso arriscado.

Em vez disso, ele encolheu os ombros.

— Como queira. — Ele retirou a espada e a deixou cair aos seus pés, mas perto o suficiente para alcançar se a oportunidade surgisse.

— E sua pistola. — Os olhos do gigante se estreitaram. — Não venha dizer que não tem, sabemos que você tem uma, e pode até ser duas.

Max resignadamente retirou sua pistola, e a jogou no chão congelado ao lado de sua espada.

O gigante assentiu com a cabeça ao jovem, que avançou para pegar as armas. Ignorando a espada, ele caiu sobre a pistola, examinando-a com perícia. — Cabo de prata. Italiano?

— E um gatilho sensível, — Max disse em um tom seco. — Não aponte em uma direção que você não deseja atirar.

O maxilar do jovem salteador se apertou. — Eu conheço pistolas, eu sei. Não tenho necessidade de conselhos. — Ele esvaziou a câmara, embolsou as balas e jogou a pistola de volta na estrada ao lado da espada.

Por que ele não pegou...

— Não tenha ideias malucas, Principe, — avisou o gigante.

— A única ideia que tenho é encontrar um fogo aconchegante e um pouco de cerveja, e não há nada para se ter aqui.

O gigante grunhiu em acordo.

— É possível que com uma pequena doação você possa chegar mais cedo em seu caminho para um uísque e um fogo quente.

— Uma doação?

— Sim. Um agradecimento, você poderia chamá-lo, por uma viagem segura. — Os olhos do gigante brilhavam com humor. — As estradas estão cheias de bandidos.

— Eu ouvi falar, — Max retornou secamente. Ele nunca havia conhecido ladrões de estrada tão polidos e, em suas longas viagens, conhecera alguns.

O que é isso? Deve haver uma razão. Talvez eu devesse testá-los.

Ele balançou de volta em seus calcanhares. — Eu não estou com vontade de pagar uma doação. Se você deseja receber doaçoes, vá até a igreja paroquial.

O gigante não se moveu, mas suas sobrancelhas baixaram.

Max acrescentou: — Na verdade, estou cansado de ficar no frio e acredito que irei. — Ele curvou e recuperou sua espada.

— Pare aí! — O homem enorme se moveu em direção a Max, sua mão musculosa subindo para a pistola presa em seu cinto. — Largue sua espada!

— Nyet, — Max disse suavemente. Ele deslizou a espada de volta para a bainha, usando o lado do pé para afastar discretamente a pistola para que não ficasse sob os pés se tivesse que usar a lâmina. — Se você quiser, venha buscá-la. — Ele se preparou, mas o líder, que ainda se mantivera longe do grupo, murmurou uma palavra que fez a testa do gigante ficar ainda mais carregada, embora sua mão se afastasse da pistola em seu cinto.

Obviamente, tão decepcionado quanto Max, o enorme homem resmungou: — Suponho que você pode mantê-la. Se você encontrar uma maneira de fazer uma pequena doação para nossa causa, terá a enorme felicidade de ter um caminho seguro à sua frente.

— Como eu sei que é seguro daqui em diante?

— Porque nós garantimos isto assim, não é, homens?

— Sim! — responderam os homens, vários deles com um tom de voz esquisitamente áspero.

O gigante assentiu com a cabeça desgrenhada. — Aí está; uma garantia. Se quiser, pode lançar seu ouro onde você jogou sua pistola.

Se Tata Natasha não estivesse aqui, o resultado seria muito diferente. Mesmo quando pensava nisso, Max pegou um movimento onde Orlov estava de pé. Em russo, Max disse calmamente ao seu sargento: — Nós não podemos. A Duquesa está conosco.

Orlov, cuja mão se movia lentamente em direção à sua pistola escondida, fez uma careta e então um aceno de cabeça arrependido. — Sim, General.

— Aqui agora, — o gigante chamou bruscamente. — Sua Excelencia está falando outra lingua. Se você quiser dizer alguma coisa, então diga isso em linguagem apropriada.

— Eu estava dizendo ao meu sargento, que devemos cooperar para que possamos aproveitar uma bebida perto de um fogo quente.

— Se ele realmente quiser ajudar a acelerar sua partida, ele também pode doar para a causa. — O gigante olhou para Orlov. — Voce gostaria de doar um pouco para o trabalho, rapaz?

Orlov franziu o cenho, mas com um olhar arrependido para a carruagem da Duquesa, tirou algumas moedas do bolso e jogou-as onde a pistola de Max estava caída.

Max lançou um forte olhar para o homem esbelto que ainda estava de pé nas sombras. Sem dúvida, ele estava silenciosamente rindo de sua impotência. *Ehta prosta nivazmozhna. Eu vou gostar de levá-lo à justiça, meu bom amigo.* Mas por enquanto, não havia mais nada a ser feito.

— Aqui. — Max retirou algumas moedas do bolso e jogou-as na lama gelada.

O sorriso do gigante escorregou. — Certamente, não é tudo o que você tem.

— É tudo o que você receberá.

As grossas sobrancelhas vermelhas do gigante se ergueram sobre o nariz, mas ele gesticulou para o ladrão encapuzado, que se apresou a recolher o ouro.

Max tentou dar uma olhada na alça da pistola saindo da cintura do jovem, mas a corda do cinto impediu uma visão clara. Ainda assim, o cinto contou sua própria história. *Uma capa esvoaçante, mas apenas uma corda desgastada para um cinto. A capa está bem, mas o cinto indica o verdadeiro estado das coisas.*

Max lançou um olhar para cada um dos homens, à luz fraca das lanternas nos lados das carruagens. Embora ele não visse nenhum rosto, seus casacos

mal adequados, botas com buracos nos dedos dos pés e o resto de suas roupas desgastadas eram claramente visíveis.

Ele notou então a magreza das mãos do garoto, as linhas profundas ao redor de seus olhos. *Eles parecem estar com fome.*

O maxilar de Max apertou-se e ele olhou para Orlov para ver se ele tinha notado o mesmo, recebendo um leve assentimento em troca.

Max voltou sua atenção para o jovem, que agora estava empurrando as moedas para uma bolsa de couro desgastada. Ao fazê-lo, ele mordeu cada uma. — Ian, elas são todas verdadeiras!

O gigante endureceu, enquanto o líder se deslocava nas sombras.

— Desculpe, — o rapaz murmurou enquanto tirava uma pequena mochila e guardava as moedas e depois correu para fora da vista.

Max olhou o gigante com um sorriso. — Ian, é isso?

As sobrancelhas grossas de Ian não poderiam ter sido mais apertadas. — Esqueça que você ouviu isso. Agora abra a porta da sua carruagem e pergunte à grande duquesa se ela deseja doar também à nossa causa. Eu imagino que ela tenha um broche ou dois que ela está cansada, e gostaria de doar para um uso mais digno.

— Nyet. Não há nada de valor nessa carruagem além de uma velha irritadiça. Bem... exceto uma cesta de comida que eu estou disposto a 'doar', como você diz.

— Comida?

— Sim. Algumas galinhas assadas, pão fresco, geléias, ovos cozidos, queijos. Você pode tê-lo somente se você deixar a grã-duquesa em paz e nos deixar sair rapidamente.

Os olhos do gigante brilharam e ele colocou uma mão em seu estômago como se já estivesse saboreando o conteúdo da cesta. Seu olhar girou para o líder deles.

Um leve aceno de cabeça lhe respondeu.

— Tudo bem! — Ian balançou de volta em seus calcanhares, parecendo satisfeito. — Aceitamos sua doação. Uma galinha ou duas não seria mal.

Max voltou para a carruagem e abriu a porta, o corpo bloqueando a vista do interior. Uma tira de luz caiu sobre o rosto furioso de Tata Natasha.

— O que você está fazendo? — ela sibilou.

Ele pegou a cesta, sussurrando severamente: — Eu disse para você ficar escondida.

— Nyet!— Suas mãos enrugadas agarraram a alça da cesta. — Não vou dar galinhas boas a um grupo de ladrões sujos!

Max baixou a voz. — Eles estão com fome, Tata Natasha.

Ela parou de puxar a cesta, seu olhar se fixando no rosto dele.

— Como você sabe?

— Eu posso ver nos olhos deles.

— Oh. — Ela soltou a cesta, acrescentando em um tom taciturno, — Eu acho que eles podem ter isso, então. Podemos parar na próxima estalagem...

— Nyet. Nós vamos direto ao Castelo de Rowallen. Estaremos mais seguros lá do que nestas estradas.

Ela franziu o cenho. — Eu vou morrer de fome quando...

Ele jogou o manto de volta sobre sua cabeça, pegou a cesta e bateu a porta atrás dele.

Ian se aproximou, a luz da única lanterna restante se inclinou sobre o rosto dele, e Max podia ver os olhos azuis do homem agora enrugar com bom humor.

— A grã-duquesa parece uma mulher de personalidade.

— Essa é uma palavra para isso. Eu chamo de teimosia. — Max colocou a cesta no chão e empurrou-a para a frente com o pé.

O gigante sacudiu a cabeça, e o jovem de manto escarlate veio pegar a cesta. Ele olhou para dentro, seus olhos arregalados.

— Och, Ian, há um jarrete de presunto do tamanho do seu ouvido! Um pão, um pote de geléia, e um – Diabos, há um, dois, três... quatro galinhas! — Ele inclinou a cesta para que seus companheiros pudessem ver.

Os homens agitaram-se, alguns deles mais próximos agora e a vários passos dos seus postos originais, os olhares presos na comida.

O líder gritou, sua voz rouca silenciando, mas comandando.

Os homens voltaram para suas posições, relutantemente arrancando seus olhares da cesta.

Espero que um grupo de ladrões tão obviamente feliz por ter conseguido uma cesta de comida, agora esteja com pressa para mandá-los embora. Mas Max ainda teve que pisar com cuidado, pois havia armas ao seu redor e... Ele franziu a testa. As armas deles estavam mesmo carregadas? Homens que não podiam comprar comida não podiam pagar por pólvora. *Se Tata Natasha não estivesse aqui, eu testaria essa teoria.*

O ladrão de capa escarlate levava a cesta pesada para a floresta densa e enevoada. Uma das figuras obscuras saiu de trás de uma árvore para tirá-la dele, a luz da lanterna clareando as mãos do ladrão – muito delicada e fina para um homem.

Uma mulher? O olhar severo de Max se aprofundou. *Talvez as figuras nas sombras sejam todas mulheres, tentando criar a imagem de uma força maior.*

— A cesta e as moedas são um bom começo, — disse o gigante, obviamente encorajado pelo sucesso. — Mas eu notei que você tem um lindo anel em sua

mão. Uma última doação, Principe, e vamos lhe deixar em uma jornada suave e segura.

Max olhou para o anel de ouro, um presente de sua mãe quando ele tinha dezesseis anos. Ele fechou a mão.

— Enquanto você é mais que bem-vindo ao ouro e à cesta, o anel é propriedade pessoal. Você não terá mais nada.

A testa de Ian baixou enquanto pousava a mão na ponta da pistola. — Você é audacioso. Estou pensando...

O líder tossiu suavemente, e Ian tirou a mão de sua pistola.

Você os tem sob-rédea curta, meu amigo.

Max não pôde deixar de admirar, a contragosto, algum respeito pelo líder dos bandidos.

Mas só um pouco. — Nosso negócio está feito, e...

A cortina de couro da carruagem ergueu-se e a mão de Tata Natasha apareceu, já não estava anelada quando ela jogou alguns anéis no chão, algumas moedas de ouro rolando com eles.

Droga, foi-lhe dito para ficar escondida! Nunca vai ouvir?

Ian piscou com espanto pela inesperada recompensa, e seus olhos enrugaram de prazer. — Och, Sua Graça é generosa, ao contrário de seu neto. — Ele ergueu a voz: — Obrigado, Vossa Graça! — Entrecerrou os olhos para a resposta, que não estava em inglês. — O que é que ela disse?

— Algo a ver com cabras e seu parentesco.

O gigante riu. — Completamente azeda, não é?

— Você não tem ideia. Mas seja como for, estou cansado disso, então vou deixar você. — Max virou-se e caminhou em direção à carruagem.

— Pare!— O gigante berrou. — E esse anel?

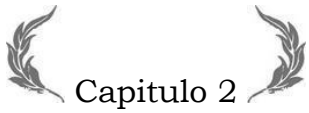
Max se virou, apoiando a mão no quadril. Era uma pose vistosa, mas colocou a mão ao alcance da sua espada.

— Se você quiser me atacar, você com seu séquito inteiro de tolos e ladrões, todos tão corajosos atrás de suas pistolas e mosquetes, então faça isso agora. Estou cansado deste jogo.

Ian inchou as bochechas, o rosto vermelho. — Vou mostrar-lhe a coragem...

— Parado, Ian. Eu resolvo isso. — O líder deu um passo à frente, entrando na beirada da luz da lanterna. Alto e esbelto, ele estava vestido com muito mais esmero do que os outros, em um casaco verde com botões de prata.

Max escondeu seu prazer neste novo desenvolvimento. *Finalmente você se junta à diversão. Talvez esse pequeno encontro seja agradável depois de tudo.*



Capitulo 2

Quase como um, os ladrões voltaram para seu líder. Não que o homem precisasse de muito espaço. A julgar pelos movimentos lânguidos do ladrão e sua estreita constituição, ele era mais criança que homem.

Era uma pena que Max não visse o rosto do jovem para confirmar sua idade, porque um lenço cobria a maior parte, deixando nada além de olhos brilhantes, reluzindo na sombra da aba do chapéu.

E esse chapéu! Era esplêndido - ainda que velho - na moda meio século atrás. Tão verde como o casaco do jovem, estava decorado com uma pena branca atrevida. Era o tipo de chapéu que um jovem poderia pensar que o fazia parecer arrojado.

Uma juventude bastante vaidosa.

— Qual é o problema? — A lanterna tocou o casaco de veludo do líder com uma luz cintilante enquanto ele se movia para a frente, uma mão apoiada no punho elaborado de sua espada.

Ian grunhiu. — É o príncipe, sir. Ele não deseja doar mais à nossa causa.

— Uma pena, é tão justa.

Max lançou um olhar curioso sobre as armas do líder que eram audazmente exibidas. Um arco e flechas pendiam em uma aljava sobre um ombro, enquanto uma espada fina pendia do cinto de couro largo que apertava o casaco muito grande do rapaz ao redor de sua cintura.

A espada prendeu a atenção de Max. Era um florete de qualidade excepcional, se o estilo e o trabalho ornamentado no punho fossem uma indicação. *Nas florestas da Escócia? Onde quer que você roubou isso, você está por fora se você pensa em usá-lo. Plebeus não sabem como usá-lo, meu amigo finamente emplumado.*

O líder olhou para ele agora, uma ousadia em sua postura. — Tenho prazer em conhecê-lo, Alteza.

— Você tem vantagem sobre mim. Não sei seu nome. — Max levantou as sobrancelhas. — A menos que tenha medo de compartilhá-lo?

— Tentando provocar-me a revelar mais do que eu desejo, não é?

Max curvou-se. — Por que não?

— Por que não, realmente. — Humor evidente em seus olhos de cor clara, o líder disse com uma voz rouca: — Se você tem que ter um nome, então você pode chamar-me de 'Robin'. Robin Hood.

Max desejou poder ver melhor a expressão nos olhos do rapaz sob aquele maldito chapéu. Eles eram surpreendentemente pálidos, no entanto, fazendo os cílios que emolduravam parecerem grossos e escuros.

— Eu conheço a história de Robin Hood. — Max se moveu um pouco, esperando fazer o rapaz se virar mais para a lanterna. — Temos uma história semelhante em meu próprio país, de um ladrão que rouba dos ricos e dá aos pobres. É claro que, em nossa história, ele é pego e enforcado, como é apropriado para um ladrão.

Embora o rapaz encolhesse os ombros, Max teve a impressão de que 'Robin' perdeu seu sorriso, embora o lenço encobrisse a evidência.

— Och, o tempo dirá, não é mesmo, meu caro príncipe estrangeiro? Enquanto isso, se quiser falar comigo, você pode me chamar de Robin. Mestre Robin.

Uma vez que Max tinha dominado esse pacote de ladrões sarnentos, ele teria grande prazer em ensinar alguns costumes para esse jovem.

— Então, garoto...— Max esperou por um protesto para o termo "*garoto*", mas nenhum veio.

Curioso. Não conheço muitos homens jovens que não se irritam com isso.

— Como eu disse ao seu gigante, eu dei tudo o que vou dar.

Ian resmungou: — Há mais que nosso príncipe aqui pode dar. Primeiro, ele tem um anel na mão.

O ladrão inclinou a cabeça, olhando para Max por um longo momento. O que quer que ele tenha visto, o ladrão balançou a cabeça. — Não, Ian. Eu acho que Sua Alteza já doou tudo o que devia. Ele pode ter mais, mas não há motivo para ganância. — Ele acenou para Max. — *Vá, agora.* E agradeço a sua doação para manter suas viagens seguras em nossa floresta.

O tom insolente do jovem ferveu o sangue de Max.

— *Sua floresta?* Você está errado: essa floresta pertence ao Conde de Loudan. Eu devo a ele pela minha passagem segura, não a você.

Algo brilhou nos olhos pálidos, algo gelado e rápido. — Você conhece o conde bem? — A voz do garoto estalou com fogo.

— Eu conheço Loudan muito bem, — Max mentiu. *Um oponente irritado comete erros. E isso parece deixar você bastante irritado.* — Na verdade, — ele acrescentou implacavelmente, — o conde é um dos meus amigos mais próximos. Admiro e gosto dele. — Max encontrou o olhar do rapaz. — Eu acho que Loudan é o melhor ser humano que já conheci.

Os olhos do jovem queimaram, todo seu corpo rígido. — Se isso é verdade, então você não conhece muitas pessoas.

Essa paixão. Já tive uma vez.

Paixão que me moveu no mais dificil dos tempos.

Ele teve isso até que a última guerra a destruiu de sua alma. Embora, para ser honesto, não era a guerra em si que se sentava em seus ombros tarde da noite e pesava o brilho da manhã, mas o rescaldo da guerra.

Ao longo dos anos, ele teve que transmitir as últimas palavras a muitas viúvas de olhos trágicos, tinha sido forçado a olhar para os olhares desesperados de muitas crianças recém-orfãs, sofrendo por pais que nunca mais voltariam. Nunca foi fácil, e o gosto desses encontros tinha sido amargo em sua alma.

Mas na última guerra, Max perdeu um dos seus. Dimitri Fedorovich tinha estado tão perto de Max como seus próprios irmãos, talvez mais perto. Fedorovich morreu da bala de um atirador furioso durante uma batalha acalorada com os franceses, e estava tão perto de Max que o zing da bala tocou nos ouvidos dele por alguns dias. Max sentiu a morte intensamente, mas pior foi retornar para casa, ele tinha que dizer à jovem esposa de Fedorovich de sua perda. Henrietta tinha gritado histericamente e não podia ser consolada, e então, soluçando selvagemente, tinha-se atirado da janela de sua casa. Ela sobreviveu, mas ficou horrivelmente ferida.

Todo o incidente deixou Max com um buraco ardente onde sua alma já havia estado. As brasas quentes de fúria ainda ardiam, e o menor sopro de ar as traziam para a vida.

E agora essas chamas haviam sido mexidas por um jovem insolente com um toque para o dramático. O bom humor de Max não existia mais.

— Eu já tive o suficiente, o suficiente de você, — ele criticou. — Você é um tolo, e um ladrão, e tem um desprezível desejo de ser fora da lei.

Robin se endureceu, sua confiança se transformando em indignação. — Como você ousa!

— Como eu ouso? Como você se atreve, um ladrão que se esconde atrás de um lenço? Você é um covarde e nada mais.

— Você foi muito longe, Príncipe, — Robin rosnou através de dentes cerrados. — Mas não estou surpreso; todos os chamados amigos de Loudan são tão desprezíveis quanto ele.

Max mostrou os dentes em um sorriso que ele não sentiu.

— Estranhamente, seu desagrado pelo conde afugentou muito seu sotaque. — O sotaque do rapaz passou de rústico a refinado; seu discurso era bastante semelhante ao que Max ouviu no tribunal de Edimburgo, há três dias. Este ladrão havia sido alimentado com uma colher de prata. — Você, sir, é uma mentira.

O rapaz segurou o punho do florete.

— Calma lá, — Ian retumbou. — Não perca o temperamento de vocês.

Então o jovem Robin pode ser impetuoso. Eu posso usar isso.

Max enfiou a mão no bolso.

Instantaneamente, o ar sobre ele mudou, cada olho nele.

— Pare!— Disse Robin. — Tire sua mão do seu bolso.

Max levantou a mão livre, virando-a para revelar uma pequena caixa de ouro na palma da mão. — Minha caixa de rapé.

— Então você deseja doar mais recompensas para nossa causa digna. — Robin gesticulou para a lama. — Jogue-a aos seus pés.

O gigante grunhiu de acordo.

— Eu não estou doando nada mais. — Max abriu a tampa e apanhou uma pequena pitada de rapé. Normalmente não usava isso, mas, como irritava Tata Natasha, ele fazia uma exceção nessa viagem.

Os olhos de Robin arderam de irritação, mas o olhar de Ian permaneceu preso na caixa.

— É linda, não? — Max segurou-a de modo que o ouro brilhasse na luz das tochas. — Foi dada a mim pelo meu primo Alexandr.

As pesadas sobrancelhas de Ian levantaram-se, admiração em seu rosto maltrapilho.

— Tem um diamante verdadeiro no centro?

— Sim! É um diamante muito grande e muito caro. — Max correu o polegar sobre ele. — Vale mais do que toda essa floresta.

O gigante se aproximou.

Max mudou de modo que seu peso estivesse no calcanhar de um pé. Assim que o tolo chegasse ao alcance, Max iria...

— Ian. — A voz de Robin ficou quieta, mas realizou um aviso distinto. — Ele está atraindo você, assim como ele estava me atraindo. Olhe para ele... —

O gigante fez uma pausa, olhando da brilhante caixa de rapé para Max.

Max congelou, tentando não dar nada mais que uma contração de cílios.

— Olhe para ele, — Robin repetiu.

O olhar de Ian escorregou sobre o rosto de Max e depois, com uma careta, o gigante voltou à posição.

Maldição. As chamas sedentas na alma de Max tremiam de desapontamento.

Ele fechou a caixa. — Eu não vou dar a um bando de ladrões preguiçosos senão o fim por minha espada.

Sob o chapéu de abas largas, os olhos pálidos se estreitaram em Max.

— Você deseja lutar, mas não hoje, velho.

Velho?

O sangue de Max ferveu, cresceu e borbulhou – talvez porque, desde a morte de Fedorovich ele tinha começado a sentir... sim, velho. E talvez porque ele estava irritado por ser forçado, pela presença de sua avó, a permanecer

passivamente no frio gelado, em vez de cuidar sumariamente desta situação de forma satisfatória. E talvez porque ele estivesse furioso, a vida tinha sido tão injusta ultimamente. Seja o que for, ele disse:

— Repito: você é um covarde. Um colono, covarde e sujo.

Os olhos de Robin arderam, Ian murmurou um aviso, mas era tarde demais.

O florete brilhou na luz da lanterna. Movendo-se como se dançasse pelo ar frio.

Atordoado, Max olhou para baixo. Seu casaco estava arruinado, a letra "R" claramente esculpida em sua lã pesada.

Orlov amaldiçoou em voz baixa.

Max apertou os dentes. — Por que você, pequeno...— Ele puxou a espada. — Tente isso de novo e veja o que vai ganhar, fedelho!

Ele esperava que Robin percebesse seu erro. Em vez disso, os olhos do tolo arderam e, para espanto de todos, Robin saudou com sua lâmina.

— *En garde*, meu general!

O ladrão dançou mais uma vez, mas desta vez Max estava pronto, sua espada pegando a lâmina fina.

Se Robin tivesse tomado o golpe diretamente, o movimento teria quebrado sua lâmina, mas em vez disso, ele desviou a espada de Max com um toque de pulso.

O filhote sabe como lutar. Ainda assim, Max tinha a vantagem da experiência, o peso de sua espada e o poder de seu braço. Ele rolou o peso para a planta do pé e girou, torcendo em uma tentativa de apanhar a lâmina do jovem e lançá-la voando, mas Robin foi muito rápido, e a luta iniciou a sério.

O ladrão dançou uma e outra vez com uma fúria mal contida, mantendo Max na defensiva. Ele se viu voltando, tentando encontrar um bom equilibrio no chão congelado.

No meio do ataque, ele percebeu que o rapaz não estava tentando proferir um golpe de morte, ele apontou para a pele exposta, não o coração ou o pescoço. Não, o rapaz estava só para ferir, administrando uma lição para o velho.

Filhote imprudente! Diabos me levem se eu deixar isso acontecer. Golpe após golpe, a espada de Max desviou o florete. Ele deslizou para longe antes de voltar para encontrá-lo como uma cauda de escorpião, pronto para morder na primeira oportunidade.

Max bloqueou cada ataque, observando seu oponente para uma abertura. Ele quebraria aquele florete nem que fosse a última coisa que ele fizesse.

Aço encontrou aço repetidamente e, finalmente, Max conseguiu deslocar o rapaz de volta. Embora todo golpe fosse esquivado ou desviado, a força de Max começou a virar a batalha.

O rapaz estava cansado; Max podia sentir isso. Os movimentos do ladrão perderam parte de sua antiga graça. Embora seus ataques fossem muito ferozes, agora eram menos frequentes.

Max aumentou seus esforços, ciente da indignação murmurada de Ian. Mas o gigante sabia que interferir na luta poderia, facilmente, distrair Robin em um momento crucial.

Mas então aconteceu. Depois de uma esquivada especialmente habilidosa, Robin deslizou no chão gelado e caiu para trás.

Ian gritou um aviso quando Max aproximou-se, sua lâmina afiada. Mas em vez de perfurar o peito do ladrão, como era o direito, ele usou sua lâmina para desviar o lenço do rosto do jovem.

O rapaz recuou, encostando a ponta da orelha na lâmina de Max. E quando o lenço flutuou para o chão, Max viu o rosto do seu oponente pela primeira vez. Seu rosto era oval, seus lábios cheios e seus olhos cinza prateado, como moedas no fundo de uma piscina imóvel. Grandes e densamente franjados com cílios curvados, eles estavam sob sobrancelhas vermelhas.

Esses olhos - se eu não soubesse, eu pensaria que você era um...

— Sua orelha está sangrando!— O gigante estalou. — Eu vou matá-lo primeiro. — Ele deu um passo em direção a Max.

— Não! — Robin se levantou, amarrando o lenço no lugar com as mãos apressadas. — Deixe-o. É só um corte.

— Um corte? Eu cortarei o tolo...

— Ian.

A palavra calma fez o gigante pausar.

— Deixe-o. Provavelmente ganhou.

Ian disse entre os dentes cerrados, — Você poderia tê-lo ferido quando lhe cortou o casaco, mas não o fez. — Ele lançou um olhar furioso para Max. — Não era necessário continuar com isso.

— Era. — Robin tirou a poeira de suas calças e suspirou. — Eu forcei essa luta, e você sabe disso. Foi minha culpa.

Atrás de Max, a porta da carruagem abriu e Tata Natasha ficou no alto, cada olho preso a ela. O vento agitava dramaticamente seu manto preto, a lanterna da carruagem lançava longas sombras sobre o rosto, e seu cabelo estava selvagem de onde ela fora empurrada sob o cobertor.

Ian estalou, — Mas que inferno, o que é isso?

— É uma b-b-bruxa!— disse outro bandido.

Max não podia discordar. — Droga, Tata Natasha, foi-lhe dito para ficar dentro.

— Pah! — Ela puxou o manto para mais perto. — Estou cansada desses jogos que você executa. É hora de ir.

Max a ignorou e dirigiu-se ao ladrão. — Seu gigante tem o direito de fazê-lo: enquanto eu extraí o primeiro sangue, você poderia facilmente ter feito isso mais cedo, quando deixou sua inicial. — Ele bateu no casaco rasgado.

Inesperadamente, o humor brilhou nos olhos prateados de Robin. — Pensei nisso.

— Estou feliz que foi tudo o que você fez, — Max disse honestamente. — Eu não dei ao seu palito o crédito que ele merecia.

Robin cruzou os braços sobre o peito, os pés plantados lateralmente. — Você não pede que suas doações sejam devolvidas. Está no seu direito, você ganhou.

Max encolheu os ombros. — Você pode manter o que já foi dado. Mas não haverá mais.

Robin inclinou-se. — Como quiser. E obrigado; isso é inesperadamente generoso.

— É tolo!— Tata Natasha disparou.

— Tikha!

Max vociferou por cima do ombro.

Ela murmurou em voz baixa, apenas as palavras “garoto tolo” e “galinhas perdidas” audíveis.

Robin riu. — Nós vamos deixar você cuidar da sua avó.

— Eu preferiria que você me esfaqueasse com o seu palito de espada, — Max murmurou.

Robin reprimiu o que certamente era uma risada, os olhos de prata vivos.

— Och, tenho certeza que sim. A família pode ser dispendiosa, tanto em dinheiro quanto em orgulho. — Ele curvou-se mais uma vez, tão gracioso quanto qualquer cortesão. — Até nos encontrarmos novamente, oh marcado carrancudo.

Max devolveu a reverência, uma agitação de interesse em sua alma que ele não sentia há muito, muito tempo. — Oh, nos encontraremos de novo, jovem pirralho. Eu juro.

Os olhos de Robin cintilaram. — Assim seja. — Com isso, ele se virou e entrou na floresta, sua forma esbelta fundindo nas sombras.

O mundo ficou instantaneamente mais triste sem um ladrão de estrada que agitava um florete como uma cauda de escorpião. Estranhamente decepcionado, Max enfiou a mão no bolso, tirou o lenço e jogou-o para o gigante.

— Eu só cortei de raspão a orelha de Robin, mas talvez você precise aplicar alguma pressão para parar o sangue.

Parecendo surpreso com o gesto, Ian embolsou o lenço, embora mantivesse um olho cuidadoso em Tata Natasha.

— Obrigado, eu vou cuidar de Robin, mas quem vai cuidar de você?

Max virou-se para ver sua avó fazendo gestos estranhos no ar. — O que você está fazendo?

— Estou colocando uma maldição sobre estes *chors*.

— Uma maldição? — gritou o salteador de cabelos compridos, olhando ao redor da forma ampla de Ian.

— O que é um chor? — Ian perguntou.

— Um ladrão, — respondeu Max. — Minha avó é Romany. Ela frequentemente usa a linguagem deles.

— Maldição, ela é uma cigana! — Ian recuou, seus olhos arregalados.

— Ela é inofensiva.

Mais ou menos.

Ele se virou para o cocheiro. — Tata, pare de lançar maldições; não há necessidade. Ganhei a luta e estamos ilesos.

— Mas estou quase terminando!

— Estamos de saída. Permita-me ajudá-la a voltar para a carruagem. — Ele a ajudou a entrar, deixando a porta aberta. Ele observou pelo canto dos olhos quando os homens de Robin desapareceram um a um na floresta escura e nebulosa. Dois dos ladrões carregaram as lanternas, apagando-as antes de desaparecerem, até que apenas a lanterna da carruagem de Tata Natasha permaneceu.

O atirador ficou no topo da estrada, o cano do rifle brilhando na lamparina. Logo apenas sua forma e os ombros largos de Ian eram vistos, delineados nas sombras de uma grande árvore.

Assovio!

Uma flecha passou pela cabeça de Max e atingiu a lanterna solitária, o som da quebra do vidro surpreendente na noite.

Eles foram mergulhados na escuridão enquanto Tata Natasha lançava uma série de maldições romani.

— Fique quieta, mulher!— Max disse a ela. — Orlov, precisamos de uma lanterna funcionando.

— Da, General.

Demorou um momento, mas Orlov encontrou uma lanterna perto da carruagem de bagagem que havia caído na lama no início do ataque e acendeu. Ele segurou-a, uma esfera dourada de luz atravessando a floresta frondosa. — Eles se foram.

— Pah! Vocês são covardes, todos! — Tata sacudiu o punho no ar. — Volte, pois não terminei de transformar vocês em cabras!

— Deixe, Tata. — Max virou-se para onde Orlov estava ajudando um Golovin obviamente tonto a ficar de pé, um fio de sangue escorrendo pelo queixo. — Mais alguém ficou ferido? — perguntou Max.

Orlov deslizou seu braço bom sobre Golovin para firmá-lo.

— Um dos cocheiros caiu, mas não parece sério, e dois lacaios bateram com as cabeças ao cair de costas das carruagens – mas isso é tudo.

— Idiotas, os cocheiros, — Golovin disse com um tom mal-humorado. — Eles nem tentaram lutar.

Max fez uma careta. — Nós fomos os tolos, por enviar o resto de nossas tropas à frente para procurar um perigo que estava aqui. Foi minha culpa. Golovin, venha até a minha carruagem. Sua Graça irá cuidar de suas feridas.

Orlov ajudou Golovin a subir na carruagem. Golovin sentou-se no topo, a mão na cabeça. Com um tapinha encorajador no ombro, Orlov saiu para ver os cocheiros e batedores.

— Incline a cabeça para trás, — ordenou Tata. Ela tirou um lenço do bolso e apertou o nariz sangrando de Golovin. — Segure isso enquanto eu busco meus remédios.

Golovin fez o que pediu, enquanto Tata Natasha puxava uma bolsa de couro debaixo do assento e começava a trabalhar, com o rosto apertado de irritação.

— Pah! Que tolos, para pensar que poderiam atacar a comitiva real de Oxenburg. E você, Max, dando-lhes o seu ouro e nossa cesta de comida! — Ela usou um copo para misturar um pó de um frasco de marfim pequeno, com uma gota de líquido de uma garrafa marrom escuro.

Golovin observou com medo crescente nos seus olhos.

O olhar sombrio e perspicaz de Tata Natasha se fixou em Max.

— Você disse que eles estavam com fome.

Ele assentiu.

Ela franziu a testa suavemente, e depois de um momento, disse com uma voz magnânima: — Então não me importo em desistir de algumas galinhas. Desta vez. — Ela mergulhou um pequeno pano na mistura e pressionou no nariz de Golovin.

Ele amaldiçoou o cheiro.

Ela esperou apenas um momento e então removeu o pano. — Aí. O sangue parou.

Golovin tocou seu nariz cautelosamente, parecendo surpreso. — Bom! — Ele levantou. — Eu ajudarei Orlov e...

— Nyet.

Você virá comigo. — Tata Natasha apontou para a carruagem. — Sem equitação; poderia começar a sangrar novamente.

Golovin lançou um olhar conturbado para Max. — General, você vai querer que eu...

— Eu vou querer você seguro, dentro da carruagem. E não se preocupe com seu cavalo. Eu vou montá-lo.

— Mas...

Max levantou as sobrancelhas e Golovin engoliu.

— Sim, General. — Com evidente relutância, ele entrou na carruagem, lançando um olhar incômodo para Tata Natasha quando o fez. Tata seguiu, repreendendo em voz alta.

Max fechou a porta.

Orlov aproximou-se, conduzindo o cavalo de Golovin.

— Os cocheiros estão preparando os veículos agora.

— Excelente. Você encontrou minha pistola?

Orlov tirou do bolso.

— Obrigado. — Max verificou e depois se afastou. — Nós iremos assim que os cocheiros estiverem prontos. Nós estamos vulneráveis aqui. — Max montou o cavalo e esperou que Orlov fizesse o mesmo.

Enquanto Max esperava, o vento se deslocava e um buraco se abriu na névoa grossa. Para a surpresa de Max, o atirador de elite mascarado estava em plena vista em seu cavalo, mas desta vez a lanterna da carruagem iluminou o cano do rifle... só que não era um rifle. Em vez disso, ele segurava um longo cachimbo.

Ao ver Max, o homem ergueu o cachimbo com uma saudação alegre, depois esporeou o cavalo e desapareceu na névoa. Max deixou flutuar uma série de maldições pitorescas.

Orlov virou seu cavalo. — Eu irei pegá-lo.

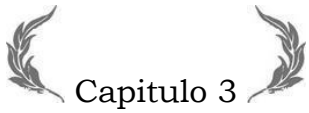
— Nyet, — ordenou Max. — Nós não conhecemos a floresta, e prejudicaremos a nós mesmos e aos nossos cavalos. Devemos deixá-lo ir.

Orlov amaldiçoou longo e alto. — Nunca conheci ladrões tão insolentes.

— Eu também não. Estou longe de terminar com este incidente. — Max olhou severamente para o grande "R" marcado em seu casaco. — Um Romanovin nunca esquece uma dívida.

Nós nos encontraremos novamente, Robin.

E logo.



Capitulo 3

— Que inferno, Ian! Você tem que nos sacudir? — Lady Murian MacDonald Muir agarrou o trilho lateral da carroça enquanto uma forte sacudida ameaçava derrubá-la.

— Cale-se, olha sua língua, garota — Ian Beagin desejava poder ir mais devagar, mas eles não só tinham que chegar à aldeia e negociar seus produtos, como também voltar para casa antes do anoitecer, o que demoraria pelo menos duas horas. Tal era o preço de viver no fundo da floresta, escondido de todas as estradas facilmente acessíveis. — Sua mãe, então, se reviraria no túmulo ao ouvir esse seu linguajar.

— Minha mãe se queixaria muito mais alto se estivesse sendo arrastada em uma carroça com rodas quadradas.

A Viúva Reeves, agarrando-se ao assento ao lado de Murian, acrescentou: — A essa velocidade, não vou ter nenhum dente no momento em que chegarmos. — Uma mulher alta e angulosa com cabelos grisalhos e um rosto profundamente enrugado, a Viúva Reeves foi uma vez a cozinheira no castelo de Rowallen e tinha – como Ian – visto o falecido marido de Murian, o mestre Robert, crescer de um bebê em um homem. — Quem negociará nossos produtos se eu não puder falar?

Ian bufou.

— Och, eu gostaria de ver você segurar sua língua, com dentes ou não. Não é da sua natureza. — Enquanto a Viúva Reeves bufou, Ian apressou os cavalos da fazenda para ir um pouco mais rápido.

Murian resmungou algo em voz baixa. Ian estava bastante certo de que não era nada que uma lady diria, então ele acrescentou: — Aguente como eu, moça. São apenas mais dez ou quinze minutos, você pode ver a fumaça das chaminés.

Lady Murian virou a cabeça para olhar, o vento provocando seu chapeu. Ele pressionou a aba larga e dobrou-a sobre a orelha enfaixada. Ela fez uma careta e puxou a borda de volta no lugar.

— Doi, hein?

— Só um pouco. — Ela lançou-lhe um sorriso alegre e só um pouco tenso. — Eu esqueci que estava aí.

O que era uma mentira, e ele sabia disso. Ela era jovem, a líder deles – apenas vinte e um anos, com cabelos vermelhos selvagens, olhos prateados,

pele cremosa polvilhada de sardas, e inteiramente feminina de seus cachos até os dedos dos pés - mas tão corajosa quanto qualquer um que ele já tivesse conhecido.

Quando Lord Robert, na idade de vinte anos, tinha concordado em se casar sem conhecer a tutelada do seu primo, o poderoso Duque de Spencer, Ian e os outros servos do castelo de Rowallen ficaram preocupados. Eles adoravam Lord Robert, apesar de sua natureza impetuosa. Felizmente, suas preocupações mostraram-se infundadas: Lady Murian acabou por ser uma jovem forte, alegre e bonita e, para a felicidade de todos, rapidamente se apaixonou por Lord Robert e ele por ela.

Infelizmente, a felicidade deles foi de curta duração. Um ano e alguns meses depois, Lord Robert foi assassinado e Lady Murian ficou sozinha. Ian se viu o protetor de Lady Murian, quando ela deixava, o que não era frequente. Graças a Deus, mas ela era uma moça indomável.

Muito rebelde. Alguém precisa domá-la, e logo.

— Espero que vendamos todos os nossos produtos, — ela disse agora, suas dores já descartadas de sua mente.

A Viúva Reeves acariciava a grande cesta de renda, geléias e queijos.

— Sim, temos sapatos para comprar do sapateiro. Os cinco meninos da viúva Brodie estão perto de nós agora. As solas têm mais buracos do que couro.

Uma sombra cruzou o rosto de Lady Murian, e Ian sabia que ela estava preocupada com o inverno que se aproximava. Todos estavam. O clima não foi gentil com a sua aldeia nesta estação, não trouxe nenhuma chuva durante os meses de verão, reduzindo seus abundantes campos a videiras murchas. Quando as chuvas finalmente chegaram, era tão tarde na estação que elas haviam trazido nada além de ventos gelados, telhados vazados e caminhos lamacentos. Eles já estavam diminuindo as provisões, e havia muitos longos e frios meses à frente.

Ele lutou contra o desejo de suspirar. Os tempos eram difíceis. Era tudo o que havia para dizer sobre isso. Além de si mesmo, do jovem Will Scarlae e Lady Murian, na sua pequena aldeia viviam sete viúvas e seus filhos, num total de vinte e uma bocas famintas para alimentar.

Ao lado dele, Lady Murian impacientemente removeu um cacho vermelho de sua bochecha. Ela estava sempre a fazer isso, pois seu cabelo era grosso e indisciplinado, tão indomável quanto a própria menina.

Ian olhou para ela e lembrou-se quando ela chegou pela primeira vez em Rowallen. Em seus vestidos de seda, presilha de joias brilhando em seus cabelos, ela era mais bonita que qualquer princesa. Lord Robert estava muito orgulhoso.

A garganta de Ian apertou. Parecia uma eternidade desde aquele dia. Agora, Lorde Robert estava frio em seu túmulo, o castelo perdido para a tragédia, e os vestidos e os pingentes vendidos para prover aqueles que ficaram. Agora, em vez de seda ou algodão, o vestido de Lady Murian era feito de lã grosseira, seus pés calçados com pesadas botas marrons, as mãos calosas e vermelhas.

Ela balançou enquanto a carroça atingia um buraco, e Ian percebeu que suas sobrancelhas estavam unidas.

— Voce parece um pouco irritada, moça. Ainda com raiva do Principe?

Um sorriso cintilou no rosto dela.

— Você me conhece muito bem. Sim, estava pensando no príncipe. Eu poderia ter superado ele, se eu não tivesse escorregado.

— Ele foi um mestre com sua espada, moça. Isto é tudo que há. — Ian franziu o cenho. — Nós não sabíamos com que tipo de homem estávamos lidando. Infelizmente para nós, ele não era um tipo de príncipe usual, mas um príncipe guerreiro.

Ela lhe lançou um olhar surpreso.

— Há mais de um tipo de príncipe?

— Sim. Com tristeza, nós conseguimos o tipo que gosta de uma luta.

A carroça saltou para um lado e ela agarrou a borda de seu assento.

— Ele era interessante, este príncipe.

— E bonito, — observou a viúva Reeves.

Lady Murian enviou à mulher mais velha um olhar divertido.

— Então ele era. Embora você não devesse ter provocado ele, mostrando-lhe que você não segurava um rifle, mas um cachimbo.

— Ah! É uma mostra para saber quanto ele foi enganado.

— Ele era arrogante. Mas tão irritada quanto eu estou com o príncipe, estou muito mais irritada com o conde Loudan, colocou-nos nesta bagunça, de modo que somos forçados a bloquear a estrada para tentar remover os guardas do meu próprio castelo.

Ian suspirou. — Eu não posso acreditar que tem sido um ano e mais...

— Em dois dias será um ano e meio, — ela disse suavemente, seu olhar escurecendo.

Ian desejou poder dar um abraço na moça, mas ela era uma coisa espinhosa. Então ele se conformou com um áspero, — O mestre Robert era um homem bom, ele era.

— Sim, — a viúva Reeves concordou, enquanto a carroça avançava. — E ele a amou mais do que a terra ama o sol.

Lady Murian sorriu com gosto desta vez, um que enrugou seus olhos e revelou uma covinha encantadora.

— Spencer escolheu bem para mim; Robert e eu estávamos bem adaptados.

A Viúva Reeves puxou seu manto mais firmemente sobre ela.

— Como o Duque de Spencer veio a ser seu guardião? Sempre me perguntei.

Ian esperou para ver se Murian responderia. Raramente falou de seus pais, mas para sua surpresa, ela fez.

— Meus pais morreram de uma febre horrível quando eu era criança. Meu pai era um soldado e lutou ao lado do duque. Quando meu pai percebeu que não ia viver, escreveu ao duque e pediu-lhe que cuidasse de mim. Spencer fez mais do que isso. Ele criou-me como se eu fosse dele.

— Como seu próprio filho, — Ian disse acidamente. — Ele não deveria tê-la ensinado a lutar como um espadachim. É impróprio.

— Tolice. Isso foi muito útil.

Ian não podia discutir com isso, mas ele ainda não gostou da maneira que colocou a moça em perigo.

— O duque deveria ter ensinado a você o que a maioria das senhoras sabem: pintar aquarelas, ler poesia, bordados e tal.

— Bordado? Eu? — Ela riu. — Eu morreria de tédio!

— E ele deveria ter ensinado a linguagem adequada, — disse Ian severamente. Ele esteve em serviço no Castelo de Rowallen desde que era um rapaz, e ele sabia que as damas da pequena nobreza não amaldiçoavam, nem tampouco elas têm sotaque irlandês – mesmo um suave – quando viajam a Londres para a temporada. Mas o duque de Spencer tinha pouco interesse na sociedade educada, então ele não se incomodou em fornecer à sua protegida um ensino semelhante ao de uma dama. Murian fora criada como se fosse filho de uma casa guerreira, e enquanto ela podia apontar todos os países em um mapa, falar grego, lutar com uma espada e discutir tratados de guerra e estratagemas políticos com facilidade, ela ainda tinha um rastro de um sotaque poderoso, e não podia desempenhar nenhum dos deveres que uma dama apropriadamente criada deveria.

A carroça mergulhou em um sulco especialmente profundo, e Lady Murian franziu o cenho quando ela colidiu com o banco.

— Maldito Loudan. Nós todos ainda estaríamos quentinhos e abrigados no castelo de Rowallen, se não fosse por ele.

— É um ladrão, bunda de cavalo, — Ian concordou. O conde era o meio-irmão bastardo do duque de Spencer, embora os dois fossem opostos em todos os sentidos. Onde Spencer provou sua bravura e valor na guerra, doando grande parte de sua riqueza e tempo para proteger seu país, Loudan se escondeu no campo escocês, gastando os fundos do meio-irmão como se fosse

seu e planejando um grande retorno à sociedade uma vez que a guerra terminasse.

Ian guiou a carroça ao redor de uma curva na estrada, a fumaça da aldeia agora claramente visível nas copas das árvores.

— É estranho ver essa fumaça no fim da tarde, — disse Lady Murian.

Ian seguiu seu olhar. — O ferreiro deve ter o fogo da bigorna.

Ela assistiu a fumaça ondular em cima da tarde luminosa e gelada, e depois desaparecer no céu frio. Depois de um momento, ela disse: — Ian?

— Sim, garota?

— Eu estava pensando no diário de Robert.

A viúva Reeves balançou a cabeça enquanto Ian reprimiu um gemido. — De novo não.

O maxilar de Murian firmou. — Há uma prova contra Lord Loudan naquele diário. Estou certa disso.

Ian já tinha ouvido essas mesmas palavras mil vezes. — Eu sei, moça. Mas nós procuramos por isso e não encontramos nada.

— Nós não procuramos no quarto do Lord... — disse Lady Murian.

— E como faríamos isso? — Lord Loudan dorme na câmara agora.

A Viúva Reeves balançou a cabeça.

— Não é possível. Além disso, você levou todos os móveis quando você foi embora, então o quarto estava vazio. Se ele estivesse lá, com certeza você teria encontrado então.

— Talvez Robert tenha escondido em um lugar secreto. Sob uma pedra na lareira, ou atrás de um painel solto.

Ian não hesitou. — Não. Nós não podemos ter essa chance.

— Mas sabemos que o diário de Robert existe, e que Loudan não o encontrou. Se ele tivesse, ele não iria tão longe para nos manter fora de lá. E agora que revistamos a maior parte do castelo, exceto aquele quarto, ele deve estar lá.

— Moça, uma coisa é infiltrar-se no castelo quando o conde e seus homens estavam fora, e espiar os níveis mais baixos do escritório e da sala de estar. Mas invadir o próprio quarto do conde, especialmente agora que o castelo está tão fortemente protegido - Não. Simplesmente não.

— Ian está certo, — disse a Viúva Reeves. — E todo mês, o conde contrata mais bandidos para proteger o castelo. É muito perigoso agora.

— Nós seríamos pegos, especialmente agora que Will estragou as coisas...

Duas semanas atrás, quando o conde estava fora caçando com alguns de seus homens, Will Scarlae foi enviado para procurar na mesa do escritório pelo diário perdido. Foi uma das poucas peças de mobiliário que deixaram para trás.

Infelizmente, o rapaz foi pego, voltando para casa dois dias depois espancado e sangrando, tendo sido mantido na masmorra até que uma criada de quarto o ajudou a escapar. Ele jurou que não havia revelado sua aldeia secreta, e como ninguém veio persegui-los em suas casas, Murian acreditou nele.

Ian franziu o cenho agora. — Eu estou desconfiado com o retorno desse rapaz.

A Viúva Reeves enviou-lhe um olhar de condenação. — Will nunca diria ao Conde sobre nós. Ele é um rapaz de confiança.

— Ele é um menino rabugento, é o que é, com um corte no ombro do tamanho de Edimburgo. E agora Loudan tem o castelo fechado como se fosse um banco cheio de ouro. Não podemos mais entrar sorrateiramente no castelo.

— Mas... — Murian começou.

—Não! Além disso**,** você esteve cuspindo no olho do Conde nas últimas semanas, retendo seus convidados. Certamente isso é diversão suficiente.

— Eu não faço isso por diversão, e você sabe disso. Isto tira os guardas do castelo para que possamos procurar.

— Isto costumava tirar os guardas do castelo, mas não mais. Um esquadrão inteiro rodeia o lugar agora. A última vez que nós fomos não conseguimos passar da estrada, havia muitos soldados vagando em volta.

Seus ombros caíram, mas ela se recusou a concordar com ele.

A Viúva Reeves apertou a mão de Lady Murian.

— Apenas fique feliz que Loudan não tenha pensado em contratar locais, ou nós já teríamos sido pegos. — Os homens do conde contrataram bandidos das ruas de Londres, então eles não eram confiáveis nem gostavam dos habitantes locais, que recusaram a entregar Murian e sua pequena aldeia.

Lady Murian fungou seu desdém.

— Nenhum escocês verdadeiro trabalharia para o conde.

— Eu não sei, — a viúva Reeves respondeu pensativa. — Ele paga bem, eu ouço. Entenda. Tem sido um ano difícil para todos.

Murian enviou à Viúva Reeves um olhar sinistro, e Ian sabia que a verdade das palavras da Viúva incomodou a moça.

— Tenha alguma paciência, — disse Ian. — Não há nada que possa fazer até que o conde afrouxe seu controle.

— Se apenas Spencer soubesse que homem horrivel o seu meio-irmão se tornou. — Murian mexeu na borda de seu xale. — Eu escrevi ao duque vezes sem conta, mas ele nunca responde. Minhas cartas não estão chegando a ele. — Ela suspirou. — Se eu desejar sua ajuda, eu terei que esperar por seu retorno.

— Se ele retornar, — Ian disse, recusando-se a suavizar suas palavras mesmo quando Murian lhe enviou um olhar horrorizado. — Certamente, você percebe que Loudan espera que seu meio-irmão seja morto. Isso poderia acontecer, porque o duque é um bravo, sempre no meio das coisas.

— Seria para nosso benefício que Spencer fosse menos corajoso e voltasse para casa. Eu preciso dele mais a cada dia. — Ela pegou o olhar preocupado de Ian e forçou um sorriso. — Mas eu estaria mais bem servida desejando que o sol parasse de brilhar, do que desejar que ele parasse de correr para a frente de toda guerra. Está no sangue dele.

— E no seu, também, garota. — Eles circularam a curva final, a aldeia lentamente aparecendo. — Eu nunca conheci uma mais - Maldição!

O coração de Murian desceu aos calcanhares.

— Oh, não! — A voz da viúva Reeves partiu em choque.

A fumaça que tinham visto vinha da estalagem. Toda a frente do prédio estava enegrecida, a porta meio queimada nas dobradiças, as janelas quebradas. Um grande buraco negro no centro do telhado sobre a taberna principal arrastava fumaça para o ar, manchas pretas e espessas delineando as janelas.

As sobrancelhas grossas de Ian juntaram-se, sua boca um toque de amargor.

— Espero que ninguém tenha se ferido.

— Sim, — a Viúva Reeves concordou fervorosamente.

— Também estivemos aqui na semana passada. — Murian olhou para os outros edifícios - alguns chalés, uma ferraria, um pequeno estábulo. A aldeia era pequena, longe das estradas principais, e era por isso que eles negociavam aqui. Achavam que estavam a salvo dos homens de Loudan, tão longe de Rowallen. E que os aldeões também estariam seguros.

Isso é por causa de nós? Por favor, Deus, não deixe que seja assim.

Eles pararam diante da estalagem, e Murian notou que as cortinas tremularam em algumas das casas.

— Ninguém está vindo para nos cumprimentar. — Sua garganta estava apertada, tão dolorida quanto seus pensamentos.

Ian disse em tom sombrio: — Eu sei, moça. Não parece bom.

A Viúva Reeves colocou a mão sobre Murian e apertou.

— Talvez tenha sido apenas um fogo na cozinha.

— Não. Começou na taberna. Você pode vê-lo do buraco no telhado. — Ian parou a carroça e pulou para amarrar o cavalo. — Esperem aqui. — Ele foi até a estalagem e enfiou a cabeça na porta meio carbonizada, gritando uma saudação antes de desaparecer por dentro.

Murian recolheu o manto e pulou da carroça.

— Moça, você não deveria, — a viúva começou, mas Murian já estava apressando-se dentro da estalagem.

As paredes estavam enegrecidas com fuligem, os pisos eram uma bagunça de cinzas e água, e uma viga do teto estava inclinada pelo corredor. Ela parou na porta da taberna. Ian ficou no centro, chutando uma cadeira quebrada e queimada. Ele franziu o cenho ao vê-la.

— Você deveria ter ficado na carroça.

— Eu devo saber o que aconteceu.

Suas grossas sobrancelhas vermelhas se fecharam sobre o nariz, mas com uma careta, ele gritou: — MacPhee!

Ninguém respondeu.

— MacPhee! — Ian gritou.

Do lado de trás da estalagem veio uma resposta impaciente.

— Segure seus cavalos, sim? Eu estava na despensa! — Houve um barulho no corredor e então o senhorio apareceu, pisando cautelosamente pela bagunça.

MacPhee era um homem enorme e calvo, seu rosto vermelho em um dia normal, e duplamente hoje. Ele parecia um pouco queimado pelo sol, uma bochecha mais vermelha do que a outra, suas roupas rangendo, suas calças e mangas traziam buracos de onde a cinza quente tinha pousado sobre ele.

Ele parou repentinamente ao ver Ian, seu olhar cintilando para Murian e depois para longe.

Murian viu a resposta nos olhos do estalajadeiro. — Loudan.

O estalajadeiro esfregou o pescoço, de repente sentindo-se muito mais velho do que seus anos.

— Eu suponho que você descobriria se eu falasse ou não. Seus homens chegaram ontem à tarde. Eles sabiam que você tinha estado aqui antes, e que nós compramos alguns produtos de você. Eles exigiram saber onde você estava. Eu disse a eles que eu não sabia - embora eu não tivesse dito aos bastardos se eu soubesse.

— Os loucos, — Ian rosnou.

— Sim. De qualquer forma, eles nos disseram para não negociar mais com você, e eu recusei - como fez outros na aldeia.

Murian só podia balançar a cabeça, seu coração pesado.

— Você não deveria ter arriscado tanto por mim.

— Sem ofensa, Lady Murian, mas não é apenas por você. Nós não vamos ter um maldito Inglês dizendo-nos o que podemos e não podemos fazer; especialmente depois do que fez com Lorde Robert. — MacPhee lançou um rápido olhar para Murian e depois disse: — Foi tudo em um momento. Os guardas do conde forçaram o caminho para dentro da minha estalagem,

jogaram cadeiras em uma pilha, incendiou-as e saíram, dizendo que voltariam. Nós tentamos apagar as chamas, mas isso explodiu em algo horrivel. — Ele olhou ao redor da sala, descrença em seu rosto. — Esta estalagem pertencia ao meu pai, e ao pai do meu pai antes dele. E agora...— Ele apertou os lábios, seus olhos lacrimejando.

Murian deu um passo à frente. — MacPhee, sinto muito. Eu...

— Moça, por favor! — Ele forçou um sorriso. — Não é sua culpa, mas do conde, maldita alma perversa.

— Sim, — Ian concordou com uma voz pesada. — Ele é uma praga na terra, isso é.

O olhar avermelhado do estalajadeiro foi para a estrada e depois voltou, sua voz tremendo quando ele disse: — Sinto muito dizer, milady, mas acho que você não deveria estar aqui. Eles disseram que voltariam, e se a encontrarem... — O rosto de MacPhee ficou sombrio.

— Lady Murian! — a Viúva Reeves ficou na porta. Seu olhar amplo pegou a sala enegrecida e carbonizada quando ela disse: — Os homens estão chegando. Você pode vê-los através das árvores.

Os homens de Loudan! Com o coração em sua garganta, Murian correu para o buraco carbonizado da janela. Ainda à distância, piscando pela floresta, ela podia apenas observar uma corrente de uniformes vermelhos. — Não é Loudan, mas o príncipe e seus homens.

— O príncipe? — Ian veio olhar por cima do ombro dela. — Maldição, o que ele está fazendo aqui?

— Qual principe?— MacPhee perguntou, parecendo confuso.

Quando Ian lhe respondeu, Murian observou o progresso de seus visitantes. Seu ritmo era tranqüilo, então eles não parecem estar em uma missão. Por que eles estavam aqui, tão longe de Rowallen?

Ela mordeu o lábio, tentando ignorar o piscar de excitação que zumbiu através dela. Ele a fascinou, este príncipe com olhos verdes e um braço de mestre com uma espada. Mas por que ele estava visitando Loudan, pois não acreditava em seu conto de admirar o conde. O conde tinha grandes aspirações sociais, e ela suspeitava fortemente que era por isso que ele foi tão longe para possuir Rowallen: para ganhar uma posição adequada para dominar o campo. Não funcionou, porque uma vez que se espalhou a noticia de como o conde passara a possuir o castelo, a nobreza local se recusou a participar de algum dos eventos do conde. Mas ter um príncipe como convidado poderia mudar isso.

Ela franziu o cenho, embora não pudesse culpar os habitantes locais. Havia algo sobre um príncipe da vida real que agitava a curiosidade,

especialmente quando o príncipe parecia tão... Principesco. Não havia outra palavra para isso, e a irritava a frequência com que pensava nele desde o encontro deles.

A Viúva Reeves ficou em pé com Murian. — Nós devemos ir.

Murian assentiu e seguiu a viúva Reeves para a carroça, Ian seguindo atrás.

Ele desatou os cavalos. — Moça, nós nunca saíremos da cidade nesta carroça lenta antes que o príncipe e seus homens nos alcancem. Nós não podemos deixar o príncipe ver você.

— Por que não?— perguntou a viúva Reeves.

Ian subiu em seu assento, a carroça inclinada enquanto seu peso se acomodava. — O príncipe viu o rosto da moça. Ele acha que nosso Robin é um, "ele", mas se ele a vir novamente, ele pode perceber seu erro. Esta é uma informação que eu não gostaria que ele passasse para Loudan.

— Sim. — Murian puxou o capuz sobre a cabeça. — Eu vou deixar voces dois para dirigir a carroça pela cidade, enquanto eu atravesso os bosques.

— Espere! — MacPhee correu de sua estalagem. — Você tinha alguma coisa que desejava vender, não era?

A viúva Reeves apontou para a cesta no assento da carroça. — Algumas geléias, mas vamos encontrar outro lugar para vendê-las. Os homens do conde...

— Não vou deixar que esses patifes miseráveis me digam o que fazer! Vou comprar tudo, toda a cesta.

Ela enrubesceu com prazer. — Tudo isso? Você tem certeza?

— É claro que ele tem certeza, — Ian disse irritadamente. — Se você quiser vender suas mercadorias, faça isso. Não temos muito tempo. — Ele se virou para Murian. — Vá enquanto você pode.

— Vou seguir o caminho atrás do celeiro. Ele corre para o caminho da carroça depois da curva perto do riacho.

— Eu te encontrarei lá. — Ian franziu o cenho. — Eu não gosto disso, mas não temos escolha. Fique escondida, moça. Não se arrisque, ouviu?

Ela assentiu e, com um aceno de mão, apressou-se em direção ao celeiro, feliz por conseguir escapar. Ainda assim, uma pequena parte dela desejava que pudesse ver o príncipe e que ele a reconhecesse. Seria adorável ver sua expressão quando ele percebesse que havia sido superado por uma mulher.

Um dia, Principe. Um dia.

Max levantou a mão quando virou o cavalo para a pequena aldeia, e a linha de homens atrás dele imediatamente parou. Nos últimos dias, ele e seus homens haviam buscado sistematicamente os bandidos que os atacaram, mas não servira de nada.

Ainda.

Orlov encostou seu cavalo ao lado de Max.

— Parece que houve um acidente nesta aldeia, bem como nas outras três que visitamos nos últimos dias.

— Eu me pergunto se eles terão a mesma história para contar?

— Que nada aconteceu? Que um dos poucos edifícios que eles usam para o comércio foi arrasado, mas ninguem sabe por qual razão?— A preocupação escureceu o rosto de Orlov. — Eles mentem. Embora nossa busca por esse ladrão não tenha sido bem-sucedida, isso nos trouxe outro mistério.

— Um grande. Alguém passou por esta floresta e reduziu sistematicamente as aldeias locais às cinzas, e às ordens de Loudan, ou assim me parece. Seus guardas cavalgam todos os dias e, a cada dia, há um novo incêndio.

— Como somos convidados de Loudan, ninguém nos contará nada. Eles temem retaliação. — Orlov pareceu desgostoso. — Por que ele faria isso com seu próprio povo?

— Eu não sei - ainda. Há um homem grande na pousada. Você, Demidor e eu falaremos com ele. Pahlen e Golovin peguem essa carroça que acabou de se afastar e veja o que essas pessoas podem saber. Peça ao resto dos homens que toquem nas portas e tente descobrir o que aconteceu. Ofereça moedas, e deixe algumas, mesmo que os aldeões não ofereçam ajuda. Todo mundo que vimos até agora parece estar em necessidade. É o mínimo que podemos fazer.

— Da, General.

Max instou seu cavalo a entrar na aldeia. Quando alcançou a estalagem queimada, a mulher na carroça girou e olhou por cima do ombro em direção ao bosque. Ela só procurou por um segundo, seu rosto enrugado como se estivesse preocupada, e então, com a mesma rapidez, ela se virou e se agachou. O olhar de Max passou dela para o homem ao seu lado.

Um homem tão grande, também, como um gigante...

Seu olhar se estreitou. Ele virou na direção que a mulher olhou. Por um momento, ele não viu nada além de grandes árvores, arbustos meio vermelhos e uma faixa de folhas castanhas. Nada que despertasse a atenção.

Mas quando ele começou a voltar, um lampejo de movimento chamou sua atenção. Ele levantou-se em seus estribos e viu uma figura que desapareceu na floresta, um manto esverdeado que se misturava com a folhagem no final do outono.

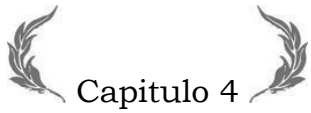
— O que é?— Orlov perguntou, desmontando ao lado de Max.

— Eu ainda não sei. — Max desceu e entregou Orlov suas rédeas. — Fale com o estalajadeiro e não deixe que esses dois na carroça se afastem. Eu voltarei.

Orlov assentiu e gritou ordens para os outros soldados.

Max dirigiu-se para o bosque, vislumbrando um caminho estreito que não era evidente na estrada principal. Quando ele entrou nas árvores, ele abrandou sua marcha, andando suavemente e evitando folhas crepitantes e ramos ruidosos que poderiam alertar sua presa.

Levou apenas um momento para alcançá-la, pois ela não teve muita vantagem. Ela correu pelo caminho, aparentemente confiante de que faria bem sua fuga, enquanto cada passo amassava folhas mortas e galhos caídos. À medida que o caminho se inclinava em torno de um grande carvalho, a luz do sol iluminou o capuz e os ombros de sua capa, e ele avistou um espesso cacho vermelho que se agarrava a seu ombro. *Cabelo vermelho, alto, delgado, passos largos, como se cada passo tivesse um propósito - Finalmente, eu encontrei você.*



Capitulo 4

Murian estremeceu quando uma brisa fria eriçou seu capuz e puxou suas saias, a mente no príncipe. Ele a intrigou - era raro que ela fosse superada em uma luta de espadas, mas então, muitos homens ainda não aderiam ao que agora era considerado um modo antiquado de lutar. Spencer muitas vezes lamentou que melhorias na precisão das pistolas e dos rifles fizeram com que muitos homens abandonassem as formas mais antigas de combate e, para ele, mais honradas. Ela teve que concordar que a verdadeira coragem de uma pessoa aparecia durante uma luta de lâmina. E, a julgar pelo desempenho do príncipe, ele era um inimigo a ser respeitado.

Ela olhou por cima do ombro, perguntando-se se Ian e a Viúva Reeves tinham saído da cidade antes que o príncipe e seus homens chegassem. Ouvindo nada além do sussurro das árvores e seus próprios passos, se apressou.

Ela tinha muito mais para pensar do que um príncipe visitante. Além da preocupante questão dos suprimentos, as cabanas dos arrendatários estavam longe de estar pronta para o mau tempo. Seu povo tinha a habilidade para fazer reparos - a Viúva Brodie era boa com um martelo e viu e tinha feito baús para cada um dos cinco garotos, enquanto a Viúva MacCrae, que tecia a mais bela renda, também substituiu a fenda que desmoronou em uma parede de sua cabana, usando uma receita que obteve de um cavalariço em Rowallen. E enquanto ajudava Ian a construir uma cerca de pedra para seus animais quando eles se mudaram para a aldeia, Murian aprendeu o suficiente para ajudar a reparar algumas das chaminés.

Um ramo baixo pendia sobre o caminho, e ela se abaixou para evitá-lo. Quando ela se endireitou, seu capuz foi arrancado de sua cabeça. Ela se virou para desenredar o ramo – e encontrou-se de frente para uma parede de lã vermelha.

E não apenas qualquer lã, mas lã vermelha fina adornada com grandes botões de ouro.

Ah não. Ela engoliu em seco, seu coração batendo forte enquanto ela lentamente, muito lentamente, olhou para cima. Seu olhar percorreu um amplo peito, um queixo firme e depois os olhos mais profundos do verde.

O príncipe tinha a beleza fria e cortante de um falcão, a mandíbula afiada, o nariz aquilino, o olhar penetrante - cada linha masculina e dominante, inclusive suas cicatrizes.

O luar os suavizara, mas no brilho do sol do fim da tarde, eles eram claramente visíveis. Uma cicatriz vermelha irritada cortou uma sobrancelha ao meio, saltando a pálpebra apenas para pegar a face ousada abaixo dela. Outra cicatriz, mais velha e branca, marcava o lábio superior, e havia mais duas no queixo e no maxilar. Mas suas cicatrizes não alteraram a linha masculina de sua boca, nem suavizaram a firmeza de sua mandíbula, nem prejudicaram os longos cílios que moldavam seus olhos verdes.

Ele era extraordinariamente belo.

Um arrepio viajou por ela, uma reação instantânea e aquecida que enfraqueceu os joelhos e balançou seu coração. *É medo*, ela disse a si mesma. *Temo que ele me revele a Loudan.*

Além disso, nem tinha certeza de que ele a reconhecesse. Ela podia falar pouco de sua expressão, que era educadamente curiosa e pouco mais.

— Você parece estar com pressa. — Sua voz era como mel escuro e cremoso.

Certamente, se ele me reconhecesse, ele teria dito alguma coisa. Ela se forçou a sorrir educadamente.

— Eu estou caminhando para casa, e está ficando tarde.

Ele olhou para o sol afundando.

— Espero que sua casa esteja perto. Infelizmente, estou perdido e não conheço o meu caminho. Você acha que pode me ajudar?

Ela examinou sua expressão mais de perto e não viu uma centelha de reconhecimento. *Estava escuro naquela noite, e havia apenas uma lanterna. Ela relaxou um pouco.*

— Onde você está hospedado, que está perdido?

— Rowallen Castle. Meus homens e eu estávamos caçando. Paramos em uma aldeia, e vi uma lebre. Eu a segui até o bosque e agora...— Ele balançou a cabeça e riu um pouco. — É o que eu recebo por não prestar atenção.

Isso pareceu possível. Rapidamente analisou suas opções. Ela supôs que poderia fugir e deixá-lo aqui. Embora ele pudesse ser mais rápido, ela conhecia esses bosques muito bem, e com algum planejamento e uma certa sorte, ela poderia fugir. Mas o que conseguiria?

Um plano melhor seria permitir que ele a acompanhasse pelo menos um pequeno caminho, e se fosse sutil, descobrisse o que sabia. *Talvez eu descubra o que está acontecendo em Rowallen.*

Ela acenou com a cabeça para o caminho à frente.

— Isso segue em uma trilha. Se você encontrá-la e ir para o norte, ela irá levá-lo para a estrada principal que leva a Rowallen. Será muito mais rápido do que a estrada em que você estava.

— Ah. Problema resolvido.

— Sim, mas a trilha não está bem marcada. Talvez eu devesse andar com você um pouco e mostrar-lhe o caminho. Uma vez que você enxergar onde ela se junta à trilha principal, você pode retornar e mostrar a seus homens.

— Muito bom. Mostre-me essa trilha.

Ela virou-se e caminhou, o príncipe andando ao lado dela. Por alguns instantes, eles caminharam em silêncio. Ele segurou os ramos que impediam seu caminho, e colocou uma mão no seu cotovelo quando eles tiveram que atravessar algumas rochas.

Em suma, era bastante agradável ter um companheiro perto de sua própria idade. Ela deu uma olhada no perfil dele. Ele era muito bonito para o seu próprio bem. E para o dela.

— Espero que sua casa esteja perto, — disse ele. — Não é seguro depois do anoitecer. Há bandidos na floresta.

Ela lutou com um sorriso.

— Oh, sim. Todo mundo está falando sobre eles.

— Eles são criaturas malignas. Sujos, malcheirosos, você não gostaria de encontrá-los no meio da noite.

O sorriso dela desapareceu. — Desculpe... você disse que eles eram malcheirosos?

Ele enrolou o nariz.

— Eu tive um encontro com eles há alguns dias e não consigo tirar o fedor da minha narina.

Que acusação ridícula! Mas ela não podia dizer nada sem admitir que ela era um deles. Ela disse através de lábios apertados: — Eu duvido que os bandidos vão prestar atenção em mim. Eles vão esperar que eu tenha algo que valha a pena, então vou estar segura.

— Isso, eu não posso acreditar. — Seu olhar cintilou sobre ela. — Você é uma mulher atraente, e esses homens eram as formas mais baixas de ladrões que conheci - brutais, bárbaros, e crueis.

Ela abaixou-se debaixo de um ramo baixo, lutando para manter a indignação de sua voz.

— Eles não podem ser muito perversos. Eles não prejudicaram ninguém.

— Eles são animais. Apesar da súplica de minha avó, eles exigiram sua cesta de comida. — Ele franziu o cenho, sua expressão severa. — Que tipo de pessoa tira comida de uma velha faminta e frágil?

Quando ele disse assim, pareceu um tanto horrível. Ela se sentiu culpada por ter gostado tanto do frango assado.

— Talvez eles tivessem fome. Está chegando o inverno, e um outono mais longo e frio que nunca tivemos.

— Eu duvido. Eles eram todos muito gordos.

Ela parou completamente.

— *Gordos?*

— Da. Com grandes barrigas e mãos sujas. — Ele se inclinou para remover um carrapicho do lado de sua bota. — Eles também eram incompetentes. Obviamente muito novos em sua profissão. Amadores, na verdade.

Amadores? As costas de Murian não poderiam ficar mais rígidas.

O príncipe endireitou, deixando cair o carrapicho no chão.

— Mas isso não é surpresa, considerando o líder desse bando. Ele era - como você diz...? — Ele deu um tapinha no braço dele. — Sem força. Como um gatinho doente.

Maldito, vou mostrar-lhe o quão forte eu sou! Ela desejou estar com seu florete agora.

— Eu ouvi uma história diferente sobre esse ladrão. Eu ouvi dizer que ele era um bom lutador e lidava com sua espada como um mestre. — Porque ela tinha, droga.

— Com dificuldade. Eu o bati bem e bom. — Ele sorriu, fazendo com que ela quisesse socar seus ouvidos. — Eu mal o peguei, e ele gritou como um porco preso.

Eu não gritei! Nenhuma vez! Ela abriu as mãos em um esforço inútil para manter a paciência.

O príncipe continuou: — Acabou rapidamente, é claro. As batalhas com tais deficiências geralmente são assim. Depois de piscar sua pequena espada, ele implorou por misericórdia.

— Implorou?— Sua voz falhou na palavra.

— Da. Ele quase chorou de felicidade quando eu permiti que ele saísse ileso. Bem, exceto por sua orelha. Eu cortei, você sabe.

— Voce não fez isso, — ela disse com firmeza.

— Da, eu fiz. Um corte e...— Ele acenou com a mão, cortando o ar. — Foi.

— Estou surpresa que você não tenha mantido essa orelha e feito uma bolsa, — ela disse furiosamente, não conseguiu evitar o sarcasmo de sua voz.

O principe parecia surpreso.

— Quem quereria uma bolsa feita a partir da orelha de um covarde maldoso?

Ela não confiava em si mesma para falar.

O príncipe parecia inconsciente de sua fúria, franzindo os lábios por um momento antes de dizer: — Mas talvez você esteja certa, e é seguro para você viajar à noite. Tal ladrão não deve ser temido.

Ela não podia acreditar que ela estava ouvindo isso!

Maldito, planejei essa incursão e foi muito bem! Bem... até que ele complicou as coisas.

Ela fungou. — Eu ouso dizer que você tem experiência nessas coisas – roubar cocheiros e tal, para que sua opinião tenha mérito.

— Experiência? Como um ladrão comum? Nyet. Claro que não.

— Bem, aí está. Você não pode julgá-los, então. — Ela virou o calcanhar e marchou pelo caminho.

Ele estava ao lado dela em um segundo.

— Talvez eu nunca tenha planejado um assalto insignificante, mas planejei muitas batalhas e enfrentei muitos adversários, e todos com sucesso também.

— Essas não são as mesmas coisas.

— Elas são mais parecidas do que você poderia pensar. — Seu olhar se estreitou e ele acrescentou com uma voz arrogantemente certa, — Mas como você não tem experiência em nenhuma delas, você não saberia.

As palavras queimavam atrás de seus lábios, e ela caminhou mais rápido para afastar a raiva de sua língua. Seus pés atingindo a terra com mais força a cada passo, ela disse em um tom educado e gelado: — E mesmo uma pessoa inexperiente como eu não pode deixar de notar que isso - como você os chama? - ladrões inexperientes e amadores ganharam o dia. Eles dizem que você entregou uma fortuna em ouro.

— Eles não ganharam o dia. Eu tive pena deles e dei-lhes algumas bugingangas insignificantes e os mandei embora.

Fanfarrão! Mentiroso! Príncipe de porco arrogante! Ela tinha que contar até dez antes que pudesse falar.

— As histórias que são passadas de um lado para o outro nas aldeias são bastante diferentes. Eles dizem que os ladrões ganharam uma quantidade significativa de moedas, assim como os anéis de Sua Graça.

— E a ceia da minha avó, — acrescentou. — Minha Tata Natasha lamentou a comida mais do que seus anéis, pois estava com muita fome e horas antes de alcançar Rowallen.

— Horas?

— Da. Tivemos que acalmar os cavalos, encontrar as lanternas perdidas, coisas como essa. E a espera da ceia não é fácil para uma velha.

O coração de Muriel afundou, sua ira se dissipando. Nunca quis que alguém sofresse. Talvez eles não devessem ter tomado a cesta de comida, mas ela estava pensando como seria bem-vinda para as crianças, que estavam cansadas de guisado e nabos-

O príncipe capturou seu cotovelo e puxou-a para parar.

Surpreendida, ela olhou para ele.

Ele roçou a bochecha dela com as pontas dos dedos, e em seus olhos ela viu compreensão. Este homem conhecia sobre responsabilidade. Como as

decisões poderiam ter repercussões que não se poderia esperar. Como o peso das decisões de alguém pode pressionar, dificultando a respiração.

— Ah, *dorogaya moya*, não pareça assim. Se você soubesse que minha avó estava com fome, você teria deixado a cesta. Eu sei disso.

A simpatia em sua voz acalmou a dor da incerteza em seu coração.

— Na verdade, eu não sei, ou eu teria...

Seus olhos brilharam.

Ela apertou os lábios e puxou a mão livre. — Você sabia! Você sabia o tempo todo!

— Da. Na outra noite, vi seu rosto claramente. — Ele passou um dedo em sua bochecha, enviando ondas de arrepios em suas costas, seus olhos escurecendo. — Eu nunca esquecerei isso.

Ela achou difícil engolir. — E agora, você vai contar a Loudan.

A mão do príncipe caiu de volta para o lado dele.

— Nunca. Eu só disse que ele era um amigo meu para irritar você.

Aha! Quando ele falou tão bem do conde durante a luta, ela pensou então que o príncipe estava fingindo; foi gratificante isso se provar certo.

— O conde não tem amigos. Somente bajuladores.

— Bem, eu notei. Nunca o conheci antes de chegar a Rowallen. — O olhar do príncipe passou por seu rosto. — A propósito, você e seu bando se acendem como fogueiras quando o conde é mencionado. É uma fraqueza.

Ela inclinou a cabeça.

— Vamos trabalhar nisso. Então, Principe, se você não é um amigo do conde, então por que você está aqui?

Os olhos do príncipe se aqueceram e, embora ele não se mexesse, parecia mais perto.

— Você deseja informações, não é?

— Por que não? Você não parece ter nada melhor para fazer.

Seus labios se contraíram.

— Tudo a seu tempo. Primeiro, você me pede desculpas por cortar o meu melhor casaco. — Antes que ela pudesse fazer mais do que lhe mostrar um olhar incrédulo, ele acrescentou: — Mas não se preocupe; aceito um gesto simples - um beijo - como um sinal de seu remorso.

Um beijo. O mero pensamento a fez ter um arrepio. Mas ela não podia capitular tão facilmente. Ela tinha a nítida impressão de que o príncipe normalmente não sofria com a falta de beijos, e ela não desejava ser apenas uma entre muitas. Ela levantou um ombro em um encolher de ombros entediado.

— Eu não dou beijos.

— Você me deve algo por meu casaco arruinado, — ele apontou. — Além disso, ganhei nossa pequena escaramuça.

— Só porque eu escorreguei.

Ele parecia divertido. — Vou dizer isso: você tem talento com essa espada. Eu fui pego de surpresa.

Bem. Era surpreendente que ele admitisse isso. Ela gostou muito de ouvir.

Ele olhou para a orelha dela, que estava encoberta por seus cabelos. — Como está o seu ferimento? Está curando?

— Dói, mas não muito.

— Eu não queria cortar você. Você se moveu enquanto eu me movia, e o resultado...— Ele abriu as mãos. — Sinto muito.

— Como eu. Eu não desejo que ninguem se machuque, nem desejei incomodar sua avó. — Ela hesitou. — Você quer que suas posses sejam devolvidas.

— Não. Você pode mantê-las.

Surpresa, ela inclinou a cabeça para um lado. — Você está certo?

— Eu não permiti levar qualquer coisa que eu me importasse.

— Ah. Obrigada, então. — Ela compartilhou um pequeno sorriso. — Teria sido difícil recuperar as galinhas de Ian.

O principe sorriu em troca, seus olhos enrugando.

— Eu nunca iria ficar entre esse gigante e sua comida.

— Você é um homem inteligente.

Ele riu e pegou sua mão.

— Eu deveria espancá-lo por sua arrogância, meu pequeno ladrão, mas eu tenho muita admiração por suas habilidades. — Ele ergueu a mão dela e passou os lábios sobre os nódulos, vagarosamente em sua pele nua.

Os dedos dela tremiam, uma onda de faíscas selvagens em cascata através dela. Ela deveria soltar sua mão ou distraí-lo com um chute rápido em sua canela - algo diferente de olhar para ele, perguntando o que ele poderia fazer se ela se inclinasse para frente e pressionasse seus lábios contra os dele e-

Não! O que eu estou pensando?

Como se inconsciente de seu tumulto, o príncipe passou o polegar sobre a palma da mão, seu olhar caiu para a mão dela enquanto ele traçava os calos lá. Um leve vinco apareceu entre os olhos.

— A vida não foi fácil para você.

Seu rosto queimou e ela puxou a mão, desejando ter pensado em esfregar o linimento de hortelã-pimenta que a Viúva Brodie fazia para tal. — Nós fazemos nosso próprio cultivo, e há madeira para cortar, e pedras para mover. — Não havia vergonha nisso; ela estava orgulhosa de seu povo, do seu

progresso. Ela levantou o queixo e encontrou seu olhar certeiro. — Nós não vivemos no luxo, mas vivemos bem o suficiente.

Um lampejo de arrependimento cruzou seu rosto.

— Eu não quis dizer isso como uma crítica. Na verdade, eu aplaudo suas habilidades. — Ele balançou a cabeça. — Eu estou... como você diz... criando dificuldades?

Ela teve que sorrir um pouco. — Trocando os pés pelas mãos.

— Talvez devêssemos começar de novo, voce e eu. Não fomos devidamente apresentados, e me disseram que essas coisas são importantes neste país, então me permita. — Ele recuou e fez uma reverência elegante, olhando-a através de seus cílios. — É um prazer conhecê-la. Eu sou Maksim Alexsandr Romanovin. — Ele se endireitou. — Por favor, me chame de Max.

— Eu deveria chamá-lo de Vossa Alteza.

— Eu não responderia. No meu país, não estamos de acordo com a formalidade que voces fazem aqui. Fui informado de que aqui, voce é informal apenas quando em privado. — Ele gesticulou para os bosques ao seu redor. — O que é mais privado do que isso? Além disso, na próxima vez que voce desejar cortar uma inicial no meu casaco, eu gostaria que fosse a correta.

Ela teve que rir. Além disso, ela queria provar esse nome, deixá-lo rolar sobre seus lábios e ver sua reação enquanto fazia isso.

— Max será, então. Eu faço um M muito limpo, a propósito, no caso de eu precisar marcar outro casaco.

Max sorriu. Foi uma pequena vitória; pedir a um assaltante para quebrar os costumes da sociedade não era um desafio muito grande. Mas ainda assim, este era espinhoso com orgulho. Cada concessão contava, e ele sentiu como se tivesse ganhado algo substancial. Algo valioso.

— Então, meu ladrão, eu lhe falei meu nome. Agora você deve me dizer o seu.

Ela começou a falar, mas depois a expressão dela fechou-se.

— Voce ainda se preocupa se eu vou contar ao conde. Eu prometo que não vou. Eu tenho vários motivos muito reais para desconfiar do homem.

— Tal como?

Ele hesitou, mas depois encolheu os ombros.

— O conde tem algum controle sobre minha avó, mas eu não sei o que. Ela é a razão pela qual fomos convidados, e seu comportamento tem sido estranho, para dizer o mínimo. O conde, também, foi muito desdenhoso na maneira como fala com ela. Ela normalmente não permitiria isso, mas...— Max estendeu as mãos.

— Ela não vai te dizer o que aconteceu?

Ele fez uma careta. — Minha avó é de uma teimosia raramente vista nestas terras.

Murian riu, seus olhos enrugando.

Deus, que risada deliciosa. Rouca e baixa, enrolou-se ao redor dele e o fez querer pegá-la e abraçá-la com força.

Ele afastou seus pensamentos errantes para o lado.

— Além disso, eu acabei de sair de uma aldeia onde o conde deixou sua marca destrutiva, e tenho visto muitas ao longo dos últimos dias. O que eu sei do conde me fez desprezá-lo.

O sorriso a deixou, sua voz sem fôlego.

— Ele fez o mesmo em outro lugar? Construções queimadas? Assustou o povo?

Max assentiu.

Um espasmo atravessou seu rosto, como se o pensamento a tivesse danificado como o pincel do fogo.

— Eu não posso permitir que isso continue. Eu...— Ela respirou firmemente.

— Você não ateou fogo em um único prédio. Os homens do conde fizeram.

— Eu ainda sou responsável se a minha presença causar danos. Mas essa é a minha preocupação, não a sua. — Ela deu um sorriso apertado. — Eu acredito que te devo um nome, não é? Isso eu vou te dar, mas nada mais. — Ela fez uma reverência. — Eu sou Lady Murian, esposa do falecido Lorde Robert Muir.

Bozhy moj, ela é muito nova para ser viúva. Ele olhou para a tragédia em seu olhar e encontrou um lampejo de tristeza que ela escondia profundamente, embora só tenha acrescentado à sua beleza. A dela era uma beleza vibrante, uma nunca esquecida. Seu rosto era um oval delicado, mas com uma mandíbula forte, seus olhos de cílios espessos, brilhando com paixão e inteligência. Ele podia distinguir uma leve pitada de sardas em sua pele pálida, uma covinha cintilando em uma das bochechas, seu pulso visível na linha graciosa de seu pescoço.

Uma pontada o atingiu, e ele se viu pensando na viúva de Dimitri, que também era uma mulher adorável e que possuia a mesma tragédia nos olhos. Mas a dor de Henrietta nunca foi escondida. Ela tinha vivido a dor, expressou-a repetidamente até que não houvesse nada além da tristeza. Enquanto isso, Murian estava com as costas retas, a mandíbula firme. *Ela luta. É assim que ela chora.*

Um lampejo de admiração o aqueceu. Aqui estava uma mulher digna. *Uma mulher forte.*

— Eu entendi que Loudan está de alguma forma, envolvido na morte de seu marido? Você diz o nome do conde como se estivesse queimando por vingança. Deve haver uma razão.

Ela o olhou com cautela, seu olhar oscilou para a boca e depois de volta. Foi como um toque aquele olhar; e ele enviou seu olhar para a sua boca. Isso foi um erro, pois instantaneamente seus pensamentos fugiram e tudo o que ele podia pensar era em seus lábios, tão cheios e maduros, tão preparados para um beijo.

Seu corpo vibrou em resposta e ele teve que lutar contra o desejo de agarrar sua cintura e puxá-la para ele. Seu olhar se fechou com o dele, e foi como se eles compartilhassem os mesmos pensamentos, os mesmos desejos. *Ela também me quer*.

A constatação o impeliu, e ele caminhou em direção a ela - assim como ela se levantou na ponta dos pés e pressionou seus lábios contra os dele.

Era um beijo delicado, quase cauteloso na maneira como ela fazia, inclinando-se para a frente, o corpo dela ainda separado do dele. Ele lutou contra a vontade de puxá-la para ele, querendo que ela desse o último passo em seus braços. Quase o matou, pois seu toque o incendiou.

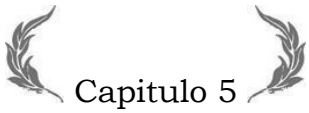
Assim que ele estava começando a desistir da esperança, ela se adiantou e colocou as mãos no peito dele.

Finalmente.

Ele balançou de volta em seus calcanhares, levantando os braços para envolvê-la-

Ela empurrou com toda a força. Ele caiu sobre um tronco. Um momento ele estava beijando uma donzela intrigante, misteriosa e bela, e no seguinte ele estava deitado no chão, olhando para a copa das árvores.

Amaldiçoando, ele ficou de pé... mas já era tarde demais. Ela se foi.



Capitulo 5

Duas noites depois, uma batida veio na porta da cabana de Murian. Ela colocou a caneta de pena no tinteiro, envolveu-se em seu xale e foi atender. Ao abrir a porta, um vento gelado atravessou Ian, que entrou e fechou a porta.

Ele tirou o capuz, o rosto vermelho.

— Está implacável do lado de fora.

— Eu sei. Toda vez que o vento sopra, apaga a minha vela. — Ela acenou com a cabeça para onde ela fez uma pequena barreira sobre sua vela, usando dois livros e um pano.

— Isso é muito leve como você.

— É o melhor que posso fazer. — Ela voltou para a mesa. — Estou fazendo uma lista de suprimentos que precisamos para corrigir os piores problemas em nossas cabanas. Podemos fazer taipas para as fendas, e há uma abundância de rochas pelo rio para consertar as chaminés. O que não temos é tábua de madeira.

— Há madeira na floresta, mas nós não teríamos as ferramentas para cortá-las em tábuas.

— Eu sei. — Ela suspirou. — Nós não podemos comprá-la, não depois de ver o que os homens de Loudan têm feito às aldeias locais apenas por negociar com a gente.

Ian murmurou sombriamente baixinho, enquanto segurava as mãos no fogo. — Vamos encontrar um caminho, mocinha. Nós precisamos.

— Eu espero que sim. — Ela afundou no sofá diante da lareira, então estendeu seus pés em direção ao fogo balançando os dedos. Eles estavam encolhidos dentro de suas sapatilhas grossas de tricô, um presente da viúva MacDonald.

Um calor crepitante veio do fogo, e Ian suspirou.

— Se Loudan mantém os moradores locais amedrontados, podemos ter que mudar para onde seus braços longos não podem alcançar.

— Não. Isso tornaria mais difícil chegar a Rowallen e conquistar o castelo de volta. Além disso, Loudan não é o tipo de homem que deixa uma pequena coisa como distância detê-lo. Ele enviaria seus homens atrás de nós, e estaríamos pior do que estamos agora. Pelo menos aqui, temos amigos, embora devamos protegê-los quando pudermos.

Se ela realmente pensasse que se afastar ajudaria, ela faria isso em um segundo, apesar da distância de Rowallen. Estes eram o povo dela, e ela era

responsável por todos e cada um deles: Ian, Will, sete viúvas e doze filhos. Com ela, havia vinte e duas cabeças para abrigar e alimentar, dia após dia. Era muito. Mais do que nunca pensou em carregar sozinha.

— Eu suponho que você tenha o direito disso, moça. O conde está determinado a ferir todos nós. — Ian pegou o ferro de fogo e ajustou os troncos, o cheiro de pinho esfumaçado subindo pela pequena cabana. O fogo agitou-se a uma altura respeitável; ele devolveu o ferro ao suporte. — Por algum motivo, continuo pensando no príncipe.

Murian também, embora tivesse certeza de que ela e Ian tinham motivos diferentes. Ela pegou o cobertor da parte de trás do sofá e puxou-o sobre seus ombros, descansando os pés sobre um banquinho coberto de seda que ela tinha buscado perto.

— O que você tem pensado sobre o príncipe?

— Na aldeia outro dia, os homens do príncipe pareciam realmente chocados com as ações dos guardas de Loudan. — Ian olhou para o fogo, uma expressão pensativa no rosto. — É um fato conhecido que os homens de um exército refletem seu líder. Se isso for verdade, então o príncipe pode ser um bom homem.

Murian se aconchegou no cobertor, estranhamente animada para ouvir a rara aprovação de Ian. Por um momento, ela esteve tentada a contar a Ian o encontro com o príncipe na floresta. Ela não havia mencionado isso porque o homem grisalho tendia a ser excessivamente protetor às vezes.

Além disso, mantê-lo em segredo significava que a lembrança daquele beijo breve demais, mas tão doce, era dela e só dela. Embora duvidasse que Max pensasse nisso como uma lembrança que valesse a pena, ela certamente o fazia.

Ela suspirou inquieta e desejou se arriscar e explicar a Max como as coisas realmente eram por causa de Loudan. Talvez ela tivesse essa oportunidade um dia, embora duvidasse disso. Max admitiu que ele já não gostava de seu anfitrião, o que significava que o príncipe e seus homens partiriam assim que pudessem. Ela não iria culpa-lo nem um pouco.

Foi uma pena, na verdade. Ela teria gostado de mostrar a ele sua aldeia também. Ela olhou para ela com satisfação. Embora a casa de campo tivesse sido construída por pastores de cabras e as paredes de lama e o telhado quebrado de ardósia fossem tão simples quanto possivel, os móveis luxuosos confortavam seus espíritos esfarrapados. Todos tirados de Rowallen, eles fizeram o chão de terra e as paredes de reboco rachadas aceitáveis.

Ela havia pegado mais do que alguns itens de Rowallen durante a fuga maluca deles, também. Abaixo do banquinho para os pés estava um tapete de Aubusson pesado, enquanto duas cadeiras de tafetá vermelho flanqueavam a

lareira. O sofá almofadado brilhava com madeira dourada e era emoldurado de cada lado por pequenas mesas com tampo de mármore. Em um canto da cabana, perto de uma tela de seda chinesa, ficava a magnífica cama de mogno que outrora enfeitava o quarto de dormir que ela compartilhava com Robert. Pendurada com cortinas de veludo roxo e cheia de travesseiros e colchas grossas, era uma jóia numa caixa muito pequena e simples.

O conde de Loudan poderia ter matado seu marido e roubado seu castelo; ele poderia ter expulsado os seus arrendatários da terra e tentado matá-los de fome quando eles lutaram de volta - mas ele não tinha sido capaz de impedir Murian de levar tudo que pudesse com ela, quando deixou a casa.

Quando as coisas estavam ruins, ela imaginava a fúria de Loudan ao retornar a Rowallen depois de arquivar sua reivindicação em Edimburgo, e achar o castelo quase vazio, desprovido de quase tudo, exceto alguns pedaços de móveis grandes demais para caber nos carros.

O que foi ainda melhor foi que não apenas a sua cabana era tão decorada, mas a casa de todos os arrendatários em sua pequena aldeia. Embora o vento pudesse assobiar através das rachaduras nas paredes, eles tinham tapetes macios sob seus pés e bons colchões sobre os quais descansar.

No começo, quando as coisas ficaram desesperadas, ela pensou em vender alguns dos itens, mas rapidamente percebeu que o conde estava observando essas transações. Então, com nenhum outro lugar para colocá-los, armazenou o resto do mobiliário no celeiro, coberto de lonas pesadas para protegê-los do tempo. Um dia, ela veria todos de volta para Rowallen. *Um dia em breve.*

Ela esperava. Uma profunda inquietação a atravessou. Sua paciência estava perto de um fim. — Ian, eu não posso-

Uma batida rápida soou na porta antes que ela fosse aberta, e a Viúva Reeves entrasse. Ela virou para fechar a porta, mas não conseguiu segurá-la contra o vento, então Ian apressou-se em ajudá-la.

Murian levantou-se para cumprimentar a mulher mais velha.

— Viúva Reeves, o que você está fazendo nesse tempo?

— Eu vim para compartilhar algumas novidades. Volte para seu assento, milady. Não há necessidade de levantar. Não é como se eu não a conhecesse assim como meu próprio cotovelo.

Murian riu e sentou-se enquanto a Viúva Reeves apressou-se para o fogo, seus cachos de cabelos grisalhos cobriam as bochechas vermelhas e a testa. A viúva colocou as luvas no bolso antes de segurar as mãos para as chamas.

— Oh, tá melhor. Sinto falta da cozinha em Rowallen. Não estaria frio então.

— Não, você estava sempre reclamando do calor — disse Ian.

Ela lançou-lhe um olhar duro.

— Sim, e você estava sempre se queixando de ter muito a fazer, com tantos cavalos sendo mantidos nos estábulos de Lord Robert. Suponho que nenhum de nós foi tão agradecido como deveríamos ter sido.

Ele grunhiu um acordo.

— Viúva Reeves, o que é esta notícia? — Murian esperou com expectativa. — Devo servir um pouco de chá?

— Oh, eu não posso. Assim que eu passar por aqui, vou até a Viúva Brodie para lhe dar uma mão e colocar os rapazes na cama.

Ian fez uma careta.

— Cinco rapazes vigorosos, eles são.

— Sim, e Iona é muito mole com eles, como eu disse a ela há anos. — A Viúva Reeves esfregou as mãos. — Ah, isso é bom. É mais quente aqui do que na minha casa.

Murian franziu a testa.

— Não tem madeira para o fogo?

— Sim. Não falta madeira, mas o buraco no meu telhado, que deixa entrar o vento e a chuva. — Ela pegou a expressão de Murian. — Oh, moça, não fique assim. Você não pode resolver o vazamento no telhado de todos.

Murian conseguiu um sorriso. — Eu queria poder.

— Você faz o suficiente 'como é'. Lord Robert encontrou uma gema quando conheceu você, e nós dizemos uma bênção para você todos os dias. Todos nós.

Nas palavras gentis, o rosto de Murian se aqueceu.

— Se alguém tinha um coração grande, era Robert. Muito antes de eu ir a Rowallen, ele recolheu todas as viúvas e órfãos com os quais se deparou.

— Vocês são ambos anjos, e é por isso que me agrada trazer algumas boas notícias.— A viúva Reeves veio sentar-se no sofá, um ar de excitação mal reprimida iluminando seu rosto. — Como você sabe, minha irmã Lara é cozinheira de Lord e Lady MacLure. Lara trouxe alguns dos seus bolinhos esta manhã, e enquanto ela estava aqui, ela mencionou que o seu senhor e senhora foram convidados para um jantar no castelo de Rowallen na próxima sexta-feira para receber o príncipe.

Murian inclinou-se para a frente.

— Lord e Lady MacLure aceitaram o convite?

— Sim. A partir do que Lara já ouviu, toda a nobreza local aceitou.

— Loudan estará fora de si.

— Sim. No ano passado, os MacLures e os outros nobres recusaram todos os convites de Lord Loudan - mas eles não podem dizer não ao encontro de um verdadeiro principe.

— Eu me pergunto se é por isso que o conde queria que o príncipe o visitasse em primeiro lugar. Eu suspeitava disso.

— Sim. Minha irmã ouviu Lady MacLure dizer que Loudan não pode convencer ninguém de Edimburgo a se juntar a ele em Rowallen, então é a nobreza local ou ninguém. Então agora ele deve compensar todas as vezes que ele as desprezou, ou não haverá ninguém para entreter em seu novo castelo.

— Eu não vejo por que razão essa é uma notícia boa, — disse Ian.

— Ian! Como você pode ser tão estúpido? — a Viúva Reeves zombou. — Na noite de sexta-feira, o castelo estará lotado com a nobreza local. Nenhum dos quais Loudan conhece.

Murian não podia conter o seu sorriso. — Esta pode ser a oportunidade que esperamos. O castelo será preenchido com estranhos. Entraremos no castelo e procuraremos o quarto principal antes que o conde perceba-

— Não, moça. — Ian balançou a cabeça como um urso peludo. — Ainda estará fortemente guardado. Além disso, Loudan pode não conhecer a nobreza local, mas sabe como você se parece. Ele viu você quando veio nos perseguir no castelo, acenando seus papéis debaixo de seu nariz.

— Verdade. — Ela franziu os lábios. — Eu vou precisar de um disfarce-

— Não, não, não! — O rosto de Ian estava escuro como um trovão. — Você não pode entrar no castelo, e é isso. — Ele se virou para a Viúva Reeves. — Diga a ela que ela não pode ir. Ela vai ouvir você.

A Viúva Reeves pareceu surpresa. — Eu não acho que ela vai... você vai, moça?

Era claro que Murian poderia ter que fazer isso sem a ajuda de Ian, então ela disse brilhantemente: — Eu não pensarei em nada esta noite. Estou muito cansada. — Mas ela pensaria sobre isso, e por tudo o que era sagrado, ela entraria no castelo e acharia o diário de Robert.

— Viu, Ian Beagin? Ela não vai pensar nisso esta noite. — A Viúva Reeves segurou as mãos em direção ao fogo. — Mas se ela estivesse pensando nisso, e se ela fosse, ela estaria segura. Loudon não poderia tocá-la, não na frente de um castelo cheio de lairds e ladies locais.

— Loudan é mau, mas ele não é estúpido, — acrescentou Murian. O que era triste, na verdade.

— Nós não vamos ter a oportunidade de encontrá-lo, vamos? — Ian resmungou.

A Viúva Reeves trocou um olhar com Murian e depois disse: — Não, — para mudar o assunto, — mas as outras viúvas e eu pensamos que poderiamos visitar uma das aldeias que os homens do conde queimaram e oferecer nossa ajuda. É uma tragédia, e nos sentimos parcialmente responsáveis.

— Essa é uma excelente idéia, — disse Murian. — Vou juntar-me a vocês.

— Maldita alma tenebrosa do conde, ferindo os habitantes locais para que não negociem conosco, — disse Ian. — Nós teríamos morrido de fome se eles lhe dessem atenção como ele queria.

— Estamos em uma posição difícil, — admitiu Murian. — Mas olhe o talento e habilidades que até agora nos salvaram. Você e Will mantiveram nossas lareiras cheias de lenha, e muitas vezes trazem veados e coelhos para assados e guisados.

Ian bufou.

— Um menino de doze anos poderia fazer isso.

— Nenhum menino de doze anos que eu conheço. — A Viúva Reeves olhou para cima e para baixo. — Você nos trouxe uma caça mais fresca do que qualquer outro homem poderia.

O rosto de Ian ficou vermelho.

— Eu tenho um tiro certeiro, nada mais.

— Você também tem talento com o ferro, — disse Murian. — Você é como um ferreiro nascido para isso, enquanto Will tem um jeito com os vegetais que, antes da seca, nos supriu com cenouras, nabos e repolho.

— É verdade, — disse a Viúva Reeves. — E a viúva MacDonald costura melhor do que a costureira na aldeia.

— E sua cozinha também não é para ser ignorada, — acrescentou Ian. — É mágico o que você pode fazer com os itens mais insignificantes.

— Eu faço o que eu posso. Agradeça aos céus os queijos da viúva Atchison. Aqueles me ajudaram poderosamente.

— As pousadas clamam por mais, — disse Murian, — e pagarão também. Uma loja em Inverness pediu às Viúvas MacThune e MacCrae por mais da renda que estiveram fazendo, se entregarem depois do anoitecer, para que os homens de Loudan não saibam.

— Lady MacLure pediu à minha irmã para buscar mais das cestas que a Viúva Grier faz, também, — disse a Viúva Reeves, parecendo satisfeita.

— Eu sou felizarda que todos vocês lançaram sua sorte com a minha. — Murian estava orgulhosa de seu alegre grupo de viúvas e dois homens corajosos. Se Loudan os deixasse em paz, eles teriam ido muito bem. Mas ele prometeu levá-los à ruína. Ele queria afugentá-los para longe de Rowallen. *E a única razão que ele pode ter para me manter longe do castelo é porque ele sabe que pode haver uma prova de sua perfídia. Se ele já tivesse encontrado o diário de Robert, então o conde não se importaria se eu estivesse nas proximidades, pois já o teria destruído. Era a única esperança que ela tinha.*

O vento farfalhou poderosamente, soprando a chaminé e enviando uma nuvem de fuligem preta na sala. A Viúva Reeves estremeceu.

— Och, eu devo ir. Mestre Beagin, por que você também não vem? A moça parece cansada, e podemos usar sua ajuda para ajudar os rapazes da viúva Brodie a dormir.

— Sim. Eu irei com você.

— Obrigada. — Ela ficou parada. — Céus, cinco rapazes. É demais para uma mãe. — Ela puxou as luvas para o lugar e caminhou até a porta.

Ian seguiu, tirando o manto de um cabideiro. Ao amarrá-lo no pescoço, ele disse a Murian: — Moça, vá para a cama e se esqueça de visitar o castelo, enquanto Loudan ainda está alerta. Chegará a hora de fazer outra investida, nós seríamos tolos para apressar as coisas.

A Viúva Reeves soprou a respiração com exasperação.

— Amado Senhor, Ian, deixe a moça. Ela parece estar quase morta. Você pode repreendê-la de manhã, quando ela não estará tão cansada.

Ian pareceu envergonhado quando levantou o capuz. — Perdão, moça. Eu desejo a você boa noite.

— Você também, Ian. Durma bem, ambos.

A Viúva Reeves abriu a porta, e o vento gelado girou na sala. Ela saiu apressada, seguindo Ian.

— Trave a porta, — ele ordenou por cima do ombro, e fechou a porta atrás dele.

Murian levantou-se e desceu a barra de madeira da porta. Ela lançou uma última olhada sobre a lista que fazia antes da visita de Ian e, em seguida, afastou-a. Finalmente, mais cansada do que achava possível, vestiu-se para a cama, apagou as lâmpadas, tirou as sapatilhas e arrastou-se entre os lençóis frios. Ela abraçou os grossos cobertores enquanto esperava que seu corpo aquecesse a cama, sua mente vagando sobre o príncipe, como fazia todas as noites desde que se conheceram. Ela pensou em seu beijo, lamentando que ela tivesse que usá-lo para desequilibrá-lo para que pudesse escapar. Ela desejava ter conseguido ficar o suficiente para beijá-lo com sinceridade. Como seria isso?

Provavelmente estava com raiva dela e quem o culpava? Ela murmurou um suspiro e rolou de lado, abraçando um travesseiro, tremendo quando suas pernas deslizaram sobre os lençóis gelados. A cama grande estava mais solitária e fria do que o habitual.

Ah, queria ter um aquecedor de cama. Antes da perfídia de Loudan, Murian nunca tinha ido dormir entre lençóis frios. Ela duvidava que o príncipe já tivesse feito isso também. Na verdade, ela apostava que os lençóis eram de seda, em vez de linho. Ela se perguntou como seria ter tanta riqueza que alguém poderia jogar moedas de ouro no chão como se fossem centavos? Ela não conseguia entender isso.

O príncipe provavelmente estava sendo entretido por Loudan agora. Ou talvez não. Era tarde e Max havia dito que não gostava da companhia de seu anfitrião. Mais do que provável, ele já estava em sua cama, mimado e aplacado, acariciado e elogiado, todas as suas necessidades atendidas. No entanto, Murian não teria trocado o lugar com ele por nada no mundo. Ela estava aqui onde ela pertencia, com seu povo. Por algum motivo, ela teve a impressão de que o príncipe não era tão afortunado. Havia algo em seus olhos quando eles estavam falando na floresta, algo perdido. *O que aconteceu com você que você olha assim? Foi quando você conseguiu essas cicatrizes? Ou era algo mais?*

Ela suspirou e se aconchegou mais fundo em seu travesseiro. Qualquer que fosse a tragédia que o príncipe tivesse resistido, ela tinha suas próprias preocupações. Logo, finalmente, ela estaria em Rowallen, e desta vez ela encontraria o diário de Robert.

Ela precisava. Seu povo contava com ela.

Ela fechou os olhos e entrou em um sono cheio de sonhos, onde ela mais uma vez morava em Rowallen com Robert, seu povo todo saudável e sorridente.

A Grã-Duquesa Natasha fez uma pausa nas largas portas do salão de baile. O salão brilhava e resplandecia; a orquestra tocando, o farfalhar de vestidos de seda enquanto os dançarinos rodopiavam, aumentados pelo constante murmúrio de vozes fofoqueiras. Decorado com ramos de vegetação, suavizado pelo cintilar de centenas de velas e agraciado com os lordes e ladies da vizinhança em suas melhores sedas e cetins, o Castelo de Rowallen foi adornado para um baile.

Natasha fungou. — Parecem pavões.

Max, em cujo braço ela estava inclinada, enviou-lhe um olhar levemente irritado.

— É um baile, Tata. Eles devem vestir-se de acordo.

— Isso não é motivo para expor o peito de alguém a toda a sociedade. E estas calças que os homens estão vestindo são muito apertadas, elas mostram tudo. É escandaloso! As modas em Oxenburg são muito mais decentes. — Ela olhou seu uniforme. O casaco era vermelho vivo com pelotas de ouro e tranças. Feito sob medida, ele se agarrava a seus ombros largos antes de se afinar para fechar com botões de latão em sua cintura. Seus calções pretos estavam confortavelmente soltos, enfiando–se em suas Hessians pretas, como era próprio de um homem, pensou ela com orgulho.

Alguns de seus homens estavam atrás dele, bem fora do alcance da voz, e igualmente vestidos. Com seus uniformes e barbas, eles pareciam maiores e muito mais masculinos do que os outros homens no salão; embora seu neto

superasse a todos, como era apropriado. Mesmo sem barba, ele era mais alto, maior e mais poderoso.

Max olhou por cima da cabeça dela. — Você está com fome, Tata Natasha?

— Nyet. Acabamos de jantar.

— Parece que o conde teme que não tenhamos comido o suficiente. — Ele acenou para uma fileira de mesas.

Uma série ofuscante de pratos servidos foram postos entre inúmeros candelabros de prata pesados. Bandejas de ouro e latão flanqueavam suportes de cristal com tortas e bolo em camadas, onde rolos franceses, bombons, nozes açucaradas, wafers, amêndoas, bolos encharcados de rum, sobremesas e outras iguarias acenavam. Outras mesas serviam xerez, ponches e vinhos, bem como limonada e chá. Para o outro lado, um enorme bufê ornamentado continha uma variedade de gelados.

— O conde está tentando nos impressionar. — Ela fungou com desdém. — Como deveria. Nós somos a realeza, enquanto ele é um filho bastardo, dado um título em uma tentativa de o mundo notá-lo. Não que isso ajudou. — Ela não conseguia disfarçar uma nota amarga em sua voz.

Fazia mais de uma semana desde que haviam chegado - dez dias, na verdade, e todos os dias ela pedia para falar com o conde sobre o assunto deles. E toda vez que ele se recusava, citando uma série de razões - ele estava ocupado, estava muito perto do jantar, ele tinha que se vestir para cavalgar com seus convidados; sua mandíbula doía com fúria por sua insolência. Ele não sabia quem ela era?

Mas claro que ele fez melhor. Em público, ele lhe dava toda a atenção, mas era um espetáculo e nada mais.

Ela murmurou em voz baixa. Ela ensinaria uma lição a esse idiota nem que fosse a última coisa que ela faria. *Eu vou lançar um feitiço sobre ele que fará crescer cabelo em seus ouvidos. Cabelos pretos, longos, e ásperos, como cabras. Isso o ensinará a não...*

— Tata, você vai quebrar seus dentes se continuar rangendo assim.

Ela forçou a mandíbula a relaxar.

— Estou com frio.

As sobrancelhas de Max se juntaram.

— Devo buscar um xale nos seus aposentos?

— Estou bem. Apenas velha. Muito velha para ficar em um castelo tão úmido.

— O castelo de Loudan não é tão ruim. É muito mais agradável do que o nosso anfitrião.

Ela tinha que concordar. Para ser sincera, Rowallen foi a melhor parte da viagem até o momento. O castelo era grande, tinha mais comodidades do que a

maioria dos castelos que visitou e era surpreendentemente bem equipado. A madeira era antiga, mas soberbamente preservada, as janelas novas, os andares bastante iguais e cada quarto tinha um [1]armário de água.

Tudo era mais agradável do que esperava..., exceto o anfitrião deles. Ela olhou pelo salão e encontrou o conde parado perto das portas. Ian Prinnas, o conde de Loudan, era um homem alto com cabelos castanhos e ombros bem definidos. Ele poderia ter sido considerado bonito se não notasse o quão próximos seus olhos eram, e a maneira quase feroz que ele habitualmente olhava em torno dele a cada poucos segundos, como se temesse que um mangusto pudesse saltar de trás de uma cadeira e atacá-lo. Ele tinha um queixo fraco, também. Tantos sinais, mas eu ignorei todos eles. Ela soltou um suspiro irritado.

— Por amor de Deus, Tata, por que tantos suspiros e ranger de dentes? O que aconteceu?

— Nada. Eu estava pensando, isso é tudo.

— Você estava olhando para Loudan como se desejasse enviá-lo ao diabo. — Max olhou para o anfitrião. — Não que eu a culpe, pois mal consigo suportar o homem. — Max dirigiu seu olhar frio e duro para ele. — Eu devo perguntar-lhe mais uma vez, por que você me arrastou para as selvas da Escócia para visitar um *dunahk* de baixo nível?

Ouvindo Max chamar o conde de idiota dissipou uma parte de sua raiva, e ainda assim ela não respondeu. Ela não conseguiu desistir da esperança de que ela pudesse encontrar uma saída para as suas dificuldades sem envolver diretamente o neto.

Max observou a expressão de sua avó fechada mais uma vez. — Apenas me diga! Se o que eu ouço é verdade, Loudan é um ignorante sem coração, um ladrão ou pior. Ele cometeu injustiças a muitas pessoas.

Tata apenas fungou.

Suavizando o desejo de lançar todo o assunto aos ventos, Max virou-se para assistir o conde enquanto cumprimentava os convidados. Foi uma longa semana. Depois de recolher seu orgulho quando Murian o superou (novamente, embora ele não gostasse de pensar assim), ele voltou para Rowallen e ordenou que seus homens descobrissem o que pudessem sobre o proprietário anterior de Rowallen e sua morte. Não demorou muito antes de Demidor, sempre o namoradeiro, ter encontrado uma servinha disposta a dizer entre beijos e sem fôlego, tudo o que sabia. De acordo com a empregada, Lord Robert perdeu o castelo e terras para Loudan depois de um duelo sangrento sobre um questionável jogo de azar. Rumores em todo o campo insinuaram que tinha

[1] Banheiro.

sido um assassinato e não um duelo, mas como apenas Lord Loudan e seus amigos estavam presentes, ninguém poderia ignorar sua versão dos eventos.

A empregada, que foi contratada depois que Loudan chegou, obteve a maior parte de suas informações do açougueiro na aldeia vizinha. Tendo lutado muitas guerras, Max sabia que havia verdades nas fofocas das pessoas comuns, e ele estava inclinado a acreditar em tudo que a empregada tinha dito.

Não admira que lady Murian estivesse amarga. Ela também perdeu seu marido dentro de um tempo muito curto de seu casamento.

Max observou Loudan enquanto cumprimentava um convidado atrasado, uma mulher idosa que parecia desconfortável apenas em ficar perto do homem.

— Essas pessoas não gostam dele.

— Não me importo como essas pessoas se sentem sobre o conde. O que me interessa é o que ele faz para mi— Tata Natasha apertou os lábios fechados, enviando-lhe um olhar incomodado. — Ele está abaixo de nós.

— Então, por que não partimos?

Ela apertou os lábios mais fortemente.

Max olhou-a de perto.

— Tata, o que ele fez que você viajou até aqui para encará-lo? Você precisa me falar.

Seu olhar cintilou para ele, e por um momento, ele pensou que ela finalmente lhe diria, mas então sua expressão endureceu.

— Não há nada para contar. Achei que seria bom vir ao campo tomar ar fresco.

— Bem. Não me diga. Eu falarei diretamente com Loudan. Vou perguntar-lhe por que você está aqui, como vocês dois vieram a se conhecer.

— Nyet! Eu proibo você de lhe perguntar qualquer coisa que tenha a ver comigo!— Ela fungou com indignação. — Talvez se você não desaparecesse durante a maior parte do dia, poderia me ajudar a lidar com o conde.

— Ajudar? Como? Eu nem sei o que aconteceu!

— Você pode ajudar estando aqui, e mostrando a esse idiota que eu não estou sozinha e desamparada.

— Ele já sabe disso. Além do mais, há coisas que devo fazer também. — Como a busca pela base de uma moça atrevida que o deixou duas vezes sentindo-se um tolo.

Max supôs que ele deveria estar bravo com Murian, mas outros pensamentos continuavam rastejando, afastando sua indignação. Nos momentos mais estranhos ele se lembrava de como seus lábios macios se sentiam contra os dele, ou como ela olhava para sua boca quando ele falava, como se estivesse com fome de muito mais do que comida, ou – ainda mais

tentadora – como sua voz tremia ligeiramente quando ele pressionou os lábios nos dedos dela.

Ela o queria. Ele sabia disso, e isso salvou seu orgulho.

O sopro de Tata Natasha interrompeu seus pensamentos.

— Você tem coisas para fazer, eh? Como o quê? Procurar na floresta por um ladrão que ganhou de você na esgrima?

— Esgrimir é o que os atores fazem no palco. Não há brincadeira quando se luta.

Ela ergueu a sobrancelha. — Eu não entendo; você e seus homens procuraram esses ladrões todos os dias, ainda assim você não pôde encontrá-los. Por quê?

— As florestas vão por milhas e milhas e são muito densas. Existem poucas estradas, ou mesmo caminhos. Buscamos perto de cada aldeia, mas parece que os bandidos não estabeleceram seu acampamento perto de uma, como esperávamos. Nós continuaremos olhando; eu sei que vamos encontrá-los.

Tata Natasha resmungou. — Você ficou obcecado com esses bandidos.

— Eu não fico obcecado, Tata Natasha, — ele a corrigiu gentilmente. — Eu pergunto. Eu procuro.

— Por ladrões.

— Por ladrões interessantes. Muito mais interessantes do que os cavaleiros do conde, que compartilharam sua mesa de jantar noite após noite.

— Você deveria estar aqui no castelo, fazendo-me companhia, — Tata repetiu em um tom teimoso.

— O que devo fazer, segurar seu tricô? Se você realmente precisasse de mim aqui, você se explicaria.

Ela fez um som aborrecido.

— Por que meus netos se recusam a fazer o que lhes é dito? Nenhum de vocês ouve uma coisa, que eu ou seus pais dizem. Você não se comporta como os príncipes deveriam.

— E como os príncipes se comportam?

— Eles devem fazer o que lhes é solicitado, e casar e se acalmar.

— Wulf e Alexsey se casaram. Isso é metade de nós.

— Você não se casou.

— Nem vou. Soldados não devem se casar.

— Pah. Isso é bobagem.

Ele não respondeu.

Ela olhou para ele e, por um momento, parou de ser uma grande Duquesa imperiosa e se tornou sua avó, seu rosto suavizando ligeiramente.

— Oh, meu Maksim, o que essas guerras lhe fizeram?

— Elas me fizeram crescer. Os soldados estão casados com suas causas. Eles não devem esquecer isso. — Ele nunca faria. Ele era um soldado, assim como seus companheiros mais próximos, Orlov e o pobre Fedorovich.

Os filhos da nobreza eram primos distantes de Max. Os dois estavam presentes em quase todas as funções da côrte, onde - atraindo Max para longe – eles saiam do castelo para jogos de esconde-esconde, correndo soltos pelos jardins tranquilos e terras cultivadas do parque. Mais tarde, como jovens obstinados, os três frequentaram a mesma escola militar. Então, como jovens adultos, eles se juntaram ao exército de Oxenburg como ajudantes do famoso General Zhukov, onde, quando não desempenhavam suas funções, eles caçavam lobos e mulheres. Max pensara neles como irmãos.

Mas ao longo do tempo, as coisas mudaram - a saúde do General Zhukov falhou e Max foi nomeado como o novo general; Orlov herdou as terras e o título de seu pai; e depois de um namoro longo e tumultuado, Fedorovich casou-se com a irmã mais nova de Orlov.

Animada e bonita, Henrietta se tornara uma parte bem-vinda de seu pequeno grupo. Quando ela teve um filho, tanto Orlov quanto Max foram considerados “tios” para o bebê. E ao longo dos anos, a casa de Fedorovich e Henrietta tornou-se o centro de suas visitas. Para a diversão de todos, Max e Orlov entraram em uma competição crescente para ver quem poderia comprar para o menino o presente mais extravagante. Assim, Max comprou o seu primeiro cavalo de balanço, sua primeira espada de brinquedo e seu primeiro pônei.

E fora Max quem, depois de uma terrível batalha vencida apenas pela obstinada perseverança e pelo sangue de muitos homens, tinha ido até a casa em que fora tão feliz e guardava tantas lembranças maravilhosas, contar a Henrietta que seu amado Fedorovich não viria para casa.

Ele lhe contara a noticia em particular, mas seus gritos haviam trazido seu filho correndo. Com apenas oito anos, ele explodiu em lágrimas ao perceber o que causara tal angústia à sua mãe, e os dois caíram nos braços um do outro, inconsoláveis e perdidos. Max, de repente um estranho, não pôde fazer nada para conter as lágrimas; tudo o que ele podia fazer era assistir.

Aquele momento tinha quebrado sua alma. E as coisas ficaram ainda piores quando, uma semana depois, uma inconsciente Henrietta tentou tirar a própria vida, atirando-se da janela superior da casa. Ela sobreviveu, mas o dano foi severo, e ela ficou confinada em sua cama, para nunca mais se levantar. Orlov, recém-casado, mudou-a para sua casa e agora criava Artur como seu próprio filho.

Os eventos haviam devastado Max. Ele estava bem ciente dos custos trágicos da morte de um soldado, mas nunca sentiu um tão profundamente, e

isso o ensinou bem. — Os soldados nunca devem casar. Não é justo para suas famílias.

— Pah! — Tata disse. — Soldados podem se casar se quiserem. Seu pai já foi o líder do exército de Oxenburg e ele se casou.

— Se meu pai soubesse o que eu sei, ele nunca teria feito isso.

Ela franziu o cenho.

— Você é teimoso e não vai ouvir... — Seu olhar fixou em algo por trás de Max.

Max seguiu seu olhar para a mesa de refrescos, onde uma mulher estava de pé, com a mão pairando sobre uma bandeja de prata cheia de iguarias. Enquanto observava, pegou uma torta, olhou ao redor e depois enfiou a mão no bolso.

— Esse é o terceiro, — disse Tata. — Ela também pegou algumas peras e envolveu o lenço dela sobre alguns biscoitos e os recheou também.

Max observou enquanto a mulher casualmente vagava para uma bandeja de pastel, olhando para a sala enquanto fazia isso. Ela era redonda, seu corpo recheado em um vestido marrom avermelhado, até que ela pareceu uma linguiça. Também era mais velha, com linhas de expressão nos lados da boca. Seus cabelos castanhos tingidos pendiam em grossos e pesados cachos de cada lado do rosto, um estilo antiquado que ele só via em retratos.

Ela alcançou algumas nozes açucaradas e ele notou que seu rosto estava fortemente enrubecido, suas sobrancelhas escurecidas para combinar com seus cabelos falsamente coloridos, um truque usado por mulheres idosas em todo o mundo. Enquanto ele observava, ela deslizou um punhado de nozes açucaradas no bolso e depois olhou para ver se alguém tinha testemunhado seu roubo, seus olhos claramente à vista por poucos segundos.

Max endureceu. — Devemos ir. — Ele colocou a mão de Tata Natasha na dobra de seu braço e a levou firmemente até o canto onde três de seus homens estavam assistindo às jovens rodopiarem na dança.

— O que você está fazendo? — perguntou Tata Natasha, sorrindo com cada passo.

— Eu devo falar com essa mulher.

— Por quê?

— Eu vou te dizer se você for compartilhar por que estamos visitando um homem que nenhum de nós gosta.

— Não estamos falando de Loudan; estamos falando sobre essa mulher roubando comida. — A voz de Tata ficou dura. — Ela é uma ninguém. Você pode ver apenas olhando para ela.

Ah, Tata, se você soubesse. Max alcançou seus homens, balançando a cabeça para Orlov, Demidor e Pahlen, que vieram para compartilhar o fardo das atividades da noite. Ele colocou a mão de Tata Natasha em Orlov.

— Cuide de Sua Graça.

Orlov inclinou-se sobre a mão da grande duquesa.

— Vossa graça. Permita-me-

Ela empurrou sua mão e franziu o cenho para Max.

— Deixe Loudan vigiar sua própria mesa de refrescos. Você é um principe. Você não pode.

Max já estava atravessando a pista. Quando ele se aproximou da mesa de refrescos, sua presa fez uma pausa diante de uma bandeja de pastel de creme.

Ele caminhou atrás dela e curvou-se perto de sua orelha, o cheiro de baunilha e lavanda fazendo cócegas no nariz.

— Não esses. Eles vão manchar seus bolsos.

A dama enrijeceu e, em seguida, voltou-se, o espanto em seu rosto. Olhos de cílios grossos encontraram os dele, tão prateados quanto a bandeja perto de sua mão graciosa.

Ele sorriu. Murian tinha feito um excelente trabalho para disfarçar-se. Além do rouge pesado, alguém tinha sombreado habilmente seu nariz para torná-lo mais proeminente. Círculos fracos foram adicionados sob seus olhos, e linhas perfeitamente desenhadas corriam entre o nariz e o canto da boca, dando-lhe um olhar permanentemente descontente.

Se ele não estivesse olhando para ver como as diferenças em sua aparência haviam sido feitas, ele não teria notado, nem mesmo de perto. Tal era a magia da fraca luz de velas e da maquiagem bem aplicada. A questão agora era - ele deveria dizer a ela que a reconheceu? Seria prático fazê-lo, mas não tão divertido.

Além disso, ele lhe devia alguns momentos desconfortáveis. Max inclinou a cabeça.

— Desculpe, eu te assustei?

Murian não podia se mover, não podia pensar. Tudo o que ela podia fazer era mergulhar no rico som daquela voz profunda, seu corpo tenso da cabeça até os pés, seu coração batendo na garganta.

Ele pode ver através do meu disfarce?

O silêncio estava ficando estranho, então ela limpou a incerteza de sua garganta e fez o tipo de reverência pesada e superficial que imaginou que uma solteirona de meia-idade pudesse fazer.

— Como vai? Não acredito que fomos apresentados. — Ela manteve sua voz plana e inexpressiva, na esperança de não mexer em sua memória.

Seu olhar cintilou sobre ela.

— Eu não acredito que nos conhecemos.

— Não, nós não nos conhecemos. — Sua mente, geralmente ágil quando sobrecarregada, congelou novamente. Havia algo sobre esse homem, algo proibido, algo que a puxava. Embora ele não tivesse feito nenhum movimento para tocá-la, ela estava intensamente consciente de tudo ao seu redor - a toalha de linho debaixo da ponta dos dedos, o peso do estofamento amarrado sobre a cintura para disfarçar sua figura, a plenitude de seus bolsos recheados com deleites para as crianças.

O que uma solteira estranha diria a um príncipe bonito em um baile?

— Och, está quente aqui, — ela falou, tentando soar como se ela tivesse recitado essas palavras exatas milhares de vezes antes.

— Assim é. — Seus olhos brilhavam. — Vejo que você está gostando dos refrescos. Eles são bons, nyet?

Ela assentiu, incapaz de desviar o olhar. Ela era uma mulher alta, mas ela ainda tinha que inclinar a cabeça para trás para encontrar seu olhar. Ela percebeu que deveria responder ao seu comentário, e ela conseguiu dizer: — Sim, os refrescos são excelentes. Eu nunca vi tantos.

Ele olhou com despreocupação à mesa. — Eu também não, eu não compareço a muitos bailes.

Porque ele não era um príncipe comum, mas um príncipe guerreiro. Seu olhar ficou preso em seu rosto.

Ele parece um anjo. Um anjo guerreiro.

Ele riu, o som rugiu em seu amplo peito. — Um guerreiro, sim. Mas eu não sou um anjo.

Não! Não queria dizer isso em voz alta. Ela murmurou um gemido, e poderia ter caído no chão se tivesse pensado que poderia salvá-la desse momento.

Seu desgosto deve ter sido mostrado em seu rosto, pois ele se aproximou um pouco mais.

— Não corra. Eu não falarei seu segredo para ninguém.

Seu coração bateu em uma parada.

— Meu..., segredo?

Seu meio sorriso preguiçoso a fez engolir em seco.

— Que você carrega o valor de dez pessoas de iguarias em seus bolsos.

— Och, isso! Não é para mim. — Ela se forçou a sorrir. — Seria bom se você não mencionasse isso a ninguém.

Seus olhos verdes brilhavam de humor.

— E como nós somos anjos.

Suas bochechas aqueceram.

— Eu não disse 'anjo'.

— Ouvi claramente a palavra ‘anjo’. Mas talvez eu esteja errado. O que você disse então?

Ela desesperadamente procurou por um substituto adequado. *Bom Deus, nada rima com ‘anjo’?* À medida que os segundos passavam, o silêncio tornou-se mais estranho.

Finalmente, ela disse com voz apertada: — Não importa, mas não é o que eu disse.

Seus lábios tremeram, mas de outro modo ele manteve sua expressão grave.

— Sei. — Ele inclinou a cabeça para um lado e a olhou com um olhar estreito. — Perdoe-me, mas você não estava no jantar, estava? Examinei cada rosto presente e estou certo de que não vi o seu.

Por que você fez isso?

— Eu não estava no jantar. Minha mãe ficou doente quando estávamos saindo. Ao levá-la de volta para a cama e a um médico ao lado dela, cheguei atrasada e perdi o jantar. — Ela agradeceu silenciosamente à Viúva Reeves por ter decidido que eles deveriam ter uma história pronta no caso de alguém perguntar por que ela não estava no jantar. Teria sido muito arriscado comparecer ao jantar disfarçada, pois as luzes teriam sido brilhantes e ela estaria sentada perto de outros lords e ladies convidados. Mas aqui, no baile depois, onde as luzes eram mais fracas e todos estavam dançando músicas escocesas ou fofocando em pequenos grupos, era muito mais fácil permanecer despercebida.

— Se você não veio jantar, então você deve estar morrendo de fome. Não é de admirar que você esteja atacando os doces.

— Eles são para minha mãe. Eu pensei que eles poderiam animá-la um pouco. — Ela olhou para ele através de seus cílios para ver se ele acreditava nela. Ela não deveria ter tido a oportunidade de chamar a atenção para si mesma, mas as crianças raramente tinham doces, e ver a mesa gemendo com tanta generosidade tinha sido muito tentador.

— Espero que sua mãe aprecie seus esforços. — O olhar dele cintilava sobre ela e ele inclinou a cabeça. — Mas as apresentações são necessárias, nyet? — Antes que ela soubesse o que ele estava fazendo, ele pegou a mão dela na sua grande e quente e curvou-se, seus lábios roçando as costas de seus dedos cobertos de açúcar. — Eu sou Max.

Com o toque de sua mão sobre a dela, ondas de fraqueza a atravessaram, e ela teve que engolir duas vezes antes de poder falar.

— Ah, prazer em conhecê-lo. — Ela mergulhou uma reverência desajeitada, o enchimento em torno de sua cintura fazendo-a se sentir desequilibrada. Quando ela se levantou da reverência, ela tirou a mão de seu alcance.

— E seu nome? — ele perguntou.

— Miss MacDonald. — Havia tantos MacDonalds na Escócia como havia folhas de grama.

— MacDonald. Claro. — Seu olhar varreu o rosto dela mais uma vez.

Ele estava tão perto, seu pé roçando o dela, e tão grande, enchendo o espaço entre eles até que ela se sentiu envolvida, quente... e excessivamente excitada. Tais sentimentos não significavam nada, é claro. O simples pensamento de um possível flerte era uma coisa embriagadora depois de tantos meses sozinha com seu pequeno grupo de viúvas na floresta. Ela desejava poder agir sobre esse anseio, mesmo que por alguns instantes. Claro, vestida como estava, duvidava que ele sentisse o mesmo, e ela teve que sorrir, pensando em como ele poderia reagir se Miss MacDonald o puxasse para um beijo apaixonado.

Um rápido olhar ao redor da sala dizia que ela não era a única a pensar tal coisa. Todos os olhares da sala pareciam encontrar o príncipe, se afastavam e depois voltavam para ficar. E por que eles não olhariam? Ele parecia masculino, mortal e... algo mais. Algo que fez todas as mulheres na sala observá-lo com saudade, e cada homem enviou um olhar preocupado em sua direção. *É como se ele atraísse as mulheres, e os homens, vendo seu efeito, estão ameaçados, mas não se atrevem a enfrentá-lo.*

Ela não os culpou. Um poder cru e inquieto estava em seus ombros largos, brilhava em seus olhos verdes, e ondulava através de seus braços musculosos.

Ele sorriu levemente, e ela percebeu que não havia dito uma palavra em resposta à sua pergunta.

— Desculpe, mas fiquei distraída com seu uniforme. Você é um guarda? — Talvez isso fizesse com que ele admitisse seu direito de nascimento

— Eu sou um soldado, Miss MacDonald. — Ele falou simplesmente, com um orgulho calmo e firme.

— Que tipo de soldado você é?

— Um ocupado. — Ele deu a ela um olhar impaciente. — Eu respondi suas perguntas, então agora você responderá à minha.

Ela endureceu em seu tom peremptório. Ele pode não admitir ser um príncipe, mas ela estava começando a suspeitar que ele nunca parou de agir como um.

Ele olhou para ela na mesa de refrescos.

— De que outros doces sua mãe gostaria?

— Oh. Tenho certeza de ter o suficiente. — Ela deu um tapinha nos bolsos pesados.

— Mas você estava admirando esses doces quando cheguei, então eu estou determinado que você deve tê-los. — Ele puxou um lenço do bolso e colocou vários doces de amêndoa nele. Então os enrolou e entregou-os, um sorriso nos olhos verdes. — Agora eles não vão manchar seu bolso.

Ela olhou para ele com surpresa, incapaz de enquadrar um pensamento coerente.

— Isso é muito gentil da sua parte.

— Não é nada - mas você deve escondê-los antes que alguém veja. — Ele se aproximou, sua voz baixa e íntima, rastreando-a como mãos quentes. — Nem todo mundo é tão compreensivo com o roubo quanto eu.

Ela piscou para ele, e nesse instante, percebeu que ele sabia exatamente quem ela era.

— Oh! Você estava me provocando o tempo todo!

— Da. Mas não se preocupe, *dorogaya moya*. Você está segura. Não vou dizer a ninguém que você não é esta senhorita MacDonald.

Seu alívio foi rapidamente seguido por um instante de irritação.

— Como você sabia?

— Quem mais se esgueiraria para a casa do conde e roubaria comida em vez de tesouros inestimáveis? Só você. — Ele pegou sua mão, colocou a palma na mão dele e limpou o açúcar restante da ponta dos dedos.

Ela tentou acalmar seu coração e deu uma olhada no grande relógio ornamentado contra uma parede. *Quase dez.*

— Obrigada pela sua gentileza, mas devo ir.

— Ainda não. — Ele enfiou a mão na dobra do braço dele. — Onde quer que você precise ir, eu irei com você.

Ela olhou para baixo, onde seus dedos descansavam na manga do casaco. A lã escovada era macia e fina, mas fez pouco para disfarçar o braço poderoso embaixo dela. Nunca tocou um braço mais musculoso e duro. Ainda mais surpreendente foi o calor que irradiava através do tecido. Seu calor a fez ansiar para se aproximar, dentro do círculo de seus braços, seu corpo pressionado contra o dele. Ela estremeceu com o pensamento.

Ele lhe deu um olhar questionador. — Você está com frio.

— Não, um fantasma andou sobre o meu túmulo, — ela mentiu.

Suas sobrancelhas baixaram.

— Mas você não está morta, e, portanto, não tem um túmulo.

Ela riu. — É um velho ditado. Supostamente, quando você treme sem razão, é porque alguém andou sobre o lugar que você deve ser enterrado.

— Isso parece muito desagradável. Eu não gosto disso. — Max olhou para ela, deleitando-se em tê-la mais uma vez e, de certa forma, sob seu controle. Já

havia fugido duas vezes. Ele não permitiria que ela voltasse a fazê-lo novamente. — Para onde vamos daqui? Eu te levo.

Seus lábios se estreitaram, e ela parecia longe de estar satisfeita. Ele a viu olhar para o relógio, a impaciência fixa em seu queixo. *Ah, ela deseja se livrar de mim. Ela está planejando algo, essa mulher intrigante.*

— Tantos provérbios estranhos que você tem. Minha avó é Romani. Eles têm provérbios muito melhores do que esse seu sobre o túmulo e os fantasmas.

— Oh? — ela respondeu distraidamente, seu olhar em uma das portas que levavam ao salão de baile.

— Da. *Maio mishto les o thud katar I gurumni kai*. Isso significa algo como… é mais fácil ordenhar uma vaca que não se move.

Ela lhe lançou um olhar divertido, sua boca curvando com humor.

— Isso é certamente prático.

Eu gosto de ver esse sorriso. Sua boca, cheia e exuberante, provocou-o e o fez pensar em beijá-la. *O que devo fazer novamente*, dorogaya moya. *E logo.*

Ela olhou mais uma vez na direção da porta, então ele perguntou: — Você está esperando alguém?

Ela virou um olhar largo e inocente para ele.

— Oh não! Eu estava apenas olhando para todos os belos vestidos.

Lábios mais bonitos nunca tinham mentido tanto. Max traçou um círculo preguiçoso nas costas de sua mão, onde descansou em seu braço.

— Eu acho que estou com sede. Você também gostaria de uma bebida? Um xerez ou alguma limonada?

Um lampejo de irritação atravessou seu rosto, mas rapidamente o escondeu.

— Eu gostaria de uma limonada, por favor. Na verdade — ela retirou a mão do braço dele — Vou esperar aqui enquanto você vai buscar.

— Não há necessidade. — Ele acenou com a cabeça para Orlov, que estava de frente para a sala. Orlov disse algo a Demidor, que olhou para onde Tata Natasha estava sentada em uma cadeira grande, franzindo o cenho para todos, parecendo uma rainha descontente tentando decidir qual de sua côrte merecia morrer primeiro. Embora Demidor fosse um soldado severo, havia inquietação em seu olhar quando ele deixou Orlov e se aproximou da grande Duquesa.

Sua responsabilidade tranferida, Orlov abriu caminho entre a multidão até Max.

— Um dos meus homens vem. Ele buscará refrescos para que possamos continuar nossa conversa interrompida. Ah, aqui está ele agora. Orlov, sua Senhoria gostaria de uma limonada.

— Da, General. Você também gostaria de algo?

— Alguns dos uisques de Lord Loudan servirão. Segundo ele, não há melhor em toda a Escócia. Por alguma razão, ele se esqueceu de colocar um decantador na mesa de refrescos, mas eu suspeito que você encontrará alguns em sua biblioteca particular.

— Eu vou buscá-lo. — Orlov sorriu, seus dentes brilhando em sua barba negra. — E eu diria que Demidor e Pahlen desejarão um copo ou dois, para si mesmos.

— É uma festa e o conde deseja nos impressionar, então vamos deixá-lo, da?

— Muito bom, General. — Rapido, Orlov saiu.

— Bem feito, Vossa Alteza. — Murian estava sorrindo.

— É Max para você. Só Max. — Ele se curvou mais perto de sua orelha. — Murian, por que você está aqui? Eu posso ver que é você...

Um barulho surgiu da porta, a voz levantada de uma mulher, outra juntando-se a ela. As vozes eram estridentes, excitadas e até assustadas.

Os convidados se voltaram e se juntaram com os recém-chegados, então Max não conseguiu ver o que estava acontecendo, mas como o vento, as pessoas nas proximidades começaram a exclamar, repetindo o que eles ouviram, e logo frases varreram seu caminho.

Foi roubo... os ladrões roubaram suas jóias... as jóias dos dois... um jovem bonito com arco e flecha... mas educado... com um bando de homens...como Robin Hood.

Max piscou. *Como Robin Hood*? Ele se virou para Murian, uma pergunta em seus lábios... mas ela não estava mais ao seu lado.

E não havia nenhum sinal dela para ser visto, nem no salão esvaziado atrás dele, nem na multidão apressando-se para a frente.

Mais uma vez, ela se foi.

Capitulo 6

Ian sentou-se ao lado de Murian na mesa da viúva Grier. Do lado de fora, as nuvens rumaram incomodamente, um vento amargo sacudindo as árvores até as folhas trêmulas caírem sobre a cabeça como as ondas do oceano.

Murian descansou o queixo em sua mão, seu espírito tão sombrio e inquieto quanto o tempo. Ao voltar para casa do jantar, ela se banhou e esfregou a tinta do rosto até que sua pele ficou rosa, mas não era nada diante da queimadura profunda do desapontamento que lhe picava a alma.

— Maldito Lord Loudan por postar guardas em todos os corredores do castelo.

A viúva Grier levantou os olhos da panela que estava mexendo. Alta e magra, com cabelos castanhos claros e pele clara decorada com sardas salpicadas, ela era a viúva mais jovem em sua pequena aldeia. Ela tinha um filho, um garoto gordinho e de bochechas cheias que até agora estava dormindo em um berço junto ao fogo, e cujo sorriso de três dentes ganhou os corações de todos os que o viram.

— Havia guardas em todos os salões?

— Todos os nove. Os quatro andares em cada ala, além do salão principal. — Ian parecia tão desanimado quanto Murian se sentia. — Até o último salão tinha os malditos guardas, e quatro deles postados do lado de fora do quarto do conde. Não havia maneira de passar por eles.

De onde ela se sentou em frente a Murian, a viúva Reeves perguntou, — Os guardas viram você?

Murian assentiu.

— Sim, mas sua irmã fez um bom trabalho com meu disfarce. Ninguém me conheceu.

— Ela ficou satisfeita por ajudar. Não muitos sabem disso, mas Lara foi atriz por um tempo curto quando ela era jovem.

— Ela foi? — a Viúva Grier parecia impressionada. — Quando eu era mais jovem, queria fazer o mesmo.

— Sim, aos dezessete anos, fugiu para Edimburgo e decidiu se tornar uma atriz. Ela quase quebrou o coração da nossa mãe, mas Lara estava determinada e ela também encontrou algum sucesso. Ela fez a vida dela há vários anos, e foi bem orientada, mas depois ela conheceu Daffyd. Ele era um carpinteiro trabalhando nos sets. Eventualmente, eles voltaram para cá, e ela

foi contratada nas cozinhas dos MacLures e Daffyd está ajudando na propriedade.

— E agora ela é a cozinheira. — A viúva Grier colocou a colher de madeira de um lado e colocou uma tampa no pote. — Sua irmã parece bem próxima de Lady MacLure.

— Sua senhoria gosta de comida, especialmente doces. Ela está sempre pedindo à minha irmã pratos novos. Elas são mais próximas do que a maioria dos criados e amantes, eu acho. É por isso que minha irmã fica onde está, embora os MacLures não possam pagar bem.

— Eu devo à sua irmã uma dívida de gratidão, — disse Murian. — Ela sabia exatamente o que precisávamos para meu disfarce. — Ela deu um sorriso, embora seus ombros caíssem. Um disfarce tão excelente, e ainda assim nenhum diário. *Tudo isso para nada.*

A parte mais difícil tinha sido planejar uma distração crível. Demorou muito para convencer a irmã do vigário a fazer uma grande entrada, e fingir que fora roubada no caminho para o jantar de Loudan. O estratagema funcionara como um encanto e mandara os guardas correndo para tentar pegar os ladrões. Dois esquadrões inteiros haviam-se afastado de Rowallen e entrado na floresta, mas não tinha sido suficiente. Eles sabiam que Loudan contratara mais guardas, mas ninguém sabia quantos.

Muitos.

Ela suspirou, colocou o cotovelo sobre a mesa e descansou o queixo na mão. Tinha sido bom que Miss MacLeod os ajudasse. A mulher mais velha tinha sido estimulada pelo fato de que o conde raramente se incomodava em participar dos serviços dominicais. E quando ele fez, ele dormiu durante eles, e roncou grosseiramente.

Pior ainda, o homem não havia doado nenhum centavo para a paróquia, um grave erro que acendeu o fogo da ira no coração da irmã mais velha e protetora do vigário. Então, a Srta. MacLeod ficara muito feliz em ajudar Murian pela oportunidade de “apunhalar Loudan em seu orgulho exagerado”. Ela estava ainda mais ansiosa para ajudar quando Murian havia explicado sobre o diário de Robert, que poderia desmascarar Loudan completamente.

— A senhorita MacLeod fez um bom trabalho também, — disse Ian.

— Sim, — Murian concordou. — Mesmo eu acreditei quando ela entrou e se atirou nos braços da Sra. Whitcomb, como se também estivesse esgotada para andar. E então ela balbuciou sobre sua ‘terrivel experiência’. Foi a distração perfeita.

Murian conseguiu escapar do príncipe, deslizar na biblioteca e abrir a janela para Ian. Se os dois esquadrões fossem todos os guardas do conde, as coisas ficariam bem para eles a partir daí.

Ela não conseguiu conter um suspiro. Nada tinha funcionado como ela esperava. Ela deveria ter ficado com o príncipe. Um pânico distinto de desapontamento afundou-se nela. Ele era interessante, esse príncipe guerreiro. *Interessante e devastadoramente atraente.*

Infelizmente, eles estavam destinados a se encontrar apenas nos piores momentos e das piores maneiras possíveis. O que teria acontecido se as coisas tivessem sido diferentes, se eles tivessem se encontrado em um salão de baile como homens e mulheres normalmente faziam, sem segredos entre eles? Foi um pensamento bobo. A vida lhe deu esse desafio, e era isso. No entanto, ela tinha que dar crédito a Max; seu disfarce não o tinha enganado nem um pouco. E parecia que ele tinha sido tão bom quanto sua palavra e não tinha revelado nada a Loudan. De alguma forma, ela estava agora em dívida. Ian acariciou seu ombro.

— Não fique tão triste. Você tentou, e é tudo o que você pode fazer.

— Você tentou muito, se você me perguntar. — A viúva Grier levantou o pote das chamas e levou-o para a mesa de prancha áspera, onde cuidadosamente derramou sidra em quatro xícaras de lata, o cheiro doce flutuando pelo ar.

A Viúva Reeves pegou uma xícara e envolveu as mãos rachadas sobre ela. — Estou feliz que você tenha conseguido sair do castelo. Se o conde tivesse lhe capturado, teria sido um pesadelo para todos nós.

— Sim, — a Viúva Grier concordou. — Você foi direto para a cova do leão. Nós estávamos assustados por você.

— E foi tudo por nada. — Murian respirou o aroma da sidra e deixou o vapor enrolar-se sobre seus lábios gelados. O perfume da sidra, aromatizado com um pedaço de canela, acalmou seu espírito deprimido. — Deve haver uma maneira de chamar todos os guardas de Loudan, não apenas os que estão no castelo. Eu só preciso pensar e planejar algo maior.

Ian gemeu. — Moça, não. Você não pode...

Alguém bateu na porta.

A viúva Grier apressou-se a abri-la, e uma explosão de vento acompanhou Will Scarlae dentro, girando seu manto vermelho.

— Venha, — ela ordenou, fechando a porta atrás dele. — Estamos apenas bebendo uma sidra para tentar afastar o frio. Você gostaria de uma?

— Och, obrigado, Viúva Grier. — Ele afastou seus longos cabelos castanhos de seus olhos. — Na verdade, eu gostaria.

Murian sempre o viu como um jovem bonito, mas, durante o último ano, ela passou a condenar sua propensão por roupas finas que ele não podia pagar, mulheres que ele deveria evitar, e muito uísque.

Ele olhou para Murian e para os outros, a suspeita em seu rosto estreito.

— Eu escutei você falando e pensei em vir e ver o que você estava fazendo.

Pobre Will. Ele estava sempre tão à vontade, embora tivesse sido pior quando Robert estava vivo. Pelo que Murian conseguiu extrair dos comentários casuais que Robert havia feito, os dois homens cresceram juntos e tinham sido companheiros de brincadeiras, mas se afastaram quando ficaram mais velhos. Ela não sabia o que tinha causado a ruptura final, mas Robert tinha ficado bastante frio com Will.

Foi uma pena, pois os homens tinham muito em comum, tanto no orgulho quanto no amor à Rowallen. Mas Will era filho de uma empregada de cozinha e um pai sem nome que nunca o reclamara, enquanto Robert era filho de uma lady de uma casa grande e o lord do castelo. Tais diferenças de posição causaram uma tensão quando Robert assumiu suas responsabilidades como o senhor do castelo, após a morte de seu pai. Seu marido nunca tinha falado sobre isso para ela, o que a fazia acreditar que a divisão entre os dois homens tinha sido dolorosa.

Ela sorriu para Will agora. — A sidra está deliciosa. Venha sentar-se com a gente e tome uma xícara.

Ele pareceu satisfeito e incerto.

— Eu acredito que vou, obrigado.

Ian arqueou uma sobrancelha para o jovem. — Você está certo de que não há um lugar melhor para estar? De guarda, talvez?

Will corou.

— Não. Agora é a vez da Viúva Atchison. Vou tomar o lugar dela em uma hora e caminhar à noite. — Ele desfez seu manto.

A Viúva Grier assentiu com a cabeça para um prego perto da porta.

— Pendure o casaco e tome um assento, rapaz. Vou pegar uma sidra.

— Obrigado. — Ele sentou à mesa, parecendo feliz. — Então, do que estamos falando?

— O último esquema de Lady Murian. — A viúva Reeves tomou um gole da sidra, suspirando com prazer. — Och, Ailsa, você faz a melhor sidra.

A viúva Grier corou. — Obrigada, Fiona. Eu faria isso o dia todo se afastasse nossa garota do perigo. — Ela entregou a Will sua xícara de sidra, sentou-se no banco e puxou sua xícara para a frente.

— Perigo? Qual perigo?— Will perguntou.

— Lady Murian visitou Rowallen esta noite, — a Viúva Reeves disse.

O olhar dele se aproximou de Murian.

— Você foi a Rowallen?

— Eu pensei que o diário de Robert poderia estar escondido em nosso antigo quarto. — Ela suspirou. — Mas eu não pude alcançá-lo. Havia muitos guardas.

Ian murmurou, — Nós todos sabemos por que isso acontece. Porque um idiota foi apanhado entrando no escritório do conde há não muito tempo atrás, então o conde decidiu aumentar sua guarda.

Will fez uma careta.

— Você quer dizer eu, Ian; e eu sei disso. Foi má sorte, mas é o que é. O que eu desejo saber é porque ninguém me contou sobre a aventura de Lady Murian.

Murian disse: — Nós não dissemos a quem não precisava saber. É mais seguro dessa maneira.

O cenho de Garland se aprofundou e ele disse sombriamente: — Você poderia ter confiado em mim, Lady Murian. Você sabe que poderia.

— Agora por que você está tão indignado, eu me pergunto. — Ian inclinou uma sobrancelha para o garoto. — É porque você não teve a chance de correr e contar a alguém, e ganhar um pouco sem rodeios?

A viúva Grier murmurou sua desaprovação.

— Isso é o suficiente, Ian, — disse a Viúva Reeves com firmeza.

Ian encolheu os ombros e concentrou-se em seu copo.

O rosto estava contraído de raiva.

— Você não confiou em mim desde que fui pego pelos guardas do conde, o que foi um mês atrás.

— Sim, e você simplesmente saiu do castelo sem um arranhão sobre você.

— Meu olho estava enegrecido!

Ian zombou, — Você poderia ter se dado o machucado. A única maneira que você poderia ter escapado era dando ao conde o que ele queria.

— Se é verdade, então por que o conde não está aqui agora? Ardendo nossas casas e assaltando nosso gado? Ele faria isso se soubesse onde estávamos. Mas ele não sabe e ele nunca saberá se eu tiver alguma coisa a ver com isso.

Ian não ficou impressionado.

— Talvez ele esteja esperando por algo – planejando sua chegada para nos encontrar em nosso pior momento.

Murian derrubou o copo.

— Ian é o suficiente.

— Não, — Will disse, seu rosto vermelho. — Deixe-o zombar. Ele sempre fez. Se ele quiser saber como eu escapei, digo tudo o que lhe disse cem vezes: eu escapei porque conheço o castelo melhor do que qualquer um. Eu nasci e cresci lá, e corri por seus corredores como um garoto pequenino até o dia em que Robert o jogou fora como um maldito idiota!

O sorriso de Murian desapareceu.

— Veja o que você diz sobre os mortos. O que Robert fez ou não fez, ele era um homem de honra.

O rubor de Will se aprofundou.

— E agora, — disse a Viúva Reeves, quebrando o silêncio tenso. — Talvez tenhamos falado muito sobre o passado. Está feito e não podemos desfazê-lo. — Ela olhou para Murian. — Eu estava imaginando, você viu o príncipe? Você não o mencionou.

— Sim, ele estava lá. — Ela sorveu sua sidra, esperando que fosse o fim disso.

— E? — a Viúva Rever rugiu.

A Viúva Grier se aproximou de Murian.

— Och. Nós queremos detalhes, nós queremos.

Murian largou a xicara.

— Não há muitos. Ele me viu furtando comida da mesa de refrescos, e quando eu disse a ele que era para minha mãe doente, ele embalou algumas tortas para que elas não manchassem meus bolsos.

— Och, as tortas! Eu quase esqueci. — A Viúva Grier levantou-se e foi até uma lata que descansava em uma prateleira sobre o forno. — Restam algumas depois que as compartilhamos com as crianças. — Ela encontrou um pequeno prato, arrumou as tortas sobre ele e levou para a mesa.

Will pegou uma e gemeu com prazer na primeira mordida.

Ian fez um barulho exasperado, mas a Viúva Grier riu. Ela assentiu em direção ao berço de madeira que segurava o filho dormindo.

— Você deveria ter visto o rosto do meu pequenino quando eu coloquei um pouco de massa de amêndoa em sua língua. Ele parecia como se tivesse visto São Pedro em pé nas portas do céu.

— Eu posso ver o porquê, — Will disse, mastigando lentamente.

Foi a vez de Murian. Ela nunca provou nada tão delicioso. O sabor de amêndoa delicado e amanteigado rolou sobre sua língua de maneira bem-aventurada.

Will deu outra mordida.

— Eu aposto que o Lord Loudan gosta de comer isto todo dia.

— Claro que sim, — disse a Viúva Reeves.

Ian terminou sua torta com pesar.

— Viúva Reeves, você acha que poderia fazer uma torta como esta? Se você tivesse os ingredientes?

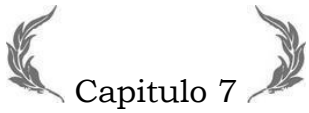
A conversa desviou-se para o que a viúva Reeves poderia e não podia cozinhar sem um fogão apropriado, o que deixou Murian para refletir sobre as aventuras desta noite. Embora tenha falhado em encontrar o diário de Robert, foi um sucesso em provar que ela poderia ter acesso a Rowallen sem o

conhecimento dos guardas. Isso valeu muito, já que eles tinham medo de entrar no castelo depois que Will foi capturado.

Dentro de algumas semanas, ela tentaria novamente. *Algumas semanas... Eu me pergunto por quanto tempo o príncipe e sua avó ficarão em Rowallen? Não tanto tempo, certamente.* Não, era melhor encarar o fato de que ela nunca mais veria o príncipe. O que estava bem para ela, disse a si mesma com firmeza. Ele a perturbou, fez com que ela se sentisse... desconfortável. E a última coisa que ela precisava era uma distração - especialmente uma que poderia fazer seus sentidos cambalearem e fazê-la tremer da cabeça aos pés com um mero olhar.

Ela distraidamente traçou seu dedo ao redor da borda de sua xícara enquanto decidia manter sua atenção onde pertencia: longe do príncipe e em seus deveres aqui. Como deve ser, ela disse a si mesma com firmeza.

Consciente de que seu silêncio estava fazendo a Viúva Reeves lançar olhares curiosos em sua direção, Murian afastou os pensamentos incômodos e se juntou à conversa.



Capitulo 7

Na manhã seguinte, Max ficou no pórtico da frente do castelo e olhou para o céu. O trovão e as nuvens da noite anterior haviam desaparecido. Hoje o sol brilhava, e embora a brisa carregasse o aroma do inverno, o ar parecia um pouco mais quente do que nos dias anteriores.

Pegando suas luvas de equitação, Orlov saiu. Ao ver Max, o sargento se aproximou para ficar com ele.

— Eu tenho algumas informações para você.

Consciente dos lacaios em cada lado da porta, Max levou Orlov mais longe no pórtico.

— Sobre Murian Muir?

— Dá. Pahlen encontrou um cavalariço que viveu nesta área toda a sua vida, e descobriu que há um pouco mais na história do que a camareira de Demidor sabia. Murian e Robert Muir foram os últimos proprietários deste castelo. Robert perdeu o castelo e as terras para Loudan em um jogo de cartas. De acordo com o conde, desesperado por recuperá-los, Robert ofereceu-se para jogar outra mão e foi pego em trapaça. Loudan o confrontou, e houve um duelo.

— O que o conde afirmou ganhar.

— É só o que ele diz.

Max levantou as sobrancelhas.

— Mas esse cavalariço acredita no contrário?

— Há muitos rumores de que talvez não houvesse duelo, apenas uma pistola e um lord morto.

— Sem testemunhas, eu acredito.

— Somente amigos do conde. Mas piora. Antes que Lord Robert ficasse frio, Loudan correu para Edimburgo para apresentar sua reivindicação. Enquanto estava fora, ele mandou avisar à viúva de Robert que ela e todos os servos deveriam ir embora quando ele voltasse, ou ele os mandaria prender.

— Puta merda. — Não é de admirar que houvesse tanta fúria nos olhos de Murian.

Orlov assentiu.

— De acordo com esse cavalariço e todos os outros com quem conversamos, Loudan é vil. Há outras histórias não elogiosas, mas nenhuma tão descaradamente má.

Max esfregou o queixo, pensando nas informações que Orlov acabara de compartilhar.

— Então nosso ladrão invadiu sua própria casa na noite passada. Eu me pergunto o que ela está procurando?

— Eu não sei, General. Procuramos os ladrões hoje?

— Sim, mas... desta vez, vamos restringir nossa pesquisa um pouco. Assumimos que Murian e seu bando desejam estar longe de Rowallen para evitar os homens do conde. E se, em vez disso, eles estão mais próximos? Começo a sentir uma semelhança com o nosso ladrão e também uma impetuosidade.

— Isso faria sentido. Dessa forma, eles podem manter o olho no castelo e quem vem e vai.

— Exatamente. E da casa que eles nunca desejaram sair. Seu orgulho pode superar seu medo.

Orlov assentiu lentamente.

— Vamos vasculhar as matas mais perto do castelo, então.

— Boa. Tenha os cavalos preparados. E não...

— Ah, Vossa Alteza. — A voz escorregadia do conde interrompeu a conversa. — Aí está você.

Max e Orlov se viraram para encontrar Loudan por perto.

Vestido com roupas de montaria, suas botas tão brilhantes quanto um espelho, o conde se curvou para Max, ignorando completamente Orlov.

— Vossa Alteza, eu suponho que você recebeu minha mensagem esta manhã?

— Sim.

Os lábios do conde diminuiram.

— Eu me perguntei, pois não havia resposta. E aqui está você, saindo novamente.

Orlov falou.

— Estamos caçando, assim como outros convidados da sua festa.

Loudan nem sequer olhou na direção de Orlov.

— Diga-me, Vossa Alteza, o que você quer, que você sai todos os dias, o dia todo?

Irritado que o homem ignorasse Orlov de tal maneira, Max cruzou os braços e disse brevemente: — Lobos.

O conde riu.

— Não há lobos nessa área. Temo que você não consiga nada.

— Possivelmente. E talvez não. — Max virou-se para Orlov. — Se você está entediado, não sinta que precisa ficar. Eu vou me juntar a você em breve.

Um lampejo de desprezo cruzou o rosto de Orlov. Ele curvou-se para Max, e, ignorando o conde tanto quanto o conde o ignorara, girou no calcanhar e saiu.

Max voltou para o conde.

— Meus ajudantes de campo são homens de honra, todos filhos de grandes famílias do meu país. Eles merecem pelo menos uma saudação.

O olhar do conde estreitou-se.

— Eu teria oferecido um. Eventualmente.

Max teve que se forçar a manter seu temperamento. *Tenho motivos para estar aqui. Não posso esquecer isso.*

— Você enviou uma mensagem nesta manhã. Alguma coisa sobre um agente?

— Tenho tentado convencer o Conselheiro Ruddock a perseguir esse bandido e seu bando mais a sério.

— E ele não vai?

Loudan fez um muxoxo com a boca.

— Ele é incompetente, mas ele ainda é o comissário. Ele tem autoridade para determinar mandados para esses malfeitores, mas ele se recusa. Se você lhe disser o que você sabe, isso o forçará nessa direção.

— Eu suponho que Miss MacLeod também irá, para contar sua história?

— Não. Ela romantizou todo o incidente e seria uma testemunha inútil. Ela diz que os ladrões nunca exigiram suas jóias, mas simplesmente pediram para ela doar para a causa deles.

Max estava puxando sua luva, mas nisso, ele olhou para cima. *Donativos? Puta merda.*

— Eles disseram o mesmo para nós. — E eu também não entendi. Ele teve que rir.

A expressão de Loudan se azedou.

— Eles fizeram? Mesmo se...

— Bom dia! — Tata Natasha atravessou a porta, um xale de renda preto sobre os ombros. — Estou surpresa ao ver vocês dois tão cedo.

Max inclinou a cabeça.

— Bom dia, Tata Natasha. Eu estava prestes a explicar ao conde que não posso ajudá-lo.

A boca do conde diminuiu.

— Por que não?

— Porque o meu testemunho não seria diferente da Miss MacLeod's.

— Você nunca disse nada sobre doações até que eu lhe contei o que Miss MacLeod disse.

— Porque eu não tinha pensado nisso, mas é exatamente a palavra que eles usaram.

O conde não poderia ter ficado mais furioso.

Tata olhou de um para o outro.

— Max, com certeza você pode...

— Eu não posso. Ele deseja que eu convença o comissário a perseguir o salteador que nos deteve, mas, infelizmente, acabei de perceber que nunca fomos roubados.

— O quê? — Tata observou.

O maxilar de Loudan apertou.

— Você também foi roubado.

— Nossas carruagens foram paradas, sim. Mas os ladrões - Eu hesito em até mesmo chamá-los assim agora, porque, como Miss MacLeod observou sucintamente, eles não exigiram nada, mas simplesmente pediram. Isso não é ilegal.

— Mas seu casaco foi cortado, — disse o conde.

— Somente porque eu enfrentei o líder. Ele retaliou, também faria o mesmo.

A expressão de Loudan não mudou, mas Max podia sentir o mal irradiando do homem.

— Não posso aceitar isso. Esses ladrões têm espoliado meus convidados por meses. Vou tê-los capturados, e peço que faça o seu testemunho.

— Tudo bem. Eu vou testemunhar.

— Bom. E não tenhamos mais tolices sobre 'doações'.

— O meu testemunho será a verdade. Eu direi ao comissário que eles não tinham armas dirigidas sobre nós, e tudo o que eles pediram foram doações para sua causa.

Os olhos de Loudan arderam, mas para a surpresa de Max, o homem não falou outra palavra para ele. Em vez disso, o conde virou-se para Tata Natasha e disse com voz agitada e arrogante: — O comissário chegará dentro de uma hora. Traga seu neto para o escritório às onze e certifique-se de saber o que dizer.

Ele não acrescentou "senão", mas Max ouviu-o com certeza como se o homem tivesse gritado. A fúria queimou Max.

— Loudan, você se lembrará de que fala com uma grande duquesa.

— Eu sei exatamente com quem eu falo. — O conde deu a Tata Natasha um olhar duro e depois virou o calcanhar e saiu.

Max alcançou sua espada e dirigiu-se para o conde.

Tata agarrou sua manga.

— Nyet!

— Ninguém fala com a casa de Romanovin de tal maneira.

— Deixe-o! Ele... ele é apenas abrupto. Ele não significa nada. — Os nódulos de Tata Natasha brilharam em branco onde ela segurava a manga de Max.

— Por que você o protege? — Max exigiu. — O que ele segura sobre sua cabeça?

— Nada! Eu... — Ela molhou os lábios, e a preocupação, a incerteza e o medo, se espalharam por seu rosto.

Naquele instante, ele viu seu rosto como realmente era: não aquele de sua querida avó problemática, mas o de uma velha arruinada pelo medo. Ele suspirou e tirou a mão do punho.

— Em todos os anos que eu conheço você, você nunca permitiu que um estrangeiro lhe desse ordens como um servo. O que aconteceu? Você deve me dizer.

Ela encolheu os ombros e disse com um tom sombrio: — Você não vai gostar.

— Provavelmente não.

Ela suspirou, seus ombros caíram.

— Eu suponho que você está certo. Muito bem. Eu vou te dizer. Eu trouxe você aqui porque perdi algo.

— Perdeu?

— É uma maneira de falar. E Loudan tem isso.

— Você perdeu esse item... como em, você guardou e ele achou e pegou? Ou você perdeu em um jogo de azar?

Uma cor apagada inundou suas bochechas.

— Eu tinha três rainhas.

— Ty shto shoytish!

— Foi um sinal. Ou então eu pensei.

— Bozhy moj, Tata! — Max se virou para sair e depois voltou. — Por que você estava jogando com um homem assim? Um olhar e você pode ver que ele não tem princípios, nem honra.

— Eu sei, eu sei, — ela respondeu irritada. — Eu estava em uma mesa; ele se juntou após o início do jogo. Eu não escolhi jogar com ele, e definitivamente não escolhi perder para ele.

— Eu devo saber o que é esse objeto que você perdeu.

— Não importa. Eu pedi que ele o devolvesse. Ele está considerando isso.

— A um custo, eu presumo.

— Claro, a um custo!

— Temo que esteja brincando com você. Homens como esse estão mais interessados no poder do que no dinheiro.

Sua expressão disse que ela tinha o mesmo pensamento.

— Max, você não pode lutar com ele, ou apenas deixá-lo saber que você vai matá-lo imediatamente? Seria mais rápido.

— Tata, eu não posso fazer isso. Se eu ameaçasse um nobre, poderia envolver o nosso país em muitas dificuldades. Certamente sabe disso.

Ela suspirou, seu rosto gravado profundamente com preocupação.

— Bem. Então, isso não nos deixa nenhuma opção. Até que ele concorde em vendê-lo de volta para mim, nossas mãos estão amarradas e devemos fazer o que ele sugere.

— Você está brincando, dá?

— Eu faria piadas sobre algo assim?

— Você pode fazer o que quiser, mas *não* vou capitular. — *Não para uma criatura traiçoeira como Loudan.*

— Mas...

— Você me trouxe aqui como uma ameaça. Eu não posso ser uma ameaça e ser amigável. Se você quiser que eu o convença de que não negociarei com ele por isso que você perdeu, então devo deixá-lo saber que eu não jogo seus jogos.

— O que você fará?

— Ignore-o, e finja não se importar se ele tem esse item ou não. Isso vai enfurecê-lo. E os homens irritados não negociam bem.

— Ele vai perguntar por que você não está se encontrando com o agente.

— E você vai dizer a ele que eu estava muito ocupado caçando.

Seus lábios se contraíram.

— Ele ficará com raiva.

— Estou contando com isso.

— Bem... irritarei o homem. O que devo fazer enquanto isso?

— Pare de agir como se estivesse desesperada para ter esse item de volta. Imagine que você está reconsiderando se você quer mesmo.

— Eu posso fazer isso. Tenho que admitir, no entanto, que eu estava em dúvida de como proceder. Ele continua aumentando o preço e eu... — Ela balançou a cabeça, tremendo um pouco. À luz do sol, ela parecia mais velha do que seus anos, as linhas da boca mais profundas do que o habitual.

— A partir de agora, Tata, você me deixará falar com Loudan sobre esse objeto. Diga-lhe que eu estou no comando das negociações agora.

Alívio iluminou seu rosto.

— Muito bem. — Seu olhar encontrou o dele. — Devemos recuperá-lo, Max. Nós devemos.

— Nós vamos. De uma forma ou de outra. Mas devo saber o que é. Não posso negociar se não souber o que é.

Ela olhou para os lacaios.

— Eu vou te contar mais tarde. Agora é com você; você tem um conde para enfurecer, e alguma caça para fazer.

Ele se curvou.

— Bom dia, Tata. — Ele deixou o pórtico e caminhou até os estábulos. A luz do sol riscava as encostas exuberantes e tocava as águas cintilantes de um pequeno lago que se estendia diante do castelo.

Orlov estava perto dos estábulos com Demidor, Raeff, Pushkin e Golovin, com os cavalos selados e prontos. Quando Max se aproximou, um lacaio trouxe o grande garanhão preto de Max.

Orlov deixou os outros e foi ao seu encontro.

— Você escapou, eu vejo.

— Sim. A próposito, parece que nossos bandidos são mais espertos do que nós percebemos.

— Como assim?

— Na noite passada, a senhora que foi roubada disse que não chamaria de assalto, porque eles nunca exigiram nada, pediram educadamente doações.

Os olhos de Orlov se arregalaram; então ele sorriu.

— Como eles fizeram conosco. Devo dar crédito por isso.

— Dá. O conde não ficou feliz quando percebeu que eu iria ver nosso encontro com os bandidos da mesma forma que Miss MacLeod fizera com o dela - um pedido de doação que deu errado. Ele queria – não, ele exigiu - que eu minta para o comissário local para que as acusações possam ser pressionadas.

Orlov assobiou silenciosamente.

— Loudan está determinado a capturar esses ladrões.

— Na verdade não vou ajudá-lo; eu disse que não.

Orlov sorriu.

— O conde não vai gostar disso.

— Eu estou contando com isso. Eu me cansei da atitude do homem.

— Como eu. Por sinal, falando dos bandidos, talvez tenha encontrado algo para nos ajudar na nossa busca. — O sargento tirou um papel do bolso e o desdobrou. — Isto foi da biblioteca do conde. É um mapa de todas as terras detidas pela propriedade de Rowallen.

Max pegou o mapa e examinou-o.

— O conde sabe que você pegou isso?

— Eu deixei uma nota, como é apropriado, embora eu não tenha escrito em inglês. Tenho certeza de que ele vai descobrir isso a tempo.

Divertido, Max traçou sua localização no mapa.

— Nós cobrimos aqui, aqui, e mais aqui. — Ele balançou a cabeça. — Tanto, e ainda assim e apenas uma pequena quantidade da floresta.

— Mesmo com uma área reduzida, estamos procurando por uma agulha em um palheiro. As florestas são densas, as trilhas são poucas e aparentemente não utilizadas, e os habitantes locais não fizeram nada além de nos enganar. Eles estão determinados a esconder esses ladrões, quem quer que seja. Eu não gosto das nossas chances.

— Da, mas estou convencido de que estão mais perto do que eles querem que alguém saiba. É uma boa estratégia, estar perto o bastante para vigiar seu inimigo, mas escondido o suficiente para que ele não saiba que é vigiado.

— Verdade, General. — Orlov olhou o mapa por outro momento, depois o redobrou e escorregou de volta ao bolso. — A grande duquesa compartilhou por que ela permite o comportamento atroz do conde? É muito estranho da parte dela.

— Ela perdeu algo para Loudan em um jogo de azar. O que quer que seja, ela está desesperada para ter de volta.

— E ele se recusa.

— Mais do que isso, ele segura sobre a cabeça dela como uma espada. — Max cruzou os braços e olhou para o castelo, cinzento e severo, situando-se num parque bem cuidado, tão meticulosamente aparado que a grama parecia ter sido penteada pela lâmina. — Eu poderia perdoar o conde por vencer uma velha em um jogo de azar, mesmo que isso mostre uma personalidade fraca. — O maxilar de Max apertou. — Eu não vou perdoá-lo por causar-lhe tal preocupação.

— Esta situação complica nossa missão.

— Pode sim. Se o permitirmos. — Max balançou a cabeça. — Eu deveria estar com raiva dela, mas também, temos segredos.

Orlov olhou para Max.

— Você recebeu uma mensagem?

— Um pacote chegou esta manhã por correio especial. Eu teria dito algo antes, mas o conde nos interrompeu.

— Eu imagino que houvesse outras cartas nesse pacote?

— Havia. E sim, uma é da sua amada esposa, e outra de sua irmã.

Orlov sorriu.

— Eu vou lê-las assim que... — O olhar dele fixou algo além do ombro de Max. — Ah. O comissário do conde chegou.

Max virou-se para seguir o olhar do sargento. Uma carruagem grande, fortemente construída, deu a volta no longo e pitoresco caminho em direção à porta arqueada de Rowallen. O cocheiro contornou a fonte que decorava o pátio em forma de U e parou. Um lacaio de libré correu do castelo, abriu a porta da carruagem e baixou os degraus. O comissário saiu do carro. À vista do agente, Max congelou.

— Ty shto shoytish.

— O que é? — Orlov perguntou.

— O comissário... você o vê? Ele é o segundo gigante que vimos desde a chegada à Escócia.

— O segundo? Quando vimos... Ah! — As sobrancelhas de Orlov aumentaram em compreensão. — O gigante com os bandidos. Ian, nyet?

— E o nosso Ian tem o mesmo cabelo avermelhado e a mesma forma de rosto.

Orlov observou um momento.

— Eles até andam da mesma maneira.

— Agora sabemos por que o agente de Loudan está relutante em perseguir esses bandidos.

— Dá, o homem está relacionado a um deles.

Max assentiu.

— Eu acho que vou falar com o agente antes de tudo. Fique aqui. Eu voltarei em breve.

— Sim, General.

Max caminhou em direção ao castelo, seu olhar preso no enorme homem se aproximando da porta da frente.

Max sorriu. *Ah, dorogaya moya, ainda vou encontrá-la.*

Uma hora depois, Max puxou o cavalo para parar em um pequeno caminho, quase invisível, no fundo do bosque, a cerca de uma hora de viagem ao norte de Rowallen, e ergueu a mão.

Com ele, seus homens ficaram quietos e silenciosos.

De algum lugar na floresta, sob o farfalhar das árvores brincando na brisa, e sobre a pressa de um riacho nas proximidades, vinha uma melodia que entrava e saia da audição com a direção da brisa. Era uma voz de mulher, cantando uma música gaélica. Max conhecia essa voz, sabia bem.

Enquanto ouviam, outros sons se levantavam de vez em quando - o som de uma porta se fechando, o ocasional mugido de uma vaca.

— Nós os encontramos, — disse Orlov, uma leve surpresa em sua voz.

— Assim, parece, — disse Max. — A apenas duas milhas da vila de Kilmarnock, de onde a família do policial de Ruddock vem.

— E a menos de três milhas do Castelo de Rowallen, — acrescentou Orlov. — Nós estávamos olhando longe demais.

— O conde tem cometido o mesmo erro, porque cada aldeia que ele incendiou estava a doze milhas de distância ou mais. Ele não tem idéia de que estão sob seu próprio nariz.

Orlov assentiu.

— O que fazemos agora?

— Nós não faremos nada. É melhor que eu vá para a aldeia sozinho.

O cavalo de Demidor mudou como se estivesse transmitindo o mal-estar de seu cavaleiro.

— Não gosto disso, — disse o soldado mais novo. — Nós devemos ir com você.

— O que faria parecer um ataque. Nyet. Eu irei primeiro e falo com o líder deles. Então eu chamarei você. Demidor, leve Raeff e Pahlen de volta pelo caminho que viemos e proteja-o. Se precisarmos sair rapidamente, queremos o caminho aberto. Se precisarmos de você, iremos chamar.

Parecendo infeliz, o jovem soldado assentiu e, reunindo os outros, virou o cavalo e saiu.

— Orlov, você ficará aqui com Golovin e Pushkin. Vou chegar o mais perto possível e ver se consigo encontrar o líder. Depois de dez minutos, circule em volta e se aproxime.

— E então?

— Aguarde meu sinal. Tenha muito cuidado para não ser visto. Eu não desejo assustar ninguém ou eles podem pensar que sua aldeia está sob ataque. — O vento mudou novamente, e o canto cresceu um toque mais alto. Max estremeceu quando o cantor se demorou em uma nota livre.

Pushkin, grande e barrigudo, com uma longa barba preta que o fazia parecer um pirata selvagem, trocou um olhar apreensivo com Golovin.

— Eu não sei sobre isso, General.

Um veterano duro e grisalho com um comportamento mal-humorado, Golovin concordou.

— Estamos longe da civilização e perto da água. E agora há uma fêmea cantando.

As sobrancelhas de Max se uniram.

— O que isso tem a ver com qualquer coisa?

— Enquanto eu estava ajudando Sua Graça na carruagem na semana passada, ela me contou sobre criaturas que cantavam músicas na natureza. Mulheres más, elas eram, atraindo um homem para a água com seu canto e depois... — Ele fez um gesto cortante em sua garganta.

— Sereias, — Max disse em um tom seco.

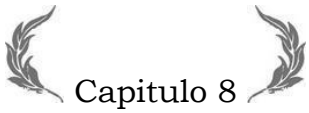
Pushkin desanuviou.

— Dá! Você os conhece.

— Eu sei que eles são imaginários. Minha avó estava fazendo o que faz melhor: contando contos e causando problemas. Aposto a minha melhor espada que a mulher que você ouve cantar agora é apenas - uma mulher. Ela não é mágica, e certamente não está nos aproximando com esse canto atroz. —

Ela era, no entanto, perigosamente inteligente, e segurou as respostas para sua crescente lista de perguntas. — Orlov, eu deixo você no comando. Se você não souber de mim em vinte minutos, pode vir me procurar.

Com isso, ele virou o cavalo e se dirigiu para a voz distante.



Capitulo 8

O sol do final da manhã penetrava pelas janelas, enquanto Murian afundava mais profundamente na banheira, água morna escorrendo sobre seus ombros. A grande banheira de bronze era outro prêmio que ela havia roubado de Rowallen, e ela ainda teve grande prazer em pensar no conde tendo que usar uma das pequenas banheiras que ela deixou para trás. Ele mal seria capaz de se sentar em uma delas, as pernas dobradas na frente dele, o que seria mais desconfortável.

Sorrindo, ela deslizou mais para baixo na água, de modo que cobriu seu rosto e seu cabelo se espalhou ao redor dela. Ela estava cantando sua música favorita, uma que sua mãe a tinha ensinado quando era criança, sobre donzelas e cavaleiros. Com os ouvidos embaixo da água, sua voz estava abafada e, para ser honesta, melhorou muito.

A água quente parecia celestial, suas preocupações se dissolvendo nas ondulaçoes densas de vapor perfumado de lavanda que se elevavam da banheira. Foram algumas semanas e ela precisava de uma pausa para deixar suas preocupações de lado.

Por mais que tentasse, não conseguira parar de pensar no príncipe, perguntando-se por que ele tinha tido tanto interesse nela. Era um mero orgulho, porque o tinha superado em uma luta de espadas? Ela não pensava assim, vendo como ele tinha virado a mesa no final. Embora, se ela não tivesse escorregado... Não, era melhor não se debruçar sobre os poderosos. A vida lhe ensinara essa lição muito bem.

Em um momento, ela tinha um marido novo e adorável, um belo castelo como lar e um futuro que parecia infinito. Em um dia, ela havia perdido tudo. A única maneira pela qual ela conseguiu chegar a um acordo com essa devastação era avançar e seguir em frente. Ela sentia muita falta de Robert e sabia que uma parte dela sempre sentiria. Mas como o tempo passou, e ela ouviu histórias das viúvas que tinham sido casadas por anos antes de serem separadas de seus maridos, ela percebeu que o relacionamento dela e de Robert tinha apenas começado a criar raízes. Ela estava certa de que teria se tornado uma árvore imponente, se tivessem permitido o luxo do tempo. Como foi, ela ficou com um coração vazio e muitas lembranças doces, que foram suficientes até agora. De alguma forma, conhecer o príncipe havia despertado sua imaginação e a fez se perguntar e se?

Ela nem deveria pensar no príncipe; ela só o encontrou três vezes. Que foi três vezes demais.

Ainda... havia algo sobre ele que agitou sua curiosidade. Sentia como se o conhecesse de alguma forma, o que não fazia sentido, pois eles não tinham nada em comum. Ela deveria simplesmente esquecê-lo.

E ela o faria, pois tinha muitas coisas que precisavam muito mais de sua atenção. Como conseguir os suprimentos para consertar as cabanas, e quando Loudan aliviaria a guarda para que ela pudesse voltar a Rowallen.

Ela estendeu a mão e agarrou os lados superiores da banheira, puxando-se para uma posição sentada. A água lambeu os ombros quando ela se recostou contra a elegante inclinação da banheira, com os cabelos presos no pescoço e nos ombros antes de flutuar ao redor dela na água em ondas de seda vermelha.

Ela suspirou alegremente e fechou os olhos. A vida sempre foi surpreendente. Quem pensaria ter encontrado um príncipe? - Príncipe Max, — ela disse em voz alta. — Poderoso, oh-tão-seguro-de-si-próprio Príncipe Max.

— Você chamou, *dorogaya moya*? —

Veio uma voz profunda.

Seus olhos se abriram. Certamente... isso não poderia ter sido...

Com o coração batendo, levantou a cabeça e espiou a borda da banheira.

O príncipe estava dentro da janela, fechando novamente as persianas. Quando ele terminou, ele a encarou e disse com uma voz educada: — Bom dia, Murian.

— Como você chegou aqui?

— Eu subi pela janela.

— Mas... como você me achou?

Ele sorriu e seu coração vibrou.

— Ah, não posso contar todos os meus segredos. Não de uma só vez, de qualquer forma.

— Não deveria estar aqui!

— Mas eu tenho algumas perguntas para você.

Ela poderia pedir ajuda e Ian viria correndo, mas então haveria gritos e muita fala. Pelo comportamento do príncipe e do fato de que ele não tinha se movido da janela, talvez ele desejasse apenas o que ele disse - respostas às suas perguntas.

Bem, ela também tinha perguntas. Além disso, havia duas pistolas carregadas e uma adaga na sua cabana, então ela estava bem segura.

Seus olhos verdes se aqueceram com diversão, um sorriso inclinado curvando sua boca cinzelada.

— Não pareça tão surpresa. Certamente sabia que eu iria encontrá-la.

Seu coração, já batendo irregularmente, deu um baque doentio.

— O conde sabe?

— Nyet. O conde e eu, nós não - como você diz? - conversamos.

Murian gostava da maneira como ele dizia "conversar," como se pensasse que a palavra poderia mordê-lo de volta.

— Por que você subiu pela janela?

— Se eu tivesse caminhado pela rua e educadamente batido em sua porta, seu gigante poderia ter saído da coleira.

Seus lábios se curvaram apesar de si mesma.

O olhar dele tremulava sobre ela, seus olhos escurecendo.

— Eu não esperava encontrá-la assim... exposta, *dorogaya moya*.

Maldito Inferno, estou nua! Tinha ficado tão chocada com a chegada dele, que não havia registrado isso. Felizmente, tudo o que ele podia ver eram seus ombros e braços nus, devido ao lado superior da banheira.

— Vire para lá!

— Claro. — Havia uma nota distinta de pesar em sua voz rouca, mas ele virou as costas, os pés plantados com firmeza, como para provar que ele não iria se mexer e olhar para ela. Ela enxaguou o último sabão de seus braços e, com um olhar para se certificar de que ele ainda estava de costas, ela subiu da banheira. Pegando a toalha se secou rapidamente e depois pegou seu robe. Ela lutou para vestir a roupa fina de algodão, que se agarrava à sua pele úmida de uma forma muito reveladora.

— Não vire. Minhas roupas estão ao lado da tela perto da cama, então eu devo ir lá para me vestir.

— Eu não vou me mover desse ponto. — Ele virou a cabeça ligeiramente para que visse o vislumbre de seu perfil. — Eu juro pela minha honra.

Ele falou simplesmente, com força silenciosa.

Ela acreditou nele, o que a surpreendeu.

— Obrigada. — Ela torceu os cabelos sobre a banheira, escorrendo a água dos pesados fios.

Atrás dela, Max lutou contra a vontade de se virar e vê-la.

Na quietude, ela disse: — Você disse que tem dúvidas?

— Muitas. O mais urgente é por que você corre de mim toda vez que nos encontramos.

— Eu não corri de você ontem à noite no castelo. Era apenas hora de partir.

— Você não se despediu.

— Eu tinha coisas para fazer.

— Como o quê?

— Talvez eu desejasse um canto quieto onde eu pudesse comer todos os doces que eu roubei.

Ele suspirou.

— Você não está tornando isso fácil.

— Eu não acredito que eu deveria, — ela apontou. — Você tem outras perguntas?

— Na noite passada, você usou a Miss MacLeod como uma distração para tirar os guardas do castelo?

— Eu não conheço uma Miss MacLeod.

Ele deixou seu silêncio falar-lhe de sua descrença.

Ela suspirou.

— Bem. Eu posso conhecer Miss MacLeod.

— Você a conhece. Você se disfarçou e entrou no castelo, e Miss MacLeod apareceu exatamente às dez e afirmou ter sido atrasada pelos bandidos. O conde enviou alguns de seus homens atrás dos ladrões que Miss MacLeod descreveu para parecer exatamente como você e seus homens.

— Sim, ele enviou alguns homens, — ela respondeu, sua voz aguda de irritação. — Mas não o suficiente. Os corredores ainda estavam fortemente protegidos.

— Então você estava procurando alguma coisa. Eu suspeitava disso. Mas o quê?

— Algo do meu falecido marido. Algo escondido.

— Até mesmo de você?

— Sim. — Sua voz foi abafada através da toalha enquanto ela secava o cabelo.

Ele deixou seu olhar vagar pela parte da sala dentro de sua linha de visão, observando o mobiliário em primeiro plano. *Bozhy moj, tanto luxo para uma cabana*. Cadeiras de damasco e veludo e um sofá combinando colocado perto da lareira, enquanto os grossos tapetes turcos cobriam o chão de terra. Aqui e ali havia mesas laterais de mogno, uma segurando um conjunto de chá de prata pesado. Mesmo a enorme banheira era apropriada para um palácio, pois o cobre batido brilhava com polimento, as alças de cada lado exageradamente forjadas.

Mas ainda mais surpreendente era a própria mulher. Ele a reconheceria em qualquer lugar, mas na brilhante luz da manhã, ele viu coisas que ele perdeu antes, o quanto o cabelo era vermelho, como seus olhos brilhavam quando estava irritada, quão delicadas eram suas características quando o cabelo dela estava deslizando em volta do rosto dela. *E este é o ladrão que quase me derrotou com uma espada.*

Lembrou-se de seus ombros e braços abertos; ela era muito mais feminina do que esperava. Quando ela olhou por cima da borda da banheira, seus cabelos molhados agarrados a ela, seus ombros brilhando com água, ele foi atingido por um impulso incrivelmente forte de atravessar a sala e abraçá-la, nua e molhada. Não tinha sido uma mera paixão, embora também sentisse isso; era mais um desejo de salvá-la do chão de terra, espreitando entre os tapetes, as manchas de água que flanqueavam a lareira e até mesmo o florete de pé contra a parede.

Ele sabia de uma coisa: Murian Muir não era para esse tipo da vida. Ela era um enigma, essa mulher era uma guerreira. A linha de seu queixo e mandíbula mostrava força, enquanto sua beleza tinha uma selvageria sem tréguas que o atraía – uma falta de disciplina na forma como os grossos cílios cravavam nos grandes olhos prateados que o examinavam audaciosamente, uma recusa de seu cabelo vermelho escuro de ceder, encaracolando-se mesmo quando pingava.

Ele ouviu um leve sussurro, e pegou o reflexo de Murian no bule de prata junto à lareira. O ângulo do bule de chá lhe deu uma visão completa atrás da tela onde ela se vestia.

Ele observou seu reflexo curvado enquanto tirava o robe, uma toalha enrolada sobre sua cabeça. O robe deslizou para fora dela, revelando seus ombros espetaculares, forma alta, aparência e pernas graciosamente longas. Ela jogou o robe sobre a borda da tela, seus braços lisos e levemente musculosos. Seus seios, altos e pequenos, perfeitos para as mãos de um homem, eram adornados com mamilos rosados que davam água na boca antecipadamente. Ela era angelical, essa mulher, uma verdadeira-

Seu olhar encontrou o dele no reflexo.

Com um movimento frenético, ela puxou seu robe de onde ela pendurou e segurou-o na frente dela.

— Você disse que não iria olhar!

— Eu disse que não me moveria, e eu não me movi. — Maldizendo sua incapacidade de desviar o olhar uma vez que o reflexo se apresentou, ele se virou para que não pudesse mais vê-la. — Aí. Agora se vista. Eu não tenho o dia todo.

— Och, se você deseja torcer as palavras em mentiras, então volte para Rowallen e o conde. Ele se destaca em tais jogos.

Max ficou impressionado com seu tom amargo.

— Coloque as roupas, — ele ordenou, sua voz inesperadamente dura. — Eu não sou um eunuco.

Um duro silêncio caiu então. Um segundo depois, ela disse com uma voz firme: — Mexa o fogo enquanto espera. Preciso do calor para secar os cabelos.

Ele achou-se ligeiramente divertido que essa garota delicada pudesse lhe dar ordens sem a menor hesitação. As pessoas nunca pediam aos príncipes que avivassem o fogo, mas como estava ficando frio na cabana, ele estava mais do que disposto a fazer a tarefa.

Ele tirou seu manto e pendurou-o em um pino na parede perto da porta, parando para inspecionar o florete que estava perto. Era uma lâmina superior, de fabricação italiana, com um punho incrustado de entalhes. Ele se perguntou onde ela tinha encontrado, e como ela havia sido treinada para tal maestria. *Tenho tantas perguntas para você, pequena.*

Ele devolveu a lâmina e então cruzou para a lareira. Depois de adicionar um pouco de madeira de uma pilha próxima, ele encontrou o ferro de fogo e agitou as chamas para a vida.

Enquanto as chamas se erguiam em resposta, Murian atravessou o chão da cabana para se juntar a ele. Ela estava vestida simplesmente, seu vestido cinza casual e simples. Botas grossas espreitavam de suas saias, enquanto um pesado xale de lã tinha sido preso em seus ombros. Ela carregava um pente de marfim, seus cabelos úmidos se encaracolando incrivelmente sobre seus ombros.

Max largou o ferro quando ela se sentou perto do fogo em uma cadeira decadentemente estofada, coberta com o melhor damasco.

Ela gesticulou para o sofá em frente e, puxando o cabelo molhado sobre um ombro, começou a penteá-lo.

— Pode pegar um assento, Vossa Alteza.

— Obrigado. — Ele se sentou, recostando-se e admirando os vermelhos e dourados de seus cabelos enquanto o fogo o tocava.

Ela apertou seu olhar direto sobre ele.

— Talvez você devesse começar por me dizer por que você está aqui.

— Para ser sincero, no início eu estava decidido a procurá-la para que pudéssemos terminar o nosso duelo.

Ela sorriu.

— Och, eu teria gostado disso.

Seu sorriso foi tão imediato e espontâneo que ele se encontrou retornando-o.

— Dá, eu também teria. Mas desde então, aprendi várias coisas sobre você e seu pequeno bando aqui, e agora não tenho certeza de porque estava tão determinado a encontrá-la. Talvez seja porque eu, também, não tenho amor pelo conde.

— Então, estamos juntos em nosso desagrado a Loudan.

— Não gosto, desconfio - ele me preocupa. — Max se perguntou o quanto ele devia contar a ela. Não muito, alguns segredos não eram dele para contar.

Mas não faria mal compartilhar a situação de Tata Natasha. — Loudan ganhou algo da minha avó em um jogo de azar e não vai devolvê-lo.

Suas sobrancelhas baixaram. — Então... a história se repete.

— Qual história?

Na pergunta dele, seus cílios diminuíram para ocultar sua expressão. — É uma longa história. De muito tempo.

Max encontrou-se desejando que ela confiasse nele. Para aliviar o momento, ele colocou a mão sobre a almofada da cadeira.

— Devo dizer que você tem excelente gosto em decoração. Você tirou tudo isso de Loudan?

— Não. E sim. — Seus lábios se curvaram. — Eu não as roubei; se é isso o que você quer dizer; elas eram minhas para levar. Eu era a senhora do Castelo de Rowallen até a morte do meu marido. — Ela passou o pente pelo cabelo novamente, os cachos selvagens lutando contra os dentes de marfim. — Não há nenhum dano em dizer-lhe porque estamos nos escondendo na floresta. Robert Muir era meu marido. Rowallen era seu. Tem sido da família Muir há séculos.

— Como o conde terminou com o castelo? — ele perguntou, embora ele já soubesse. Por algum motivo, ele queria ouvir o relato de seus lábios.

— Meu guardião, o Duque de Spencer, arranjou meu casamento com o Lord Robert Muir.

Ele ergueu as sobrancelhas. — Eu conheço o duque. Ele é um bravo soldado.

— Ele ficaria honrado. Depois de me casar com Robert, Spencer partiu para a guerra. Há um ano e meio, enquanto visitava os túmulos de meus pais em Edimburgo, Robert recebeu alguns visitantes inesperados no castelo, Loudan e dois dos seus chamados amigos.

— Então, seu marido não o convidou?

— Eu penso assim. Até onde eu sei, eles nunca se conheceram. Além disso, se ele esperava convidados, Robert teria me pedido para ficar. Eu sei que ele teria. — O pente ainda estava na mão dela, uma expressão distante em seu rosto. — A governanta estava presente quando Loudan e seus homens chegaram inesperadamente. Ela disse que Robert estava muito infeliz em vê-los, pois planejava passar os próximos dias com seu homem de negócios. Mas ele foi um anfitrião atencioso e os convidou para passar a noite. Ele pediu a governanta três quartos prontos, e pediu um grande jantar. Naquela noite, havia muito uísque sendo servido, e alguém sugeriu um jogo de cartas.

— Os criados viram tudo isso?

— Sim, mas muito pouco mais. Algo aconteceu durante esse jogo de cartas. O conde afirma que Robert ficou preso na excitação e apostou Rowallen e suas terras.

— Você não acredita que ele faria isso.

— Não. Ele nunca teria feito tal coisa. Após o jogo, Loudan ofereceu-se para permitir que Robert jogasse uma mão a mais na tentativa de recuperar tudo o que ele havia perdido. De acordo com o conde, Robert trapaceou e foi pego. Palavras ásperas foram trocadas e um desafio foi lançado. — Ela olhou para o pente de marfim na mão. — Os criados ouviram vozes levantadas, então havia definitivamente uma discussão de algum tipo. Mas Robert não contou nada a eles. Ele foi para a cama e se recusou a falar com alguém. Na manhã seguinte, quando os criados estavam andando, ouviram tiros no jardim. Loudan estava de pé sobre o corpo de Robert. Havia duas armas, uma na mão do conde, e uma no chão perto de Robert.

— Um duelo.

— É o que Loudan gostaria que todos acreditassem. Ele disse aos servos que o castelo era dele agora, seus amigos corroboravam sua história, e ele foi a Edimburgo para arquivar sua reivindicação.

— Você lutou contra isso, eu suponho.

— De todas as maneiras que eu poderia. Assim que voltei para casa e descobri tudo o que aconteceu, visitei o juiz de paz local. Ele foi para Edimburgo, mas não pôde fazer nada. Loudan está muito bem conectado, sua história confirmada por suas testemunhas escolhidas a dedo...— Ela encolheu os ombros. — Não havia nada que eu pudesse fazer.

— Então ele tomou o castelo. — Ele observou seu rosto. — E as pessoas com você aqui são todas de Rowallen?

Ela assentiu.

— Loudan ordenou que todos fossem embora. Alguns tinham famílias a quem podiam ir, ou outras oportunidades de emprego. Eu escrevi dezenas de cartas de referência. Mas alguns não tinham para onde ir, como eu. Ian sabia dessas cabanas. Elas foram esquecidas; acho que nem Robert sabia delas - e ele mantinha registros meticulosos. — Ela suspirou e levantou o pente nos cabelos mais uma vez. — E então estamos aqui.

— Quando isso aconteceu?

— Um pouco mais de um ano atrás.

Apenas um ano. E, ainda assim, ela conseguiu se recompôr o suficiente para se tornar um incômodo para o conde.

— Então, o que você quer dizer com a história se repetir - minha avó perdeu algo em um jogo de cartas, e também o seu marido.

— Sim. — Seu olhar estava pensativo. — Loudan tem um padrão. Após a morte de Robert, fiz perguntas; nossos parentes não são os únicos a perder bens preciosos para o conde. Em Edimburgo, no ano passado, ele apostou com

o conde de Argyll e ganhou o melhor garanhão do homem. Posteriormente, as cartas foram marcadas. Loudan acusou o conde de perfídia.

— Mas Argyll perdeu o jogo.

— Exatamente. Eu conheço Argyll; ele é um homem honrado e nunca mentiria. Eu acho que Loudan acusou Argyll como uma maneira de manter a atenção fora de si mesmo. Há outros casos, também, onde Loudan ganhou itens de prestígio em jogos de cartas. O que é estranho é que raramente joga. Mas quando ele faz...— Ela ergueu as sobrancelhas.

— Então o conde enganou minha avó.

— Aposto minha última peça de prata. Ele nunca joga a menos que haja algo valioso para ser conquistado. E ele nunca perde quando ele joga.

Apenas ouvir a história de Murian enfureceu-o. *Maldito seja esse homem. Quem poderia ser tão cruel?*

— E ele fez mais do que tomar posse do castelo, — Murian continuou. — Os Muirs estavam em posse de Rowallen desde o século XIII. Agora, Loudan se recusa a permitir que alguém diga o nome da família, até mesmo os criados. Ele removeu o escudo da família da muralha do castelo, um escudo que havia estado lá desde o século XV. Ele iria destruir os livros principais do castelo, mas o vigário os pegou e guardou com os registros paroquiais. — Ela franziu o cenho sombriamente. — O canalha está tentando limpar completamente os laços da família com o castelo.

— Está funcionando?

Um sorriso satisfeito curvou seus lábios e o fez pensar em um gato com uma tigela de creme.

— Não, não é tão fácil quanto ele deseja. As pessoas conhecem Rowallen; eles lembram e amam Robert e sua família. Os habitantes locais não vão esquecer que ele foi enganado por seu direito de nascença e morto como um cachorro em seu próprio jardim. — Sua voz tremulou e ela fechou os lábios.

Ele podia sentir sua dor, vê-la no brilho de seus olhos.

— Eu lamento.

Ela conseguiu um encolher de ombros forte e rápido.

— É o que é. — Ela puxou o pente pelos cabelos, seus movimentos bruscos de fúria.

Max ficou fascinado com a teimosia de seus cachos. A cada golpe, os cachos se endireitavam, mas no segundo em que o pente estava solto, seu cabelo voltava para um pântano selvagem de ouro e vermelho. Ele se perguntou como seria afundar suas mãos em tal espessura gloriosa-

Olhos de prata se fixaram nele.

— Eu respondi suas perguntas, mas você não explicou por que você está aqui.

Sua voz cadenciada fez com que ele desejasse ouvir mais.

— Eu vim pegar minhas galinhas de volta.

Ela riu, baixa e rouca, sua tristeza se dissipando como a névoa antes do sol.

— Você terá que falar com Ian. — Seu sorriso desapareceu um pouco. — Às vezes é um desafio, alimentar tantas pessoas.

— Quantos são?

— Vinte e dois. Estávamos fazendo bem o suficiente, negociando com as aldeias locais para o que não podemos produzir. Então o conde começou a ameaçar todos que o fizeram.

Ele tinha visto isso mesmo. *Maldito coração enegrecido de Loudan.*

— O conde tem muito para responder.

— Sim. Quando Spencer retornar da guerra, Loudan será destronado. Tudo o que temos a fazer é sobreviver até então.

— Você conseguirá. Você é forte o suficiente para conquistar uma doninha de joelhos fracos como Loudan.

Seus olhos se encontraram, e o ar sobre eles girava com o calor cintilante do fogo, perfumado com o sabão de lavanda, e ficou entre eles, cheio de questões e curiosidade.

Ele estava aqui, e agora ele conhecia toda a sua história. Ele conseguiu o que queria - mas ele se viu relutante em partir. Ela o intrigou, tão ousada e incólume, apesar de ter perdido o marido e seu modo de vida, banida de um castelo suntuoso para a cabana de um humilde arrendatário no meio da floresta. Qualquer um desses golpes seria devastador para muitos, mas ela se sentou com a cabeça erguida, tão vibrante que ele sentiu que podia aquecer as mãos no calor de sua alma.

— Parece que temos um inimigo comum, nós dois. Nós devemos ajudar um ao outro.

Seu olhar estreitou.

— Como assim?

— Você conhece o castelo bem.

— Sim. Muitos de nós aqui conhece.

— Se eu não posso fazer o conde ser razoável sobre o item que minha avó perdeu para ele, talvez eu precise encontrar isso sozinho.

— Entendo. — Seu olhar volteou para sua boca.

Seu olhar era como um toque e o enviou em busca de sua boca, tão cheia e madura, pronta para um beijo. Seu corpo zumbiu em resposta e ele teve que lutar contra o desejo de arrastá-la para o colo.

— O que sua avó perdeu?

Ele arrastou sua mente para o presente.

— Eu não sei. Eu acho que ela está muito envergonhada para me contar. Minha avó é muito mais velha e mais frágil do que o mundo acreditaria. Mas o que quer que ela tenha perdido, o conde está segurando isso como resgate. Eu acredito que o que realmente quer não é dinheiro, mas uma grã-duquesa idosa forçada a dançar ao som dele.

Murian franziu o cenho.

— Patife! Atormentar uma velha senhora.

— Na verdade. Pesa sobre ela.

— Estou surpresa que você não o desafie.

Ele hesitou. — Eu irei se necessário, mas deve haver maneiras menos violentas de recuperar esse objeto.

Ela se perguntou a causa de sua hesitação. Mas até agora, ela pensou que ele estava-lhe dizendo a verdade. Ele era cavalheiresco, e ele, obviamente, se importava profundamente com sua avó. Atrás do encanto bonito, atrás das cicatrizes e das linhas gravadas pela vida, ela viu o propósito, a determinação e o caráter.

Ela não sabia se Max havia compartilhado toda a verdade de seu propósito aqui, mas seu instinto lhe disse que suas intenções eram puras.

— Se eu puder ajudá-lo com o meu conhecimento do castelo, eu vou.

— Obrigado. — Ele se recostou, seus ombros largos eclipsando a maior parte do sofá. — Talvez eu possa fazer o mesmo. O que você está procurando, para você se esgueirar para dentro de Rowallen vestida como uma solteirona gorducha gulosa?

— O diário do meu marido. Nele, acredito que ele escreveu a verdade sobre o jogo de cartas e o duelo. Se eu encontrá-lo e apresentá-lo aos tribunais de Edimburgo, Rowallen não mais pertencerá ao conde. Posso devolvê-lo às pessoas que o amam.

O principe assentiu pensativo.

— Eu gostaria de ver o rosto de Loudan quando você reivindicar seu castelo. Eu percebi que você procurou este diário durante a diversão espetacular de Miss MacLeod?

Ela fez uma careta.

— Eu não pude; Loudan agora tem guardas em todos os corredores, e vários se postaram fora de seu quarto de dormir. Mas eu sei que essa coisa explosiva deve estar lá. Esse quarto é o único que não procuramos.

— Como você sabe que o conde ainda não encontrou esse diário e o destruiu?

— Porque ele faz tudo o que pode para nos manter fora. Por que ele se incomodaria, a menos que ele teme que eu encontre o que ele não pode?

O principe acenou com a cabeça pensativo. — Você pensou nisso.

— Eu tive muito tempo para fazer isso. Você deve saber que nenhum dos nossos objetivos será fácil. Alguns dos guardas do conde se vestem como lacaios, alguns como convidados. É difícil saber quem é verdadeiramente um servo, quem é mais perigoso.

— Eles não me incomodam. Você precisará de outro evento social para se esgueirar e procurar, nyet?

— Isso faria as coisas muito mais fáceis.

— Vou descobrir o que o conde planeja. — Max hesitou e depois disse: — Ele mencionou que ele está tentando agendar um cantor de ópera, e que ele mais uma vez abrirá as portas do castelo para os habitantes locais. Mas eu não sei quando.

— Uma vez que descobrirmos, planejaremos nossa busca. — Ela estendeu a mão. — Temos um acordo, então. Somos parceiros.

Ele pegou sua mão na dele. As mulheres que normalmente conhecia tinham mãos pálidas, suaves e brancas. Mãos incolores, ele decidiu, admirando a força na dela. Ele passou o polegar sobre o calo em um de seus dedos.

— De atirar seu arco, eu acho?

Ela corou, mas assentiu.

— E este... — Ele riscou um dedo sobre a palma da mão, onde outro calo descansava. — Uma pá?

— Um machado. — ela fechou a mão. — Eu sou muito boa em partir lenha.

Aposto que era. Ela também era boa em aquecer seu sangue até que tudo o que ele pudesse pensar era como seus lábios se sentiriam sob os dele. Ele ergueu a mão, desenrolou os dedos e apertou um beijo em cada calo.

Ela o observou, seus olhos esfumados e escuros, seus lábios se separaram. Cada vez que pressionava os lábios sobre a pele dela, ela fez uma respiração pequena e aguda. Ela molhou os lábios e puxou sua mão.

— Você não deveria fazer isso.

— Dá. Eu deveria estar fazendo isso, em vez disso. — Ele deslizou a mão sob seus longos cabelos de seda, puxou-a mais perto e a beijou. Ele queria fazer isso desde o dia em que ele cortou o lenço do rosto e percebeu que era uma mulher linda e ousada.

Quando os seus lábios se encontraram, era como se um incêndio tivesse explodido em chamas. Eles se beijaram, consumiram e devoraram. Eles se abraçaram violentamente.

Max saqueou sua boca com toda a paixão que ela tinha acendido nele uma e outra vez. Ele a puxou para o seu colo e deixou suas mãos vagarem sobre ela, das costas aos ombros, sentindo a firmeza de suas curvas, a pura feminilidade de sua forma. Ela se arqueou contra ele, sua boca se abrindo para

sua língua em busca, suas pernas se separando ao fazê-lo, inconscientemente fazendo eco de seus próprios pensamentos. Ela era exuberante e sensual, suas mãos tão ativas quanto as suas, sua paixão combinava afago a afago. Ele deslizou uma mão de sua cintura para...

De repente, os cães começaram a latir.

Ela quebrou o beijo e olhou para a porta.

Houve um grito alto, e depois outro. Um sino começou a tocar com insistência.

Murian se afastou do colo de Max quando ele ouviu Ian gritar uma advertência.

Um assobio penetrante rompeu o corpo a corpo e Max gemeu.

— Eu sinto muito; esses são meus homens. — Ele ficou de pé, seu pênis armando suas calças desconfortavelmente. Droga! — Eu me esqueci de dar o sinal.

— Que sinal?

— Deixando-os saber que eu não estava amarrado para que os animais selvagens me comessem por aquele seu gigante. Eu deveria dar um assobio e avisá-los que tudo estava bem, mas eu me tornei... distraído.

Seus lábios se curvaram enquanto trançava seu cabelo com movimentos rápidos e com prática.

— Nós devemos sair ou haverá uma briga.

— Sim.

Ela tirou uma fita do bolso e amarrou a trança, então pegou sua capa e colocou-a sobre seus ombros.

— Venha.

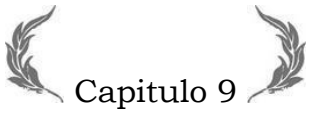
Sentindo-se tão mal-humorado quanto um garoto cujo brinquedo foi roubado, Max tirou o manto do pino onde o pendurou. Pelo menos, sua excitação estava começando a desinflar.

Já passando por ele, Murian pegou seu florete e abriu a porta da cabana, o ar fresco rodopiando sua capa e soprando a dele.

Max desembainhou sua espada.

— Eu...

— Siga-me, — ela ordenou por cima do ombro, e levou-o para fora.



Capitulo 9

Na manhã seguinte, bem antes do conde ou seus convidados terem acordado, Max caminhou pela grande escadaria de Rowallen. Ele teve uma noite daquelas, virando e revirando, sua mente incapaz de parar de pensar na pequena aldeia, no bosque onde vivia uma adorável ladra de cabelos vermelhos que empunhava um florete.

Ontem foi cheio de surpresas. Quando seus homens chegaram à aldeia, o gigante de Murian tinha rugido pela pequena rua, o martelo de um ferreiro no punho carnudo, enquanto ameaçava matar qualquer um que ousasse chegar mais perto. Os outros habitantes logo apareceram, também, correndo para fora de suas cabanas e estábulos e para a rua, todos segurando armas – machados, tábuas, bastões grossos e um bacamarte muito antigo, muito instável.

Max ficou assustado. Não pelas armas, mas em quem as carregava. Com exceção do gigante e um jovem mal-humorado, todas elas eram mulheres e crianças. Murian tinha falado tanto, mas não falou sobre isso. Ao vê-los, o grande mal das ações do conde o atingira com um duro golpe.

Depois que Murian acalmou Ian e os aldeões, e explicou que seus visitantes não vieram assassiná-los ou entregá-los a Loudan, ela apresentou Max e seus homens aos membros de seu bando. Ele se lembrou de cada rosto. Sete viúvas, doze crianças pequenas, um gigante irritado, um rapaz mal-humorado, todos com olhos assustadoramente desconfiados e vestidos com roupas desgastadas e esfarrapadas. Embora nenhum estivesse morrendo de fome, eles tinham a aparência de pessoas que se esforçavam ao máximo para sobreviver.

Mas no meio de todos eles estava Murian, com um cabelo vermelho, pele da cor de creme, uma luz em um mundo muito sombrio. Essas eram as pessoas que Murian lutava para proteger. As pessoas para quem ela esperava salvar Rowallen.

Tantos cuidados e preocupações, todos descansando em ombros tão delicados. Ele balançou a cabeça quando pensou no medo que ele tinha visto nos rostos das mulheres quando elas viram os homens de Max, mas elas superaram esse medo ao correr para a ruela, armas improvisadas levantadas, prontas para se protegerem. Era preciso um grande líder para inspirar um soldado a superar seu medo inato. Seria muito maior para inspirar uma aldeia inteira.

Pensamentos de Murian e seu pequeno bando haviam agitado os pensamentos de Max até que ele não conseguiu dormir. Ele sabia que não tinha sido o único afetado; aqueles de seus homens que visitaram a aldeia o encheram de perguntas durante a viagem para casa. Ele havia dito o que podia sem quebrar a confiança de Murian, e ele sentiu que, como ele, eles não estavam dispostos a deixar as coisas como estavam.

Que mulher notável. Ela tem o espírito de seu guardião, isso é certo. É dele que Murian recebeu sua bravura. Max não conhecia bem o Duque de Spencer, pois representavam países diferentes, mas eles se conheceram, conversaram e gostaram um do outro. O Leão de Ouro era um grande guerreiro, corajoso e disciplinado.

Max chegou ao fundo da escada e lançou um olhar crítico ao redor do vestíbulo. Enquanto ele gostava das vigas de madeira expostas da era elisabetana, alguns idiotas tinham depois revestido todo o vestíbulo em madeira escura e então, para adicionar insulto à injúria, penduraram armas antigas nas paredes em desenhos estravagantes. Foi ofensivo ver valiosas lanças e pistolas usadas como enfeites.

Ao caminhar em direção à sala de café da manhã, ele contou silenciosamente os lacaios que estavam presentes no vestíbulo. A maioria das famílias teria um, talvez dois posicionados nesta seção da casa. Um castelo muito maior pode ter quatro. Loudan tinha doze. *Apenas o suficiente para uma tropa. Interessante. E há tantos lacaios posicionados em todo o castelo que ninguém pode ter uma conversa privada.* A menos que eles falassem uma língua estrangeira menos conhecida.

Ele supôs que era remotamente possível que um deles conhecesse Oxenburgian, mas duvidava disso. Não era um idioma muito usado, exceto em seu próprio país. Alguém que conhecia o russo poderia entender algumas palavras semelhantes, mas isso era tudo.

Ele alcançou a sala de café da manhã exatamente quando Orlov e Pahlen saíram.

— Você come, General? — Pahlen perguntou. Aos vinte e dois anos de idade, ele era o mais novo dos homens de Max. Louro e alto, com olhos azuis penetrantes e uma leve cicatriz em uma bochecha, ele era o mais provável de ser encontrado com uma camareira. Às vezes, duas.

— Eu comi uma hora atrás, você é um vagabundo preguiçoso.

— Eles tinham comida pronta naquela hora? Além dos nossos homens, ainda tenho que ver alguém se levantar antes do meio-dia neste lugar.

— Cheguei antes dos ovos. Alguém despertou o cozinheiro, e isso logo foi corrigido.

— Chef preguiçoso, — disse Orlov, divertindo-se claramente com o pensamento de um chef sonolento cozinhar seu café da manhã.

— De fato. — Max retirou duas missivas do bolso do colete e depois falou em Oxenburgian. — Estas devem ser colocadas na carruagem do correio em Inverness.

— Você não confia na sinceridade do nosso anfitrião? — Orlov respondeu no mesmo idioma.

— Nyet, — Max disse sem rodeios. — Quem a levar deve retornar imediatamente. Eu não quero que o conde saiba que estive contornando sua postagem.

— Muito bem, General. — Orlov tomou as missivas. — Vou enviar Golovin. Seu cavalo é o melhor em longas distâncias.

— Muito bom. Eu visitarei a aldeia esta manhã. — Max olhou para o homem na sala de café da manhã. — Onde estão os outros?

— Eles esperam com os cavalos, — Orlov respondeu.

— Eles esperam? Para quê?

Orlov limpou a garganta. — General, aqueles de nós que viram a aldeia ontem, notaram que eles estão mal preparados para o inverno, que ainda assim vem.

— Nós os ajudaremos, — disse Pahlen.

Satisfeito, Max disse: — Vocês são mais do que bem-vindos para se juntarem a mim, mas eu aviso, será um trabalho árduo e haverá muitos desafios.

Orlov encolheu os ombros.

— Estamos prontos.

Um brilho malicioso acendeu os olhos de Pahlen.

— Já obtivemos uma carroça.

— Obteve?

— Essa é uma palavra para isso, — disse Pahlen, sorrindo.

Max riu.

— Muito bom. Nós precisaremos de muitos itens; a carroça será muito útil.

Orlov assentiu.

— Eu fiz perguntas e, infelizmente, não há madeireiras próximas que não sejam a serraria particular que o conde usa.

— Não nos atreveremos a usar sua serraria; ele saberá que estamos fazendo algo e ficará desconfiado.

— Assim eu pensei, também. Se precisarmos de madeira, teremos que viajar dois dias em cada sentido para buscá-la.

— Isso poderia ser um problema. — Max considerou isso. Era uma pena que não pudessem usar a serraria do conde; era justo que Loudan também

suportasse uma despesa. — Hmm. Posso ter uma solução para a madeira. O que mais precisamos?

— Gadanhos, serras, martelos - nós temos esses.

— Dá, — disse Pahlen. — Encontramos muitas ferramentas em um antigo celeiro não usado na parte de trás da propriedade do conde. Ele não sentirá falta deles.

— Então estamos preparados. Junte-se aos outros. — Caminharam em direção às largas portas e voltaram para o vestíbulo. — Vamos caçar ao longo do caminho. Vamos deixar a carne fresca na aldeia, mas trazer de volta as peles. Dessa forma, parecerá que estamos caçando em vez de...

— Pare! — A voz de Tata Natasha tocou, afiada o suficiente para cortar gelo.

Max fez uma careta.

Ela abriu caminho, uma mão firmemente agarrada sobre o corrimão, a outra segurando as saias.

— Eu tenho procurado por você. Onde você esteve?

Max voltou-se para seus homens.

— Continuem sem mim. Não será mais do que um minuto ou dois.

Assim que Orlov e Pahlen estavam fora da porta, Max cruzou o vestíbulo até sua avó, que acabara de chegar ao último degrau da escada. Vestida com seu preto habitual, um pente de ouro e esmeralda em seus cabelos, ela olhava cada um como a bruxa que desejava que os outros pensassem.

Para diversão de Max, os lacaios de libré pareciam desconfortáveis quando o olhar dela caia em sua direção. *Portanto, há um benefício a ser obtido.*

Ela marchou até Max.

— Onde você está indo?

— Fora.

Sua boca afinou.

— Isso não é resposta.

— É a única que você receberá. Eu tenho coisas para fazer, Tata Natasha. Coisas que nos ajudarão a ambos.

Seu olhar afiou e ela tomou seu braço e disse calmamente em Oxenburgian, — Você encontrou uma maneira de fazer Loudan liberar o que eu perdi?

Ele simplesmente olhou para ela.

Ela corou e soltou o braço dele.

— Eu não posso te dizer.

Ela acenou com uma mão. — Apenas vá. Faça o que quiser - seja lá o que for. Enquanto você está caçando, ou bebendo em uma taberna, ou o que quer

que você faça, eu estarei aqui, fazendo o que devo para salvar o nosso país do constrangimento.

— Salvar o nosso país? — Um lampejo de mal-estar aumentou através de Max. — O que você poderia ter perdido que poderia envergonhar todo o nosso país?

Manchas gêmeas de um rosa avermelhado surgiram em suas bochechas enrugadas.

— Você sabe o suficiente da minha tolice. Não posso te contar mais. Eu era tão tola, mas as cartas, Max, você deve saber, pensei que não poderia perder.

Ele notou um leve tremor em suas mãos quando ela apertou seu xale mais perto dela.

— Isso não é surpresa. Ouvi de uma fonte bem informada que nosso anfitrião é um trapaceiro inveterado.

— O quê? Quem lhe disse isso?

— Não importa. Mas você está em um castelo que ele ganhou em um jogo de cartas. Ele monta um garanhão que ganhou em um jogo de cartas. Pelo que pude descobrir, ele está vivendo da fortuna que ganhou nas cartas. Ele é muito cuidadoso e só joga quando há grandes somas a ganhar. Eu vejo um padrão que tem muito pouco a ver com a sorte.

— *Ty shto shoytish*! — Seus olhos se arregalaram e ela apertou uma mão na boca, seus dedos pesados com anéis que piscavam na luz. — Durante o jogo, ganhei muitas mãos seguidas. Isso deveria ter me deixado desconfiada. Mas comecei a pensar que a sorte estava comigo, que eu fui abençoada. Então eu joguei cada vez mais imprudentemente até...— Seus ombros caíram. — Eu era uma idiota.

— Nyet. Ele é muito bom em trapacear, por qualquer meio ele faz isso. E você é uma das mulheres mais inteligentes, e a mais esperta rainha cigana, que eu conheço.

Ela mostrou um olhar irritado para ele.

— Eu sou a única rainha cigana que você conhece.

— Dá. Não se preocupe. Eu estou formando um plano. Mas por enquanto, devo ir.

Ele deu-lhe um beijo rápido na bochecha e virou-se para a porta. Quando um homem de pé saltou para abri-la, ela chamou,

— Max? — ele olhou para trás. — Não deixe esse homem fugir com isso. Ele deve pagar.

— Ele deve, Tata Natasha. Ele deve.

O sono atravessou Murian, suave como seda, de maneira profunda. De alguma forma, ela não estava mais em sua aldeia, mas em um cavalo,

atravessando uma charneca pontilhada de cardos roxos. Na extremidade do campo estava uma tenda branca. Ela precisava alcançar essa tenda. Precisava descobrir quem estava lá, o que eles queriam.

Cada vez mais rápido galopava, o chão passava sob os cascos do cavalo, mas a tenda continuava estranhamente fora de alcance. Ela cavalgava com mais força, instigando o cavalo, mas a charneca se estendia mais e mais, agora entrecruzada com riachos e bordas rochosas que se alargavam, se aprofundavam e se tornavam mais perigosas. No entanto, ela cavalgou, pulando essa borda, atravessando aquele riacho, seu olhar preso na tenda branca.

Quando ela se aproximou, ela podia ver as flâmulas da tenda agitando ao vento. Nelas, um fundo roxo profundo rodeava um grande urso preto com dentes ferozes, uma sobrancelha dividida por uma cicatriz de prata. *Como o príncipe*.

Assim que ela teve o pensamento, a tenda se abriu e ele saiu segurando a rédea de um magnífico corcel preto com uma crina prateada e dourada. O principe subiu na sela e a observou se aproximar. Embora ele não falasse, ela podia ouvir sua voz em sua mente, profundamente acentuada e rica como chocolate, pedindo-lhe para se juntar a ele, para ficar com ele.

Sua urgência tornou-se dela, e ela empurrou sua égua para saltar sobre rios mais largos, o último um oceano aparente.

Ela deveria ter medo, mas nem ela nem o cavalo pararam. Com um poderoso lançamento, eles voaram... para cima e para cima e para cima. O vento soprava seu cabelo sobre o rosto, obscurecendo sua visão. Ele estava mais perto agora. Embora ela não pudesse ver, podia sentir sua presença, seu desejo.

E, de repente, sua égua tinha asas grandes e brancas. Exultando, ela se inclinou para frente, ansiosa para...

BAM!

Ofegante, ela sentou-se empertigada, afastando o cabelo dos olhos e se encontrou em sua própria cama. Tudo parecia igual à noite anterior.

— Foi apenas um sonho, — ela murmurou, seu coração ainda acelerado. Estranhamente desapontada, ela recostou-se contra seus travesseiros, a luz da manhã fluindo entre as rachaduras das persianas. Enquanto seus batimentos cardíacos voltavam a um ritmo normal, ela teve que rir de si mesma. — Uma idiota, sonhando com um príncipe. Que maluca você é.

Ela deveria se levantar; havia muito a fazer hoje. Ela e Ian deveriam ...

Bam! Bam! BAM!

Ela voltou a sentar-se. O que era isso? Soou como...

BAM! BAM! BAM! BAM! BAM!

Ela jogou as cobertas para trás e levantou-se, consciente de um número cada vez maior de vozes fora de sua casa. O que está acontecendo? Murmurando para si mesma, ela arrancou a camisola e pegou uma combinação e um vestido de onde eles ficavam pendurados sobre a tela. Momentos depois, ela colocou os pés sem meias nas botas e ainda amarrando o vestido no lugar, abriu a porta da cabana.

A pequena ruela movia-se com atividade. Em toda parte que ela olhava, havia homens. Homens grandes. Homens com ombros largos, sorrisos de dentes brancos piscando de suas barbas, e vozes profundas. Alguns estavam subindo em telhados, martelos na mão, enquanto outros removiam as persianas quebradas e as levavam para uma carroça cheia de madeira e outros materiais.

No centro dessa loucura organizada estava Max. Como os outros, ele descartou seu casaco, suas mangas de camisa enroladas para revelar antebraços poderosos. Seu cabelo preto estava despenteado pelo vento, havia uma mancha de sujeira em sua bochecha, e seu colarinho estava rasgado como se tivesse se prendido em algo carregado em seu ombro.

Ele cruzou seus braços e baixou os calcanhares, seu olhar em todos os lugares enquanto observava seus homens trabalharem. Ele falou algumas palavras para um homem ao seu lado, que instantaneamente as repetiu para outra pessoa com uma voz em expansão. Tudo o que Max desejava corrigir deve ter sido corrigido, pois depois de um momento, ele deu um aceno satisfatório e enviou o homem para ajudar alguém a remover uma persiana quebrada. Então ele foi à carroça e começou a descarregar feixes de lenhas.

A viúva Grier viu Murian e apressou-se, seu filho pequeno enrolado em cobertores e descansando no quadril.

— Och, é um milagre, milady! — O som profundo do riso de um homem subiu sobre o martelamento, e ela suspirou. — Eu senti falta do som da risada de um homem - o tipo que ele faz quando está trabalhando duro, fazendo a vida um pouco mais fácil... não acho que haja um som melhor.

— Verdade. Onde está Ian? Eu suponho que ele está ajudando com tudo isso.

— Não, milady. Ele deixou a aldeia com Will para caçar horas atrás. Eles ainda não voltaram.

— Então, quem falou ao príncipe antes de começar esse trabalho?

— Por que... Eu não acho que ele falou com ninguém. Ele e seus homens chegaram aqui há cinco minutos e foram direto ao trabalho.

O maxilar de Murian apertou. Ela estava profundamente grata pela ajuda, *mas essa era sua aldeia, droga*. Para o príncipe assumir sem pedir licença...

Ela engoliu a maldição em seus lábios. — Isso foi certamente ousado da parte deles.

As viúvas MacThune e MacDonald passaram, carregando grandes vasos de ferro. O vento puxou suas saias, sobre as quais elas usavam pesados aventais.

— Estamos preparando um almoço, — disse a Viúva MacDonald a Murian. O rosto da viúva gorda estava vermelho de carregar a panela pesada, embora seus olhos castanhos cintilassem de excitação.

A Viúva MacThune sorriu, seus dois meninos carregando cestas transbordando com batatas e nabos atrás dela.

— Veja o que o príncipe e os homens dele nos trouxeram! Tudo isso e veado fresco!

— E um par de coelhos, — a outra mulher acrescentou sobre o ombro quando elas seguiram em frente. — Vamos ter carne novamente milady!

Com os olhos cintilantes, a viúva Grier virou-se para Murian.

— Eu vou buscar um pouco de água no caso de alguém ter sede.

— Essa é uma excelente idéia, — Murian concordou, a visão da comida esvaziando sua crescente irritação.

Com uma onda, a Viúva Grier apressou-se a encher um balde com água e carregá-lo da fonte para o local de trabalho.

Múrian voltou para sua casa e pegou seu manto. Quando ela voltou, a Viúva Reeves estava correndo pelo meio da rua, uma cesta de roupa molhada no quadril. Ela franziu o cenho para os homens que estavam subindo no telhado, arrancando pedaços de ardósia quebrados e jogando-os no chão.

Múrian juntou-se à viúva. — É surpreendente, não é?

— Estou profundamente agradecida por você ter escolhido minha cabana para um reparo, moça, mas eles vão quebrar o gesso e toda a casa será preenchida com isso. Se eu soubesse que eles viriam, eu poderia ter colocado lençois sobre o mobiliário.

— Não lhes dei permissão. Eles apenas apareceram e fizeram isso.

— Vou pedir-lhes para parar até eu conseguir preparar a casa. — A viúva correu pela rua. Uma vez que ela chegou, ela gritou para os homens no telhado e depois entrou em sua casa. Um momento depois, ela saiu, segurando os pedaços de uma xícara de chá na mão.

Múrian viu o tremor na boca da viúva Reeves enquanto olhava para a xícara de chá quebrada, e deu um passo em direção a ela, mas a viúva Grier estava mais perto. Em um momento, elas estavam lado a lado, olhando o dano.

Isso foi demais. Murian girou em seus calcanhares e encontrou Max no outro lado da rua, conversando com alguns de seus homens.

Ela marchou.

— Max!

Ele se virou e sua expressão se aqueceu quando ele se desculpou com seus homens.

— Bem, — ele disse com um sorriso quando se juntou a ela. — Não te surpreendi?

— Och, fiquei surpresa, está certo. Muito surpresa para colocar em palavras.

Seu sorriso desapareceu um pouco. — Isso não soa como uma boa surpresa.

— Não é.

Max seguiu o olhar de Murian para onde a Viúva Reeves estava agarrando o que parecia ser uma cerâmica quebrada. A viúva limpou uma lágrima de sua bochecha.

— O que aconteceu? — Max perguntou.

— Alguém invadiu a aldeia e começou a trabalhar no telhado sem deixá-la saber. Estas são casas antigas, Max. Quando você bate no telhado, quebra o gesso e os detritos caem dentro da casa.

— Oh. — Ele não tinha pensado nisso.

— Aparentemente, uma das xícaras de chá da Viúva Reeves foi derrubada e uma delas quebrada.

— Vou comprar uma nova, — ele disse imediatamente.

— O conjunto era de sua mãe. Você não pode comprar uma nova.

Max observou enquanto pressionava os lábios em uma linha reta, lutando para encontrar as palavras. — Esta é a nossa aldeia, Max. E embora realmente aprecie sua ajuda, você deveria ter perguntado primeiro.

— Você não quer o seu…

— O conjunto de chá precioso da Viúva Reeves, o único que ela tem de sua mãe, foi arruinado por alguns momentos de pressa desnecessária. — Ela pegou sua expressão e disse com menos calor — Seu coração está no lugar certo, mas deviamos ter falado sobre isso, para que todos se preparassem. Elas têm tão poucas coisas preciosas, mesmo a perda de uma só é difícil. E este lugar, esfarrapado como pode parecer para você, foi a nossa casa durante o último ano e meio. Nós merecemos saber o que acontece aqui.

Max olhou para ela na aldeia onde seus homens trabalhavam, e de repente ele viu através de seus olhos. Quem era ele para adentrar em sua aldeia como um cavaleiro arrogante em um cavalo branco e, sem consultar a ela ou a ninguém, consertar tudo à vista? *Droga, eu sou tão autoritário quanto Tata Natasha.*

— Eu deveria ter perguntado. Desculpe-me.

Surpresa cruzou seu rosto, seguido de um sorriso rápido.

— Obrigada. E me desculpe se não pareço grata, mas você deveria ter falado comigo primeiro. Eu estava profundamente adormecida e despertei para encontrar minha aldeia invadida pelos cossacos.

— Cossacos? Nyet! Nossos uniformes são muito mais bonitos do que os deles.

Murian escondeu um sorriso em seu olhar ultrajado. Os uniformes de Oxenburg eram bastante impressionantes, com seus casacos vermelhos e trança dourada. Mas ela gostou do que ele usava agora, ainda mais, uma simples camisa branca enfiada em calças e botas pretas. Ela gostava de como as calças se agarravam às coxas e...

Ele murmurou algo em voz baixa, agarrou-lhe o cotovelo e conduziu-a para os estábulos.

— Para onde vamos?

— Eu gostaria de fazer uma pergunta para os seus ouvidos e nenhum outro.

Eles chegaram aos estábulos e entraram em sua penumbra, o sol da manhã bloqueado pela porta grande. Max liberou-a então, sua expressão séria.

— Sim? — Murian perguntou, sabendo que agora estavam sozinhos. Eles estiveram sozinhos ontem e, exceto por alguns momentos estranhos, ela não se importou. Mas agora, as coisas pareciam... diferentes.

Max colocou a mão sob o queixo e gentilmente inclinou o rosto para o dele.

— Você tem olhos muito expressivos. Eles me contam tudo. Eles me contam quando você está chateada. Eles me contam quando você está preocupada. E... — seu olhar caiu em sua boca — eles me dizem quando você quer um beijo.

Ela olhou para ele.

— Quando eu... Não, eu não quero um beijo. — Mas no segundo que as palavras deixaram seus lábios, ela sabia que ela mentia.

Ela queria um beijo.

E de frente para ele, seu amplo peito tão perto do dela, sua mão quente ainda sob o queixo, ela queria muito.

— Já hoje, eu tive problemas por não pedir permissão. Para não ter problemas novamente, não vou te beijar a menos que você diga que posso. Então, eu pergunto. Posso te beijar?

— E se eu disser não? — Sua voz soou rouca.

Ele passou um braço em torno de sua cintura, puxando-a para ele. No instante em que seu corpo se derreteu contra o dele, sua pele arrepiou toda, cada pedaço vivo dela em uma onda inconfundível de desejo.

Ela não conseguia desviar o olhar de seus olhos verdes, emoldurados tão sedutoramente por grossos cílios negros, e ela queria beijá-lo não uma vez, mas repetidamente. Ela queria provar a boca dele, capturar a respiração dele, sentir as mãos dele sobre o corpo dela. Ela segurou um gemido. Fazia tanto tempo desde que ela sentiu tão desejo, tanto tempo desde que ela queria tanto a alguém.

Seus lábios pairaram a uma mera respiração dela. — Diga, — ele sussurrou. — Diga que você deseja que eu a beije.

— Sim, — ela respirou. — Por favor...

Max capturou sua boca com a dele, levantando-a para ele. Esta era uma mulher que vale a pena provar, vale a pena lutar, vale a pena cuidar de telhados, vale a pena arriscar sua vida. E Deus o ajudasse, ela beijava com a mesma paixão ardente que ela lutava, sua língua pressionando seus lábios, provocando-o, prometendo mais delícias, suas mãos agarrando, puxando, acariciando. Ele sentia como se fosse explodir pelas sensações que ela havia causado.

Um beijo não era suficiente para nenhum deles, e por um segundo selvagem, ele temia que com ela nunca fosse suficiente. Incapaz de parar, ele agarrou seu traseiro firme e a ergueu, ainda a beijando enquanto a levava para uma baia cheia de feno fresco. Lá, ele a empurrou contra a porta, segurando-a forte. Seus braços se entrelaçaram sobre seu pescoço, ela ergueu as pernas e apertou-as sobre sua cintura, aproximando-o. Através das camadas de roupa, ele pressionou seu desejo para ela, seu corpo estava incandescente por ela. Beijo após beijo, fogo com fogo, eles se contorciam um contra o outro, isolados apenas por suas roupas.

Apenas quando ele pensou que não poderia suportar mais, ela quebrou o beijo, jogando a cabeça para trás, ofegantemente. Ele não conseguiu resistir à linha graciosa de seu pescoço, então ele seguiu dando beijos para cima e para baixo, pressionando seu membro contra ela.

— Max, — ela gemeu, suas mãos se afundando em seus cabelos. — Nós não podemos... aqui não. Eles vão... Alguém nos verá.

Ela mal sussurrou as palavras, lamentou em cada uma delas. Mas ele a ouviu e sabia que estava certa. Ele tomou toda grama de autocontrole que ele tinha, parou de beijá-la e, lentamente, muito lentamente, permitiu que seus pés deslizassem para o chão.

Por um longo momento eles ficaram ali, sua testa contra a dela, suas respirações ainda se misturavam, os seus batimentos cardíacos correndo no tempo.

Finalmente, ele respirou profundamente e puxou-a para ele mais uma vez, enterrando o rosto na seda selvagem do cabelo dela. Grande parte de sua trança se soltou e os cachos se agarraram a ele, como se para segurá-lo ali.

Sua virilha doía agora, mas ele se forçou a ignorá-la. Quando ele conseguiu falar, levantou a cabeça.

— Dorogaya moya, esse beijo... — Ele não conseguiu encontrar palavras.

Ela riu, o som rouco e surpreendente. — Isso foi mais do que um beijo. Eu... Desculpe-me se eu o choquei. Faz muito tempo que... — Suas bochechas estavam tão vermelhas quanto seus cabelos.

Ele segurou suas bochechas quentes e beijou seu nariz.

— Para mim também. Você não me chocou. Você me excitou muito, muito.

— Bem..., bom, então. — Ela molhou os lábios, o que o agitou de novo. — Estou feliz por estar tão entusiasmado também.

— Ainda estou entusiasmado.

Ela olhou para baixo.

— Então, eu vejo.

Ele riu.

— Eu vou ter que ficar aqui por um tempo antes de voltar ao trabalho. — Seu sorriso deslizou. — Se você desejar que eu volte ao trabalho. Murian, não tencionava passar por cima de você e de seus aldeões. Eu vi uma necessidade, e pensei em agradá-la ao abordá-lo. Suponho que eu fui general demais.

— Hmmmm. Eu ouço que eles podem ser muito rudes.

Seus lábios se curvaram.

— Você ouviu direito. Mas eu deveria ter falado com você e com os outros primeiro.

Ela passou a mão sobre o queixo, sorrindo quando ele pegou sua mão e beijou seus dedos.

— Você é muito gentil e não posso agradecer o suficiente por querer ajudar.

— Então, devemos continuar com a cabana da Viúva Reeves?

— Claro. Mas você deve ajudá-la a mudar suas coisas para algum lugar seguro. Eu sugeriria que o próximo endereço fosse a cabana da viúva Brodie. Sempre que chove, baldes de água escorrem pela chaminé.

— Isso é bom saber. Algo mais?

Ela contou-lhe a condição das várias cabanas, e quais reparos precisavam ser feitos nelas. Ele ofereceu sugestões sobre o que devia ser feito em primeiro lugar, e como tornar mais confortável cada cabana para o inverno.

— Você sabe muito sobre reparos, — observou Murian.

— Um exército viaja de cidade em cidade, aldeia em aldeia e você deve fazer o melhor de qualquer alojamento que você receber. Às vezes você recebe

uma casa, às vezes um celeiro, e às vezes uma barraca em um campo. Se você não sabe como fazer reparos básicos, pode despertar com água pingando na sua testa.

— Ah. Eu não tinha pensado nisso. — Ela se inclinou contra ele, tocando um dos botões de sua camisa, mergulhando em seu calor. — Eu estava-me perguntando sobre algo.

— Sim? — Ele tirou um cacho de sua bochecha, seus dedos quentes em sua pele.

— Onde você pegou a madeira? A carroça está cheia, mas não há serraria por milhas, exceto a de Loudan. — Uma sensação de afundamento atingiu seu estômago. — Você não conseguiu de lá, não é? Se você fez, ele será informado, e não vai demorar muito para perceber...

— É de Loudan, dá, mas não de sua serraria. Agora você pode ter melhores telhados, melhores portas e... — Ele franziu a testa. — Como você os chama? Nas janelas?

— Persianas.

— Persianas, — ele repetiu. — Muitas foram quebradas e não fecham.

— Mas a madeira, — ela repetiu. — Como pode ser de Loudan se não é da sua serraria?

— Você não vai descansar até eu dizer, eh?

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Teimosa, como uma Romani. Tudo bem, eu vou te dizer. É do celeiro do conde.

Um olhar confuso cruzou seu rosto.

— Por que Loudan tem tanta madeira em seu celeiro?

— Não, não. Não estava dentro do celeiro. Esta madeira era do celeiro.

Ela ficou boquiaberta, e depois ofegou em uma risada.

— Você se apropriou do celeiro do conde? Tudo isso?

— Nyet. Apenas uma parte de trás. Mas, como precisamos de mais tábuas, vamos pegar mais.

— Ele não vai notar?

— Loudan tem muitos celeiros e nunca vai sentir falta da parede de trás deste, que está longe do castelo. É muito antigo e usado para armazenar coisas esquecidas.

Ela só podia balançar a cabeça.

— Um cavalariço nos notou, quando pegamos ferramentas, pois estas são armazenadas nos celeiros principais e galpões. Ele começou a dizer algo, mas Orlov rosnou com ele.

— Rosnou? Como um cachorro?

Max franziu a testa.

— Nyet! Orlov tem um bom rosnado. Como um urso.

Ela riu, suave e feliz, e foi tudo o que Max pôde fazer para não arrastá-la para os seus braços para outro beijo.

— Oh, Max. Obrigada. Obrigada por vir hoje, por ajudar a reparar as cabanas.

Ele não poderia ter ficado mais satisfeito do que se tivesse vencido uma guerra inteira.

— Levará mais de um dia, é claro, mas temos mais tempo e estamos felizes em fazê-lo. Este trabalho é bom para meus homens. Eles estão acostumados a uma existência mais física do que as ofertas do castelo.

— Você não gosta de ir à caça?

— Em Oxenburg, não caçamos raposas. Nós caçamos lobos. Eles são muito mais astutos, mais fortes e muito mais perigosos. Meus homens estão acostumados a ser desafiados, e temo que eles fiquem gordos e preguiçosos no Castelo de Rowallen. — Ele olhou para ela com um olhar contemplativo. — Estamos felizes agora, nyet?

— Dá, — ela respondeu, provocando.

Ele alcançou e capturou um fio de cabelo, puxando-o gentilmente.

— Você me lembra da minha avó.

— Isso é uma coisa boa?

— Ah, sim. Ela é uma mulher forte. Ela nunca desiste, e ela nunca hesita em dizer a um homem quando ele está errado.

O rosto de Murian corou, e ela colocou o rosto em sua mão, onde seus dedos quentes roçaram sua bochecha. O que tinha esse homem que a fazia sentir assim... Ela não sabia o que era esse sentimento. Era desejo, curiosidade... e algo mais.

Max inclinou o rosto até que seus olhos encontraram os dele.

— Bem? Você aceita este presente do conde?

— Se vai irritar Loudan, é claro que vou aceitar. Mas se ele descobrir, ele ficará muito bravo.

— Ele merece isso e muito mais. Considero que é um pagamento por ter que suportar sua pessoa intolerável. Todas as noites na mesa de jantar, eu devo ouvir esse asno a felicitar-se por suas falsas realizações. — Max observou-a antes de dar um passo relutante. — Suponho que eu deveria voltar ao trabalho, a menos que você deseje outro beijo.

Ela molhou seus lábios, lutando contra um impulso selvagem para exigir mais, vários mais. Mas eles tinham que se lembrar de onde estavam.

— Não agora.

Sua voz soou mais rouca do que ela pretendia, e seu olhar instantaneamente escureceu. Ele deu um passo em direção a ela, mas rapidamente se afastou, saindo do celeiro e voltou ao sol.

— Há muitas pessoas por aí. — Isso, e ela não estava certa de que seria capaz de parar na próxima vez. Ela pensou neles na baia, como ela tinha envolvido suas pernas sobre ele, e como ela sentiu sua dureza através de seu vestido. Tinha ficado louca, mas não podia se arrepender nem um segundo; ela gostou muito de tudo.

Max ficou em pé ao lado dela, sob os raios do sol.

— Você está certa, há muitas pessoas. — Ele baixou a voz — Mas saiba disso: eu vou te beijar novamente.

Ela teve um arrepio, sua garganta tão apertada que não conseguiu engolir.

— Eu espero que sim.

As palavras tinham sido tão fáceis de dizer, mas agora elas estavam penduradas entre eles, com um forte significado.

Max inclinou-se para a frente, sua expressão decidida.

— *Dorogaya moya*, você e eu...

— General! — Um dos homens do príncipe apressou-se.

Max fechou os olhos, respirando profundamente antes de se virar para o homem.

— Dá, Orlov?

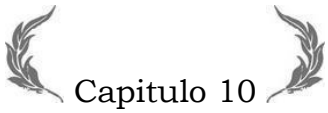
Aparentemente inconsciente de que interrompeu qualquer coisa, o homem se curvou para Murian e depois lançou várias frases para o príncipe.

Max respondeu em tom breve. Assim que o homem saiu, Max virou-se para Murian.

— Desculpe pela interrupção. Orlov encontrou um pouco de ardósia no córrego que fará bons degraus ao redor do poço. Está molhado lá, e muito lamacento.

— Essa é uma boa idéia. Devemos nos juntar aos outros. Temos um dia atarefado à nossa frente.

Ele sorriu, e por um momento, ela pensou que ele poderia dizer algo mais... mas depois com um sorriso caloroso que prometia muito, ele saiu. Murian observou-o ir em direção à cabana da Viúva Reeves. Com nada mais para fazer, ela foi encontrar a Viúva MacDonald para ajudar a preparar o almoço.



Capitulo 10

Murian empilhou mais duas persianas quebradas sobre uma pilha. As luvas grossas de lã que ela usava fazia o trabalho mais lento do que ela gostaria, mas o vento gelado a impediu de tirá-las. Quando se inclinou para pegar mais persianas, o vento puxou o capuz, fazendo-a tremer. Era uma manhã fria e triste, com nuvens cinzentas que rolavam sobre a cabeça e o sabor da neve no ar.

Uma neve pesada e úmida, se alguém fosse pelo joelho dolorido da Viúva Reeves. Murian endireitou-se e esfregou suas costas rígidas, olhando ao redor da aldeia com satisfação. A pequena rua movia-se com energia, todos se apressando a fazer o máximo que pudessem antes do tempo chegar. Todos, exceto Max, que fora obrigado a permanecer no castelo nesta manhã para atender à sua avó. Orlov disse que o príncipe andou numa linha fina, ajudando com os reparos, e, também, se fazendo bastante visível no castelo todos os dias para evitar que o conde desconfiasse. Loudan aparentemente considera os homens de Max sem importância socialmente, e nunca os indagou, não importa quantas refeições faltassem.

Ela recolheu mais persianas quebradas e as levou para a pilha, agradecendo que seu povo ficasse mais quente durante esta neve. Muitas coisas foram realizadas nos últimos cinco dias, graças ao príncipe e seus homens. Todas as manhãs, uma carroça cheia de tábuas de comprimentos variados era puxada para a aldeia, e todas as tardes uma carroça vazia era puxada para fora. Na maioria das vezes, os homens do príncipe caçavam ao longo do caminho, então a carne fresca agora era tão abundante que Murian planejava defumar algumas para seus armazéns de inverno.

Quando um grito alegre surgiu, ela olhou para cima para ver Max andando na aldeia, vestido com seu elegante uniforme vermelho e parecendo tão confortável em seu cavalo que ele parecia parte disso.

Os homens sorriram e acenaram. Orlov e Golovin derrubaram suas ferramentas e apressaram-se para Max, ambos falando ao mesmo tempo.

Tantas demandas por sua atenção – ainda assim quando ele desceu do cavalo, olhou em volta até encontrá-la. Os olhares ficaram presos e Max sorriu, um sorriso quieto e único que fez seu coração acelerar.

Ela se viu sorrindo de volta. Ela estava pensando se deveria ir ao encontro dele quando Orlov chamou a atenção de Max para o telhado da Viúva Brodie.

Momentos depois, Max tirou o pesado sobretudo e juntou-se aos homens que trabalhavam lá.

Ela observou por um tempo mais, mas então percebeu o quão tola ela estava sendo, olhando para Max enquanto todos trabalhavam. Ela olhou em volta furtivamente e ficou feliz que ninguém parecia ter notado, então voltou para as persianas. Demoraria um pouco até que Max estivesse livre para falar com ela, ou com qualquer outra pessoa.

Esta semana foi muito frustrante. Ela e Max se viam todos os dias, mas só podiam se falar raramente, geralmente por pouco tempo, e nunca sem interrupção. Se não eram seus homens que vinham fazer perguntas ou contar a ele sobre alguma realização, eram seus aldeões fazendo o mesmo com ela.

É ridículo, pensou, lançando algumas persianas na pilha com mais força do que o necessário. *É como se tivéssemos trinta e poucos filhos, e eles não nos dessem um momento a sós.*

Ainda assim, mesmo com tantos acompanhantes desavisados, ela e Max conseguiram escapar por alguns momentos sozinhos, momentos que a deixaram tremendo de desejo e doendo de paixão sem resposta. Se ele fosse tão bom amante quanto era beijando...

Um rubor a aqueceu da cabeça aos pés. *Devo parar de pensar assim, ou o vapor vai se erguer da minha pele.*

Mas quanto mais o beijava, mais o queria. Especialmente profundos, selvagens, mal contidos beijos apaixonados que deixavam uma mulher ofegante e fraca dos joelhos. Ela não se sentia assim desde... bem, sempre, de verdade. Ela se perguntou se ela estava sendo injusta com a lembrança de Robert, mas não podia comparar a garota extremamente jovem e inocente que chegou ao Castelo de Rowallen e se casara com um igualmente jovem e inocente Robert Muir, com a mulher que ela era hoje.

A vida abreviou seu tempo com Robert, jogando-a no chão e sobrecarregando-a com a responsabilidade de toda uma aldeia. Ela não podia se distrair com alguns beijos de um belo estranho.

— Bom dia, milady! — a Viúva MacCrae e sua filha passaram, soprando respirações geladas enquanto carregavam um pesado balde de pregos. Elas sorriram para ela, suas bochechas vermelhas do frio.

— Bom dia. — Murian sorriu em troca. — Espero que sua cabana esteja mais quente com os reparos que foram feitos.

— Eu também espero, — respondeu a Viúva MacCrae. — O joelho da Viúva Reeves está doendo 'algo feroz' esta manhã, então será uma neve profunda.

— Sim, um dia de muita neve, — Murian concordou. — Tenha cuidado no caminho. Está escorregadio.

— Nós vamos, milady, — a Viúva MacCrae falou por cima do ombro.

Murian observou-as carregar o balde para sua cabana. Lá, um dos homens de Max, ela pensou que seu nome era Pahlen, estava no telhado. Um homem grande e corpulento estava vestido com um casaco, chapéu e botas cobertas de peles. Deve ser mais frio em Oxenburg do que aqui, pois todos os soldados tinham essas roupas. Certamente, nenhum deles parecia sentir o frio do jeito que o resto deles fazia.

Pahlen removeu uma peça de ardósia quebrada do telhado e jogou-a para trás da casa em uma pilha em crescimento. Will viria mais tarde com um carrinho e levaria os detritos para os estábulos, onde eles esmagariam as peças em cascalho para pavimentar o pátio em frente aos estábulos.

Quando a Viúva MacCrae e sua filha pousaram o balde de pregos, Pahlen prendeu o martelo no cinto e desceu a escada. Ele cumprimentou Leslie e sua menina com uma observação provocadora que as deixou sorrindo timidamente. Ainda falando, ele pegou um punhado de pregos e os deixou cair em uma bolsa de couro pendurado na cintura. Então, com o que parecia ser a maior facilidade, ele pegou quatro tábuas pesadas e, se equilibrando sem esforço na escada estreita, subiu ao telhado. Ele colocou as tábuas para baixo, colocando-as contra a chaminé e depois se inclinou para dizer algo à Viúva MacCrae. Um momento depois, Murian ouviu o riso da viúva enquanto flutuava no vento, o seguinte da filha.

— É um gosto ouvir isso, — disse Ian, de onde ele fez uma pausa ao seu lado. Ele descansou seu carrinho de areia, seu olhar nas MacCraes. — Eu já ouvi mais risada nos últimos cinco dias do que nos últimos três meses.

— Acho que as mulheres sentiram falta de uma presença masculina. — Rapidamente acrescentou — Não é que você e Will não são...

— Calma, moça. — Ian riu. — Eu sei o que você quis dizer. Eu penso em todas vocês como minhas filhas.

— E Will é como um filho para você, então?

Seu sorriso desapareceu quando ele considerava Will, que estava encostado ao celeiro, os braços cruzados, observando sombriamente o trabalho feito no telhado da Viúva MacThune.

— Ele não queria que eu o chamasse de filho, moça. Mas eu vou dizer que ele estaria muito melhor se tivesse sido castigado com mais freqüência quando era criança.

— Robert disse que ele costumava ser próximo de Will, mas quando cheguei a Rowallen, eles não podiam falar sem discutir.

— Sim, eles foram como irmãos uma vez. O velho laird os tratou de forma igual, ele o fez. Mas depois de sua morte, Robert decidiu que era melhor fazê-lo lembrar seus lugares. Ele não gostou disso.

— Não tenho certeza de que eu o culpo, — respondeu Murian. — Eu meio que esperava que Robert banisse o rapaz, pois parecia determinado a cutucar Robert a todo o momento, enquanto Robert nunca perdeu a oportunidade de depreciar Will. Mas porque Will ficaria bravo agora?

— Ele desejava subir nos telhados, mas o príncipe lhe disse que não – que seria melhor deixar seus homens, pois eles tinham botas com solas feitas para segurar superfícies lisas. Você viu suas botas? Há pequenos pregos nas solas. Nunca vi tais coisas.

— Isso explica porque eles andam tão facilmente nos telhados.

— Sim. Então, agora, o rapaz está amuado. — Ian viu Will chutar uma pedra perto de seu pé. — De qualquer forma, ele não tem ocupação no teto. Ele é desajeitado e mal consegue atravessar o chão quando está nevando.

Murian fechou os olhos rapidamente.

— E eu suponho que você tenha dito isso a Will?

— Sim, que não era o que ele queria ouvir.

— Pobre Will. — Desde que Robert nunca teve qualquer paciência com Will, ela se esforçou para ser gentil com ele, e talvez o tenha estragado um pouco. Ela se perguntou agora se ela piorou as coisas. — Ele é um adulto, e devemos dar-lhe mais responsabilidades. Deixe-o ser o homem de sua própria casa, pelo menos.

Ian inclinou-lhe um olhar, parecendo repentinamente desconfortável.

— Ele pode estar crescendo em idade, não em sabedoria.

— Ele merece uma oportunidade, Ian.

— A vida não é sempre justa, moça. Mas talvez você esteja certa. Se isso o tornará menos temperamental, não pode ser uma má idéia. — Ele agarrou as alças do carrinho de mão. — É melhor levar essa areia para o poço. Estamos colocando algumas lajes de pedra para reforçar a parede onde estava desmoronando. — Enquanto ele falava, alguém chamou seu nome e ele seguiu seu caminho.

Murian o observou ir, seu olhar passando para outras cabanas onde o trabalho estava sendo feito, alguns pelos homens do príncipe, alguns por suas viúvas, as crianças mais velhas se juntando. As persianas estavam sendo anexadas a novos caixilhos de janelas, portas de madeira sólida que substituíam as com podridão, fendas de barro com rachaduras abertas.

Eles fizeram um bom começo, e ela ficou orgulhosa de como todos trabalharam juntos. Quando Max pediu a ela para fazer uma lista de suas necessidades mais prementes, ela, Ian e a Viúva Reeves juntaram a cabeça e fizeram isso. E agora, aquelas cabanas estavam sendo vistas.

Múrian encontrou-se olhando Max novamente, onde ele estava na cabana da Viúva Brodie. De todas as cabanas, a dela precisava da maior parte do

trabalho. Era a maior, e com cinco garotos barulhentos, ela precisava do espaço. Mas o telhado era mais íngreme e mais dado a vazamentos, a chaminé tinha sido feita muito rasa e espelia fumaça, as janelas estavam horrivelmente tortuosas, e a porta era tão pequena que até a viúva tinha que se abaixar para entrar, e ela era uma mulher baixa, mais redonda do que alta.

Agora, Piotr Orlov estava em um barril ao lado da cabana. Vestido com os pés de lã e pêlo, ergueu duas tábuas longas. No topo da porta estava Max, com os pés plantados sobre a superfície inclinada. Murian observou enquanto ele se abaixava, agarrou as tábuas e as puxou para o telhado.

Ele falou algo para Orlov, e o sargento se virou para entregar uma pequena bolsa de pregos. Mais dois homens do príncipe trouxeram uma carga pesada de tábuas, que eles colocaram no chão perto da parede, e então eles ficaram de pé, observando o trabalho. Depois de um momento, um deles chamou Max, apontando como se estivesse fazendo uma sugestão sobre a chaminé.

Outros líderes talvez não ouvissem os conselhos daqueles que o seguiam, mas Max ouviu e até fez várias perguntas. Finalmente, ele acenou com a cabeça e depois pegou uma das placas que Orlov entregou antes e caminhou pelo telhado íngreme, com o cuidado de colocar o peso nas vigas e não entre elas. Murian teve que admirar seu caminhar seguro, pois ele não hesitou uma só vez, seus movimentos premeditados.

Tudo o que Max fez, ele fez com calma decisão, como se ele soubesse as respostas que todos os outros apenas adivinhavam. Isso poderia incomodá-la, mas ela percebeu que Spencer gostaria dele; eles eram do mesmo gênero.

Max chegou ao local, colocou a tábua e depois se apoiou contra a chaminé para martelar a peça no lugar. Quando terminou, ele se abaixou para ver sua obra. Então, aparentemente satisfeito, ele voltou para a escada.

Orlov disse algo para ele quando ele se aproximou, e o que Max respondeu fez Orlov sair, enquanto os outros homens rugiam de riso.

Os olhos de Max enrugaram enquanto ele sorria. Ela foi levada pela forma como ele sorriu. Uma alegria na vida, como se ele saboreasse cada momento. Fosse o que fosse, ela respondeu, e isso a fez sentir quente e fria, quase como se...

— Seus olhos vão cair da sua cabeça.

A Viúva Reeves ficou ao lado de Murian, seu olhar em Max também. — Não, isso não valeria a pena.

O rosto de Murian corou. — Bom Dia. Eu não a vi.

— Isso porque você estava ocupada dando uma olhada. — A Viúva Reeves viu Max subir a escada. — E um olhar tão agradável que eu não consigo imaginar.

— Não, eu... eu pensei que havia uma rachadura na janela da Viúva Brodie. Então eu decidi que era apenas o modo como a luz bateu, então não havia problema.

— Claro que você não estava olhando para o bonito príncipe, — disse a Viúva Reeves calmamente, abrindo um sorriso. — Você estava apenas contando as folhas nas árvores. Inocente como um cordeiro, você é.

— Algo assim, — Murian murmurou.

A Viúva Reeves riu.

— Moça, você deveria estar cega para não notar um homem como esse. E não é apenas o príncipe. — Seu olhar repousou sobre o grupo de homens que estavam no pé da escada. — Eu não sei o que eles bebem em Oxenburg, mas eles parecem ter mais do que sua parte justa de garotos bonitos.

Murian não poderia ter concordado mais.

— Assim parece.

— Foi um sopro de ar fresco ter o príncipe e seus homens conosco, não foi?

— Eles foram muito úteis.

— E gentis. — A Viúva Reeves olhou de lado para ela. — Eu não me importaria de flertar com um homem como o príncipe.

— A...— Murian piscou. Ela estava pensando o mesmo. Talvez fosse uma coisa normal se perguntar, nessa altura. — Você faria, então?

— Eu faria o quê, milady?

—Flertaria com um dos homens do príncipe? Quero dizer, se a oportunidade surgisse.

— Oh, na verdade, eu faria. — A viúva Reeves enviou um olhar malicioso para Murian. — Especialmente se eu fosse mais jovem. E talvez uma lady. E eu conhecesse um príncipe bonito.

Murian curvou uma sobrancelha para a Viúva Reeves.

— Você está sugerindo que eu tenha um flerte com o príncipe?

— Tenho certeza de que ninguém se perguntará se você fez. Na verdade, alguns de nós podem dizer que você deve se divertir um pouco.

O olhar de Murian encontrou o príncipe e ela o observou por um momento, alguns pensamentos bastante surpreendentes correndo por sua mente.

— Não tenho certeza de que um flerte seja o melhor.

— E por que não?

— Eu não preciso de complicação.

— O que é tão complicado em um flerte? Especialmente quando um de vocês estará indo embora logo. Torna-o ainda mais perfeito, você já sabe como é o fim, então não há nenhum barulho e ninguém se machuca. — Ela deu de

ombros. — Eu pensei em flertar com o senhor Golovin, eu mesma. Ele não é muito para olhar, toda a barba e sobrancelhas grossas, mas acho que ele…

— Aí está você! — A Viúva Brodie apareceu. Uma mulher carrancuda, ela era conhecida por seus modos rabugentos, embora todos soubessem que seu coração era ouro.

— Lady Murian e eu estávamos dizendo que é uma ótima equipe que está trabalhando na sua cabana, — disse a Viúva Reeves.

A viúva Brodie fungou.

— Sim, se você não precisa de paz e tranquilidade. Eu nunca ouvi tantas batidas e barulho. Estão tentando acordar os mortos!

— Eles fazem bem para a vista, — a Viúva Reeves retornou. — Homens adoráveis, todos eles.

A Viúva Brodie não estava de acordo, mas ainda acrescentou.

— Eles martelaram em meu telhado até que a lama começou a cair nas fendas em minha porta.

— Isso pode ser consertado, — disse Murian. — Eu vou passar mais tarde e nós vamos cuidar disso.

— Humph, — era tudo que a viúva diria.

— Iona, — a Viúva Reeves disse com um tom exasperado, — pelo menos você percebeu que eles estiveram falando inglês, e não o idioma deles? O príncipe disse-lhes que seria rude.

— Ele? Ele é bom, suponho. Ele também disse a eles para lembrar que havia senhoras perto, e para não praguejar. — A viúva Brodie esfregou o nariz arrebitado, um brilho nos olhos, embora não sorrisse. — O príncipe não conheceu a viúva MacDonald ainda, ou ele não teria dito que há mulheres presentes.

A Viúva Reeves riu.

— Ela é uma… Och! — Seu olhar fechou a rua. — Quem poderia ser?

Murian seguiu o olhar da Viúva Reeves para ver um cavaleiro se aproximando. Por um momento horrível, ela pensou que talvez fossem descobertos, mas então Orlov entrou na rua e acenou ao homem.

— Deve ser um dos homens do príncipe, — disse ela, aliviada.

O homem desmontou e amarrou seu cavalo ao lado de uma carroça, e seguiu o caminho para o príncipe, que agora estava descendo do telhado.

O recém-chegado falou com Max que assentiu, e depois falou rapidamente como se estivesse dando ordens. Assim que ele terminou, o recém-chegado fez continência, saltou de volta para a sela e partiu.

Max entregou seu martelo para Orlov e apontou para a escada, e então começou a andar na direção de Murian.

Um rubor correu através dela e ela puxou seu manto para mais perto. Seu cabelo emaranhado pelo vento devia parecer um ninho de pássaros, mas havia pouco que poderia fazer sobre isso agora.

— Parece que o príncipe quer uma palavra com você, milady. Venha, Iona. — A Viúva Reeves uniu os braços com a Viúva Brodie. — Eu poderia ouvir uma opinião sobre o ensopado de carne de veado que eu estou fazendo. Pode precisar de um pouco mais de pimenta.

Incapaz de resistir à atração do guisado de veado, a Viúva Brodie permitiu-se ser levada embora.

Determinada a não parecer muito interessada com a abordagem do príncipe, Murian retomou a coleta das persianas quebradas para a crescente pilha.

Max viu Murian trabalhar. Ela era uma beleza, a sereia de cabelos vermelhos empilhava persianas quebradas em uma rua enlameada. Ele gostava que ela não fosse o tipo de beleza de estufa, com pele pálida e mãos delicadas, muito frágeis para aproveitar a vida. Suas mãos eram graciosamente feitas, mas tinham força. Ela conhecia o trabalho duro, e ela se atirava em qualquer tarefa diante dela com dedicação e paixão que ele admirava.

Ela jogou uma braçada de madeira quebrada na pilha, o capuz levantado pelo vento. Seu cabelo, selvagem e teimoso, dançava sobre seu rosto, acariciando suas bochechas cor-de-rosa, seus lábios cheios, e se enroscando com seus cílios grossos.

Ela afastou o cabelo, colocando-o atrás de uma orelha em um gesto tão praticado que ela provavelmente nem percebeu que estava fazendo isso. Nesta aldeia de lama negra, cabanas desgastadas e madeira podre, ela era um farol ardente de beleza. Apenas vendo seus lábios se curvar em um sorriso simples, Max ansiou por ela.

Que sorriso ela tem. Quando ele chegou pela primeira vez na aldeia, ele a procurou e ela acendeu-se como uma chama tocada em um candelabro, e ele desejava aquecer as mãos sobre ela. Mas depois do segundo momento, sua expressão se fechou e ela voltou para sua tarefa, trancada atrás dos muros apressadamente construídos.

Ele parou na cerca do quintal onde ela trabalhava e se inclinou contra ela.

— Bom dia!

Ela se endireitou e ofereceu um sorriso educado.

— Bom Dia. Eu vejo que o conde não o manteve ocupado hoje.

— Nyet, ele está caçando esta manhã com alguns de seus amigos, nenhum dos quais eu confio perto de mim com um rifle carregado.

— Estou surpresa que o conde não pergunta onde você vai todo dia.

— Eu disse a ele que eu estava caçando. — Max abriu o portão e atravessou o chão irregular até ela. — No entanto, eu disse isso de tal maneira que ele decidiu que eu quis dizer uma mulher. Isso, ele entende.

— Então ele acha que você está perseguindo mulheres, seis, sete horas por dia. — Humor aqueceu seus olhos. — Você tem uma energia incrível, Vossa Alteza.

Sua voz rouca e melodiosa fez com que ele quisesse beijá-la em seus lábios. — Devo ter. — Ele pegou sua mão e tirou a luva, virando-a para poder beijar sua palma. — Você parece adorável hoje. — Ela era toda beleza de ouro vermelho e rosa, tão fresca e verdadeira como uma moeda recém-cunhada.

Ela corou, puxando a mão e colocando a luva de volta.

— Você parece bem, também, para alguém que está perseguindo as mulheres durante todo o dia.

— Eu só estou perseguindo uma mulher.

— Hmm. — Ela olhou para ele por um momento, e ele pode ver o que ela estava pensando. Finalmente, ela disse: — Toda vez que tentamos... nos encontrar, somos interrompidos.

— Dá, somos desafiados, mas não vencidos. — Ele se aproximou. — Eu nunca vou desistir, *dorogaya moya*. Nunca.

Seus lábios se curvaram enquanto tentava sem sucesso esconder seu sorriso.

— Ainda assim, temos muito trabalho aqui.

— Nós faremos. Estou também atrasado. Ontem à noite, Loudan sugeriu cartas depois do jantar, e não consegui deixar minha avó sozinha. Eu não queria acordar e descobrir que ela apostou meu cavalo favorito, ou os sapatos dos meus pés.

Murian riu.

— Você já descobriu o que ela perdeu para o conde?

— Nyet. Vou fazê-la dizer-me, mas fiquei um pouco preocupado com tudo isso. — Ele olhou para a ruela, satisfeito com a atividade que viu. — Nós fizemos um bom progresso.

— Sim, mas há muito mais a ser feito. Parece infinito, não é?

— Nyet. — Ele voltou-se para ela. — Parece que isso será feito em muito, muito pouco tempo.

Sua expressão suavizou e, como se estivesse nervosa, ela molhou os lábios.

Bozhy moj, ele ardia para beijar a umidade de seus lábios. Mas eles estavam no meio da vila, à vista de todos os olhos. *Como sempre, droga. Todos os dias eu venho aqui, e eu a vejo e eu a quero, e todos os dias, estamos rodeados por...*

— Bom dia Lady Murian! Vossa Alteza! — Uma pequena mulher de cabelos castanhos estava na beira da pequena rua, uma mancha de gesso branco na bochecha.

Max administrou um sorriso e um aceno de cabeça.

— Viúva Atchison.

Ela sorriu educadamente, embora sua atenção estivesse em Murian.

— A Viúva MacThune e eu estamos trabalhando nas paredes da cabana da Viúva Reeves. Eu acho que o gesso está grosso o suficiente, e acrescentar mais faria com que ficasse quebradiço. Mas a Viúva MacThune acredita que devemos adicionar outro, talvez dois, contra o frio. Você pode vir e ver o que você acha?

— Claro! — Murian disse instantaneamente. — Eu estarei lá em um momento.

— Obrigada. — A viúva curvou-se e se apressou.

Uma mão forte cercou o pulso de Murian. Surpreendida, ela se virou para encontrar Max ao lado dela, examinando a aldeia.

— Ninguém está olhando, — ele disse.

Ela franziu a testa.

— Assim?

— Nós vamos. — Ele virou-se e puxou-a para ele, andando entre as cabanas, depois por trás da que ela estava trabalhando.

— Há alguém nesta?

— Não. Eles estão todos rebocando, ou ajudando seus homens...

Ele a beijou, puxando-a para ele com uma brusquidão que a fez ofegar com prazer.

Murian derreteu-se contra ele, seus braços escorregando sobre seu pescoço quando ela devolveu o beijo. Cheirava a um novo ar de inverno tingido de couro e madeira, e por trás disso, a mais leve sugestão de sua colônia picante e exótica.

Suas mãos se moviam sobre ela, insistentes e exigentes. Ele a moldou para ele, suas mãos agarrando seu traseiro, pressionando seus quadris para ela.

Ela podia sentir sua excitação enquanto pressionava contra ele, puxando-o para mais perto. Ela estava envolvida por ele, pelo seu perfume, pelo seu toque, pelo beijo dele. E tão esmagadora como era, não era suficiente. Ela queria mais. Ela estava em chamas, ofegante de saudade e desejo, seu corpo doendo com vontade.

Suas mãos escorregaram de seu fundo para a cintura enquanto ele pressionava suas costas para a cabana e deslizou para o chão, levando-a com

ele. Um momento, eles estavam de pé, e o seguinte, ele estava sentado com ela no colo.

Múrian gemeu quando Max abriu a capa e passou as mãos sobre o vestido, da cintura até os seios. Seu toque era celestial, e ela se contorceu contra ele enquanto amassava seu peito, seu polegar encontrando seu mamilo e acendendo-o suavemente. O homem sabia exatamente o que ele estava fazendo e ela estava feliz por isso, seu corpo já doendo por mais.

Ele aprofundou o beijo e moveu sua mão de seu peito para a cintura e depois baixou. Impacientemente afastou as saias para poder tocar na sua panturrilha, e depois lentamente, tão devagar, ele deslizou a mão da perna para o joelho.

Sua mão era mais fria que sua pele, mas queimava a cada centímetro que ele ganhava. Tinha sido tanto tempo, muito longo e ela separou os joelhos. Agarrando a mão, guiando-o até a coxa, consciente desesperadamente de sua umidade dolorida.

Dorogaya moya, ele sussurrou contra os lábios dela.

— *Ti takaya krasivaya*.

A rouquidão de sua voz acariciou sua paixão ainda mais. Ela se arqueou contra ele, ofegante contra seus lábios quando seus dedos roçaram com um toque leve sobre o centro dela.

Ela jogou a cabeça para trás e ele beijou seu pescoço, então se moveu para a orelha dela, fazendo-a se contorcer enquanto ele a acariciava gentilmente, observando-a, lutando para manter o controle sobre seus desejos. Nunca tinha visto uma visão mais bonita do que o rosto de Murian perdido em paixão. Ele aumentou seus movimentos, mas, assim que ela se pressionou na mão dele, alguém chamou Murian.

Os olhos dela se abriram e ela congelou.

O chamado veio de novo, desta vez mais perto, a voz de uma mulher.

Com uma maldição abafada, Murian empurrou as saias, abaixou-se e saiu do seu colo.

Seu corpo doendo, Max baixou a cabeça para trás contra a parede da cabana e observou como freneticamente ajustava suas roupas e cabelos, conseguindo apenas bagunçá-los ainda mais.

Ela pegou seu olhar e corou.

— Alguém chama.

— Alguém sempre chama. — Ele suspirou. — Vá. Elas não vão descansar até você chegar.

Ela conseguiu dar um sorriso, seu olhar encontrando o dele.

— Max, desculpe. Mas eu não posso ignorá-las quando elas precisam de mim.

— Eu sei. — Ele se levantou, limpando as calças.

Ela o observou, sua testa franzida.

— Mas eu quero compartilhar isso com você. Há... — Ela respirou fundo e então disse com pressa — Não há mal em um mero flerte.

Ele não sabia por que, mas o 'mero' irritou-o. Ele tinha tido muitos flertes, e nenhum deles tinha prometido tanto entusiasmo quanto este.

— Murian! — A voz agora veio da cabana.

Ele conseguiu dar um sorriso.

— Vá. Voce é necessária.

Ela deu dois passos, mas depois parou e olhou para ele.

— Vamos continuar isso depois?

Havia tanta esperança em seus olhos que sua irritação desapareceu.

— Dá, nós continuaremos isso mais tarde. Embora isso possa levar anos, eu tenho a sensação.

Ela sorriu, um sorriso largo e atrevido que fez seu coração apertar de uma maneira estranha.

— Então, é bom que você tenha resistência.

— A maneira como isso está indo, eu vou precisar de tudo que um homem poderia ter.

Ela riu, um som alegre no fundo da garganta. E então ela desapareceu ao redor da cabana, deixando-o sozinho.

Capitulo 11

Mais tarde, Max e seus homens voltaram para Rowallen. Orlov e Pushkin cavalgavam com ele pela estrada principal até o castelo, enquanto os outros levavam o carroção vazio ao redor da propriedade, onde ninguém poderia vê-lo.

Max desmontou na frente do castelo, seus homens fazendo o mesmo.

Orlov tirou as luvas.

— Quanto mais tempo ficaremos em Rowallen? Precisamos mais um mês, pelo menos, se quisermos terminar o trabalho na aldeia.

— Eu não sei exatamente quanto tempo vamos ficar. Se tivermos sorte, talvez mais duas semanas. — Dizendo isso em voz alta, ele percebeu o quão breve isso seria. *Duas semanas não são nada.* O pensamento o deixou fraco e melancólico, o que o surpreendeu.

— Vamos fazer o máximo possível. — Orlov esfregou a parte inferior das costas. — Se não morrermos antes disso.

Pushkin olhou para o polegar, que estava ferido e inchado.

— Dá, os martelos que tiramos do celeiro foram mal feitos. A cabeça gira com a pancada.

Orlov resmungou.

— Eles não viraram para mim.

— Eles também funcionaram bem para mim, — disse Max. — Admita-o, não era o martelo, mas o martelador.

Pushkin corou.

— Nyet, foi o martelo miserável. Não é equilibrado, e a cabeça…

— Dá, dá. Gira exatamente quando se martela. — Orlov riu. — Você nunca nos convencerá, irmão. Melhor você aceitar a verdade, que você tem a coordenação de um pato bêbado e cego.

Pushkin explodiu.

— Ou talvez, — Orlov devaneou, — foi a falta de atenção que você estava dando ao martelo, e em vez disso foi concedida à Viúva Grier?

Enquanto Pushkin murmurava em voz baixa, Max olhou para o céu cinza, que combinava com a antiga pedra do castelo.

— Pode nevar em breve, talvez antes que a noite chegue.

— Se for intensa, talvez não possamos voltar à aldeia amanhã, — disse Orlov.

O maxilar de Max apertou.

— Ainda iremos. Nossos cavalos estão acostumados com essas viagens.

— Sim, mas não conseguiremos levar o carroção com a madeira.

Max não podia argumentar com isso, mas ele não ficaria longe de Murian vindo cem neves. *Não quando há tão pouco tempo.*

— Enquanto isso, nós temos algumas observações a fazer. Desejo conhecer os hábitos dos lacaios e dos guardas que Loudan emprega. Eu quero números, padrões, caminhos marchados, noite versus dia, horários, tudo isso.

Orlov e Pushkin trocaram olhares.

— Então, — disse Pushkin, — vamos à guerra.

— É mais reconhecimento do que guerra. Mas se tudo correr bem, Loudan nunca saberá que ele foi… vencido… até que tenhamos ido embora.

— Nós planejamos um ataque furtivo? — Pushkin perguntou.

Max assentiu.

— Devemos recuperar o item perdido da minha avó, seja lá o que for.

As sobrancelhas de Orlov aumentaram.

— Você ainda não sabe?

— Eu vou descobrir hoje. Eu tenho sido muito paciente com ela.

— Será bom ver o conde humilhado — Orlov franziu o cenho. — Eu não gosto do nosso anfitrião. Ele nos observa como se pensasse que fossemos pegar sua prata.

— Sim, — acrescentou Pushkin. — Estou tentado a deslizar um garfo no meu bolso, apenas para ver sua expressão.

— Ele merece ser enganado, — Orlov concordou.

— Assim ele será, — concordou Max*. Mais do que você sabe*. — Eu devo fazer uma aparição para que nosso anfitrião não fique desconfiado. Ele acha que minha ausência é devido ao fato de eu estar cortejando uma garota de uma fazenda local. Por enquanto, vamos deixá-lo pensar isso.

— Bom. Isso tornará sua queda ainda mais surpreendente para ele. — O sargento inclinou uma sobrancelha para Max. — Concorda, General?

— Concordo. Ele vai cair duro e resolveremos seus erros. — O que satisfaria a crescente necessidade de Max de fazer o lord pagar pelo que ele havia infligido a Murian e seu povo.

Como um príncipe, ele não deve permitir que suas circunstâncias afetem seu dever aqui na Escócia, mas, como homem, ele não podia ignorar a profunda raiva que o queimava toda vez que pensava na perfídia do conde em obter o controle de Rowallen e suas terras.

— Orlov, vou receber algumas mensagens esta tarde. Fique atento a elas. Eu responderei pela manhã, pelo mesmo mensageiro. Se os homens desejarem incluir cartas para casa, podem fazê-lo.

— Muito bom, General.

— Spasiba. — Max despediu-se de seus homens e caminhou a pé até o castelo.

O céu cinzento lembrou-o dos olhos de Murian, que eram muito variáveis. Prata quando estava excitada, mais escura e tempestuosa quando estava com raiva, leve e reluzente quando estava feliz, reluzente quando estava com paixão, tão variável quanto seu humor.

Ele olhou para o castelo de pedra e poderia facilmente imaginá-la aqui, subindo a estrada de paralelepípedos para os largos degraus de pedra, usando um vestido adequado à sua condição, seus cabelos vermelhos apanhados e brilhando à luz do sol. Seu maxilar apertou quando ele comparou isso a como ela parecia quando ele a deixou uma hora atrás. Ela usava um vestido castanho apagado com lama na bainha, botas velhas nos pés, sua trança solta de trabalhar no vento, as mãos vermelhas e rachadas pelo frio, o contraste entre o que deveria ser e o que estava acontecendo, queimava a alma dele. Ela não merecia a vida que Loudan a tinha mandado.

Quando Max alcançou os degraus, dois lacaios de libré se aproximaram e, com esforço obviamente ensaiado, abriram as enormes portas de carvalho.

Max entrou no vestíbulo e permitiu que mais dois lacaios levassem o chapéu, o casaco e as luvas, o que fizeram com arcos obsequiosos e murmúrios. Max tentou não fazer careta, já que ele sabia que essa grandeza ensaiada dizia muito sobre o que Loudan achava que era devido a si próprio e à sua posição.

O poder era uma amante inconstante. Ela levava os homens a pensar em si mesmos como sendo de maior valor do que outros, quando a realidade era muito diferente. Max tinha visto muitos homens corajosos no campo de batalha que não possuíam mais do que as espadas amarradas em seus cintos esfarrapados, e muitos homens fracos vestidos com uma armadura de príncipe, para acreditar em tal absurdo. A nobreza era uma brincadeira de homem que jogava com seus irmãos, que fazia Max ranger os dentes no limite.

Claro que algumas das suas crenças poderiam ter vindo de sua mãe, que era uma pessoa comum e uma cigana antes do pai de Max, o Rei de Oxenburg, a ver e instantaneamente se apaixonar. Reescreveu as leis de Oxenburg para tornar o casamento legal, e orgulhosamente a proclamou sua rainha. Quando Max cresceu o bastante para vê-la mais do que como sua mãe, ele percebeu que, embora não tivesse sido criada para tal, era uma excelente rainha. Ela trabalhou incansavelmente para ajudar as pessoas menos favorecidas, e não teve medo de levar a nobreza governante de seu país no processo. E as pessoas a amavam por isso.

Max admirava-a mais do que qualquer outra pessoa, e ele havia concordado com a visão da inutilidade de alguns dos nascidos na classe nobre.

Nem todos, é claro, pois alguns reconheceram a responsabilidade que acompanhava seu poder. Mas alguns pensavam que simplesmente nascer no veludo lhes dava direitos muito além do que era pretendido pelo homem ou por Deus.

Tolos. Ele tinha visto o custo de permitir que os indivíduos ignorassem a compaixão e a honra em sua busca pelo poder, e o resultado era sangrento. E Loudan era muito tolo.

Max caminhou até a escada que levava ao seu quarto, parando para examinar um conjunto de armaduras particularmente antigo. Amassada e arranhada, havia conhecido muitas lutas, e ele não pôde deixar de se perguntar onde estava o dono agora. Ele traçou a cicatriz em seu queixo, pensando que ele também parecia machucado e desgastado. No entanto, ele não se sentia assim. Sua confiança cresceu com cada batalha, e sua determinação em fazer o que era necessário tornou-se mais firme também. *Murian tem o direito disso; não importa quanto tempo demore, nunca se pode ceder. Nunca pare de se esforçar. Tenha resistência.*

Ele riu suavemente.

— Vossa Alteza?

Ele se virou para encontrar o mordomo de Loudan, um homem baixo e robusto chamado MacGregor, parado atrás dele.

— Dá?

O mordomo curvou-se.

— Sua senhoria tem procurado por você. Devo dizer-lhe que você voltou?

— Passei toda a manhã cavalgando e devo tomar banho antes de vê-lo. Deixe-o saber que vou me juntar a ele o mais rápido possível.

— Sim, Vossa alteza. Devo mandar um banho para o seu quarto?

— Por favor.

O mordomo enviou um olhar afiado para um dos lacaios, que se apressou.

— Um banho será levado imediatamente.

— Obrigado. — Max começou a subir as escadas, mas depois parou. — Minha avó, a Grã-Duquesa Nikolaevna, você sabe onde ela pode estar?

— Ela pode estar no salão oeste.

— Onde é?

— No final do corredor, Vossa Alteza, e depois para a esquerda. É o último conjunto de portas à direita. — O mordomo lançou um rápido olhar ao redor e depois disse em um tom baixo:— Há um fogo no salão oeste, e a sala é bastante pequena, então é mais quente. As senhoras mais velhas às vezes se reúnem lá nas tardes.

— E o que elas fazem lá?

Um sorriso indulgente cintilou sobre o rosto gordo de MacGregor.

— Elas dormem, Vossa Alteza.

— Ah. — Isso parecia muito com Tata Natasha. — Eu vou deixá-la saber que eu voltei, e depois retirar-me para o quarto.

— Muito bom, Vossa Alteza. O banho estará pronto quando você chegar.

Max abriu caminho para o salão oeste. Um lacaio estava posicionado na porta, que ele silenciosamente abriu. Assim que Max atravessou, o lacaio a fechou.

O salão oeste era de fato pequeno, e decorado em tons de ameixa escuro e azul cerúleo. Em uma parede havia janelas longas e finas, sobre as quais pendiam cortinas vermelho-escuras que bloqueavam um pedaço bom de luz. Aqui e ali havia pequenos agrupamentos de cadeiras cobertas em veludo ameixa com almofadas bordadas.

Agora apenas uma senhora idosa habitava o salão e, como MacGregor avisara, estava profundamente adormecida em uma cadeira junto ao fogo, roncando alto. Sorrindo, Max cruzou para onde Tata Natasha dormia e puxou uma cadeira para perto, em seguida, colocou a mão sobre a dela.

Ela roncou.

Ele deu uma tapinha na mão dela.

— Tata Natasha?

Ela se moveu, sua cabeça caindo de um lado. Quase imediatamente, ela começou a roncar novamente.

Ele se inclinou mais perto.

— Tata Natasha!

Seus olhos se abriram e ela sentou-se na vertical, olhando para a sala como se ela nunca tivesse visto antes.

— Tata?

Seu olhar aguado piscou para ele.

— Oh. É você. — Ela sufocou um bocejo. — Eu estava - ah, eu só estava pensando sobre o jantar.

— Você estava agora?

Ela lhe deu um olhar duro.

— Eu não vi você entrar.

Ele escondeu um sorriso.

— Você estava dormindo. Não queria acordá-la, mas devo falar com você.

— Dormindo? Eu não estava dormindo.

— Você estava roncando.

— Pah! Eu nunca ronco.

— Como você saberia?

Ela fixou um olhar afiado sobre ele.

— Porque se eu fizesse, então um dos homens com os quais eu dormi teriam mencionado isso.

Ele suspirou.

— Ah, Tata. Você sempre tenta chocar-me.

— A verdade tem esse efeito em algumas pessoas. — Ela pegou seu xale. — Então, o que você quer?

— Você já sabe.

Ela conseguiu olhar furtivamente para a sala, e ela o surpreendeu dizendo: — Estou feliz que você esteja aqui. Eu também tenho algo para discutir com você. — Ela colocou um dedo na mão que descansava sobre ela. — Onde você esteve? Todas as manhãs após o café, você sai. Ninguém vê você até o jantar, e então há tantas pessoas que essa conversa particular é impossível.

— Não é segredo onde estive. Eu tenho caçado.

— Pah. Sei muito bem. E eu não sou a única a pensar que é uma mentira. Loudan continua perguntando onde você está, e eu não sei o que dizer a ele.

Max levantou as sobrancelhas. O conde fingira aceitar as desculpas de Max. Era um estratagema?

— O que o nosso anfitrião disse?

— Algo sobre nunca conhecer um homem para caçar tanto.

Max considerou isso.

— Na próxima vez que ele dizer algo, você deve dizer a ele que as mulheres da Escócia me fascinam.

Os olhos de Tata Natasha se estreitaram.

— Você não está aqui para flertar com uma garota sem nome de alguma aldeia. Você está aqui para me ajudar.

Ele a olhou através de olhos meio fechados.

— Eu não sou o tipo de homem para flertar com uma mulher sem nome de qualquer tipo de domicílio. Mas isso não é nem aqui nem lá. Agora, falaremos do que você perdeu para Loudan. O que foi?

— Você não precisa saber...

— Se você quiser que eu encontre, então eu preciso.

Ela mexeu com a ponta do xale.

— Anda, Tata. Conhecemos os truques de Loudan nas cartas. O que você perdeu, não é culpa sua. Tenho um plano para procurar isso, mas tenho que saber o que estou procurando, nyet?

Ela disse sombriamente.

— Suponho que você terá que saber mais cedo ou mais tarde.

— Agora. Eu saberei isso neste momento.

Ela bateu os dedos no braço de sua cadeira.

— Se eu disser, você promete que não vai gritar comigo?

— Não vou gritar.

— Não me faça palestra sobre jogos de azar, pois você não pode dizer nada que eu ainda não me disse.

— Não vou comentar, exceto para dizer que vou começar a procurar esse objeto imediatamente.

Ela amarrou os fios de seu xale em um nó, e desatou-os. Finalmente, ela disse: — Tudo bem. Eu vou te dizer, mas primeiro, você deve saber como aconteceu. Conheci Lord Loudan na casa da cidade de Lady MacDaniel em Edimburgo, o dia em que cheguei neste país há três meses. Você não estava disponível, então eu não vi você até alguns dias depois.

— E?

Ela fez uma carranca.

— Eu estava cansada quando cheguei, esgotada pela viagem. Eu nunca deveria ter concordado em sair com Lady MacDaniel, mas..., — Ela encolheu os ombros. — Eu estava entediada, então eu fui.

— E?

— Havia muita comida e muito para beber. E havia jogos. Loudan se juntou à minha mesa e ele continuou perdendo mãos ridículas. Eu pensei que ele fosse um jogador ruim.

— Em vez de um muito, muito bom.

— Dá. Eu me deixei levar. Para corresponder a uma aposta, comecei a jogar vários itens na mesa de cartas.

— Que itens?

— Alguns anéis, uma pulseira, coisas assim. — Ela mordeu o lábio. Depois de um momento, ela disse com uma voz tão tranquila que ele mal a ouviu. — Eu não me importo se eu receber de volta; eles podem ser substituídos. Mas há uma coisa que deve ser devolvida.

— Dá?

— Uma tiara.

— E?

— Isso é tudo.

Sua testa limpou. — Apenas uma tiara, então?

No seu aceno, ele disse: — Isso não é tão ruim. Tenho certeza que foi cara, mas pode ser...

— Nyet! Você ainda não entende. Não era apenas uma tiara, era uma tiara específica.

Ela respirou muito antes de dizer com uma voz mais calma — Você não pode substituí-la, então devemos recuperá-la. Eu nunca deveria ter trazido isso comigo, mas sua mãe usava-a no casamento de Alexsey e então...

— Izvini! Você disse que a mãe a tinha no casamento de Alexsey?

Tata assentiu com cautela.

— *Bozhy moj*, você está falando sobre a coroa da rainha!

Ela estremeceu.

— Você disse que não gritaria!

— Você perdeu a coroa real! O que mais eu poderia fazer? — Ele esfregou a testa, onde uma dor surda cresceu.

— Eu não queria. Estava certa de que eu venceria.

— Não posso acreditar nisso. Você perdeu a coroa da rainha em um jogo de azar. A primeira rainha de Oxenburg usou essa coroa há mais de quatrocentos anos e... — Ele franziu o cenho. — Você sabia disso, e ainda assim você apostou. Como no inferno você acabou com a coroa da mãe, de qualquer maneira?

— Ela usou no casamento do seu irmão e, enquanto viajávamos juntas, ela a guardava com minhas jóias. Eu me esqueci de devolver para ela.

— Isso ocorreu há um ano.

— Algo parecido, dá. — Ela deu de ombros. — Eu não usava isso frequentemente.

— Frequentemente? Você não deveria usá-la de modo algum.

— Por que não? Eu tenho alguns brincos que são adoráveis com ela. Como se fossem um conjunto.

Seu maxilar apertou tanto, que sua cabeça começou a doer.

— Essa coroa maldita não era sua para usar, e definitivamente não era sua para apostar. Ela pertence ao povo de Oxenburg.

Tata Natasha parecia um pouco envergonhada.

— Eu não estava pensando claramente naquela noite.

Ele recostou-se em seu assento e cruzou os braços.

— Você estava bêbada?

Suas bochechas enrugadas assumiram um brilho vermelho opaco.

— Coisa vil, uísque. Mas isso é tudo o que eles bebem neste país esquecido, uísque, uísque, uísque. Pah!

Max suspirou.

— Então, você perdeu a coroa, Loudan não vai vender de volta para você, e você decidiu me envolver.

— Eu pensei que Loudan poderia concordar em devolvê-la, se ele temesse que você se cansasse de perder tempo e decidisse apenas pegá-la. Mas você não fica no castelo o suficiente para ele mesmo saber que você está aqui! Você arruinou meu plano.

— É uma coroa, Tata. Feita para descansar sobre a testa da rainha. Uma que uma cigana sem talento para cartas e menos cabeça para bebida deveria ter deixado quieta.

— Eu sou muito boa em cartas, — disse ela, claramente ofendida. — Geralmente. Quanto a beber, nem tanto.

— Essa tiara deveria ter sido devolvida ao palácio há meses.

— Eu gosto de usá-la, — ela disse na defensiva.

— Mas você não pode. Não é para... — Ele levantou as mãos. — *Bojhy moj*, você sabe e você não se importa. Você é uma mulher teimosa.

Seu olhar estreitou.

— Você disse que não iria me repreender.

Ele respirou profundamente e, pela primeira vez, percebeu que seus olhos brilhavam como se estivessem com lágrimas. Instantaneamente, sua irritação desapareceu. Ela era uma mulher problemática, sua avó, mas era uma boa mulher, suas intenções sempre puras mesmo quando suas ações não eram.

— Desculpe, Tata Natasha. Eu vou parar.

O silêncio descansou sobre eles por um momento, ambos pensando em sua situação. Finalmente, ela falou: — Você vai contar ao seu pai?

Ele deveria, ele sabia. Sua avó tinha uma relação controversa com seu genro e por uma boa razão. Mas Max balançou a cabeça.

— Se pudermos recuperá-la, não haverá necessidade. Vamos encontrar o nosso caminho para sair disto.

— Nós devemos. — Ela franziu o cenho. — Eu transformarei Loudan em um tritão[2]! Ou eu farei quando tiver a coroa de volta. Se eu fizer isso antes, ele não pode nos dizer onde está.

— Tudo bem, você pode transformá-lo em um tritão então. Eu terei que pensar nisso. Descubra a melhor maneira de procurar por ela.

— Você vai roubá-la de volta?

— Ou é isso ou lutar contra ele, e isso não é aceitável.

— Por que não? — ela perguntou indignada.

— Porque eu não posso lutar contra o conde a menos que ele me desafie primeiro.

— O que nunca acontecerá, a menos que você deixe de galinhar sobre o campo! — Ela franziu o cenho. — Eu teria feito melhor trazendo um mastim para assustar o conde.

Max ergueu as sobrancelhas.

— Então eu deveria intimidar Loudan como um cachorro?

— A intimidação é uma palavra muito feia. Simplesmente queria que ele soubesse que não poderia tratar a casa real de Oxenburg assim. Ele nunca me

[2] Na mitologia grega, Tritão era um deus marinho, filho de Poseidon e Anfritite, é geralmente representado com cabeça e tronco humanos e cauda de peixe. Tritão, também, é o nome comum dado aos anfíbios pertencentes à subfamilia Pleurodelinae (familia Salamandridae).

ameaçou, não em voz alta, mas... — Ela franziu a testa, parecendo pálida e velha.

Max encontrou-se segurando o braço de sua cadeira muito mais apertado do que o necessário.

— Ele é muito cuidadoso para não confrontar ninguém em público. Isso eu sei sobre ele.

— Ele é muito esperto, — ela concordou. — Mas você não precisa ser esperto.

— Eu lhe disse que não posso...

— ... lutar com ele, eu sei. Eu sei. Mas você pode encará-lo e franzir o cenho. Faça-o pensar que você é o homem mais forte e mais mal-humorado de toda Oxenburg. Eu quero que ele pense que se você se irritar o suficiente, você o rasgará, membro por membro, e comerá a carne de seus ossos enquanto cospe seu fígado na lua cheia e...

— Tata! — Ele riu suavemente, segurando uma mão. — Eu nunca vou cuspir seu fígado, nem qualquer outro, em qualquer lugar. — Ele recostou-se na cadeira. — Você deveria ter-me contado sobre a coroa antes de chegarmos.

— Eu sei. Mas eu continuei pensando que eu poderia fazer aquele asno vendê-la de volta para mim.

— Por que ele deveria? Ele tem total controle sobre você. Tenho certeza de que ele acha que ter uma grande Duquesa dançando sua melodia é muito mais satisfatório do que um pouco de ouro na bolsa. — Max cruzou os braços e o olhar se moveu para o fogo. *Talvez seja mais do que mera satisfação. Talvez Loudan veja mais lucros em manter Tata Natasha cativa do que vender a coroa de volta para ela. Hmm.*

Ele percebeu que sua avó estava olhando para ele e forçou um sorriso.

Seu olhar preto se estreitou.

— Por que você está aqui?

— Na Escócia? Porque você disse que temia ladrões e precisava de uma escolta.

— Nyet. Agora que penso nisso, você concordou em me acompanhar de forma bastante rápida. Muito rápida, se você me perguntar.

— Então agora eu vou ser ridicularizado porque eu concordei em acompanhá-la e não fiz você implorar? Tata, não há como agradar você. — Ele levantou-se com um sorriso. — Eu preciso ir. Pedi um banho antes do jantar. Estará esperando.

Ela franziu os lábios, seus olhos escuros astutos.

— Você está aqui para seus próprios propósitos, não é? — Ela deve ter visto algo em seu rosto, pois ela bateu no joelho. — Ha! Eu deveria saber. O que está acontecendo?

— Nada do que você precisa se preocupar, então não perca seu tempo com conjecturas. Nós dois estamos aqui, nós dois temos coisas para realizar, e nós dois temos os melhores interesses de Oxenburg no coração. — Ele pegou sua mão e inclinou-se sobre ela. — Dito isto, prometo passar mais tempo aqui, falando com Loudan.

Ela pareceu apaziguada.

— Você vai franzir o cenho para ele? Fazê-lo temer você?

— Eu prefiro pensar que ele já faz. Ele não é estúpido - o que é uma pena para o resto de nós. — Ele beijou seus dedos. — Até o jantar.

Ela apertou a mão dele entre as dela.

— Obrigada, Max.

— Não tens de quê, Tata. — Ele beijou sua testa e saiu. *Isso complica as coisas ainda mais*. Quando ele se aproximou da porta, apareceu Orlov com um pacote na mão.

— Ah! Finalmente.

O sargento entregou o pacote para Max, depois olhou para os valetes sempre presentes antes de dizer em sua língua nativa: — Vários dos homens têm missivas para o retorno. Eles estão escrevendo-as agora.

— Bom. Diga ao mensageiro que ele poderá sair pela manhã.

Orlov assentiu com a cabeça e saiu, e Max entrou no quarto de dormir. Depois de um dia de martelar e serrar, e depois de lidar com sua avó, seu quarto estava gloriosamente calmo e quente, o fogo crepitava na lareira, uma pequena bandeja com um decantador de uísque esperando perto de seu banho.

Ele serviu um copo e sentou-se em uma cadeira perto das chamas, então abriu o pacote. No interior havia quatro cartas. Três de sua família: seu pai, sua mãe e seu irmão Nikolai. Max estava bastante seguro de que sabia o que estava em cada uma delas: seu pai o lembraria do dever que tinha diante dele e exigiria um retorno imediato a Oxenburg; sua mãe se preocuparia se ele estava comendo bem e como ele estava lidando com sua avó mal-humorada; e a carta de Nik seria preenchida com fofocas aparentemente sem sentido, mas poucas frases seriam sutilmente redigidas para transmitir informações que não podiam estar com segurança no papel.

Fazia anos que o irmão mais velho de Max, o futuro rei, havia dito o que realmente pensava sem pesar cuidadosamente cada palavra. Max supôs que isso era uma coisa boa, pois um rei eficaz deve conhecer a arte da sutileza, mas ele perdeu as maneiras despreocupadas do irmão com quem cresceu. Os anos tinham mudado Nik. Tinha mudado todos eles.

Por algum motivo, Max pensou em Murian, sozinha na floresta sem uma família própria, e sua garganta inexplicavelmente apertou. Claro, ela tinha Ian, Will e seu grupo de viúvas, mas não eram familiares, e Max pensou que

enquanto ela cuidava deles, nenhum deles tinha a posição de cuidar dela. Não importava o quê, ela ainda era "Lady Murian". Era triste e, no entanto, ela não era nenhum pouco sentimental sobre isso.

Ela fez o melhor de uma situação terrível e fez dos seus protegidos sua família, de modo que ela estivesse agora cercada de amor e respeito. *É por isso que eles significam muito para ela; porque ela significa muito para eles.*

Isso, ele decidiu, era bravura. Adaptação sem amargura.

A última carta descansou em sua mão. Carimbada como um despacho militar, veio da frente de guerra. Ele quebrou o selo, levantando as sobrancelhas com surpresa quando um pequeno pedaço de papel caiu em seu colo. Ele pegou e leu o rabisco, que ele tinha visto apenas duas vezes antes, ambas as vezes durante batalhas particularmente quentes.

Max franziu a testa enquanto lia a nota; então ele abriu a carta e examinou com cuidado de cima para baixo. Quando ele terminou, ele guardou o endereço na memória e alimentou as chamas com a folha de papel.

O fogo enrolou-se sobre o papel, virando as bordas tostadas de marrom antes, com um clarão, começou a viajar rapidamente pelo papel, transformando os rabiscos em cinzas negras. Agora, além de encontrar o diário de Lord Robert, eles também precisavam encontrar a coroa de Oxenburg e uma informação perdida. Nik acreditava que a informação estava aqui em Rowallen, e Max estava começando a concordar. O Conde de Loudan estava se preparando para algo, mas o quê?

Ele voltou e viu o último resto da missiva, as cinzas se libertando e flutuando pela chaminé, fora da vista.

Capitulo 12

Na manhã seguinte, Orlov desceu do cavalo e olhou para o céu.

— A neve não vai esperar muito mais tempo.

— Dá, — concordou Max. — Temos sorte que está retida, ao menos por enquanto — embora ele teria encontrado um caminho para a aldeia nesta manhã, mesmo se houvesse vinte pés de neve.

Demidor veio tomar as rédeas do cavalo de Max, levando os cavalos para o celeiro. Max puxou o colarinho mais alto e olhou ao redor da aldeia. Estava muito frio hoje, todos se encolheram profundamente em seus casacos e mantos de inverno. As Viúvas Reeves e Atchison acenaram para Golovin, que estava indo em direção a elas. A Viúva MacCrae estava de pé junto ao poço, Pahlen já se apressava a tirar o pesado balde de sua mão. A Viúva Brodie e seus filhos estavam entrando na aldeia carregando o máximo de lenha possivel, enquanto Will trouxe um balde de leite fumegante do celeiro.

Não havia sinal de Murian. Max caminhou até o poço, onde a Viúva MacCrae estava de pé com Pahlen.

— Bom dia, — disse Max. — Onde está Lady Murian esta manhã? Quero falar com ela sobre os fornecimentos necessários.

— Ela está na cabana da Viúva Atchison, ajudando com o gesso.

Ignorando o olhar interessado de Pahlen, Max abriu caminho para a pequena cabana da Viúva Atchison. Enquanto caminhava, ele podia ouvir vozes misturadas entre o toque de martelos. Os aldeões estavam ocupados trabalhando hoje, usando os novos suprimentos resistentes às intempéries, assim como podiam. *Como formigas preparando-se para o inverno.*

Na noite anterior, ele sentara-se em meio a um jantar interminavelmente chato, entre duas mulheres que, obviamente, se consideravam cultas e espirituosas. Ao ouvi-las expor suas viagens, queixar-se de minúcias, zombar dos outros sentados dentro da distância auditiva, e citar incorretamente autores que nunca leram além de discutir arte que não entendiam, ele se achou pensando como elas reagiriam se seus entes queridos tivessem sido cruelmente assassinados, suas posições na sociedade perdidas, suas fortunas desaparecidas, se se encontrassem na situação de Murian. Teriam secado as lágrimas, apertado os maxilares contra o destino, prenderiam os cabelos e assumiriam a responsabilidade total pelos seus criados domésticos?

Tinha tomado todo seu autocontrole para não jogar o guardanapo na mesa e deixar os companheiros de jantar cabeça oca com sua conversa vazia. Se sua

avó não estivesse presente, ele poderia ter feito exatamente isso, pois ele não se importava com o que essas pessoas pensavam.

Não era a primeira vez que ele achava a conversa fiada social insuportável. Antes da guerra, como príncipes da coroa de Oxenburg, ele e seus irmãos haviam participado de inúmeros jantares oficiais e bailes, passando horas e horas envolvidos em conversas fúteis e inúteis. Dado a sua posição, era esperado, e embora ele nunca os tenha achado tão divertidos, não se importava em cumprir seu dever.

Mas a guerra o mudou, assim como mudou todos os homens que se empenharam no campo de batalha. Isso o fazia mais apreciador de coisas pequenas: lençóis limpos, um sorriso, o cheiro dos cabelos recém-lavados de uma mulher, a beleza profunda do silêncio. Mas também o fez achar tarefas cotidianas quase insuportavelmente sem importância.

Como um homem que lutou com unhas e dentes pela liberdade do país, enfrentando lama, sangue, dor, e a perda de amigos e companheiros dia após dia, poderia sentar-se ao lado de uma lareira, discutindo se deve pedir ao cozinheiro que sirva assado ou um pato para o jantar? Max viu muitos soldados perderem o caminho quando tentaram se juntar à vida que tinham antes da guerra. A guerra mudava um homem, e ele tinha que aceitar essas mudanças e achar um propósito mais profundo para sua vida do que ele tinha tido antes.

Conhecer Murian tinha feito Max ciente de que a guerra não era a única experiência traumática que poderia fazer isso. Ela experimentou uma grande reviravolta, e lidara com as perdas e uma súbita e drástica mudança de circunstâncias que também a mudaram. Se Spencer retornasse e pudesse fazer valer seu direito, seria difícil para ela voltar à sua vida anterior? Seria o suficiente? Ele não tinha certeza.

Atrás dele, ele podia ouvir Orlov dando ordem aos homens para suas tarefas durante o dia, gritando para Golovin trazer mais madeira para o reparo final do telhado da Viúva Brodie.

Alcançando a cabana da Viúva Atchison, Max ouviu o murmúrio de vozes femininas quando ele bateu na porta.

— Entre!

Ele abriu a porta e entrou, encontrando Murian e as Viúvas Atchison e MacThune usando colheres grandes como paletas para alisar o gesso sobre uma parede recém-reparada, o fogo crepitando intimamente nas proximidades.

Os olhos da Viúva Atchison se arregalaram ao vê-lo. Pequena, de cabelos castanhos e como uma *Carriça*[3], era uma das mais silenciosas das viúvas. Max

[3] Carriça - é uma espécie de ave da família Furnariidae. Seu habitat natural são os pântanos.

não achou que ele a tivesse ouvido falar ainda. Ela acotovelou a Viúva MacThune e disse com um suspiro: — Och, é o príncipe!

Murian, que estava absorvida com o gesso, virou-se. Um olhar satisfeito passou por seus olhos, e ele se viu sorrindo em troca.

— Bom dia. — Murian estava vestida com seu habitual vestido incolor, botas grossas em seus pés. Mesmo sem um pouco de elegância além de seu glorioso cabelo vermelho-dourado e olhos prateados, ela brilhava como uma joia rara.

— Bom dia. — Ele tirou as luvas e colocou-as no bolso, notando que uma das mechas de seu cabelo estava coberta com gesso branco.

As duas viúvas mergulharam numa reverência, enquanto Murian apontou para uma tigela de madeira cheia de gesso.

— Estamos felizes por você ter vindo, agora você pode ajudar.

— Parece que você está fazendo um trabalho muito bom por conta própria. — Ele cruzou a sala para o lado dela. Ele apertou as mãos atrás de suas costas e curvou-se para examinar a parede. — Dá. Muito bom.

Ela fungou.

— Claro que é bom.

— Exceto que você perdeu um lugar aqui. — Ele apontou. — E aqui. E a...

Ela bateu no dedo dele com a espátula improvisada, deixando um pedaço de gesso frio sobre ele.

— Agora você pode consertar esses pontos.

As outras duas tentaram não rir e falharam.

— Eu não tenho medo de um pouco de gesso. — Max consertou o local. — Aí. Agora, está perfeito.

— Você é muito talentoso em trabalho de estuque.

— Eu sou muito talentoso em muitas coisas, Lady Murian. Trabalho de estuque é apenas uma delas.

A Viúva Atchison mordeu o lábio para parar de rir, e ocupou-se revolvendo o gesso na tigela, enquanto a Viúva MacThune olhava, aguardando a resposta de Murian.

Murian pressionou sua espátula na mão.

— Como você é tão talentoso, talvez você consiga reparar o resto dos pontos que perdemos? Devo adverti-lo, não é tão fácil como você pensa.

— Vamos ver. — Ele colocou a espátula na borda da tigela e tirou o casaco e o cachecol, pendurando-os sobre uma cadeira. A cadeira de mogno pesada estava coberta de veludo vermelho e decorada com uma quantidade incontestável de bordados de ouro. Duas cadeiras correspondentes flanqueavam a lareira. Aparentemente, a cabana de Murian não tinha sido a única a se beneficiar da perda de Rowallen.

Ele pegou a espátula e virou-se para a parede, retomando os poucos pontos irregulares aqui e ali, enquanto Murian estava ao seu lado, seus olhos dançando com humor.

— Och, agora é você que perdeu um lugar. — Ela não tentou disfarçar a satisfação em sua voz quando ela apontou para a parede com sua espátula.

Ele lhe deu um olhar severo.

— Ainda não cheguei a essa parte.

Seus lábios se curvaram, e ele não conseguiu desviar a vista da sua boca. Nenhuma outra mulher possuía uma boca mais beijável ou sedutora. Rosa e cheia e tentadoramente picante, merecia ser…

— Och, quase esqueci! — A Viúva MacThune derrubou sua espátula e enxugou as mãos. — Nós vamos ajudar Ailsa com seu filho enquanto ela ajuda na cabana de Ian.

A Viúva Atchison ergueu os olhos da carga de sua espátula.

— Nós vamos?

Murian olhou por cima do ombro, surpresa clara no rosto. — Por que a Viúva Grier precisa de ajuda? Ela nos contou no café da manhã que seu filho dormirá até que seja hora de ele comer. Nós não podemos ajudar com isso.

— Sim, mas nós prometemos, não é? — a Viúva MacThune olhou para a Viúva Atchison.

A Viúva Atchison corou, mas conseguiu dizer, — Sim.

— Aí! Eu disse a você. — Ela jogou sua colher improvisada no balde, enxugou as mãos com um pano e pegou o manto.

Murian sacudiu a cabeça.

— Algumas crianças mais velhas podem olhar a criança da viúva Grier e…

— Och, não. — A Viúva MacThune sacudiu a cabeça com firmeza. — Nós devemos ir.

Murian colocou as mãos nos quadris.

— Você não pode parar enquanto temos uma tigela inteira de…

A porta fechou.

Murian não podia acreditar. Elas a deixaram sozinha… com Max.

Ela lançou-lhe um olhar e encontrou-o calmamente alisando o gesso com sua espátula.

— Parece que suas amigas foram embora. — Ele recuou e olhou a parede antes de se virar para colocar a colher na borda da tigela.

— Elas têm coisas para fazer. — Murian perguntou-se se a Viúva Reeves tinha falado com as outras e sugeriu que a deixassem sozinha com o príncipe. *Mais do que provável.*

Murian não sabia se estava feliz com essa nova liberdade ou não. Era certamente intoxicante pensar em estar na presença de Max sem se preocupar

em ser interrompida. Ela não conseguiu parar de pensar nele depois do último encontro, quando ele a fez se contorcer com tanta necessidade; mesmo agora, arrepios viajaram através dela na memória.

Ele apareceu atrás dela, colocou seus braços sobre ela e gentilmente puxou-a para ele. Sua bochecha descansava contra sua cabeça, sua respiração mexendo o cabelo em sua têmpora. Ela se inclinou contra ele, mergulhando em seu calor, sua força.

Ele esfregou sua bochecha contra seus cabelos.

— Você tem gesso em seu cabelo, *milaya moya*.

— Eu sei. Meu cabelo não ficará em seus grampos. É uma das provações que devo suportar.

Ele riu, o som retumbando em seu peito.

— Eu gosto do gesso; isso me mostra como você vai ficar quando você for mais velha e seu cabelo não for mais vermelho.

Ela estremeceu.

— Eu não quero pensar nisso.

— Nyet. — Ele a virou nos braços para que ela o encarasse. — Você será tão bonita quanto você é agora.

Ela passou os braços em sua cintura.

— Eu não acredito em uma palavra do que você diz, mas ainda é adorável ouvir.

Ele roçou a bochecha com a parte de trás dos dedos, os olhos verdes atentos.

— Eu quis dizer todas as palavras.

Ela sorriu e, saboreando o calor lentamente construído entre eles, descansou sua bochecha em seu ombro. Ela gostava disso, ser abraçada e beijada por um homem que ela respeitava e admirava. A paixão correu através dela todas as vezes que seus olhos se encontravam, também.

E isso foi o suficiente. Teria que ser. Ela percebeu nas últimas semanas que precisava preservar cada pedaço de si mesma para seu povo. Talvez quando Spencer retornar e as coisas voltarem ao normal...

Ela fechou os olhos. Não havia mais normal. Robert estava morto. Seu velho modo de vida tinha desaparecido. E enquanto Max tinha despertado suas paixões, ele logo partiria, também.

Ainda assim, não havia nada de errado com isso - com tocar e ser tocada. As memórias poderiam dar força quando as coisas se tornassem difíceis, como eram destinadas a sê-lo. *Então, o que poderia prejudicar*?

Mas ela conhecia os danos. Ela não era uma mulher que se dava levemente. Quando ela se importava, ela se importava profundamente. Quando ela amava, era com todo seu corpo e alma. Perder Robert tinha sido brutal, e

havia tomado toda a força que possuía para enfrentar os obstáculos que ela e seu povo haviam enfrentado.

E eles não foram fáceis, nem de perto. Mesmo que, por algum milagre, conseguisse encontrar o diário de Robert, e provar tudo o que pensava e esperava e rezava, Max ainda iria embora. E ela estaria aqui, iniciando uma época nova, e talvez bem difícil, na sua própria vida. Ela lutou contra um suspiro e perdeu.

Max a apertou mais quando ouviu aquele suspiro profundo. Nas últimas semanas, ele vislumbrou essa expressão em seus olhos e reconheceu o que era, um lampejo de tensão, de preocupação. Ela era responsável por muitos outros, e sabia que sentia como se estivesse andando sobre uma cerca, balançando de um passo para o outro, aterrorizada de deixar aqueles que amava.

Mas ele podia ver que ela era resiliente, e ele sabia que ela iria encontrar uma maneira de resolver os problemas que a vida lhe dava.

Ela se afastou e olhou para ele.

— Gostaria que tivéssemos nos encontrado em outro tempo e lugar.

Ele não fingiu não a entender.

— Seria mais fácil, nyet? Mas temos o que temos. Deve ser suficiente. — Ele enfiou a mão no cabelo dela e inclinou o rosto para o dele, arrastando um beijo de sua têmpora para o canto de seus lábios.

Ela fechou os olhos, um pouco de tensão deixando seu rosto.

Talvez isso ajude a retirar o resto. Ele capturou seus lábios gentilmente, mas com insistência, provocando-os até que ela se abriu para ele como uma flor antes de uma chuva de verão.

Ela tinha gosto de sol e inocência, e seu corpo doía por seu toque. Ele a varreu contra ele, levantando-a de seus pés, toda a gentileza desapareceu enquanto ele devorava sua doçura, beijando-a até que ela ofegasse contra seus lábios.

— Max, por favor…

Um barulho surgiu lá fora. Vozes levantadas, o tilintar das rédeas de um cavalo.

Max ignorou, arrastando beijinhos pela bochecha, para o pescoço dela, mas Murian ficou imóvel.

Ela colocou uma mão em seu peito.

— Nós temos um visitante. Todos os seus homens vieram com você?

Ele suspirou e se endireitou, cobrindo a mão dela com a dele.

— Nyet. Deixei Demidor e Raeff em Rowallen para aguardar um mensageiro que vai chegar hoje.

O olhar dela foi até a janela.

— Você acha que é um deles?

— Talvez. Mas não se preocupe. Se eles precisarem de nós, eles virão e nos buscarão. Você pode não ter percebido, mas ninguém parece tímido em nos interromper.

Ela se afastou, puxando a mão.

— Não estou provocando, Max. Estamos escondidos na floresta por um motivo. Você viu o que Loudan fez às aldeias que nos ajudaram. Ele queimaria nossas cabanas, soltaria nossos cavalos, despejaria nossos armazéns de comida no córrego e nos deixaria morrer de fome e congelados.

— Se Loudan ou algum de seus homens houvessem chegado, você teria ouvido tiros de pistola. Todos os meus homens estão armados, e foi-lhes dito para estarem prontos. Mas nada acalmará seus medos até ver por si mesma. Venha. Pegue sua capa. — Ele puxou suas luvas e recuperou o casaco e o cachecol, enquanto ela se apressava a buscar seu manto.

Ela girou em torno de seus ombros e alcançou a porta diante dele.

Ele pegou sua mão quando ela alcançou a porta.

— Quando você souber quem veio e não estiver mais preocupada, podemos retornar aqui? Eu não terminei de falar com você.

— Falar, eh? — Seus lábios se curvaram, e ela disse com um sorriso irônico: — Bom, porque eu não acabei de falar com você também.

Ele moveu sua mão da dela e abriu a porta.

— Depois de você, milady.

Ela saiu, Max a seguindo. Ele fechou a porta atrás dele e olhou para a estrada.

— Ah, é Demidor. O mensageiro deve ter vindo mais cedo. — Max voltou-se para Murian. — Veja. Nós ainda poderíamos estar falando.

Seus lábios se curvaram, mas ela não se rendeu.

— Vá ver o que ele quer.

Ele suspirou como se estivesse fazendo muita coisa.

— Bem. Espere aqui. Eu já volto.

Murian viu Max andar na rua. Assim que Demidor o viu, o homem mais novo correu para a frente e os dois trocaram palavras. Em um ponto, Max olhou para Murian antes de responder um comentário do guarda.

O olhar provocava esperança. *Ele teve notícias que nos ajudarão. Tenho certeza disso.*

O homem mais jovem retirou um pacote do casaco e o entregou a Max. Um pingo de neve tocou a bochecha de Murian. Surpreendida, ela olhou para cima, mas não viu mais. O céu, porém, era cinza escuro. Começaria no próximo dia ou dois. Ela podia senti-lo.

Quando ela olhou de volta para Max, Demidor estava levando seu cavalo para o estábulo, enquanto Max estava enfiando a míssiva em seu casaco quando ele voltou para ela.

— O que aconteceu? — ela perguntou assim que ele estava o suficiente perto para ouvir.

Max balançou a cabeça contra a preocupação em seus olhos.

— Nyet. É uma boa notícia. Demidor ouviu o conde contar a alguns dos outros convidados que o cantor que ele estava tentando subornar para visitar Rowallen confirmou.

Seus olhos brilharam com emoção instantânea e uma pontada de ciúmes atingiu Max, uma verdade desconfortável se estava estabelecendo sobre ele. Ele nunca pensou em si mesmo como mimado. Embora ser um príncipe trouxesse muitos benefícios, ele sempre manteve seu modo de vida simples, deixando para trás as armadilhas da riqueza e privilégio quando podia. Quando ele acampava com seus homens, não ficava em uma tenda luxuosa com mobiliário com acabamento em ouro, que ele havia visto muitas vezes nas tendas de outros nobres, incluindo o pai e os irmãos. Nem Max negociou sua posição e nome para obter favores no tribunal, ou para a atenção das mulheres.

Ele fez o seu próprio caminho, com base apenas em seus esforços dentro e fora do campo de batalha. Ou então ele pensou até encontrar Murian. Nas últimas semanas, ele não fez mais que pensar em beijá-la, provando-a novamente, tocando-a novamente. Agora, depois de finalmente ganhar algum terreno com seus aldeões, que tinham uma tendência enlouquecedora para proteger sua senhora, como se ela fosse um tesouro nacional e eles fossem uma tropa de elite de guardas, picava-o que ela pudesse mover sua atenção rapidamente para o seu desejo de ganhar Rowallen.

Era enlouquecedor – e, à medida que sua paciência evaporava, sua relutância em usar seu título em seu benefício também evaporou. Depois de dias de frustração, ele teria emitido com prazer um decreto real para passar algum tempo sozinho com Murian.

Toda a situação fez com que ele percebesse como raramente tinha que lutar por essas coisas. Quando ele via uma mulher que ele achava que poderia gostar, ele a cortejava e ganhava. Sempre. No entanto, esta mulher, sua mente consumida por corrigir uma injustiça, cercada por uma pequena aldeia de pessoas que a amavam e precisavam dela, parecia imune a ele.

Cortejá-la se apresentava como um desafio único. Se ele quisesse toda a atenção, ele teria que ajudá-la a encontrar aquele maldito diário. Talvez, uma vez que tivesse atingido esse objetivo, ela seria livre para apreciar o tempo que eles tinham perdido.

Ela afastou um cacho, deixando uma mancha de gesso em sua bochecha.

— Quando o cantor chega?

— Logo. — Ele tirou a luva. — Fique parada. — Ele limpou sua bochecha com a ponta dos dedos.

Seus olhos voaram para os dele, surpresa em seu rosto. Baforadas de respiração gelada rolavam de seus lábios cheios, úmidos e quentes, seus olhos cintilavam de surpresa e... excitação? Deus, ele desejava que eles ainda estivessem na cabana da Viúva Atchison, então ele conseguiria capturar os lábios com os dele.

Como se ela pudesse ler seus pensamentos, seus cílios caíram e ela recuou para trás das fortificações, ela era muito rápida para se lançar.

— Espere, — ele ordenou.

Seu olhar estreitou, mas ela ficou imóvel. Max roçou sua bochecha novamente, desta vez pelo simples prazer do toque.

— Você tem gesso no seu rosto. Desapareceu.

— Obrigada. — O vento voltou a girar e ela puxou o capuz, tremendo quando sua capa dançou sobre ela. — Devemos conversar sobre o cantor.

— Sim, nós devemos. Vamos para a cabana da Viúva Atchison?

— Não. A minha seria melhor.

Ele pensou na enorme cama que adornava um canto de sua cabana.

— Tudo bem. — Ele pegou seu cotovelo e caminhou com ela em direção à sua cabana. — Nós temos muito a planejar…

— Och, lá está Ian. — Ela ficou na ponta dos pés. — Ian!

O gigante estava empurrando um carrinho de mão cheio de pedra pela rua, mas, por seu grito, ele se dirigiu para o caminho. Ele parou na frente de Murian, de rosto vermelho e soprando.

— Sim?

— O príncipe tem uma palavra sobre o cantor que está vindo para Rowallen. Devemos discutir como aproveitar ao máximo esta oportunidade.

— Nessas circunstâncias, moça, você não pode voltar ao castelo. Foi um desastre na última vez, e vai ser o mesmo.

— Ian, estou com frio. O vento está soprando. Eu vou discutir isso na minha cabana, então venha, ou não seja ouvido. — Ela virou-se e caminhou pela rua, deixando Max e Ian atrás.

Ian inchou as bochechas.

— Ela parece um pouco fora de si.

— Ela está determinada a encontrar esse diário. Talvez seja bom para ela.

— Sim. Assim tenho pensado. Bom, suponho que é melhor irmos conversar com ela. Se não formos, ela vai seguir alguma estratégia selvagem que não nos dirá.

— Você está certo. — Max suspirou. — Pode precisar de nós dois para mantê-la fora de problemas.

Ele liderou o caminho, olhando melancolicamente a cabana vazia da Viúva Atchison enquanto ele ia.

Capitulo 13

Max abriu a porta para Ian, depois seguiu o homem mais velho para dentro.

— Eu fecho-a. — Will Scarlae seguiu-os, e então fechou a porta com uma batida decidida.

— O que você está fazendo aqui? — Ian pendurou o casaco em um prego na porta. — Você deveria estar recolhendo as tábuas quebradas, não é?

— A Viúva Reeves disse que seria melhor fazê-lo no final do dia. Então eu pensei em me juntar a vocês aqui e ajudar. — Ele estreitou seu olhar. — Vocês estão planejando alguma coisa, não estão?

— Sim, nós estamos. — Murian enfiou as luvas no bolso do manto antes de pendurá-lo na tela na extremidade da sala. — Ian, ele pode ficar. Não pode ser uma coisa ruim ter outro cérebro pensando nos nossos planos.

Will parecia satisfeito quando pendurou o casaco na parte de trás de uma cadeira, em seguida sentou-se rigidamente, como se estivesse pronto para ser apresentado a uma tarefa assustadora.

Ian sentou-se em frente ao jovem, sua cadeira rangendo em protesto.

— Não deviamos estar falando na frente do rapaz.

— Besteira, — disse Murian. — Will quer o castelo de volta tanto quanto nós; era a sua casa.

— Humph. — Ian não parecia convencido. — Will, talvez você deva dizer ao príncipe como você foi capturado pelos homens do conde há um mês.

Um vermelho apagado coloriu o rosto do jovem.

— Então, eu fui — ele disse com ousadia. — Mas eu conheço o castelo e, com a ajuda de uma camareira, escapei.

— Ian deixe o rapaz. — Murian enviou-lhes um olhar duro enquanto cruzava para ficar diante do fogo. — É tempo de esperar mais dele.

Ian não parecia ter concordado nem um pouco, mas Will lhe enviou um olhar grato.

— Obrigado, milady. Eu vou fazer você se orgulhar, eu vou.

— Tenho certeza que você vai. Então ouça bem; o principe nos trouxe notícias.

Will assentiu e Max, olhando para ele de perto, percebeu que não era tão jovem como pensava. A julgar pela leve constituição de Will e pelo ar rabugento, Max pensou que ele tinha dezesseis ou dezessete anos. Em uma inspeção mais próxima, Will parecia ter seus vinte e poucos anos. Max tinha

homens sob seu comando que haviam liderado as tropas com sucesso à idade de Will, embora ele não pudesse começar a imaginar isso desse menino de queixo fraco.

— Will conhece o castelo de cima a baixo. — Murian colocou outro tronco no fogo e então sentou-se perto, mantendo os pés em direção ao calor. — Ele cresceu em Rowallen e pode ser de grande ajuda.

— Eu conheço os corredores de trás melhor do que ninguém, Lady Murian.

— Nesse caso, então, deixe-o ficar. — Max cruzou para o fogo e se inclinou contra a lareira. Ele desejava o calor, mas também a proximidade de Murian, que não estava a dois pés dele. O tronco que ela adicionou ao fogo ardia, transformando o cabelo em cobre e ouro.

— O que é sobre esse cantor? — Ian perguntou, sua voz áspera de impaciência.

Max afastou o olhar de Murian.

— A famosa cantora de ópera, Madame Dufond, atuará em Rowallen na terça-feira.

— Em quatro dias, — disse Murian.

— Dá. Haverá um jantar, seguido de uma performance.

Murian inclinou-se para a frente.

— Ele está convidando a nobreza local?

— Foram enviados convites esta manhã; um dos meus homens os viu.

Murian estava claramente satisfeita.

— Então está definido. — Imersa em pensamentos, ela mordeu seu lábio inferior com os dentes.

Um calor correu através de Max que não tinha nada a ver com o fogo. Para cobri-lo, ele perguntou: — O que você sabe de como os guardas são postados?

— Um pouco. — Murian segurou suas mãos em direção às chamas. — Se Loudan está convidando mais de uma dúzia ou mais pessoas, ele vai dobrar os lacaios no vestíbulo e colocar mais em cada entrada. Ele faz isso toda vez que ele dá uma festa.

— Esses não são lacaios, — disse Will, esfregando a maçã do rosto como se lembrasse de uma dor.

— Alguns deles são, — disse Murian. — Você pode facilmente notar a diferença, no entanto.

— Sim, — Ian concordou. — Os guardas são brutos e fazem com que os lacaios se pareçam pequeninos.

— Então eu notei, — Max disse secamente. — O que mais você sabe dos guardas?

— Eles não são daqui, então geralmente se perdem quando eles deixam o castelo. — Ian acariciou seu queixo pensativamente. — Quando Loudan tem convidados, ele adiciona um círculo de guardas ao lado do castelo.

— Isso é além dos guardas guardando o terreno, — disse Murian. — Ele é previsível, de certa forma. — Ela distraidamente colocou uma mecha de cabelo atrás de uma orelha. — O que é bom para nós.

Max perguntou-se sobre o cabelo indomado de Murian entre os lençóis. Ela seria mais apaixonada? Mais inclinada à loucura e...

Ian limpou a garganta, longo e alto.

Max encontrou o olhar do gigante sobre ele, as sobrancelhas vermelhas escuras estavam bem fechadas. Max simplesmente encolheu os ombros.

Murian, com pensamentos profundos, bateu os dedos nos braços de sua cadeira.

— Loudan usará o salão azul para a apresentação, pois é o mais agradável do castelo e acolhe um bom número de convidados. Eu vestirei meu disfarce, como fiz no baile. Então, enquanto todos estiverem ouvindo...

— Nyet!

— Não!

Max e Ian disseram o seu não ao mesmo tempo, e Ian disse: — É muito perigoso, moça. Você teve a oportunidade da última vez. Desta vez, deixe-me ou outra pessoa correr o risco.

— Eu farei isso, — Will ofereceu.

Murian balançou a cabeça.

— Eu sei como é o diário, e ninguém conhece a câmara principal melhor do que eu.

— Você será apanhada, — disse Ian.

— Eu não fui apanhada na última vez. Loudan olhou diretamente para mim e não me reconheceu.

— Seu disfarce foi magistral, — concordou Max. — Mas Ian está certo: esse evento será diferente do baile, e um disfarce simples não funcionará.

Uma linha teimosa apertou seu maxilar.

— Por que não?

— Em uma dança, as pessoas se movem de sala em sala, à luz de velas. É fácil desaparecer em tais circunstâncias. Um cantor, porém, vai atrair todos para uma sala. Todos os convidados estarão sentados em um só lugar, com muitos candelabros acesos para iluminar o desempenho. Será muito mais difícil passar despecebido.

Seu queixo firmou, e depois de um momento tenso, ela disse com uma voz apertada.

— Então, o que você sugere?

Will inclinou-se para a frente ansiosamente.

— Deixe-me fazer a busca, milady! Eu posso vestir-me como um lacaio e ninguém saberá...

— Onde está sua cabeça, garoto? — grunhiu Ian. — Eles já conhecem você, então, um olhar para você e nós estaríamos feito.

— Eu poderia usar um disfarce como sua senhoria, — Will disse com calor. — E fazer um uniforme como os outros lacaios.

— E você pensa que os outros lacaios, que são guardas, não notariam que um novo rosto estaria entre eles, parecendo o maior nódulo em um tronco?

Will corou, afundando em sua cadeira.

— Eu só estava tentando ajudar.

— Você não tinha pensado em nada, se eu posso dizer. — Ian suspirou pesadamente. — Então. Sabemos que haverá um evento, com um monte de convidados indo para o castelo. Onde é que isso nos deixa?

Murian respondeu.

— Talvez não faça sentido ir disfarçado. Eu não tenho certeza de como mais abordar isso.

Max brincou com a idéia de não dizer nada, na esperança fraca que Murian decidisse, também, ser perigoso se aproximar do castelo, mas a linha teimosa de sua mandíbula lhe disse que essa esperança era em vão.

Ele suspirou.

— Se você deve ir, meus homens e eu vamos encontrá-la dentro de Rowallen, remover os guardas e escoltá-la para o quarto. — Pelo menos, ela estaria protegida.

Os olhos dela brilharam.

— Você pode fazer isso?

— Claro. Precisamos estudar os arredores em torno de Rowallen e decidir qual entrada seria a mais segura.

— Nós já sabemos disso, — disse ela. — Há uma subida no lado oeste do castelo. É fácil esconder-se naquele cume e depois escorregar no escuro. Não é Ian?

Ian suspirou, mas grunhiu um acordo.

Max perguntou: — Quantas vezes você entrou no castelo?

Ian acariciou sua barba pensativo.

— Duas dúzias de vezes. Talvez mais.

Max assobiou silenciosamente.

Ian encolheu os ombros.

— No início, Loudan não tinha tantos guardas. Não, como agora. E piorou desde que o conde se deu conta de que tínhamos entrado em Rowallen.

Max lançou um olhar para Will, que instantaneamente ruborizou.

— Sim, — o jovem concordou. — O conde dobrou os guardas depois que fui apanhado.

— Como você entrava antes de haver tantos guardas? — Max perguntou.

Murian sorriu.

— Fácil. Nós segurávamos os convidados do conde a caminho de Rowallen.

Ian disse: — O conde ficava furioso e enviava seus guardas para dentro da floresta para nos achar, o que eles não conseguiam, pois nenhum deles é dessa área.

— Eu diria que você os conduzia em uma feliz perseguição.

— Sim. — Ian parecia um pouco presunçoso. — Nós deixávamos que eles nos vissem, seguissem adiante e depois nos escondíamos enquanto eles passavam. Depois que eles se afastavam, rodeávamos atrás deles e seguíamos direto para Rowallen. Funcionou até Will. Depois disto, havia muitos guardas para passarmos.

Max tinha que admirar seu espírito. Até agora, ele não conheceu uma única pessoa nesta pequena aldeia que não tinha o coração de um leão, especialmente seu líder. Ele olhou para Murian agora.

— Então você deve chegar ao quarto de Loudan.

Ela assentiu.

— Tem que estar lá.

Ele olhou dela para Ian, cujo rosto mostrou dúvidas. *Então, você não está tão certo quanto sua senhora quanto ao paradeiro deste diario.*

Max pegou o fogo e agitou os troncos.

— Eu preciso andar no castelo, ter meus homens desenhando um mapa do terreno, fazer uma contagem das forças inimigas, testar o...

— Eu posso te contar tudo o que você deseja saber, — Murian disse com impaciência na voz. — Nós não precisamos de seus homens para fazer mais do que ficar de guarda, e, se for descoberto, mantenha os homens do conde na varanda até que escapemos.

— Nyet. Isso não funcionará.

— Por que não?

— Porque nem eu nem os meus homens podemos estar envolvidos em um combate direto com o conde ou com seus homens.

Três pares de olhos arregalados viraram-se para Max.

Ele explicou.

— Como sou um príncipe, tudo o que eu faço é representativo de Oxenburg, quer que seja ou não. Se meus homens e eu atacássemos o conde ou seus homens em seu próprio castelo, isso poderia ser interpretado como um ato de agressão. Isso poderia envergonhar politicamente meu país, eu não posso fazer isso.

— Eu entendo.

Ele pegou o profundo desapontamento no olhar de Murian.

— Mas isso não significa que eu não vou ajudá-la. Eu não tenho nenhum problema em enganar Loudan ou seus homens, ou ajudá-la a alcançar o quarto principal para sua busca. — Ele deu um sorriso de lobo. — Eu só tenho problema em ser pego.

— Como eu,— Murian disse, parecendo aliviada.

— Então estamos preparados. Se você fizer isso…

— Quando eu fizer isso, — ela o corrigiu.

— Quando fizermos isso, meus homens e eu vamos ajudá-la de todas as maneiras possíveis. Loudan está escondendo algo que pertence à minha família também. Eu devo recuperar esse objeto, e seria melhor se o conde nunca percebesse que ele desapareceu de sua posse até depois dos meus homens escoltarmos a minha avó fora do castelo.

— Sim. Claro. — Seu olhar ficou sombreado. — Se acharmos o diário e o item perdido da sua avó, você… todos vocês vão partir?

— Dá. Devo acompanhar minha avó de volta a Oxenburg, e então tenho obrigações a cumprir.

— Claro. — Ela conseguiu um sorriso, mas estava tão apertado quanto o peito de Max. Ele estava chateado com apenas algumas semanas, mas agora… Apenas dias?

— No que devo participar? — Will perguntou ansiosamente.

Max franziu os lábios.

— Se Will conhece o castelo, então talvez ele deveria ser o único a procurar…

— Não, — disse Murian.

— Seria mais fácil explicar a presença dele do que a sua.

Will se iluminou.

— Ele nunca viu o diário. — Murian disse com firmeza. — Eu já. Portanto, eu sou a única que pode fazer isso.

— Tolice. Você pode descrevê-lo para ele.

— Não. — Sua voz aumentou ligeiramente. — É meu para encontrar, não dele.

— Seria mais seguro se…

— Não. — Ela se inclinou para a frente, com as mãos apertadas nos braços de sua cadeira. — Só seria mais seguro para mim. Não é para mais ninguém.

Ele percebeu que sua objeção não era porque ela desconfiava do rapaz, mas porque ela se recusava a colocá-lo em perigo.

— Estou a ver. — Muito melhor do que ele queria. Ele afastou-se da cornija. — Felizmente, temos vários dias para encontrar a maneira mais segura de fazer isso, e a mais furtiva.

Seu olhar de prata procurou seu rosto. Tudo o que ela viu deve tê-la tranquilizado, porque ela assentiu.

— Obrigada. E eu juro que vamos encontrar o que a Grã-Duquesa perdeu para Loudan também.

O olhar azul de Ian caiu na direção de Max.

— O que ela perdeu?

— Uma tiara. Uma tiara muito especial. — Max caminhou até onde ele pendurou o casaco. — Vou ter meus homens fazendo uma pesquisa sobre o castelo e as terras, e marcar todos os postos dos guardas. Já vi meus homens observando os hábitos dos lacaios e dos guardas. Uma vez que tenhamos toda essa informação, vamos elaborar um plano de batalha.

— Quanto tempo vai demorar? — Murian perguntou.

— Alguns dias, não mais. Estaremos prontos quando chegar a hora. Agora, se você me desculpar, eu deveria ver se meus homens precisam de assistência. Nós desejamos terminar o telhado da Viúva Brodie antes que a tempestade chegue.

Ele pegou a mão de Murian na dele, franzindo o cenho quando notou como estava rachada.

— *Dorogaya moya*, luvas de lã não são suficientes.

Ela puxou a mão, seus lábios pressionados em uma linha infeliz.

— Elas ajudam o suficiente, obrigada. — Ela olhou abaixo de seus cílios para Ian e Will antes de dizer a Max. — Suponho que eu deveria buscar alguma ajuda para terminar o reboco, então.

Por um momento ele foi tentado - muito tentado - a oferecer-se para "ajudar", mas ele sabia que era uma causa perdida. Ela estava muito preocupada com a invasão deles a Rowallen, e essa mesma incursão o preocupava. Eles tinham muito mais conversas para fazer, mas não agora.

— Eu ajudarei com o reboco, — Will ofereceu.

— O rapaz seria uma boa ajuda, — Ian aprovou. Ele se levantou da cadeira e esticou-se. — Eu deveria terminar minhas tarefas, também. Tenho mais dez carrinhos de mão cheios de ardósia para mover. — Ele avançou até a porta. — Venha, Will. Eu vou mostrar como misturar mais gesso, você precisará disso antes que o dia acabe.

Parecendo satisfeito, Will se juntou a Ian, ambos encolhendo os ombros em seus casacos.

Max se curvou para Murian. Por um momento, ela pensou que ele poderia dizer alguma coisa, mas tudo o que ele fez foi murmurar um adeus antes de seguir Ian e Will para fora da porta.

Agora sozinha, Murian esfregou os braços. Ela esperou e esperou por sua oportunidade de voltar para Rowallen, e de repente as coisas estavam acontecendo rapidamente. Seria muito mais fácil se ela pudesse planejar todo o evento, mas seria uma idiota para não usar a ajuda do príncipe enquanto a possuía. *Ele já se irá em breve. Muito cedo.*

Seu coração afundou, e ela disse a si mesma, tudo bem. *Eu não esperava mais nada.* Mas uma dor vazia cresceu no peito com o pensamento da vida depois que Max se fosse. Em alguma parte profunda e secreta dela, ela tinha feito o que era mais perigoso...

ela teve esperança. O que ela esperava, ela se recusava a analisar, porque realmente não importava. Max partiria depois de terem recuperado o diário e a tiara. Ele teria que ir.

O destino era cruel e caprichoso; ele deu e então ele tirou. Suspirando, vestiu o manto e voltou para o frio.

Capitulo 14

No dia seguinte, a vila despertou para encontrar-se coberta por uma neve profunda e pesada que brilhava ao sol. Murian adorava o modo como as árvores foscas pareciam com um conto de fadas. Incapaz de ficar quieta por muito tempo, apesar da neve, ela e Ian abriram caminho para o celeiro onde eles trabalharam, fazendo cortinas. Era bom para ela fazer algo com as mãos; isso a manteria ocupada para não pensar demais na escapada que se aproximava em Rowallen ou nos cálidos olhos verdes de um certo homem de cabelos negros e sorridente.

No entanto, na escuridão da noite, oh, como ela pensou demais nesses dois fatos.

Depois de terminar as persianas, ela e Ian decidiram enfrentar a neve e pendurá-las. Isso tinha sido há uma hora, e ela agora estava martelando a dobradiça final no lugar.

Entrecerrou os olhos para a obra.

— Bem? — ela disse para Ian, que segurava sua escada. — Como se parece?

— Grande, moça. — Ele franziu os lábios antes de dizer com uma voz encorajadora: — Apenas um pouco torto, o que não é nada mal.

— Maldição! Deveria estar direito, pois eu marquei. — Ela recostou um pouco para que ela pudesse ver tudo melhor. — Eu marquei duas vezes; eu não sei como poderia estar torto.

A gargalhada de Ian fez com que ela lhe desse uma careta simulada.

— Och, você é uma provocação, Ian Beagin.

— Assim, está bem. É certo como pode ser. Infelizmente, eu não posso dizer o mesmo para a construção, que se inclina para a direita.

— Já reparei. Infelizmente, não podemos consertar. — Ela pendurou o martelo no cinto que tinha amarrado em sua cintura e desceu, suas botas esmagando a neve que Ian havia pisado na planície para a escada.

Murian removeu a neve de seu ombro, fazendo uma careta quando uma porção deslizou pelo pescoço.

Ian gargalhou de novo. Ele estava muito mais alegre agora que muitos dos reparos haviam sido concluídos. Ele estava quase frívolo, sabendo que mais seria feito uma vez que o tempo estivesse limpo.

O conhecimento também a aqueceu, embora não na medida em que fez a Ian. Ela via sua pequena aldeia como uma parada na estrada de volta para

Rowallen, mas ela estava começando a pensar que Ian acreditava que era seu destino final.

Nunca. Voltaremos a Rowallen, todos nós. Ela se comprometeu com este objetivo, e ela não se afastaria disso, aconteça o que acontecer.

Ela olhou pelo largo caminho para a aldeia. Pesado de neve, a floresta pareceu engolida. O príncipe e seus homens podem não vir por alguns dias, e ela sentiu-se estranhamente inquieta ao pensar. Tinha ficado assim desde que a neve tinha começado, e ela se deteve olhando pelas janelas quando ela estava dentro, e observando a estrada quando estava fora. Sentia falta da agitação que Max e seus homens haviam trazido para sua pequena aldeia. Mas mais do que isso, ela sentia falta do próprio Max, o que a preocupava.

Talvez fosse porque ele não a tratava como — Lady Murian —, mas simplesmente como uma mulher. Embora seu nascimento o tivesse colocado em uma posição alta, ele foi rápido em abandonar as regras da sociedade. Claro, ele testemunhou de primeira mão o maior de todos os niveladores, a guerra. Ela tinha ouvido Spencer dizer uma e outra vez que não havia duques na guerra, apenas bons e maus soldados. Talvez isso explicasse as atitudes não convencionais do príncipe.

Ian removeu a escada e colocou-a ao lado da parede.

— Eu vou buscar as persianas da casa da Viúva Reeves, se você não estiver muito cansada para afixá-las.

— Eu nunca estou cansada demais para colocar novas persianas, — ela respondeu firmemente.

— Bom, — disse Ian. — Nós temos pelo menos mais de vinte para fazer. — Com um aceno firme, ele dirigiu-se ao celeiro.

Murian ergueu o rosto para a brisa fresca que veio através das árvores, admirando como a neve brilhava nos galhos. Sua aldeia estava em silêncio, exceto por um murmúrio ocasional de vozes de algumas das cabanas, ou a chuva de neve úmida, que caía de ramos de árvores altamente curvadas.

Não havia como saber quanto tempo a neve permaneceria. Mas quando... Seu olhar foi para o caminho da aldeia. *Ele retornará.*

Seu coração saltou. Isso dizia respeito a ela, essa inexplicável excitação ao pensar apenas em Max, uma mistura selvagem e despreocupada... Ela não tinha idéia do que era, e ela não queria descobrir. Mas desejou que isso parasse. *É apenas paixão. Paixão e emoção. Logo vou ter o diário de Robert em minhas mãos, o príncipe e seus homens se irão, e as coisas voltarão ao normal.*

Sua excitação desapareceu, uma profunda dor a substituí-la. Ela olhou para a estrada novamente, para a aldeia e, para seu horror, sentiu lágrimas erguerem-se.

Felizmente, a porta do celeiro se abriu, e Ian saiu com uma pilha de persianas em seu ombro, uma bolsa de fechos dobrados no cinto.

Ela jogou a parte de trás de sua luva sobre os olhos antes que ele percebesse, e logo ela o ajudava a empilhar as persianas pela casa da Viúva Reeves.

Concluída essa tarefa, ela pegou a bolsa de fixadores que ele entregou e prendeu-a no cinto dela. Ian pisou a neve para a escada.

— Aí. Isso vai dar. — Ian pisou duro, então içou a escada para a parede. — Cuidado, moça. Suas botas podem deslizar... — Seu olhar focalizou sobre o ombro, suas sobrancelhas pesadas se ergueram. — Bom. Eu não esperava ver isso hoje.

Poderia ser? Seu coração respondeu antes mesmo de se virar. Lá, montando seus cavalos pela estrada coberta de neve, estavam Max e seus homens. A neve pulverizava os ombros largos cobertos de lã, e se agarravam às crinas dos cavalos. Vestidos com chapéus de pele, suas barbas cobrindo as grossas golas de peles, suas botas de montaria, brilhantes e molhadas da neve, pareciam povos exóticos de uma terra distante.

Max liderava o caminho, seus homens rindo e falando enquanto o seguiam até a aldeia. Seu olhar varreu a área e encontrou Murian, que corou. Um sorriso inclinado curvou seus lábios firmes e ele assentiu com uma saudação que era estranhamente intimista, embora ele estivesse do outro lado da aldeia.

Ela colocou os braços ao redor de si mesma. Ele parecia tão saboroso e bem-vindo quanto um mingau quente e açucarado em uma manhã gelada de inverno.

Enquanto o ruído profundo das vozes dos soldados aumentava, as cortinas cintilavam nas janelas, seguiam rapidamente as portas abertas uma a uma. A Viúva Brodie estava na porta, seus cinco meninos saindo para o quintal, acenando, pulando e gritando. Orlov e Demidor pararam ao lado de seu portão e se inclinaram para conversar com os garotos.

A Viúva MacDonald correu para o portão e gritou para Golovin enquanto ele passava. Murian pegou a frase “ensopado de veado” e, o que quer que a viúva tenha dito, o rosto escarpado de Golovin se iluminou e ele acenou com a cabeça.

A Viúva MacCrae e sua filha passaram por Murian para acenar a Pahlen, que sorriu, seus dentes piscando branco em seu rosto barbudo quando ele dirigiu seu cavalo para o outro lado.

As outras mulheres e crianças sairam de suas casas, todos acenando para os homens, vozes excitadas que atravessavam a aldeia uma vez tranquila.

— É como um desfile, — disse Murian.

— Sim, — Ian respondeu. — Embora fique feliz por estarem aqui para ajudar, espero que alguém perceba que é apenas temporário. O príncipe e os seus rapazes irão logo.

Max puxou o cavalo para parar ao lado de Pushkin, que estava amarrando ao portão e desmontando. Ele entregou as rédeas para Orlov, que tomou os dois cavalos e os levou com os seus próprios para os estábulos. Os outros homens, deixando os aldeões, fizeram o mesmo.

Murian percebeu de repente como devia parecer. Seu cabelo, úmido da queda de neve, preso ao rosto e ao pescoço em cachos molhados, e ela estava certa de que seu nariz estava vermelho-cereja do frio.

Max chegou até eles e sentiu seu olhar cintilar sobre ela, persistindo em seu rosto e bochechas.

— Lady Murian. — Ele curvou-se e olhou para ela até a pilha de persianas. — Eu não esperava que alguém estivesse trabalhando numa manhã tão fria.

— Claro que nós estávamos trabalhando, — Ian sorriu. — Agora, nós temos madeira, não há obstáculos para o que precisa fazer.

— Excelente. Embora a carroça não passasse pela neve, os cavalos precisavam de exercícios, então estamos aqui.

— Você não pode esperar trabalhar nos telhados com esta temperatura. — Murian bateu as mãos entre elas para mantê-las aquecidas.

Max estendeu a mão.

— Me dê sua mão.

Ela obedeceu.

Ele tirou as luvas molhadas e as colocou em um degrau da escada. Então tirou uma luva do bolso e puxou-a para a mão nua de Murian. O couro flexível estava alinhado com o pêlo mais suave que já sentira, e o calor envolveu sua mão.

— Obrigada.

Seu olhar escureceu.

— Você deve ter luvas melhores se você quiser sair com esse clima. Dê-me a sua outra mão.

Ela segurou, e ele puxou a luva correspondente do bolso e puxou-a em sua mão. Ela segurou suas mãos enluvadas diante dela, admirando o couro bem costurado.

— Elas são lindas.

— Elas foram feitas pelos ciganos do meu país. Eles fazem coisas lindas com couro.

Ela olhou para ele interrogativamente.

— Elas são muito pequenas para serem suas.

— Elas pertenciam à minha avó.

— Agradecerei a ela se a encontrar de novo.

— Por favor, não faça.

Ele falou com tanta força que ela lançou um olhar suspeito.

— Eu acho que ela sabe que ela tem sido muito generosa.

— Ela sabe. Ela assumiu que eu desejava as luvas para, como dizia: — uma moça da aldeia. Eu preferia que ela não te chamasse assim, porque isso me deixa muito irritado.

Murian contraiu os lábios.

— Sua avó parece muito animada. Acho que eu gostaria dela.

Max pensou que Murian também apreciaria as maneiras descaradas de Tata Natasha. Infelizmente, as duas nunca se encontrariam. Ele forçou um sorriso.

— Devemos discutir a missão programada para Rowallen. Orlov está nos esperando no celeiro. Os outros devem se juntar a nós. — Ele olhou para Ian. — Nós também precisaremos de você, e Will. Quanto mais mentes aplicarmos a isso, menos erros haverá.

— Vou dizer ao rapaz que você precisa dele. — Ian saiu, deixando Murian com Max.

Ele ofereceu seu braço. Era uma coisa tola e formal, mas sorriu e aceitou. Eles atravessaram a neve profunda para o celeiro e entraram.

Orlov colocou uma prancha em dois barris, criando uma mesa.

— Bom dia, Lady Murian.

Ela devolveu a saudação, removendo suas novas luvas.

Max notou como ela colocou-as cuidadosamente no bolso, dando um tapinha como se certificando que não iriam cair.

Orlov removeu um pacote de couro dos alforjes que ele tinha pendurado em uma baia, e trouxe para a mesa improvisada. Lá, ele desabotoou a aba e tirou alguns papeis. Murian observou enquanto os alisava.

— Esses são esboços de Rowallen. — Ela virou os outros papéis. — E horários dos guardas, também. — Ela olhou para Max, surpresa em seu olhar. — Onde você conseguiu isso?

Ele sorriu com a admiração em sua voz.

— Nós os fizemos. Esta não é a primeira batalha que planejamos.

Orlov moveu um pedaço de papel no topo da pilha.

— Há cinquenta e seis guardas. Aqui estão os nomes deles e o que sabemos deles. A maioria deles são militares treinados.

— Como você descobriu?

Os dentes de Orlov brilharam na barba negra.

— Vodka. Muita e muita vodka.

Max explicou.

— É uma bebida; como o seu uísque, apenas mais forte.

— Muito mais forte, — concordou Orlov.

— Ah, — disse ela. — Espero que as informações que você vislumbrou sejam precisas e não fanfarronice de bêbado. Eu…

A porta abriu e Demidor e Golovin entraram.

— Onde estão os outros? — Max perguntou.

— Eles vêm, — disse Demidor. Os dois homens ficaram atrás de Orlov.

Max virou-se para Murian, que estava lendo um dos papéis.

— Tanta informação, — disse ela, balançando a cabeça. — Você conseguiu tudo isso ao manipular os homens do conde com vodka?

— Não todas. Algumas de nossas informações vieram do homem de negócios de Loudan.

— Sim, — disse Demidor. — Um homem pequeno que é muito dado a reclamar. E quando ele se queixa, ele também conta muita informação.

— Na noite anterior, Demidor tornou-se seu melhor amigo, — disse Max.

— Não foi difícil, — Demidor disse modestamente. — Depois de alguma vodka, o homem tinha muito a dizer sobre seu empregador. Mas não era o que ele disse que era de valor, mas sim o que ele escreveu.

— Eu não entendo, — Murian disse.

— Ele mantém um livro fiscal. — Demidor alcançou e bateu na borda de um pequeno caderno azul que foi parcialmente escondido sob os papéis.

Murian pegou o caderno.

— Você roubou isso? Será que ele vai ao conde quando perceber que ele se foi?

— Não, ele teme o conde. Além disso, vamos devolvê-lo mais tarde, hoje mesmo e ele pensará que estava meramente perdido.

Ela folheou o livro.

— Céus! Ele anotou tudo o que ele teve para o almoço, como seu joelho sente, quanto ele dormiu …

— Quantos guardas estão posicionados e onde, todos os dias, o quanto esses guardas custaram ao conde, os nomes de cada pessoa em cada esquadrão e seus líderes, é um registro completo.

A porta se abriu e o resto dos homens de Max entrou, assim como Ian, que correu para o lado de Murian.

— Will está chegando. Eu pensei que a Viúva Reeves também poderia ser de ajuda, vendo como ela era a cozinheira e conhecia os andares inferiores.

— Bom, — disse Murian. — Veja o que o príncipe e seus homens trouxeram. Horários dos guardas, nomes de cada comandante do esquadrão, mapas de Rowallen e qualquer outra coisa que possamos precisar.

Ian ficou impressionado.

— Então vamos definir.

Max assentiu enquanto cruzava os braços.

— Aqui está o que pensamos. Quando o entretenimento começar naquela noite, vamos permitir que continue por uma hora ou mais...

A porta do celeiro se abriu novamente e a Viúva Reeves entrou, Will atrás dela. A Viúva Reeves olhou para os papéis sobre a mesa.

— Och, mas isso é um bom desenho do interior do castelo! Quem fez isso?

Demidor empurrou o polegar para Golovin, que corou.

Ela olhou para ele com admiração.

— Você fez um bom trabalho, ah fez.

Golovin não parecia saber onde procurar.

— Como eu estava dizendo, Murian, — Max continuou com um tom firme, um instante de exasperação em sua voz. — Uma vez que o entretenimento comece, lançaremos o sinal para que você se aproxime do castelo. Nós não conhecemos a hora exata, porque você sabe como esse tipo de evento pode acontecer.

— Sim. Às vezes, o cantor está atrasado, ou os convidados permanecem durante o jantar, nunca se sabe.

— Exatamente.

— Onde o cantor estará se apresentando?

Ele colocou o dedo no mapa.

— No salão azul, aqui.

Murian assentiu com a cabeça

— Como pensávamos.

— Dá. Está sendo limpo, os tapetes batidos e as cadeiras preparadas. Não há outras salas, mas esse salão e a sala de jantar estão sendo preparados.

— Como você vai me avisar quando é seguro se aproximar do castelo?

Orlov tirou outro papel da pilha e colocou-o no topo. Este mapa era das terras ao redor do castelo, cada uma das dependências esboçadas.

— Você, Ian e Will vão esperar aqui pelo nosso sinal. — Orlov apontou uma colina ao leste do castelo.

— Isso não funcionará, — Will disse.

— Por que não? — perguntou Orlov.

— Loudan coloca guardas nos fundos do anoitecer até o amanhecer.

— O rapaz está certo, — Ian concordou. — Nós os vimos muitas vezes.

— É verdade, — disse Max. — Mas esta noite, eles não estarão lá a partir das oito horas em diante.

As grossas sobrancelhas de Ian se elevaram.

— Você pode organizar isso?

— Dá, é por isso que você, Will e Lady Murian chegarão às oito e trinta e não um momento antes.

Os olhos de Ian brilharam.

— Tentará cuidar deles, você?

— Sim, mas gentilmente.

— Você o fará? — Will perguntou, parecendo preocupado.

— Os guardas serão convencidos por duas empregadas muito dispostas a beberem algum uísque proibido enquanto trabalham. Eles vão acordar nos estábulos na manhã seguinte, sem lembrança de como chegaram lá. Eu prefiro duvidar que eles vão admitir a Loudan que eles abandonaram seus deveres, mas sim irão fingir ter estado em seus postos durante toda a noite.

Murian assentiu pensativa.

— Então você vai limpar os guardas deste lado.

— Dá. Quando terminar, vamos colocar uma luz na pequena janela da sala de estar amarela, que fica ao lado do salão azul. Depois de ver o sinal, você virá para a janela do escritório aqui. — Max apontou de novo.

— A segunda janela acima. — Ela franziu a testa. — Por que o escritório?

— É melhor. E venha vestida como um ladrão, não como Lady Murian. Isso facilitará as coisas, devemos nos mover rapidamente. — Ele examinou Will e Ian. — Vocês devem cuidar para que Lady Murian passe com segurança por esta janela o mais rápido possível após o sinal ser dado. Embora os guardas não vão estar aí, há muito terreno aberto aqui. Se alguém olhar para fora da janela e te ver, as coisas podem dar errado muito rapidamente.

— Nós vamos fazer o que devemos, — Ian disse com firmeza.

Will assentiu.

— Sim, mas... não estou desrespeitando, isso é tudo o que faremos?

Orlov franziu o cenho.

— O que você vai fazer é importante e perigoso. Você estará escoltando sua senhoria ao longo do terreno aberto para o castelo e protegendo-a com sua vida.

— E enquanto ela está dentro do castelo? — Will perguntou.

— Vocês dois vão se mudar para aqui. — Orlov apontou para a porta da cozinha na parte de trás do castelo.

— Você vai esperar para escoltá-la. Uma vez que a levamos para lá, você precisará tirá-la do castelo o mais rápido possível.

— Você terá que se esconder enquanto espera, — advertiu Demidor. — Haverá muitos criados que se movimentam dentro e fora. Eu os observei nos últimos dois dias, e há apenas alguns lugares para se esconder: aqui no muro de pedra pelo poço e...

— ...atrás da casa de gelo, — Ian terminou, sua voz pesada com sarcasmo.

— Nós vivemos lá varios anos; nós sabemos onde nos esconder na cozinha.

— Eu posso garantir isso, — disse a Viúva Reeves.

— Por quanto tempo vamos esperar? — Will perguntou.

— Enquanto demorar Lady Murian a fazer o que deve ser feito.

Will inclinou-se sobre o mapa, seu olhar cintilando sobre cada quarto, cada um esboçado, na janela e na porta. — Como você planeja levar Lady Murian através do castelo para o quarto principal? Se ela atravessar o escritório, ela vai encontrar-se com muitos servos, para manter sua presença em segredo.

— Deixe isso para nós. Nós a temos bem na mão. — Max assentiu e Orlov começou a recolher os papéis. — Eu acho que é tudo...

— Nay. — Murian tirou os papéis das mãos de Orlov e colocou-os de volta na mesa.

Orlov parou, surpreso, enquanto Max franziu a testa.

— Precisamos de mais detalhes, se não se importa, — disse ela. — Como você espera passar do escritório para o quarto principal?

— Nós o planejamos bem; você não precisa ter medo disso.

— Eu tenho certeza que você fez, com o conhecimento que você coletou. Mas você não sabe o que precisa.

— Agradeço a sua preocupação, mas é injustificada. — A voz de Max era afiada com impaciência. — Nós pensamos em todas as contingências. Meus homens e eu lidamos com detalhes muito mais complicados do que isso, e sabemos como melhor chegar onde você deve ir. Guarde sua preocupação sobre onde você vai procurar, uma vez que você estiver no quarto principal.

— Max, há muito que você não pode saber sobre o castelo, a menos que você tenha morado ali dia após dia e conheça o funcionamento dele. Nós sabemos como as coisas funcionam lá: quais corredores são mais usados, quais salas nunca são usadas. Não vou me importar com alguns detalhes, quando é possível que possamos saber algumas coisas que poderiam melhorar seu plano.

Max endureceu, de repente cada centímetro do príncipe - severo, carrancudo, inflexível.

Seu coração caiu um pouco, mas ela recusou-se a recuar.

Will ficou indignado por Murian.

Depois de um momento tenso, o riso profundo de Ian quebrou o silêncio.

— Tranquilo, agora, vocês dois. Talvez possamos discutir isso amanhã, quando tivermos algum tempo para pensar.

— Eu acho que Lady Murian tem direito a isso. — Will disse obstinadamente. — Nós devemos ser incluídos no planejamento.

— Você foi, — Max falou.

— Não, não fomos. Voce marchou aqui e jogou seus papéis para baixo, tão satisfeito por ter recolhido algum número e de jeito nenhum. Isso não é o suficiente.

— Estivemos dentro do castelo por várias semanas, — afirmou Golovin. — O que você pode saber que não sabemos?

Murian perguntou com calma.

— Qual porta o conde usa quando ele encontra seus guardas?

— A porta oriental, — Demidor respondeu, parecendo orgulhoso.

Os outros homens murmuraram em aprovação.

— Sim, quando está seco, — Murian concordou.

O sorriso de Demidor se apagou.

— Perdão?

— Ele não pode usar essa porta quando chove, pois a janela ao lado dele escorre, e o chão de pedra fica tão liso quanto o gelo. Então, naqueles dias, ele sai pela porta principal e fala com eles lá.

Demidor piscou.

— Oh.

O maxilar de Max apertou, mas depois de um momento ele disse a Murian: — Tudo bem. Vamos compartilhar nossos planos e ouvir o que você tem a dizer.

Ela encontrou seu olhar, e sua expressão suavizou.

— Eu sei que você tem os melhores interesses no coração. — Ela podia ver sua genuína preocupação. O defeito dele não era o excesso de confiança, mas um desejo irresistível de sempre fazer direito.

Ela apontou para o plano do castelo.

— O que devemos saber primeiro?

Quando ela e Ian se inclinaram sobre o mapa, Max esboçou a rota que ele e Orlov decidiram obter para Murian até o quarto principal. Quando ele terminou, Murian tocou uma pequena sala quase diretamente em frente ao escritório.

— Isso pode ser um problema.

Ian assentiu.

— Eu estava pensando o mesmo.

Max inclinou-se para a frente, seu ombro contra o dela.

— Nós olhamos essa sala. É bastante pequena e nunca é usada.

— Exceto durante um evento. Há muito tempo, era uma despensa de mordomo, para preparar refeições para a sala do café da manhã, que está aqui. — ela deslizou o dedo pelo corredor e ao virar da esquina para uma pequena sala a oeste do vestíbulo. — Mas, como você pode ver, não é tão conveniente, então nunca foi usada para isso.

— O que era uma pena, — concordou a Viúva Reeves, — pois é dificil manter os pratos quentes da cozinha até a sala do café da manhã. — Ela se aproximou de Golovin, que estava perto. — Nós colocamos pedras quentes sob os pratos de servir para mantê-los aquecidos.

— Como a sala está sendo usada agora? — Max perguntou com impaciência.

— É usada pelos lacaios para guardar casacos sempre que há um baile um jantar ou tal.

— Os verdadeiros lacaios, não os guardas, fingindo ser-lacaios, — Ian esclareceu.

— Por que isso é prejudicial? — perguntou Orlov. — Eles vão colocar os casacos na sala antes do jantar, e depois pegá-los à medida que a noite se fecha. Eu não consigo ver o problema.

— Nyet. — Max suspirou. — Os lacaios entrarão e sairão daquela sala durante toda a noite.

— Sim, — Murian concordou. — À medida que as pessoas chegam, os lacaios vão pendurar os casacos nesta sala. Quando há tempo durante toda a noite, vários lacaios voltarão a escovar os casacos para que estejam limpos antes de serem devolvidos aos convidados.

— O que significa, — Max terminou — que eles provavelmente usarão o tempo durante a apresentação para atender esses deveres. Então, os lacaios estarão dentro e fora dessa sala exatamente quando mais precisamos do corredor vazio.

— Então a janela do escritório não vai funcionar — Orlov disse com ironia.

— Exatamente. — Murian inclinou os cotovelos na mesa de prancha e olhou mais de perto no mapa. — Qual janela deve ser usada, então?

Ian bateu no ombro de Max.

— Desculpe, rapaz. Você não pode estar certo o tempo todo.

O olhar de Max também se fixou no mapa, sua expressão pensativa.

— Nyet, meu amigo. Prefiro estar errado agora do que errado na noite da invasão. — Seu olhar uniforme levantou-se para Murian. — Nós temos muito a perder.

Sua garganta apertou inesperadamente. Sua voz era tão constante como o seu olhar, e ela corou. Para passar o momento sem se envergonhar, ela puxou o mapa mais perto, quase tropeçando com Will, que se inclinou para frente quando o fez.

Depois de um momento, Will colocou o dedo em uma pequena sala no canto da parte de trás do castelo.

Ela olhou para ele e depois assentiu.

— Sim, isso vai servir.

— Qual é a sala? — Max perguntou.

— A sala de música — Will respondeu distraidamente, seu olhar fixo no desenho. — Ninguém usou desde Lady Murian. Eles dizem que está com uma poeira espessa agora.

— É? — Murian suspirou. — Eu não poderia trazer o pianoforte, tanto quanto eu gostaria. Ele teria sido arruinado na umidade.

— Mais uma habilidade que você possui, — disse Max.

Ela teve que rir.

— Eu não chamaria de 'habilidade'. A palavra mais honesta é 'martelar'.

— Bobagem, — disse a Viúva Reeves. — Você toca como um anjo. Todos nós ouvimos você.

— Você é muito gentil. Não acho que eu possa tocar agora; já passou muito tempo. — Murian dobrou o mapa e entregou-o a Orlov. — A sala de música então. Os criados não estarão passando por ela, já que é bem depois das cozinhas e dos casacos.

— Concordo, — Max disse.

Orlov começou a pegar o resto dos papeis, então hesitou.

— Você deseja ver mais alguma coisa, milady?

Murian sacudiu a cabeça.

— Não, acho que abordamos o que precisamos.

— É um bom plano. — Ian concordou.

— Muito bom. — Orlov recolheu os papéis e os guardou na bolsa.

Max olhou para os homens.

— Não temos muito tempo hoje, já que o retorno será mais lento do que o habitual. Mas, por enquanto, temos trabalho para fazer aqui.

— Dá. — Demidor esfregou as mãos. — Estou pronto.

Golovin virou-se para os homens.

— Como não poderíamos trazer madeira hoje, vamos consertar os vazamentos sobre as janelas e as portas. Isso será bom uma vez que esta neve derreta. — Ele saiu, os outros homens seguindo.

— Venha, Will, — disse a Viúva Reeves. — Você pode ajudar. Eu estava rasgando trapos de saias velhas todos os dias para usar como vedação sob as portas para manter o frio fora. Você pode buscar sacos do mesmo da Viúva Brodie e da Viúva MacCrae e trazê-los para minha casa.

Ao começar segui-la, Murian chamou, — Will?

Ele olhou para trás.

— Obrigada pela sua ajuda. Você teve uma boa ideia.

Ele sorriu e, pela primeira vez, ficou impressionada com o quão bonito ele poderia ser. *Quando ele sorri, ele se parece muito com Robert.*

— Não é nada, milady. — Ele seguiu a Viúva Reeves para a porta. A Viúva enfiou a cabeça para dentro. — Ian Beagin, a Viúva MacDonald está chamando.

— O que ela quer?

A Viúva Reeves plantou seu punho no quadril.

— Eu pareço um leitor mental para você? Tudo o que sei é que ela está murmurando e fingindo uma tempestade.

— Tudo bem, tudo bem. — Gritou Ian. Ele pisou na porta e marchou.

Assim que ele se foi, a Viúva Reeves fechou a porta.

Max pegou um ancinho, levou-o para a porta do celeiro e colocou-o para que o cabo grosso bloqueasse a porta. Com isso, ele voltou para Murian.

Ela olhou sua obra com um sorriso.

— Bem feito.

Ele veio e puxou-a em seus braços.

— Eu tenho muitas habilidades, *dorogaya moya*.

Ela inclinou a cabeça para um lado.

— O que isso significa: dorogaya moya? Eu me perguntei muitas vezes, mas estava hesitante em perguntar.

— Isso significa 'minha querida'. — Max correu o dorso de sua mão pela bochecha. — Não é um termo que eu normalmente uso, mas para você... Ele se encaixa.

O coração de Murian acelerou, sua boca de repente seca.

— Oh? Do que você costuma chamar as mulheres que você beija?

Ele se curvou para que seus lábios ficassem a um pequeno suspiro da dela. — É uma coisa muito estranha. Quando você está tão perto de mim, não me lembro de nenhuma outra mulher.

Ela molhou os lábios, seu olhar escurecendo enquanto ela fazia isso.

— Nenhuma?

— Só existe você.

Somente você. Quantas mulheres sonhavam com um homem dizendo isso a elas? Murian passou os braços pelo pescoço dele. Ela queria ouvir aquelas palavras, queria sentir o calor de sua respiração em sua pele nua, queria sentir seus ombros largos sob a ponta dos dedos, queria prová-lo, tocá-lo. Com um suspiro urgente, ela puxou a boca para a dela.

Se seus beijos antes eram selvagens e impetuosos, estes eram planejados e furiosos. No segundo, em que seus lábios se tocaram, esqueceu-se de onde ela estava, esqueceu suas preocupações, esqueceu tudo, exceto o calor de sua pele sobre a dela, seus lábios se movendo sobre o dela, sua língua enquanto deslizava entre os lábios de uma maneira que a fazia se contorcer contra ele.

Suas mãos deslizaram pela cintura, para os quadris. Ele a segurou firmemente, pressionando os quadris para os dela e sentiu seu membro ereto

contra as saias. Ela encontrou os botões de seu casaco e então ela estava deixando-os livre, puxando seu colete aberto, puxando sua camisa de sua cintura enquanto ela procurava a extensão quente de sua pele. Ela esticou as mãos e correu até o toráx, os cachos de cabelo encaracolado provocando seus dedos.

Suas mãos vagavam tão descontroladamente quanto as dela. Gemeu contra sua boca, ele deslizou as mãos para o traseiro, amassou-a, segurando-a, balançando os quadris contra ela.

Ela ofegou enquanto um tremor de desejo acalorado passava por ela. Deus, ela queria isso. Já faz tanto tempo. Oh sim, muito tempo.

— Murian, — ele respirou contra seus lábios, arrastando sua boca quente em sua bochecha até a testa, criando ondas de arrepios enquanto ele tirava o casaco de seus ombros e o deixou cair no chão.

Ela queria isso muito, e muito mais.

— Max... por favor! — Ela estava muito presa em seu toque, em seu gosto, para falar. Ela beijou sua bochecha, sua mandíbula, seus cabelos sedosos contra sua bochecha enquanto ela seguia sua língua ao longo de suas cicatrizes.

Max ofegou e segurou-a mais forte, inclinando a cabeça para trás, de modo que pudesse continuar seu caminho pela sua poderosa garganta. Deus, mas ela adorava o gosto dele, a sensação dele. Ele era como toda estátua grega que ela já tinha visto, todo príncipe encantado que ela já sonhara.

Sem aviso, ele a levantou para a mesa improvisada, suas saias subindo até suas coxas quando pegaram na madeira, os quadris de Max entre suas pernas.

— Eu quero você, — ele sussurrou com raiva, e seus mamilos endureceram instantaneamente.

Ele desabotoou o decote de seu vestido e empurrou-o para pegar um dos seios através de sua camisa, seu polegar encontrando o mamilo sensível. Ele a acendeu, uma vez, duas vezes, depois, uma e outra vez.

Foi um prazer. Foi uma tortura. Foi delicioso, tentador e provocador, e ela se contorceu contra ele. Ela agarrou-se a ele e recostou-se, dando-lhe acesso aos seios. Ele se curvou, seus lábios quentes apertando seus mamilos um após o outro, tocando os apertados botões através da fina camisa de algodão. Ela afundou uma mão em seus cabelos grossos, segurando sua boca contra ela, pressionando contra ele. Seu corpo estava arruinado com desejo, suas coxas úmidas de saudade.

Com um grito que era quase um soluço, ela puxou o cinturão com frustração.

Ele rapidamente se desfez das calças com uma mão, segurando-a firmemente contra ele com a outra.

Ela puxou as calças e encontrou seu membro túrgido. Sua respiração sibilou através de seus dentes enquanto ela envolvia os dedos sobre sua dureza quente.

Ele ofegou contra seu peito, levantando a cabeça para encontrar seu olhar.

— Dorogaya moya, você está certa?

Ela se recostou no cotovelo, seu cabelo vermelho uma onda de paixão quando caiu sobre seus ombros para se juntar na madeira atrás dela. Ele se inclinou para frente e afundou as mãos nos cabelos, os cachos se apegando a ele enquanto ela puxava os quadris para os dela. Enquanto seu pênis grosso pressionava contra ela, ela avançou, envolvendo-o completamente.

— Murian! — ele gritou.

Seu corpo arqueado, realizado e necessitado, ao mesmo tempo em que baixou os quadris, conduzindo sua loucura com cada impulso.

Ele escorregou com os braços debaixo de seus ombros, enterrando o rosto no pescoço dela, onde ele chovia beijos e murmurou palavras que ela nunca tinha ouvido antes, quando ele encontrou seu impulso para empurrar.

Selvagem e despreocupado, eles saquearam, provaram, deleitaram e afundaram um no outro. Juntos, eles se encontraram com cada golpe e recuaram apenas para puxar um ao outro de volta, uma e outra vez.

Murian estava em chamas, o corpo doendo com necessidade, desejo e anseio.

Max, lutando para conter sua liberação, levantou a cabeça para olhar para ela. Sua cabeça estava inclinada para trás, seus olhos fechados, enquanto ela o segurava, suas pernas fortes apertadas em sua cintura. Ele estendeu a mão para cobrir sua bunda firme, mergulhando mais profundamente nela. Ela ofegou, com as costas arqueadas, seus seios atravessaram sua camisa molhada.

Nunca viu uma mulher mais bonita. Ele desacelerou um pouco, provocando-a, fazendo-a se contorcer, as mãos agarrando sua camisa enquanto silenciosamente implorava por mais.

E então, como se uma estrela explodisse diante de seus olhos, ela gritou seu nome enquanto se arqueava violentamente contra ele e ofegava. Ela apertou sobre ele, um aperto de veludo quente, até perder o controle. Com um impulso profundo e desesperado, ele a seguiu ao longo da paixão e finalmente desabou contra ela.

Por um longo momento, eles ficaram onde estavam, sua cabeça encaixada em seu peito, suas mãos nos cabelos. Ele podia ouvir a batida constante de seu

coração, e ele ouviu enquanto abrandava de um ritmo selvagem a um ronronado tranquilo e domesticado contra sua orelha.

Ele percebeu lentamente que não era a mais confortável das posições, e ele sabia que a madeira tinha que ser dura sob seus quadris, no entanto, ele não estava com vontade de mover-se. E ela deve ter sentido o mesmo, pois ela o segurou.

O ar sobre eles esfriou sua pele aquecida, e gradualmente ele se tornou consciente de vozes na rua. Com um suspiro, levantou-se em um cotovelo.

Ela deslizou as mãos do cabelo e observou-o através dos olhos meio abertos. Deus, como ele amava seus olhos. Ele tirou um cacho de sua bochecha.

— Esses foram os melhores dez minutos da minha vida inteira.

Os lábios cheios - parecendo um pouco inchados agora e bem beijados - se separaram quando ela riu.

— Eu acho que foi mais como sete.

Ele riu, seus olhos brilhando calorosamente.

— Você pode estar certa. Você me excita muito, demais para o meu controle. — Ele beijou-lhe o nariz. — Se pudermos encontrar a privacidade novamente, eu prometo muito mais do que sete minutos desesperados.

— Eu não estava reclamando. Isso foi... — ela balançou a cabeça. — Não há palavras. Foi tão longo, é incrível que eu durasse sete minutos.

Ele beijou o lábio inferior, olhando-a com avidez.

— Da próxima vez, faremos durar uma hora.

Ela riu.

— Meu coração não conseguiria.

Ele sorriu.

— Eu me certificaria de que descansasse a cada poucos minutos, *dorogaya moya*.

O calor subiu nela enquanto ele tomava o peito novamente.

— Max, podemos? — Um som veio de fora, muito perto para o conforto, e imediatamente ela se sentou.

Embora ele odiasse fazê-lo, Max saiu do caminho.

— Suponho que era pedir demais, termos quinze minutos sozinhos. Talvez tenha sido bom que não durou mais tempo.

— Desta vez, sim. — Ela beijou sua bochecha. De pé, ela recolheu suas coisas e depois saiu da vista para a parte de trás do celeiro. Ele ouviu água derramando de um balde. Ele endireitou sua roupa enquanto esperava e logo ela reapareceu, parecendo abotoada e apropriada, pronta para martelar as persianas no lugar.

Ela pegou o manto e sacudiu o feno, depois o vestiu.

— Max, nós devemos...

A porta do celeiro chacoalhou, como se alguém tentasse abri-la de fora.

— Lady Murian? — Era Ian.

Ela fez uma careta e falou de volta.

— Sim?

Ele retrucou novamente.

— A porta parece estar presa. Devo chamar alguém para...

— Não, eu vou ver o que está errado. — Ela esperou um momento. — Ah, um ancinho caiu contra a tranca. Vou abrir assim que terminar de pegar alguns pregos. Eu não quero que ninguém pise em um. — Ela se virou para Max e sussurrou, — Obrigada.

Ele a segurou perto.

— Não, pequena. Obrigado você. — Ele beijou o nariz, a bochecha e depois a boca enquanto falava em voz baixa: — Não pense que esse seja o fim para nós. Nós temos muito a realizar, e vamos fazer isso juntos.

Ela brincou com o botão superior, olhando para ele.

— Ah, sim?

Seu coração deu um estranho impulso.

— E então vamos ver, nyet? Você poderia voltar comigo para Oxenburg e...

— Eu não vou deixar meu povo. — Não havia como controlar a firmeza de sua voz.

— Eu não posso ficar aqui *dorogaya*. Devo voltar.

Seu sorriso não vacilou, mas viu seus olhos escurecerem de tristeza.

— É claro.

— Murian? — Ian chamou de novo.

— Estou quase pronta! — ela beijou Max rapidamente e depois saiu de seus braços. — Pelo menos nós temos isso, hmm?

— Haverá mais; eu prometo.

— Temos apenas alguns dias...

A voz de Ian soou alto.

— Lady Murian, posso ajudá-la a encontrar esses pregos.

Ela se virou para Max com um suspiro.

— Você se importaria de se esconder atrás de uma porta da baia?

— Não vou me esconder, estou saindo. — Ele pressionou um beijo na mão dela.

— Para que é isso?

Ele enrolou os dedos sobre o beijo.

— É por enquanto. — Com um sorriso rápido, ele foi até a janela do barracão, soltou as pesadas persianas de madeira e saiu.

Murian o observou e tentou ignorar o amargo desapontamento que a atravessava. Toda vez que ela via o príncipe, e depois tinha que se separar dele, ela sempre sentiu como se tivesse encontrado algo especial, algo precioso, só para imediatamente perdê-lo novamente.

— Moça? — Ian chamou.

— Só um minuto! — Ela encontrou um saco de pregos, enfiou-os no cinto e foi até a porta do celeiro. Uma vez lá, ela tirou o ancinho e deixou Ian entrar.

Ele olhou para ela e depois sobre o ombro dela.

— Você encontrou todos os pregos?

Ela deu um tapinha no saco.

— Todos eles. — Ela tirou as luvas novas do bolso e as puxou. — Venha, temos trabalho a fazer. — Ela saiu do celeiro, Ian seguindo atrás dela. — Você corrigiu o que a Viúva MacDonald precisava ter feito?

— Sim, a velho...

— Ian

Ele corou.

— Desculpa. Ela é uma temperamental, ela é.

— Eu tenho certeza que ela diz o mesmo de você. Venha, nós temos persianas para fixar. — Com isso, ela saiu do celeiro, Ian duro em seus calcanhares.

Capitulo 15

— Está frio aqui, como um túmulo. — Tata Natasha olhou para todos no vestíbulo como se fossem todos responsáveis pela temperatura fria.

— Será mais quente na sala de estar, — Max informou. Eles estavam reunidos com os outros convidados, esperando para entrar na sala de estar.

— É melhor ser mais quente, ou eu serei forçada a incendiar alguma coisa.

Max olhou para o xale pendurado nos ombros de Tata Natasha. Tão preto quanto o resto de sua roupa, estava bordado com rosas gigantes, que, agora que as viu de perto, parecia mais com crânios sorridentes. Ele se perguntou se ela estava ciente disso, mas um olhar de seus olhos negros afiados e ele percebeu que sabia exatamente como eram essas — rosas. Recusando-se a comentar, ele falou sobre o tempo.

A linha de pessoas começou a se mover e eles passaram Loudan, que estava perto da porta com Lady MacLure. Sua senhoria servia como anfitriã para o entretenimento da noite. Era um arranjo comum para um solteiro pedir à esposa de um amigo para ficar como anfitriã quando não havia uma esposa, mas Lady MacLure estava obviamente desconfortável com a tarefa dela. Lord MacLure, que pairava nas proximidades, parecia igualmente infeliz. Os outros convidados pareciam inconscientes da angústia dos MacLures e riam e falavam; obviamente alegres por estarem abrigados do clima severo.

Tata Natasha franziu os lábios, sem impressionar com o ar de festa.

— Que tipo de cantor vamos ser forçados a ouvir?

— Certamente você sabe; nosso anfitrião já mencionou repetidamente. Obviamente está muito orgulhoso de ter conseguido Madame Dufond.

— Eu não gosto do nosso anfitrião, então eu não o escuto. — Natasha pensou que Loudan era o pior tipo de homem: insípido, maldoso e propositalmente cruel. O tipo que não pensava duas vezes em gritar com um servo, até mesmo com um golpe, e pelo menor dos motivos. Ela já havia testemunhado sua crueldade em várias ocasiões, e sua simpatia com a equipe crescia diariamente.

Felizmente, agora que Max sabia sobre a tiara, ela tinha sido capaz de parar de fingir cortesia para Loudan, o que tinha sido um alívio. O homem não merecia essa consideração. Isso lhe causou dor na cabeça.

Ela bateu no antebraço de Max.

— Então. Quando você abordará meu problema?

— Em breve. Seria melhor se você não conhecesse os detalhes.

— Em breve não é breve o suficiente. Você sabe a verdade há dias.

— É preciso tempo para organizar tal empreendimento. Não arriscaremos nossa posição apressando as coisas.

— Humph. Eu já teria encontrado uma maneira de recuperá-la. — Sua mandíbula se firmou, e ela mordeu outra réplica. Tal era o problema ao lidar com um militar; eles gostavam de estratégia. Estratégia bem planejada e chata.

Ela fez uma careta e olhou para os outros convidados, decidindo quais vestidos ela gostava e quais eram puro lixo.

— Não creio que essa cantora seja russa? Gostaria de ouvir um canto tradicional.

— Madame Dufond canta ópera.

Ela enrugou o nariz.

— Eu não gosto de ópera.

— O quê? Você ama ópera.

— Somente quando é cantada pelos italianos. Os franceses são muito dramáticos, sempre. — Ela fez movimentos de mão exagerados.

Max lançou-lhe um olhar divertido. — Então, durma na apresentação, como você costuma fazer. Se seus olhos estiverem fechados, você nunca notará seus gestos.

— Francês — Ela estremeceu. — Muito drama.

— Isso é coisa de cigano.

— Não seja impertinente!

Ele colocou a mão sobre a dela, descansando-a em seu braço.

— Eu tenho certeza que você vai gostar dessa cantora uma vez que você a ouvir. Ela é muito bem considerada na Escócia.

— Então é haggis.[4]

Ele riu.

— Touché. As haggis, eu não conheço.

Chegaram à entrada da sala de estar, mas uma multidão bloqueava o caminho. Enquanto esperavam que a confusão diminuísse, Orlov passou, acompanhando uma mulher muito jovem. Ao passar por Max, Natasha o pegou trocando um olhar com Max.

Aha! Natasha bateu no braço de Max.

— Você fará o seu movimento esta noite, hein?

Ele franziu a testa.

— Não há movimento.

[4] Haggis além de ser um prato tradicional da cozinha escocesa, que consiste num bucho de carneiro recheado com vísceras e farinha de aveia, também tem um sentido pejorativo, para se referir às mulheres que "passavam de mão em mão" em todo o exército escocês. Prostitutas, no caso.

— Eu vi o olhar que você compartilhou com Orlov. Você vai pegar minha tiara esta noite, o que é...

— *Tikha*! — Ele olhou ao redor e depois a levou pelo cotovelo e puxou-a de lado. — Fale baixo.

— *Izvini*. Eu não pensei. — Ela espiou por ele e ficou feliz em notar que ninguém parecia ter prestado atenção. Ainda assim, ela mudou para Oxenburgian, dizendo. — Já é hora de você fazer algo.

— Se a velocidade fosse uma preocupação, talvez você devesse ter me avisado imediatamente após a nossa chegada que você jogou fora uma das heranças mais queridas do nosso país.

Ela generosamente decidiu ignorar seu tom de voz.

— Será bom recuperá-la. Uma vez que tenhamos a tiara, vamos partir. — ela considerou isso. — Na verdade, nós poderíamos ir esta noite. Vou fazer as criadas embalar nossas bagagens enquanto estamos no jantar e...

— Nyet. Não é assim tão simples.

— Por que não? Você não pode querer permanecer neste castelo humilhantemente úmido e... — Algo acerca de sua expressão chamou sua atenção. Um amolecimento de seu olhar, um toque de tristeza em sua boca.

Este neto dela era um homem difícil de decifrar, então ela prestou atenção até mesmo nas fracas sugestões de emoção. *O que o pegou assim? Hmm. Poderia ser...*

— Isso é sobre a mulher, nyet?

Seu olhar se desviou.

— É sobre várias coisas, mas... — Ele apertou os lábios por um momento. — Dá, uma delas é uma mulher.

Finalmente, ele admite! Mas isso é uma coisa boa ou uma coisa ruim? Ela olhou cuidadosamente para ele. Embora ele estivesse tão fechado como sempre, ele parecia menos... sombrio. Ela lembrou-se de como ele estava na viagem para cá, perdido em seus pensamentos e pouco disposto a abandoná-los. Agora ele mostrava um ar de... não esperança, mas de determinação.

— Quem é ela?

O olhar de Max ficou fechado.

— Você não precisa saber.

— Se ela é tão importante que você deve escondê-la, é claro que devo saber. — Quando ele não respondeu, ela acenou com a mão. — Bem. Eu descobrirei sozinha. Golovin vai me contar tudo.

— Ele não faria tal coisa.

— Ele teme ser transformado em uma cabra. O que eu farei, se ele não me disser o que eu gostaria de saber. Então, você pode me falar dessa mulher, ou

manter Golovin muitas noites sem dormir, perguntando se há mais cabelo na parte de trás das mãos do que costumava ter.

— *Bozhy moj*, você é impossível.

— Às vezes. — Ela olhou para ele. — Assim? Quem é essa mulher e devo-me preocupar que esteja prestes a tomar uma ladra como esposa?

— Eu nunca disse nada sobre ladrões e esposas.

— Você não precisava. Você foi em busca dos ladrões que nos roubaram, e agora você encontrou essa mulher. Eu não sou uma tola. Ela é um dos ladrões, nyet?

Ele franziu a testa para ela e ela pensou que ele não responderia, mas depois de um longo momento, ele disse: — Ela é viúva e seu nome é Lady Murian Muir.

— Muir? — Onde ela ouviu esse nome? Ah, sim. — O dono anterior do castelo. — Ao olhar surpreendido de Max, ela disse — Loudan o mencionou.

— Quando?

— Na semana passada, na semana anterior, talvez. Foi em um dos muitos dias em que você estava fora fingindo caçar.

— Eu estava caçando. Apenas uma caça mais selvagem.

Um sorriso fraco tocou sua boca, e por um momento ele olhou como ele costumava... mais jovem, com um brilho nos olhos. A visão fez seu coração doer e lhe deu esperança. Essa mulher havia captado a atenção de Max, mas Natasha esperava que ela o amasse também. Alguns homens se apaixonavam tantas vezes quanto havia dias da semana, enquanto outros, alguns especiais, se apaixonavam uma vez e nunca se afastavam desse amor.

— O que Loudan lhe falou sobre Muir?

— Eu não estava realmente ouvindo. Ele não estava falando comigo, mas com outros durante o café da manhã. — Ela franziu os lábios, tentando lembrar. — Ele disse que houve um duelo, mas não consigo lembrar como que acabou. Muir perdeu e Loudan ganhou; depois o castelo tornou-se dele. Então houve um duelo - Pah! Não me lembro de tudo.

— Você deve se lembrar mais.

— Loudan parecia muito feliz com isso, considerando que um homem morreu. Isso me deixou com raiva. Eu entendo que não tem escolha em questões de honra, mas sua atitude foi desagradável. Não se deve gabar-se de ter que matar alguém.

— Murian acredita que Loudan inventou toda a história. Que não houve jogo de cartas, nem acusações e nem duelo, mas que Lord Robert foi assassinado a sangue frio, um ato coberto por Loudan e seus amigos.

— Ela?

E *não* Lady Murian Muir, *mas apenas*, Murian. *Eu devo conhecer essa mulher.* — Eu não falaria isso diante do nosso anfitrião. Ele não tem moral. — Ela olhou para onde o conde estava saudando os convidados que chegavam, usando o charme urbano. O verdadeiro charme era usado, não vazado. Ela fungou. — Ele é um plebeu.

Max teve que rir.

— É uma sorte que os ciganos não prestem atenção a coisas como títulos e nascimento nobre.

— Eu não sou apenas uma Cigana, mas o *phuri dai.* — Ela não poderia ter mantido o queixo mais alto. E estava certa; ela era a fêmea de maior hierarquia de seu grupo. Quando ela falava, seu povo ouvia, e é por isso que ela era quase insuportável em outro lugar.

— Você não é apenas qualquer Cigana; sobre isso podemos concordar, você é a cigana que perdeu a coroa real de Oxenburg em um jogo de cartas.

— Eu não teria feito isso, mas Loudan continuou sugerindo que eu estava com medo de apostar, dizendo que ele já teria feito se ele tivesse tido uma boa mão... — Ela puxou o xale mais perto. — Eu fui uma tola, eu sei. Você não precisa dizer nada.

— Eu não iria dizer uma palavra. Eu acho que o nosso amigo Loudan é um especialista em convencer as pessoas a apostar itens caros em sua mesa de jogos para que ele possa enganá-los. É como ele ganha a vida.

— Mas vamos recuperá-la - uma vez que você terminar de perseguir esta viúva.

— Eu não tenho perseguindo ela, — ele mentiu. E sim, era uma mentira. Ele não conseguiu ajudar a si mesmo em relação a Murian. Ele não podia estar no mesmo ambiente com ela sem querer tocá-la, prová-la, conhecê-la de todas as maneiras possíveis. Ela era tão espontânea em seu amor como ela era na forma como ela abordava a vida, e ele não conseguiu obter o suficiente ainda. Ela tinha gosto de paixão, liberdade e luxúria de vida, e quanto mais ele a tinha, mais ele a queria.

— Ah! Então ela está perseguindo você, então.

— Não é nada disso. Nós temos um inimigo comum, isso é tudo. — E *um amor comum pelo prazer carnal, mas que homens e mulheres de sangue vermelho não têm?* A multidão perto da porta se diluiu finalmente, e Max pegou o cotovelo da avó e a levou para a frente. — Finalmente. Vamos lá.

Dentro da sala de estar, ele notou que o aparador perto das grandes janelas trazia jarros de limonada e ponche. Uma linha curta se formou quando as pessoas alcançavam os copos.

Tata Natasha o cutucou no peito.

— Você.

— Dá?

— Me fale sobre essa mulher. Quem é ela e por que ela?

— Eu devo buscar sua limonada.

Tata Natasha piscou.

— Eu não pedi nenhuma.

Ele saiu antes que ela pudesse fazer mais indagações. Tomou seu tempo buscando a bebida também, porque não tinha interesse em discutir sobre Murian. Ela era fascinante, malditamente inteligente e muito atraente para viver sozinha na floresta. Mas ele tinha que ser realista: uma vez que isso acabasse, eles seguiriam seus próprios caminhos e seus próprios futuros, como o destino havia decretado. Ele retornaria a Oxenburg, para seus deveres estabelecidos na vida, enquanto ela retornaria a Rowallen, para eventualmente se tornar uma esposa e mãe.

Seu peito apertou e o esfregou distraído. Ele sabia que sua avó desejava que ele encontrasse uma esposa, mas não entendeu o duro sacrifício que seria necessário para a mulher. Ele nunca condenaria Murian, que já havia sofrido tanto com uma vida de incerteza infinita, esperando o dia em que ele não voltasse. Ele tinha visto a escuridão em seus olhos quando falou sobre a perda de seu marido, e ele viu como essa morte a deixara desprotegida e sozinha, banida de tudo o que ela esperava. Ela merecia muito melhor. Ela merecia ser novamente uma esposa amada, mãe de uma série de crianças de cabelos ruivos e de olhos prateados.

Um estranho vazio o atravessou. Ele não pensaria em sua vida futura. Ele não podia se dar a esse luxo. No entanto, enquando ele tinha esse pensamento, uma imagem de Murian com outro homem apareceu em sua mente. Seu peito apertou, o sangue rugiu nos seus ouvidos, enquanto o ciúme vermelho-quente queimava seu ser. Ele deve ter ficado tão furioso quanto seus pensamentos estavam, pois o cavalheiro que esperava ao lado dele, de repente pestanejou e deu um passo para longe.

Bom moj, não consigo pensar nisso. Max forçou um sorriso, o que ele tinha certeza parecia tão falso quanto era.

— Desculpe, mas a limonada não tem gelo e está quente, o que desagradará à minha avó.

O homem engoliu e acenou com a cabeça, ainda parecendo esperar que Max puxasse uma espada.

Max inclinou a cabeça e saiu. *Maldito inferno, de onde isso veio? Não consigo pensar novamente nisso.*

Esta noite, há apenas nossa missão. Não pode haver mais nada. Ele colocou seus pensamentos sob controle rígido, e repassou seu plano mais uma vez. E então, novamente. Demorou um tempo, mas, finalmente, seus

pensamentos se estabeleceram, seu corpo aliviando o estado de alerta. Tudo se tornou mais claro do que o habitual, uma sensação de consciência aumentada que o preenchia para que ele percebesse tudo. Ao atravessar a sala, ele mergulhou nos aromas fugazes de vários perfumes, a suavidade do tapete sob suas botas, o brilho dourado das velas de cera de abelha refletindo os cristais dos lustres, o farfalhar de seda e lã fina.

Ele viu Orlov perto da entrada que os criados estavam usando para reabastecer os jarros na mesa de refrescos. *Boa. Ele está bem onde ele deveria estar: pronto para fazer o sinal, uma vez que esteja tudo bem, claro*. Golovin e Pahlen permaneciam no vestíbulo, agindo como se estivessem discutindo sobre quem era o mais rápido, embora, se alguém observasse, seria uma conversa que envolveria punhos e não palavras. Pushkin, flertando com uma moça e sua mãe, ambas coradas e satisfeitas, ficara perto de uma janela onde ele podia ver facilmente lá fora. Os únicos homens que não estavam presentes eram Demidor e Raeff, que estavam se certificando de que duas criadas de cozinha estavam fazendo como tinham sido pagas para fazer em nome de uma grande brincadeira: atrair os guardas para o celeiro para participar de algo proibido, e desconhecido para eles, vinho batizado.

Max olhou o relógio descansando sobre uma cornija, satisfeito de que tudo funcionasse conforme o planejado. Ainda assim, ele não podia ignorar um crescente senso de preocupação. Sentia algo... distante. O que era totalmente ridículo. Tiveram cuidado. Mais do que cuidado. E as coisas estavam indo bem até agora.

Demidor e Raeff apareceram na entrada, parecendo relaxados e joviais enquanto vagavam para a mesa de refrescos. *Então, estão lidando com os guardas agora.* O relógio tocava às oito e meia, e uma nova voltagem de tensão se movia entre os ombros de Max. *Murian estará se aproximando da clareira agora. Espero que ela não...*

— Sua Alteza, — veio uma voz untuosa ao lado de Max. — Por que está tão serio em nosso evento festivo? Você não gosta da ópera?

Max se virou para encontrar Loudan parado perto. O conde estava sozinho, um leve sorriso no rosto estreito. Max curvou-se.

— Eu gosto muito de ópera.

— Bom. Eu acredito que você vai encontrar o entretenimento desta noite ao seu gosto.

— Eu tenho certeza que vou. É claro que eu apreciaria mais o desempenho desta noite se não soubesse que minha avó sofre por causa de sua astúcia.

O sorriso de Loudan ficou fixo, e ele disse com óbvio desprezo: — Você é muito direto, Vossa Alteza. Não gosto disso.

— Eu não sou diplomata. Nós soldados consideramos o discurso direto mais eficaz.

— Enquanto eu acho incivilizado. Mas tudo bem. Se você desejar, vamos colocar todas as nossas cartas na mesa.

— Eu tenho a impressão de que é algo que você nunca fez, pelo menos não de acordo com as regras do jogo.

Os olhos de Loudan brilharam.

— Você está me acusando de algo?

— Se fizesse isso, naturalmente você exigiria satisfação, como fez com Lord Muir.

— Lord Muir conseguiu o que merecia.

— Assim como minha avó merecia ser enganada para apostar algo que ela não possuía?

O conde encolheu os ombros.

— Ela tinha a coroa em sua posse e ela apostou, não eu.

— Ela apostou no seu pedido.

— Eu posso ter sugerido isso, mas isso não é crime. — O conde mostrou seus dentes em um sorriso que não alcançou seus olhos. — Eu ofereceria para que você pudesse compra-la de volta, mas é tarde demais. Eu já vendi.

— A quem?

— Eu tenho trabalhado com um mensageiro, então eu não conheço o verdadeiro comprador, nem desejo.

Era difícil acreditar que ninguém tinha matado esse idiota até agora. O idiota não tinha nenhuma honra.

— Se você fosse vendê-la, deveria ter nos dado direito à primazia.

— Mas como você vê, eu não estou realmente interessado em você e em seu pequeno país e sua pequena herança. Alguém mais se aproximou de mim a respeito da coroa antes mesmo de você chegar. Alguém procurando um antigo e respeitado símbolo de autoridade, uma coroa com uma história de poder.

Max cruzou os braços para não se esticar e agarrar o conde pelo pescoço magro.

— Apenas um novo regime desejaria tal coisa; caso contrário, eles já teriam seus próprios. E eu posso pensar em apenas um país em tal posição. Napoleão declarou-se recentemente imperador, nyet?

Loudan lhe enviou um olhar azedo.

— Você pesca em uma lagoa seca; não sei quem comprou essa coroa. Como eu disse, não perguntei e não pretendo fazê-lo.

— Como esse mensageiro sabia que você tinha a coroa em sua posse para começar?

— Eu não tenho ideia. O homem simplesmente mencionou que sabia que eu tinha. Talvez sua avó tenha contado a alguém?

— Ela não contou a ninguém.

— Não tenha muita certeza disso. — Um sorriso de escárnio entrou na voz de Loudan. — Todo mundo sabe que um Romani não pode manter um segredo.

A mão de Max se curvou em um punho, mas parou quando ele pegou o olhar preocupado de Orlov do outro lado da sala. *Ele está certo; eu devo manter minha mente no objetivo, e não meu desejo de achatar o rosto desse tolo.*

Max desenrolou sua mão.

— Nós...

O gongo do jantar soou e Loudan se endireitou.

— Eu devo ir, mas... — Ele hesitou. — Se eu puder oferecer uma palavra de conselho?

Max ergueu as sobrancelhas.

— Você vai querer ficar até o final da apresentação de Madame Dufond. O final é onde a magia realmente acontece, não é? Tudo antes disso é... antecipação. — O conde sorriu. — Agora, se você me desculpar, eu devo retomar meus deveres como anfitrião. — Com isso, ele saiu.

Fervendo, Max observou o conde entrar no salão. Ao se aproximar das janelas largas, o conde foi parado por um lacaio. O homem era claramente um de seus guardas, pois nenhum lacaio teria um pescoço tão grosso e uma postura fisica desajeitada.

Loudan falou uma ou duas palavras, e o guarda assentiu com a cabeça e saiu, parando para olhar pela janela perto de onde Pushkin estava flertando descaradamente. Enquanto lá, o guarda ergueu a mão em um gesto rápido, antes de continuar em seu caminho.

Os guardas foram retirados daquele lado do castelo, então quem poderia ele estar saudando, a menos que...

Uma mão gelada agarrou o coração de Max. *Eles substituíram o guarda. Então eles sabem. Droga, eles sabem.*

Pushkin também havia visto o gesto. Alarme em seu olhar, ele se desculpou com as damas e foi até a janela.

Max se juntou a ele. A luz do luar manchava o cume e a inclinação do gramado que levava ao castelo, e enquanto ele olhava, a lua refletiu o metal. Ele olhou mais de perto, alarmado com o número de figuras negras movendo-se na escuridão.

Seu olhar piscou para o cume. *Ela não sabe o perigo. Eu prometi que os guardas desapareceriam – e agora isso.* Seu coração batia freneticamente, suas mãos úmidas, sua pele tão apertada que comprimia sua respiração. Era assim que se sentia quem ficava esperando alguém entrar em batalha? Temerem que

eles possam se machucar, se preocuparem além do senso comum de que cairiam e você nunca mais os veria de novo? *Este é o seu próprio inferno.*

Pushkin amaldiçoou em voz baixa.

— Alguém nos traiu.

— Verdade. Devemos avisar Murian e os outros. Eles estão em perigo.

— Eu irei, — disse Pushkin. — Sentiriam sua falta.

— Deve haver uma maneira que eu possa...— Seu olhar caiu sobre Tata Natasha, que ainda estava perto da entrada. Ele se virou para Pushkin. — Informe os outros que nós fomos traídos. Vou encontrar uma maneira de avisar Murian.

— O que você precisa de nós?

— Fique aqui e seja uma presença marcante. Eu serei tão rápido quanto eu puder.

— Muito bem. — Obviamente não satisfeito com a decisão de Max, Pushkin foi informar aos outros da mudança nos planos.

Max chegou a Tata o mais rápido que pôde.

Ela franziu a testa ao vê-lo.

— Onde está minha limonada?

Ele pegou seu braço e puxou-a de lado.

— Nós precisamos de você. Alguma coisa deu errado.

Seu olhar se aguçou.

— Dá?

— Devemos ter uma distração, uma onde você precisa ser escoltada da sala.

— Como...

— Meus amigos, — Loudan anunciou. — É hora do jantar. — Ele olhou para Max e curvou-se. — Vossa Alteza, seguiremos você e a Grã-Duquesa para a sala de jantar.

Todos os olhos fixos em Max. Não havia nada a ser feito, mas agir como se tudo estivesse bem, e esperar e orar com cada fibra de seu ser que ele disse o suficiente para Tata entender o que ele precisava.

Ela colocou a mão em seu braço e juntos caminharam em direção à porta, Loudan e Lady MacLure indo atrás deles.

Apertou o braço de Tata e ela gritou instantaneamente e, com uma destreza deslumbrante, desabou no chão. Um momento, ela estava em pé, e no seguinte, ela era uma pilha negra, os crânios de rosas em seu xale adquirindo um novo significado.

Surgiram os gritos e Lady MacLure ofegou.

— Tata! — Max inclinou-se para ela.

Ela apertou seu coração.

— Eu temo... Eu temo... Eu estou... morrendo... o mundo... fica... escuro...

Puta merda, um tornozelo torcido teria sido suficiente.

— Tenho certeza que você ficará bem com um pouco de descanso. Eu vou levá-la para o seu quarto.

Loudan estalou os dedos, trazendo dois lacaios para a frente.

— Ajude Sua Graça de volta ao seu quarto.

— Nyet, — Tata disse fracamente. — Somente um príncipe pode carregar... uma Grã-Duquesa. — Ela olhou para Max. — Leve-me... para o meu quarto. Eu... devo descansar.

Ele a pegou e a levou para a escada.

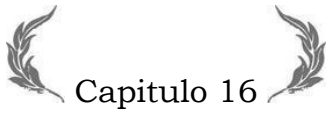
— Espere! — Ela ergueu a mão.

Todos os olhos pousaram nela.

— Mande uma bandeja de jantar para o meu quarto. — Com isso, ela jogou a cabeça para trás e fingiu desmaiar.

O olhar de Loudan estreitou-se.

Com os dentes cerrados, Max se apressou a subir as escadas, com a mente, o coração e a alma pendurados de suspense doloroso sobre uma crista na noite escura.



Capitulo 16

Nuvens passavam na frente da lua, escurecendo a noite em um negrume.

Murian olhou através de uma lacuna nos arbustos descendo a encosta para Rowallen. O castelo estava incandescente, suas janelas douradas brilhando com centenas de velas.

— Ele está queimando todo o inventário de velas, — Murian murmurou. — E para nada além de fazer parecer que ele é alguém.

— Ele está tentando impressionar os habitantes locais por um tempo, e agora ele tem um príncipe para impressionar também, — disse Ian. — Ele faria melhor se ele tivesse devolvido a corôa.

Parado perto, Will voltou-se para olhar sobre o ombro dele.

— Que corôa?

Murian enviou a Ian um olhar duro. Ela não contou a ninguém além dele sobre a corôa perdida de Oxenburg, já que Max parecia tão relutante em mencionar isso. E Will era um fofoqueiro tão grande quanto a Viúva Reeves.

Ian pareceu envergonhado.

— Não é nada, rapaz. Apenas uma tiara perdida em um jogo de azar.

— Você disse que era uma corôa.

— É bem parecida de uma corôa se é usada por uma rainha cigana, não? — Ian falou.

— Oh. Eu pensaria assim, sim. — Will não pareceu pensar que a informação justificava mais interesse, felizmente, e ele voltou a seus deveres.

O vento soprou e Murian puxou o manto mais perto, contente por seus calções quentes e botas altas. Ela verificou as balas de sua pistola, então contou silenciosamente as flechas para o arco dela. Ela estava pronta. Tudo o que eles precisavam era o seu sinal.

Will olhou para a lua. — As nuvens tornam difícil de ver. Meus olhos se ajustam à escuridão, e então é luz. E então eles se ajustam à luz, e...

— Pelo amor do céu, rapaz, entendemos que não queres uma explicação. Agora, nos avise quando você vê o sinal.

— Sim, — resmungou, movendo-se um pouco mais para baixo do cume.

Murian disse em um tom baixo: — Por que você é tão duro com o rapaz? Você disse que a vida não foi legal para ele.

— Isso não significa que ele deveria receber tratamento especial. Significa apenas que devemos nos lembrar que por ser tão sofrido, então não vamos estrangulá-lo quando ele estiver sendo tolo.

— E por que ele...

— O sinal! — Os arbustos explodiram quando Will se moveu em direção a eles. — É hora.

— Vamos, moça. — Ian começou a subir.

— Espera. Está errado.

Ian olhou para o gramado no castelo.

— Há uma luz na janela, como nos disseram.

— Era para estar na segunda janela do final. Essa é a terceira.

Will ficou desapontado.

— É a sala certa e o sinal certo. Talvez, os homens do príncipe apenas pegaram a janela errada.

Murian balançou a cabeça enquanto olhava para o castelo.

— Não. Aguarde. Ian, você vê o que eu vejo? Lá, nas ameias.

Ian olhou, sua expressão impaciente.

— Eu não vejo... Och! Agora sim. — Seu rosto ficou sombrio. — Há homens parados no topo do castelo. Isto é novo.

— Quem os colocou lá? — Will perguntou.

— O conde, sem dúvida, — disse Murian. — Mas se escolhermos nosso caminho cuidadosamente, devemos ser capazes de chegar ao castelo sem sermos vistos.

Ela julgou o ângulo de visão que os guardas dos parapeitos teriam. Finalmente, ela assentiu.

— Vamos descer no lado esquerdo e voltar para o castelo. Essas árvores devem nos proteger na maior parte do caminho. Essas nuvens também ajudarão.

Ian assentiu.

— Funcionará. — Ele ergueu-se e liderou o caminho, Murian o seguindo, Will ficou atrás. Eles ficaram baixos e subiram a encosta alguns instantes de cada vez, parando atrás da mata pesada e antes de se dirigir para uma nova localização. Eles estavam a meio caminho, quando Murian pegou um raio de movimento à sua direita. Ela agarrou o braço de Ian e o deteve, ficaram para trás.

Eles se curvaram, silenciosos e atentos. Ao fazê-lo, o movimento que ela pegou se aproximou, e eles ouviram a fenda do metal no metal. Ela olhou na direção do barulho. Um guarda passou, silencioso e cauteloso, tentando não quebrar ramos ao longo do caminho. A luz da lua atravessou e brilhava ao longo do cano de sua pistola.

Guardas! Droga, eles deveriam ter ido embora.

Ela olhou para o castelo e notou que sua luz de sinal tinha sido extinta. Algo estava errado. Muito errado.

De repente, a porta do escritório foi aberta e a voz profunda de Max subiu alto no escuro, cantando uma música na sua língua materna. Suas palavras estavam arrastadas, como se ele estivesse bebendo.

O que ele está fazendo?

Ela olhou através dos arbustos, imaginando se deveria se aproximar.

O canto de repente parou. — Aguarde! Quem vai lá? — ele disse em um grito estrondoso. — Eu sou um principe de Oxenburg e eu exijo que você se mostre!

Houve um momento de silêncio, e então a voz de um homem respondeu: — Perdão, Vossa Alteza, estavamos patrulhando a encosta.

Ian deu uma maldição abafada e agarrou o braço de Murian, puxando-a de volta ao morro. Will abriu o caminho, observando ansiosamente enquanto subiam.

— Agora? — Max arrastou suas palavras ainda mais. — E por que isto?

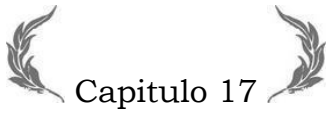
— Nós recebemos ordens, Vossa Alteza. — O guarda hesitou e depois acrescentou: — O conde ouviu que haveria uma invasão ao castelo esta noite, então não é seguro. Posso sugerir que você gostaria de voltar?

— Um ataque? Esta noite? Por quê? É provável que chova. Quem planejaria uma incursão em clima tão horrível? Somente idiotas e bêbados.

Como se o mundo concordasse com ele, as primeiras gotas de umidade gelada atingiram a bochecha de Murian. Ela apertou os dentes enquanto lutava para manter seus pés silenciosos em seu caminho coberto de galhos. *Maldito Inferno, como Loudan soube?*

Ela olhou para a frente onde a figura de Will se misturou na floresta escura. *Ian estava certo sobre Will? Não posso acreditar nisso. Ele nunca teria exigido vir conosco se ele tivesse combinado uma armadilha com o conde. Não, deve ser outra pessoa. Mas quem?*

Eles alcançaram o topo da colina exatamente quando Max deu uma boa noite de bêbado para o guarda. Por um momento, o príncipe parou na porta aberta, a luz delineando sua forma. Então, com um último levantar de sua mão, ele desapareceu no interior.



Capitulo 17

A chuva os atingiu quando alcançaram suas montarias. O percurso de volta para sua aldeia foi longo e miserável, já que eles não se atreveram a apressar os cavalos no escuro.

Enquanto cavalgavam, a cabeça inclinada contra a chuva gelada, Murian podia sentir a irritação de Ian com o desfecho decepcionante dos eventos noturnos, enquanto Will permaneceu silenciosamente carrancudo. Por sua parte, ela estava além de frustrada tão zangada quanto poderia estar com o traidor deles.

Alguém obviamente compartilhou seu plano com Loudan. Tinha que ser um dos homens de Max, pois conhecia bem a própria gente. Não conhecia?

O capuz de sua capa, agora encharcado além da ajuda, pingava água sobre o rosto. Ela pensou nos membros de seu bando, permanecendo apenas momentaneamente em Will. Não podia ser. Nenhum deles teria feito tal coisa; ela tinha certeza disso. Talvez um dos homens do príncipe tenha sido visto ao estudar o largo do castelo, ou, inadvertidamente, disse algo na frente de um criado? Não, estava fora do reino do imaginável.

Gelada e abundante, a chuva continuou a bater impiedosamente sobre eles e torturou impiedosamente os cavalos.

Finalmente, chegaram à aldeia e entraram nos estábulos. Tremendo de frio e agradecida por sair da chuva, Murian deslizou de sua montaria.

— Maldição, esse não é um passeio que eu quero repetir. — Ela tirou a capa pingando e levou-a para a porta para torcê-la, então jogou-a sobre um gancho. — Eu nunca estive tão molhada em minha própria banheira.

Ian cuspiu na água que pingava de seu bigode e sobrancelhas. Parecia miserável, frio, e mal-humorado.

— Foi uma maneira podre de acabar com uma tarefa tola.

Seu temperamento foi rápido para se agitar.

— Você acha que é tolo encontrar a prova que precisamos para recuperar Rowallen?

— Seria melhor se não conversássemos sobre isso agora, — ele resmungou enquanto tirava o casaco molhado, soltando a bagunça ensopada no chão antes de levar seu cavalo para uma baia. — Não estou de acordo com isso.

— Eu também não. — Ela desafivelou a sela de seu cavalo e deslizou-a, e começou a levá-la para um suporte junto à porta dos fundos.

Will amarrou o cavalo na porta de uma baia e depois tirou a sela dele, ignorando seu protesto.

— Deixa comigo, milady. — O olhar dele chamejou para Ian antes de acrescentar em voz baixa: — Entre nós dois, você tem o trabalho mais difícil.

— Eu posso ouvir você, — Ian respondeu.

— Então fale, — disse Murian. — Você pode não estar com vontade, mas as palavras estão queimando seus lábios.

Ian apertou os lábios, levou seu cavalo sem sela a uma baia e começou a secá-lo com punhados de feno.

— Bem. Mas não venha para mim amanhã desejando discutir isso, porque eu não terei nada que dizer até lá. — Ela pegou punhados de feno e fez o mesmo com seu cavalo.

Ele fez uma pausa, fixando-a com um olhar que geralmente ele reservava para a Viúva MacDonald, então jogou o feno e voltou-se para ela.

— Bem. Eu direi a você o que eu acho. É hora de admitir que estamos cometendo um engano. Não estamos destinados a recuperar nada. Rowallen se foi, e não vai voltar.

O maxilar de Murian apertou.

— Rowallen não pertence a Loudan. Ele não pode tê-lo.

— Ela está certa, Ian. — Will desafivelou a sela de seu cavalo. — Além disso, o que devemos fazer, vamos sentar e deixar que um fanfarrão o roube de nós? Você não pode dizer isso.

Ian ignorou Will.

— Moça, você já passou muito tempo nisto e é hora de parar. Loudan já roubou Rowallen e não há como recuperá-lo.

— Basta! — Murian colocou uma manta de cavalo sobre sua montaria. — Eu me recuso a acreditar que Robert morreu em vão. Nós nos comprometemos com este objetivo, e não vamos deixá-lo até que tenhamos sucesso e Rowallen esteja de volta aonde ela pertence. — Murian fechou a porta da baia e foi buscar seu manto pingando.

Ian jogou o punhado de palha úmida e seguiu-a.

— Você é teimosa, e alguém vai se machucar! Eu assisti muito tempo, moça, e tentei ser paciente, achando que você podia perceber a verdade por si própria, mas você não vai. A realidade é essa - o castelo se foi e não há esperança. Nenhuma. E se houvesse, você não seria...

— Ian! — A voz de Will cortou bruscamente. — Já chega!

Murian ficou feliz por Will ter falado, pois sua garganta estava muito apertada para permitir que ela o fizesse. Cada palavra que Ian falara cortou-a como um pedaço de vidro. Desde a morte de Robert, Ian tinha sido sua rocha, encorajando-a, sugerindo novas maneiras de abordar seus problemas,

colocando-se ao lado dela em todas as aventuras arriscadas. Com exceção de se preocupar com sua segurança, nenhuma vez ele vacilou em espírito ou fé.

Até agora. Ela engoliu em seco.

— É bom saber onde realmente você coloca o pé. — Ela não conseguiu evitar o tremor de sua voz.

Will enviou um olhar duro a Ian.

— Você está feliz agora, velho vagabundo?

A expressão de Ian se suavizou, embora sua raiva permanecesse forte.

— Eu não queria machucar você, moça, mas mesmo com a ajuda do príncipe, nós estávamos em grave perigo esta noite. Aqueles homens tinham pistolas e pretendiam usá-las. — Ele suspirou, seus ombros largos curvando-se. — Foi uma boa tentativa, e você fez o que pôde, mas nossa sorte acabou, e devemos enfrentar esse fato.

Murian ficou contente porque o cabelo dela pingava água no rosto, pois escondia a lágrima que escorria de seus olhos.

— Nós tivemos uma noite muito difícil, verdade. — Ela tirou o manto do gancho e se dirigiu para a porta do estábulo. — Tivemos grandes esperanças, e promessas foram feitas, mas não mantidas. Mas agora não é a hora de pensar em tudo. Estamos cansados, frios e molhados. Vamos discutir isso amanhã.

— Eu não vou pensar de forma diferente então, moça.

Ela fez uma pausa e olhou para trás.

— Realmente pensou que ganhariamos Rowallen, Ian? Mesmo uma vez?

Seu olhar caiu.

Um nódulo encheu sua garganta. Sem outra palavra, ela deixou o celeiro. Atrás dela a voz de Will se levantou quando ele repreendeu Ian, os tons do homem mais velho eram baixos e pesados em retorno.

Já molhada, simplesmente abaixou a cabeça contra a chuva gelada, suas botas chapinhando na lama. Quando ela chegou em casa, ela se atrapalhou com a porta, finalmente a abriu e entrou.

Ela fechou e trancou a porta e depois se inclinou contra ela, a água escorrendo dela e mergulhando no tapete debaixo de seus pés enquanto a chuva batia nas telhas de ardósia em um barulho ruidoso. Ela pendurou o manto molhado ao lado da porta e usou a luz do fogo baixo para encontrar uma toalha e secar o rosto e as mãos. Com isso, ela encontrou uma vela e acendeu.

Um brilho pequeno e dourado encheu a sala, embora pouco fizesse por seu humor negro. Tentando não pensar, ela adicionou madeira ao fogo, ajustando a queima para que as chamas pudessem respirar. Aí, antes do calor, tirou as botas molhadas e se despiu, tirando camadas de roupas encharcadas

de sua pele. Nua e tremendo, ela se secou e depois vestiu o roupão, envolvendo a toalha sobre os cabelos molhados.

Ela espalhou o manto diante do fogo e virou as botas para baixo para que a água escorresse. Antes de buscar o pente, ela pendurou uma chaleira de água sobre o fogo para aquecer. Então, pente na mão, puxou um pequeno banquinho ante o fogo e começou a secar o cabelo.

Quando a chaleira chiou, ela posou o pente e fez seu chá, vapor perfumado levantando da caneca. Logo, ficou enrodilhada sobre o sofá, um cobertor colocado sobre ela, sua caneca morna entre as mãos, o cheiro de chá preto e bergamota dando conforto.

Quando ela era criança, costumava ver seu pai fazer o seu chá, cada movimento tão calmo, sereno e pensativo quanto ele. Sua mãe tinha sido mais impetuosa e nunca deixou o infusor de chá na água quente o suficiente para que ele tivesse algum sabor. Papa ria da cara que mamãe fazia ao beber seu chá fraco.

A garganta de Murian se apertou de novo quando ela foi varrida com um desejo de ver os dois, e ela teve que passar a mão sobre os olhos para remover novas lágrimas. O que há de errado comigo? Estou uma bagunça hoje a noite. Mas ela sabia o que estava errado: as palavras de Ian a tinham cortado até o osso, e a deixaram cambaleando e mais sozinha do que nunca.

Nos dias após a morte de Robert, ela se apoiou em Ian mais do que deveria. Aparentemente, ele sentiu como se ele precisasse apoiá-la, mesmo que isso significasse mentir para ela, o que obviamente tinha feito.

Doeu, embora ela não conseguisse em seu coração ficar com raiva dele. Tudo o que ela sentia era uma tristeza profunda e avassaladora.

Piscando as lágrimas, ela descansou a cabeça contra o sofá, percebendo o quanto estava cansada. Quer fosse o frio, ou a umidade, ou o desastre daquela noite, ela não tinha certeza. Mas seria celestial simplesmente sentar-se e não fazer nada por alguns momentos.

Claro, isso não poderia durar. Ela tinha planos para fazer. Com ou sem Ian, ela não desistiria de Rowallen.

Muitas pessoas dependiam dela. Ela sorveu seu chá, saboreando o calor quando a chuva caiu contra a janela, pontuada de vez em quando pelo baixo estrondo de trovão, sua mente cintilando para Max. Um leve sorriso tocou seus lábios quando pensou em seu canto feroz e bêbado. Tinha sido uma maneira inspirada de soar um alarme sem que os guardas percebessem o que estava fazendo.

Seu sorriso escorregou e ela se perguntou o que aconteceu para perturbar seu plano. Eles foram traídos? Por quem? Tinha que ser um dos homens do príncipe. Ela não podia imaginar nenhum outro...

Bam! Bam! Bam! Um punho pesado bateu na porta dela.

Sentando, ela colocou sua caneca de lado, puxou seu cobertor sobre seus ombros e correu para a porta. Ela a destrancou e a abriu.

— Ian, não há mais nada...

Max entrou no quarto, seu manto preto encharcado, água fluindo de seus ombros largos para o chão.

— Och, você está pingando!

— É um chão. — Ele jogou o capuz para trás e passou a mão pelo cabelo molhado. — O chão é feito para pegar água.

— Pelo menos fique perto da lareira, de modo que a água não arruine meus tapetes. — Murian fechou a porta e voltou a girar, seu corpo erguendo-se em uma corrida aquecida. Mesmo ensopado da cabeça aos pés, ele exalava um poder sensual que instantaneamente lembrou-lhe momentos mais íntimos. Ela estava sentindo-se tão sozinha, e agora ele estava aqui. Uma onda de alívio aqueceu seu espírito gelado.

Ele ficou de pé no chão e desfez seu manto, com a água juntando em suas botas.

— Pendure sua capa sobre aquela cadeira. — Ela puxou outra toalha de um baú ao pé da cama e trouxe para ele, enquanto observava enquanto ele se secava, feliz por ter algo a pensar além da deserção de Ian.

Além disso, o que ela pensasse sobre Max, ela não podia negar que ele era um prazer de assistir. Ao vê-lo através de um salão de baile, alguém perceberia instantaneamente sua beleza sombria e angelical, aumentada pelos cabelos pretos, olhos verdes e pele dourada. Mas agora, de perto, com o cabelo penteado para trás pela chuva, a força masculina do rosto estava em forte relevo, seu maxilar cinzelado, as maçãs altas do rosto, o nariz forte. Francamente foi um presente para as mulheres em todos os lugares que ele conseguiu reunir essas poucas cicatrizes, pois elas eram a única coisa que o impedia de ser uma distração perigosa.

Ele pegou seu olhar e sua expressão severa se suavizou.

— Você parece exausta.

Ela colocou uma mão em sua bochecha, escondendo o desejo de estremecer.

— Eu estou.

— Muitas vezes é assim mesmo depois de uma batalha. Estava perto de uma esta noite, *dorogaya moya*. Muito perto. — Ele alcançou e capturou um de seus cachos úmidos, deslizando-o entre os dedos. — Seus cabelos são como o mar, espumando e curvando-se, como ondas tentando roubar a areia por debaixo de pés desavisados.

Ela corou e apertou o roupão, de repente ciente das deficiências em seu vestido.

— Então... o que aconteceu essa noite?

Seu olhar escureceu.

— Nós fomos traídos. Eu não sei como, ou por quem, mas Loudan conhecia nosso plano. Ele permitiu que ele progredisse até certo ponto, pois conseguimos remover os guardas daquele lado da casa. O que nós não sabíamos era que, assim que os tivemos fora do caminho, ele os substituiu.

Seu estômago apertou.

— Ele esperava nos pegar quando entrássemos.

Max assentiu.

— Nós percebemos o que estava acontecendo e não estabelecemos o sinal.

—Alguém fez. Havia uma vela, mas na janela errada. — Ela suspirou, afastando o cabelo dela e esfregando-o. — Isso me incomodou, esse detalhe, mas estava frio e nós estávamos tão perto...— Ela suspirou. — Eu deveria ter parado ali.

— Sim, você deveria. — Sua boca era branca, sua expressão severa. — Eu sabia que você estava naquele cume e poderia descer a qualquer momento... — Ele fechou a boca, como se as palavras estivessem amargas.

Ela brincou com um dos punhos largos em seu manto.

— Seu canto é atroz. Provavelmente assustou os homens do conde até a morte.

Suas sobrancelhas baixaram.

— Isso não é uma questão frívola.

— Eu sei. Mas é tudo o que tenho agora.

Seus olhares se encontraram. Ela podia ver que ele ansiava dizer mais, que o perigo de seu plano pesava em seus ombros, mas ela estava muito sobrecarregada para lidar com isso esta noite.

Ela balançou a cabeça, dizendo com uma voz cansada: — Eu não posso lidar com mais esta noite.

Ele assentiu com a cabeça, suavizando a expressão.

— Você precisa de algo para beber e descansar um pouco. Você vai se sentir melhor então. — Um sorriso fraco inclinou um canto de sua boca. — Com sorte, com um pouco de sono, você perceberá que meu canto não era tão ruim afinal.

Ela teve que rir, o que a acalmava de algum jeito.

— Não há sono suficiente para que isso aconteça.

Ele suspirou como se analisasse.

— E eu aqui pensando que eu fiz muito bem, dadas as circunstâncias. — Ele desabotoou o casaco, parando por um momento. — Você se importa? Está molhado, e enquanto o fogo me aquece, ainda está frio.

Enquanto o vapor subia suavemente de seus ombros largos, ela não duvidava disso.

— Claro. — Ela tentou não olhar enquanto tirava o casaco e depois o colete, a camisa branca tão molhada quanto o resto dele. Ela se agarrava cuidadosamente aos seus ombros, à sua cintura estreita, ao estômago plano.

Ela percebeu que ele estava olhando para ela, sorrindo presunçosamente, e ela apressou-se a se mudar para outro lugar.

— Você gostaria de um chá?

— Nyet. Não agora. — Ele ficou quieto um momento. — Esta aventura terminará em breve, de uma forma ou de outra.

— Eu sei. — Ela cruzou os braços, esfregando-os para trazer um pouco de calor.

— Mas não esta noite.

Não esta noite. As palavras simples levantaram seu coração, que tinha sido tão oprimido esta noite. Ela se viu sorrindo.

— Não. Não esta noite.

— Vamos fingir, por uma questão de formalidade, que esta noite eu estou apenas visitando. Que não há Rowallen, nem pessoas que dependem de nós. Só há você e eu, e essa visita.

— Ninguém visita com essa chuva, e é por isso que não estou vestida para ter companhia.

O olhar dele chamejou sobre ela de novo, sua boca curvando num sorriso fraco.

— Nesse roupão, você se parece com um... — Ele lutou para encontrar a palavra, depois apertou as mãos e as colocou ao lado de sua bochecha. — Aquela coisa em que você dorme. Sob sua cabeça. É feito de penas e...

— Um travesseiro? — Ela olhou para baixo. O roupão tinha sido de Robert e era enorme nela. Ele inflava tanto acima quanto abaixo do cinto; ela supôs que ela parecia um travesseiro.

Droga, eu pareço um travesseiro gordo enquanto ele parece assim. Ela voltou a olhar seu estômago, observando que cada ondulação estava perfeitamente espaçada. A vida não era justa. Ela puxou a faixa.

— É meu roupão favorito.

— Parece muito confortável e recatado. Você está mais coberta nesse roupão do que em dois dos seus vestidos.

Antes que ele dissesse que ela parecia um travesseiro fofo, ela se sentiu exposta. Agora, ela se sentia irritada e estava feliz por não haver espelho nas

proximidades. Pois certamente, além de estar envolvida por um roupão grosso e gordo, seu nariz deve estar vermelho e seu cabelo começando a crepitar como algas marinhas, o que aconteceu por ela não penteá-lo o suficiente enquanto se secava.

Max, observando suas emoções tocou seu rosto, escondendo um sorriso.

— Um travesseiro, — ele corrigiu, — mas um travesseiro muito precioso.

Embora estivesse exausta, o humor ainda a aqueceu.

— Um travesseiro precioso, então. Isso é melhor. Um pouco.

Ele riu suavemente e deu um passo em direção a ela. Seus calções molhados puxaram e ele fez uma careta, perdendo o sorriso.

— Eu deveria tirar isso. — Ele esperou para ver se ela discutia.

Em vez disso, seu olhar caiu, sobre seus quadris e pernas.

— Esses devem ser desconfortáveis. — Sua voz, sempre rouca e atraente, tinha-se aprofundado.

Seu corpo reagiu instantaneamente, ele parou em busca de seus botões.

Ela viu e, percebendo, sorriu.

— Não me diga que de repente você se tornou tímido.

Ele amava sua voz melodiosa e encharcada de mel, a maneira como algumas palavras terminavam com uma nota acima, como se implorassem por um beijo rápido para suavizá-las no caminho.

Ele achava o acento escocês intrigante, a cadência lembrando-o do povo de sua avó. Eles cantavam quando falavam, e isso o lembrava de verões sonolentos sob um céu estrelado.

— Aguente um momento. — Ela foi até a cama e tirou um dos cobertores e trouxe para ele. — No caso de sua timidez voltar e te apanhar em um rubor.

Ele não conseguiu parar de olhar sua boca. Ela não era uma beleza convencional, essa tentadora de cabelo vermelho e ferozmente independente. Ela era uma mulher de carne e osso da vida real, com cabelo que raramente permanecia dentro de seus grampos, e a pele que corava quando se irritava. Enquanto ele podia ver que ela havia derramado algumas lágrimas nesta noite, ela não tinha drama nem minimizou os perigos, mas aceitou-os sem vacilar. Sua natureza pragmática era tão atraente quanto os lábios cheios que o faziam pensar em prazeres carnais toda vez que ela falava.

Ela o intrigava como nenhuma outra. Ela se conduzia com segurança, como se ela conhecesse seu valor melhor do que qualquer outra pessoa. Mas era mais do que apenas confiança. Sem nenhum dos artifícios que a maioria das mulheres empregava – farfalhar de sedas e perfumes exóticos, bater de cílios e risadinhas sem sentido - ela era uma das mulheres mais femininas que já conhecera. Ele não podia vê-la sem as mãos coçando para tocá-la, sua

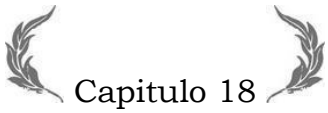
língua desejando se entrelaçar com a dela, seu corpo querendo levá-la, repetidamente.

Sua mente guardou cada expressão dela, cada movimento, e ele os entendeu, entendeu ela. Era como se seu corpo já estivesse em sintonia com o dela, seus pensamentos já se entrelaçavam com os dela.

E ainda assim não era suficiente. Ele queria mais. Mais beijos. Mais toques. Mais risadas. Mais tudo. Não havia tal coisa como — suficiente — não com Murian.

Ele jogou o cobertor no sofá e caminhou para o lado dela. Sem dizer uma palavra, ele ergueu-a em seus braços, sua veste se separando para revelar pernas esbeltas e bem formadas. Ela passou os braços pelo pescoço dele, descansando a cabeça no seu ombro.

Com um sorriso, ele fez uma pausa para apagar a vela, e então a levou para a cama enorme.



Capitulo 18

Max a abaixou na cama, consumindo-a com seu olhar. A luz do fogo brilhava em seus cabelos vermelhos, traçando seus cachos, mesmo enquanto acariciava a linha pura de sua bochecha e os lábios carnudos. Ele se inclinou para beijá-la, puxando a faixa livre. Ele abriu seu roupão, olhando-a com avidez. Suas pernas eram longas e pálidas, com panturrilhas perfeitamente formadas, feitas apenas para a palma de um homem. Ele admirava a força em suas coxas e, acima delas, os cachos pequenos e nítidos que cobriam sua feminilidade, escondendo e provocando.

Ele deslizou as mãos pelas panturrilhas, as coxas e pairou sobre seus cachos púbicos.

Ela ofegou, seu olhar nunca deixando ele, uma pergunta em seus olhos.

— Tenho de tê-la, — ele sussurrou enquanto se movia para seus quadris, segurando-os e curvando seus dedos em sua carne, seu corpo doendo de desejo.

— Não, sou eu quem deve ter você. — Ela puxou os braços para fora do roupão e deslizou para o centro da cama, nua e ousada pronta para ele. — Preciso disso esta noite.

Ela não disse que precisava dele, e por algum motivo isso o incomodou. Mas não o suficiente para parar. Ele não conseguiu se despir rápido o suficiente, despindo as calças e puxando sua camisa sobre a cabeça enquanto ela estendia os braços.

E então ele estava lá, pele a pele, nada entre eles, exceto calor e paixão, desejo e necessidade. Ele passou as mãos pelo corpo dela, da panturrilha ao quadril, do quadril para a cintura, da cintura ao peito, parando para tocar e acariciar e provocá-la. Ela gemeu seu nome, sua respiração curta e quente, suas mãos buscando, acariciando, também.

Deus, como ele gostava de tocá-la. A ponta dos dedos não pôde descansar, precisava se mover. E onde seus dedos foram, também foi sua boca. Ele traçou uma linha de seu pescoço até o peito, parando para atormentar seus mamilos tesos, movendo-se para frente e para trás até ela se arquear contra ele, inquieta de desejo.

Então ele foi mais baixo, beijando o caminho pelo seu estômago suavemente arredondado, seus dedos em seus cabelos enquanto ele roçava o queixo sobre o monte, uma vez, e depois duas vezes.

Ela ofegou e levantou-se para ele, enrolando os lençóis nos punhos.

Ele provocou-a novamente, soprando em seus cachos úmidos, enviando tremores através dela.

— Mais, — ela ofegou e, para sua surpresa, entrelaçou as mãos na mão dele e pressionou-o onde desejava que ele fosse, abrindo as pernas e levando a feminilidade para ele.

Mais excitado do que nunca, ele deslizou as mãos sob o traseiro dela e ergueu-a até seus lábios, separando delicadamente suas dobras lisas com a língua. Experimentava a doçura e a água da chuva, seu pênis endurecendo com cada movimento que ela fazia contra sua boca. Ele enfiou a língua para cima, sobre o cerne duro de seu prazer, e depois voltou para sua umidade. Uma e outra vez, ele rastreou o caminho.

Ela o puxou para perto. Impelido, ele enfiou a língua nela e então, empurrou fundo, imitando o movimento de seus quadris. Uma e outra vez, ele empurrou, mergulhando em seus suspiros de excitação. Suas mãos apertavam seus cabelos enquanto ele a tomava com a boca. De repente, ela plantou os pés na cama e arqueou contra ele, gritando seu nome. Enquanto ela tremia com prazer, enfiou os dedos nela, acariciando-a profundamente até que ela apertou os lençois novamente e implorou-lhe que parasse.

Rindo, ele subiu no corpo dela, chovendo beijos sobre sua pele cremosa enquanto ela lutava contra um estremecimento persistente debaixo dele, suas respirações quebradas e curtas.

Finalmente, ele se deitou sobre ela, seu rosto junto ao dela, uma de suas pernas sobre seu quadril. — Isso, — ele sussurrou contra seu pescoço, — foi para você.

Murian colocou os braços sobre ele, sua respiração finalmente desacelerando.

— Então isso, meu amor, será para você. — Ela nunca tinha sido tão bem amada. Ela não conseguia parar de tremer, seu corpo doendo com satisfação e desejo.

Toda a trilha da ponta dos seus dedos, enrugada pela vida, a fazia tremer e seu coração trovejava nos ouvidos. Era como se seu corpo, a tempos adormecido, tivesse sido despertado por seus beijos, seu toque, seu calor. Ela não podia pensar mais do que respirar.

Ela passou as mãos sobre seus braços poderosos, seus ombros largos, seu tórax musculoso, procurando e explorando, perguntando-se como ela tinha ficado por tanto tempo sem tocar e ser tocada. Ela esteve dolorosamente solitária, um fato que só agora ela se permitia admitir.

E isso, aqui e agora, parecia certo. Ela estava segura dentro dos braços de Max, sem esquecer quem era e onde estava, quando estava dentro de seu abraço. Segura de estar tão despreocupada ou deliciosamente pecaminosa

quanto o momento permitia. Seu corpo ainda doía de sua língua, ainda ansiava por mais. Mas agora era sua vez.

Ela abriu as pernas e levantou-se para encontrá-lo. Ela ofegou quando seu membro duro a encheu, enviando novos arrepios através dela. Ela enrolou uma de suas pernas sobre ele e depois levantou-se em um braço, virando-o para que ela estivesse no topo dele, seu pênis enterrado profundamente. Era celestial, e ela observava como ele fechava os olhos, mordendo o lábio enquanto tentava manter o controle.

Ela puxou os joelhos para cima ao lado de seus quadris, abaixou as mãos no peito, ergueu-se no comprimento de seu pênis e, lentamente, muito lentamente, afundou de novo.

Seus olhos se abriram de surpresa. Imediatamente levantou novamente, apenas para deslizar de volta para ele. Abaixo dela, Max arquejou em uma agonia prazerosa. Ela subiu e baixou lentamente novamente, sentindo seu membro crescendo ainda mais, empurrando mais profundamente para dentro.

E então ela estava balançando sobre ele cada vez mais rápido. Suas mãos se fecharam ao redor de sua cintura quando ele se levantou, encontrando-a.

Max apertou os dentes, seu pênis implorava por libertação. Ele não queria nada além de virá-la e tomá-la com toda a paixão reprimida que ela criara. No entanto, ele não conseguiu desviar o olhar da imagem que ela fazia quando balançava sobre ele, seus seios saltando, seus cabelos presos em seus ombros nus, sua pele brilhando pelo esforço.

Ele apertou ainda mais a cintura dela, encontrando seu golpe fulminante. Sua respiração acelerou, e então suas costas arquearam. Ele sentiu a onda de sua alegria antes que ela, deslizando as mãos para sua bunda para que podesse segurá-la firmemente junto a ele; com um grito surpreso, ela se abaixou violentamente em seu pênis, solta e enlouquecida de desejo. Não mais capaz de se controlar, empurrou-se para dentro dela e liberou-se nas suas profundezas, então ela desabou sobre ele.

Muito mais tarde, quando o fogo queimou, e eles se divertiram até que não puderam mais se mover, Max levantou a mão de Murian e deu um beijo na palma da mão. Ele passou os lábios pelo dedo dela, mordeu suavemente a ponta, depois pressionou beijos de volta na palma da mão e abaixou, encontrando o pulso dela em seu punho e capturando-o com os lábios.

Ela sorriu sonolenta, seus olhos prateados pouco visíveis entre os cílios grossos.

— Eu não posso... Simplesmente não posso.

Ele riu.

— Eu também acho que não posso.

Ela acomodou a cabeça no seu ombro, seus lábios se curvaram em um sorriso repleto de amor.

Deus, como ele amava esses lábios, de cor escura e perfeitamente formados. Eles eram tão intrigantes quanto ela. Ele se inclinou para prová-los com um beijo suave. Ela o beijou de volta, e então ela se curvou ao redor dele, o braço sobre o peito, a perna sobre a dele, a cabeça bem arrumada sob o queixo e caiu quase imediatamente adormecida.

Embora cansado, Max achou o sono mais difícil. Ele roçou seus cachos de onde eles fizeram cócegas no queixo, e alisou a mão por seu ombro e braço. Ela suspirou enquanto dormia, mas não acordou, e ele sabia que se sentia segura. Protegida. E ele ficou orgulhoso disso. Ele nunca quis nada além de segurá-la quando ela precisasse, beijar a tristeza de seus olhos e observar seus lábios se curvarem em um sorriso. *Com isso, eu sou feliz.*

E naquele momento, acordado no escuro, Murian enrolada sobre ele, Max percebeu que cometeu um erro que ele nunca poderia desfazer. Em algum momento, ele se apaixonou por essa mulher. Uma mulher que ele logo teria que deixar.

Uma dor como ele nunca conheceu encheu seu coração. Ele envolveu seus braços sobre ela e enterrou o rosto em seus cabelos, fechando os olhos para o tempo e as circunstâncias, e tudo mais que os condenava.

Capitulo 19

Max piscou acordado, perguntando por um momento onde ele estava. Memórias da noite anterior lentamente se filtraram, e ele se virou para encontrar a luz do sol matinal que iluminava o braço muito feminino que estava sobre seu peito.

Levantando a cabeça, ele seguiu a linha daquele braço até um ombro gracioso e um pescoço elegante, e um queixo firme quase invisível em uma onda de cachos vermelhos. Através do emaranhado de cabelos vermelhos e sedosos, sua respiração agitava os fios a cada suave baforada.

Depois de anos de batalha, Max tornou-se um homem de acordar com o sol, mas esta manhã, ele estava relutante em se mexer. A cama estava quente, os lençóis perfumados com a baunilha e a lavanda que ele passara a associar a Murian, e ela se ajustava perfeitamente contra ele.

Ele apoiou a bochecha contra a testa dela, ouvindo sua respiração constante, sua virilha se mexendo. Foi um testemunho para Murian que seu pênis poderia subir tão rapidamente depois de uma noite como essa, e cresceu.

Mas talvez essa não fosse a melhor ideia. Talvez a melhor ideia fosse levantar-se, sair e nunca mais vê-la sozinha. Ele sabia qual era o seu dever; sabia o que precisava fazer, por que e quando. O mesmo poderia ser dito de Murian; ela estava tão amarrada aqui como ele amarrado a Oxenburg, nenhum deles livre para seguir seus corações.

Mas ele estava realmente em seu coração? Por mais que quisesse saber, sabia que não podia perguntar. Ela gostava dele, e também o acolherera em sua cama. Mas, novamente, ela era uma mulher independente, então por que não deveria? Seu desejo não era mais do que uma indicação saudável de sua própria sensualidade.

Em circunstâncias normais, ele simplesmente perguntaria quais eram seus sentimentos. Mas ao perguntar, havia a promessa de cumprimento. A menos que ele estivesse disposto a responder seus sentimentos com os seus, ele não tinha o direito de sequer abordar o assunto.

Não havia nada a ser dito. Assim que sua missão fosse concluída, ele partiria enquanto ela permaneceria para continuar sua luta por Rowallen. Não havia mais nada para nenhum deles.

A percepção o fez doer como se alguém tivesse atingido seu peitoral com uma espada de duas mãos. Ele esfregou o peito, imaginando que se sentisse tão real.

Uma batida alta quebrou o silêncio. Max ergueu a cabeça.

Murian agitou-se ao seu lado.

Lá fora, Ian chamou — Moça? Você está de pé?

Murian piscou acordada e sentou-se, seu olhar achando Max. Ela tirou o cabelo do rosto e gritou: — Sim. Algo está errado?

— Nós temos muito a conversar, você e eu. — Houve um silêncio. — Eu te devo uma desculpa.

Max pegou a inclinação da boca de Murian e levantou as sobrancelhas.

Ela balançou a cabeça antes de levantar a voz para Ian. — Vá para o café da manhã. Eu vou te encontrar quando estiver vestida.

— Tem certeza moça? — Eles ouviram um som, como uma bota arranhando o chão. — Eu não quero incomodá-la, mas sinto muito. Eu tive tempo de pensar nas coisas, e eu estava errado. Eu estava com raiva de como o ataque foi e... Estou com raiva do maldito príncipe.

Um brilho de humor aqueceu os olhos de Murian.

— Oh? E por que você está bravo com o príncipe?

— Porque ele a colocou em perigo. — Ian adotou um estranho sotaque alemão. — Oh, não há nada para se preocupar, eu e meus soldados perfeitos vamos afastar os guardas.

Max abriu a boca para retaliar, mas Murian apertou o dedo em seus lábios.

Ian continuou: — Se aquilo foi afastar os guardas, então eu sou um elefante.

— Ele é tão grande quanto um, — Max murmurou.

Murian sorriu, mas disse a Ian: — Vá comer; Eu falarei com você em breve. E não se preocupe Ian, eu não sou louca. De modo nenhum.

— Tudo bem.

Eles ouviram quando ele saiu.

Max se espreguiçou.

— Suponho que devo ir, para que você possa embarcar no assassinato do meu caráter em seu café da manhã.

O sorriso de Murian desapareceu.

— Na noite passada, Ian teve muitas coisas ruins para dizer a todos. Ele é um pouco ranzinza às vezes. Nós os escoceses somos muito severos.

Max rolou para beijar o nariz dela.

— Nunca diria isso.

Seu sorriso voltou, embora uma sombra permanecesse em seus olhos.

Ele sentia o mesmo, mas não havia mais nada a dizer. De má vontade, ele se levantou, embora sentisse como se estivesse deixando um pedaço de seu coração na cama com ela. Ele fez uma careta para seus próprios pensamentos.

Ele lavou-se na água fria na pequena cômoda junto ao fogo, depois se vestiu, tentando não vê-la enquanto fazia o mesmo e falhando miseravelmente. Ele amava a linha de suas longas pernas, sua cintura alta e seus seios, que enchiam a palma das mãos.

Ela puxou sua combinação, pegando seu olhar enquanto fazia isso.

O rosto aquecido, ele fez um gesto para as brasas.

— Vou trazer o fogo de volta à vida.

— Obrigada.

Relutantemente se afastou. O fogo tinha morrido há muito tempo, apenas algumas brasas ficaram, então ele adicionou madeira, e depois soprou sobre as brasas até que as chamas se levantasse para lamber com fome a madeira. Satisfeito, ele colocou o ferro de fogo de volta na prateleira e verificou as botas. Como elas ainda estavam úmidas, ele as deixou perto do fogo quente.

Murian ficou em pé ao lado dele. Ela estava vestida, seus cabelos soltos, suas botas em seus pés. Ela segurou um pente e enviou-lhe um olhar tímido quando se sentou no sofá.

— Obrigada. A noite passada foi... bem, eu me sinto muito melhor.

— Obrigado você. Eu nunca vou esquecer a noite passada. — *Nunca*.

As palavras pendiam entre eles e seu sorriso tímido desapareceu.

Ela deixou cair o olhar no pente.

— Você... você parece infeliz.

— Eu estava pensando que eu devo partir em breve.

— Quando você encontrar a tiara, claro. — Ela parecia dizer isso em voz alta tanto para si mesma quanto para ele.

— Sim, mas ainda não. — Ele ficaria o tempo que pudesse. Não seria suficiente, ele já sabia disso. Mas era tudo o que podia fazer. — Antes de partir, gostaria de ver todas as cabanas consertadas.

— Não há muito a ser feito que não possamos fazer. — Ela passou o pente pelos cabelos, parando quando bateu em um emaranhado.

Ele pensou o mesmo ao despertar, mas de alguma forma as palavras picaram vindo de Murian.

— Eu ainda devo recuperar a coroa de Oxenburg, e... há outras coisas também.

Murian fez uma pausa para desenrolar os cabelos.

— Que outras coisas?

— Questões de Estado. Nada que lhe interessasse. Além disso, você tem o suficiente para fazer com seus aldeões e encontrar o diário.

Seu olhar se estreitou sobre ele, e foi como se, por um momento, ela pudesse ver através dele.

— Você está envolvido em algum tipo de intriga política?

Maldito Inferno, ela poderia ver sua alma?

— Eu não sou um político.

Ela mostrou-lhe um olhar de descrença.

— Max, você se lembra da noite passada? Eu não sou uma mulher paciente. Já provei isso.

Ele teve que sorrir.

— Você fez. E muito bem, também. Mas devo ressaltar que temos um espião em algum lugar, por isso é melhor manter qualquer informação conforme a necessidade.

Para sua surpresa, ela hesitou e depois assentiu.

— Devemos encontrar esse espião antes da nossa próxima incursão. Talvez…

— Nyet. Não haverá mais tentativas de entrar no castelo.

Ela franziu a testa.

— Você quase foi apanhada na noite passada. Eles teriam atirado em você. — Mesmo agora, ele podia provar seu medo ao ver os guardas com suas pistolas em punhos, apontando para a direção que ele dissera a Murian para se esconder.

Sua mandíbula se firmou. — Não importa o que você ou Ian digam, eu não vou desistir de caçar o diário.

Ah, então era sobre o que eles discutiram. Por uma vez, Max encontrou-se de acordo com o velho e mal-humorado Escocês.

— Nós cuidamos de você. E, claro, você não deve desistir. Mas talvez você deva concentrar-se em outra coisa até que Spencer volte da guerra. Deixe-o lidar com isso.

— Se ele retornar da guerra. Loudan tem alguém entre os empregados de Spencer, que esconde minhas cartas dele. O que impede que essa pessoa faça mais?

— Você acredita que Loudan pode matar seu próprio irmão?

— Ele já matou antes.

— Isso só prova meu ponto. Você terá que encontrar outra maneira de recuperar o diário.

Os lábios dele se apertaram, mas ela não respondeu, embora ela penteasse seus cabelos com movimentos mais rápidos e mais furiosos.

Um sentimento desconfortável surgiu nele.

— Você concorda, então? Em aguardar a tentativa de encontrar o diário até Spencer chegar?

Ela guardou o pente e rapidamente trançou seus cabelos. Assim que ela terminou, ela puxou uma fita do bolso, amarrou a grossa trança e depois ficou de pé.

— Eu aprecio sua preocupação. — Seus olhos estavam acesos, sua voz calma.

E isso foi tudo. Eles estavam em um impasse completo. Max, sentindo-se mais chateado e instável pelo momento, suspirou. Talvez fosse melhor se ele lhe desse algum tempo para pensar sobre os perigos que ela enfrentara na noite passada. Não existia nada que pudesse fazer na luz fria do dia, de qualquer forma.

Ele pegou o manto úmido.

— Eu devo ir antes que seja descoberto que desapareci. Meus homens e eu voltaremos mais tarde hoje. Vamos falar mais quando eu voltar.

Ela foi até a porta e tirou o manto do gancho.

Ele a observou, esfregando a parte de trás do pescoço, onde uma dor começava a se formar. Ela estava tão frágil, tão distante. Não era assim que ele queria que isso terminasse; como ele precisava que terminasse.

Mas antes que ele pudesse dizer outra palavra, ela disse: — Adeus, Max. — E com essas duas palavras impessoais, ela saiu, fechando a porta atrás dela com um golpe decidido.

Max foi atrás dela. Quando ele entrou na rua coberta de névoa fria, seu pé afundou em uma poça de gelo. Ele olhou para os pés nus e puxou o pé da água.

Amaldiçoando a tempestade e jurando que ninguém poderia lidar com uma mulher escocesa tão espinhosa, incluindo o próprio Deus, Max coxeou de volta ao interior da cabana de Murian, enfiou as botas nos pés molhados, e saiu.

Capitulo 20

— Olhar pela janela não ajudará.

Max virou-se para onde Tata Natasha sentava-se ao lado da lareira. Ela abriu um olho para espiá-lo e, aparentemente satisfeita que chamou sua atenção, fechou-o novamente.

Era meio da tarde e, depois de um almoço leve, os hóspedes do conde se dispersaram: alguns jogavam cartas, alguns para jogar bilhar, alguns para ler ou escrever cartas, enquanto os mais enérgicos cavalgaram para o dia enevoado e escaparam da tarde calma do castelo.

Depois de um jogo de bilhar com alguns outros convidados, Max tinha ido em busca de sua avó e a encontrou aqui, adormecida em sua sala de estar favorita.

— Eu não considerarei uma visita se você não se sentar. — Seus olhos ainda estavam fechados, ela chutou na direção do assento oposto ao dela.

Com um olhar final no dia cinzento, que combinava bem com seu humor, ele tomou a cadeira sugerida.

— Estou feliz em ver que você acordou.

— Eu não estava dormindo. — Ela abriu um olho para olhar para ele. — Se eu quisesse dormir, eu teria ido para a minha cama.

— Você estava roncando quando entrei.

— Isso foi uma respiração profunda. Ajuda quando estou resolvendo um enigma. — Ela abriu os olhos, escondendo um bocejo atrás de sua mão. — Estou tentando entender porque meu neto está deprimido como se seu cão favorito tivesse morrido.

— Eu não estou a lamentar.

— Pah! Eu conheço o lamento quando eu o vejo, e você estava lamentando. — Tata enviou-lhe um olhar duro. — Você não desapareceu esta manhã, como você costuma fazer.

— O que deveria ter feito você feliz. — Ele havia passado o dia de ontem na aldeia trabalhando com seus homens, enquanto Murian lhe lançava olhares frios e despreocupados, como se ela não o conhecesse nem se importasse.

Ele sabia o que ela queria: sua benção e assistência para voltar a Rowallen, mas ele não podia oferecer. Ele não estava mais disposto a aceitar tal risco. Ele poderia tão facilmente perdê-la... Ele apertou o queixo contra a onda de emoção que a memória lhe trouxe.

Esta manhã, ele enviou os homens para a aldeia sem ele, esperando recuperar a perspectiva lógica usual. Infelizmente, ele achou a ausência de Murian tão perturbadora quanto a presença dela. Ele não conseguiu parar de pensar nela, revivendo cada toque, cada sorriso.

Ele se moveu inquieto, impaciente com todas as malditas coisas.

— O que há de errado, Maksim? E não me diga 'nada', pois não acredito nisso.

O que estava errado? Cada segundo que ele passava na companhia de Murian complicava suas vidas, e ele ansiava por mais e mais desses segundos, horas e dias. Ele queria todos eles, maldição. E ele queria que ela estivesse segura, longe do mal. *É isso o que se sente quando um ente querido parte para a guerra? Maldição, nunca poderia fazer isso com ninguém.* Sua alma afundou um pouco mais.

— Max?

Consciente do olhar de sua avó, ele se forçou a dizer com calma: — Eu fiquei porque espero missivas. Estou sendo um bom convidado, o que você queria que eu fizesse desde a chegada. Mas... — ele encolheu os ombros, — não havia missivas. Eu desperdicei o dia. — Ele não conseguiu manter a amargura fora de sua voz.

— Ainda resta a luz do dia; eles ainda poderiam vir.

— É melhor. Nosso anfitrião está tentando minha paciência. — Max bateu no braço de sua cadeira com impaciência. — Loudan sabe que a grande cena que você realizou foi um esforço para me ajudar. Ele tem sido muito irritante, perguntando sobre sua saúde toda vez que nos encontramos.

Tata sorriu.

— Ele me perguntou também. Uma vez. Eu falei de tantos fluxos sangrentos e cistos inchados que ele pareceu bastante doente e saiu abruptamente.

Max teve que rir.

— Da próxima vez, vou tentar o mesmo.

— Apenas diga as palavras 'humores femininos'. Ele ficará vermelho e se desculpará. — O olhar perspicaz de Tata se estreitou. — Eu não acho que ele também perguntou como, naquela mesma noite, você acabou do lado de fora, cantando como um marinheiro bêbado?

— Quem te contou sobre isso?

— Isso não importa. Eu sei. Você não deve enfrentar homens armados sem uma arma. É tolice.

— Eu estava lá para distrair, nada mais. Quando Loudan mencionou isso, sugeri que foi um dos meus homens que tinha bebido demais. Ele não

acreditou em mim, é claro, mas o que ele podia dizer? Ele não me chamaria de mentiroso. Não na minha cara.

— Eu queria que ele fizesse, — disse Tata Natasha amargamente. — Então você poderia desafiá-lo a um duelo e teríamos terminado com isso.

Max concordou.

— Ele é muito cuidadoso para cruzar essa linha. — O que tornava curioso o fato de o conde ter feito com Robert. Talvez a diferença fosse que agora o conde estava cercado por convidados que sussurariam sobre tudo o que eles viram e ouviram. Loudan tinha enfrentado apenas Robert, sem testemunhas senão os próprios seguidores do conde. *Ele deseja manter a boa opinião da sociedade*.

Max descansou os cotovelos nos joelhos e olhou da avó para a janela, onde a névoa fria e pesada girou sobre exuberantes copas de árvores verdes. Ele se perguntou o que seus homens estavam fazendo na aldeia de Murian agora. Hoje, eles deveriam abordar o caminho lamacento que ligava as casas. Depois da neve e depois da chuva, a aldeia parecia ter sido construída no meio de uma grande poça. Esta manhã, ele, Orlov e Raeff decidiram que a melhor maneira de abordar a questão era alinhar os caminhos com tantas pedras quanto possível, o que levaria algum trabalho, mas seria efetivo. Ele se perguntou se Murian apreciaria seus esforços, ou se ela ainda estava furiosa...

— Você vai me contar sobre ela?

Max franziu a testa, mas não respondeu.

— Somente duas coisas fazem você suspirar de tal maneira. Um é alimento. A outra, uma mulher. Eu sei que você comeu hoje, então... — Ela deu de ombros.

— Eu não estava suspirando.

— Ha! — Sua expressão se suavizou, e ela colocou a mão em seu braço. — Maksim, me diga o que está incomodando você. Não é coisa sua sentar-se e suspirar e não *fazer*.

— Eu estou fazendo. Aguardo missivas.

— Pah! Você é o general. Generais não aguardam mensageiros comuns.

— Temos muitas preocupações que exigem minha atenção, — disse ele incisivamente. — Uma coroa perdida, por exemplo.

Um fraco rubor coloriu as bochechas de Tata Natasha.

— Ah, isso.

— Há outras coisas que também precisam da minha atenção. — Várias outras coisas, e nenhuma delas estavam indo como ele desejava. Em seu tempo em Rowallen, tudo o que ele conseguiu foi reparar alguns telhados com vazamento e encontrar-se desconfortavelmente enredado com uma tentadora ruiva.

Além disso, ele a feriu de alguma forma. Ele declarou um fato frio e direto, algo que ela já sabia, que sua busca pelo diário era muito perigosa para continuar - mas depois de pensar sobre isso, ele percebeu que tinha sido exigente. Não intencionalmente, mas ainda assim... era a luta dela, não dele. Ele não tinha o direito de dizer a ela o que fazer.

Ele estremeceu ao pensar em quanto desafio suas palavras devem ter soado. Se ela se atirasse atrás de um plano perigoso agora, ele seria o culpado e...

Algo cutucou seu joelho. Ele franziu o cenho.

— Tata, abaixe sua bengala.

Ela fungou.

— Perguntei-lhe três vezes como é essa mulher, mas você não respondeu. Ela é tão chata que você não tem nada a dizer sobre ela?

— Ela não é chata. Ela é... frustrante.

— E?

— Ela não vai ouvir uma palavra que eu ou alguém mais diga a ela.

— Então ela é orgulhosa, assim.

— Muito orgulhosa para seu próprio bem. Pior ainda, ela se recusa a seguir os ditames do senso comum, mesmo quando se trata de sua própria segurança.

Tata assentiu como se ela gostasse desse traço particular.

— Como um Romani. Nós, também, somos teimosos e orgulhosos, e talvez nem sempre gostemos de ouvir os conselhos daqueles que sabem mais. — Ela se recostou na cadeira, seu olhar preto nunca deixando seu rosto. — Diga-me mais. — Ela acenou com a mão, seus anéis brilhando no quarto escuro.

Múrian nunca usava jóias. Ela deve ter vendido. Seu maxilar apertou.

— Ela vive por uma coisa: ganhar Rowallen de volta para o seu povo.

— Quem são essas pessoas?

— Os criados e outros que foram expulsos quando o conde tomou o castelo. Quando Loudan exigiu que eles saíssem, ela os levou para a floresta, para algumas cabanas de arrendatários onde eles estariam seguros e poderiam viver sem interferência do conde.

— Ele interfere?

— Ele castiga qualquer um que os ajude.

— Esse *vash*.

— Isso ele é. Seu povo é leal a ela e ao falecido. Para Loudan, é traição.

Tata franziu os lábios como se estivesse considerando alguma coisa. Finalmente, ela inclinou a cabeça como se conferisse um grande privilégio.

— Eu vou encontrar sua mulher. Traga-a aqui.

— Ela não é minha mulher. Ela não tem ninguém. — *Por enquanto.* Seu sangue rugiu em protesto contra seus pensamentos, mas ele se recusou a se afastar. — Ela está tentando encontrar o diário de seu marido, pois ele escreveu a verdade sobre o que aconteceu na noite em que ele morreu, antes da luta. Pode provar que Rowallen não pertence ao conde.

Os olhos escuros de Tata iluminaram-se com interesse.

— Então este diário está aqui, neste castelo.

— Ela acredita que sim, dá. Sempre que ela pode entrar no castelo, ela procura por isso, ou ela fez até que Loudan percebeu o que estava fazendo e aumentou a guarda.

— Ele teme que ela o encontre, então. — Tata franziu os lábios. — Seus motivos são louváveis.

— Seriam se ela mostrasse algum juízo na maneira como ela faz isso. Ela arrisca seu pescoço como se fosse substituível. — *E não era.* Nunca haveria outra Murian. Nunca haveria outra mulher que o intrigasse como ela, amarrasse seu coração em nós e o enlouquecesse de desejo.

De repente impaciente, ele ficou de pé e deu alguns passos para a janela, inclinando as mãos em cada lado do peitoril da janela e olhando com os olhos que não viam. *Maldito Inferno, o que devo fazer?* Mas não havia nada a fazer com isso. Ela era quem ela era, com seus próprios sonhos e responsabilidades que a amarravam a Rowallen tão firmemente quanto suas responsabilidades e sua família o amarravam a Oxenburg.

Era impossível. Nenhum deles poderia entrar em outro caminho sem trair tudo o que eles queriam. Ao não fazer isso, eles eram forçados a trair um ao outro.

Ele se endireitou e apertou os punhos no bolso do casaco, desejando poder liberar sua tensão com uma boa luta. O que ele estava fazendo, ficando aqui no castelo quando ele poderia estar, se não com ela, pelo menos perto dela? O tempo estava escorregando mesmo quando ele respirava.

Ele deveria ir até ela agora. Ele pegaria seu cavalo e... um movimento no caminho abaixo chamou sua atenção e ele se inclinou para a frente. Lá, nas portas da frente, estavam Orlov, Golovin e Demidor. Eles acabaram de desmontar; dois pajens estavam levando seus cavalos para os estábulos.

Por que eles estão retornando assim tão cedo? Ainda não está escuro.

Orlov assentiu com a cabeça em algo que Demidor disse, então entrou no castelo.

Max inclinou-se para um lado e olhou para o leste, onde os bosques rodeavam o gramado bem cuidado. Lá, quase invisível, a menos que alguém soubesse procurá-la, a carroça estava atrás das árvores que circundavam a parte de trás da propriedade. De lá, ficaria escondida atrás do celeiro

parcialmente desmontado, fora da vista e pronta para uso quando eles precisassem novamente.

Algo deve ter acontecido que eles retornaram tão cedo. Ele virou.

— Eu devo ir.

— Por quê? O que você viu?

— Nada que precise preocupar você. — Ele cruzou a cadeira e colocou um beijo na bochecha fina como papel. — Eu irei ao seu quarto e escoltarei você para jantar às oito. — Ele dirigiu-se para a porta.

Ele estava no meio da sala quando ela gritou: — Se você se importa com essa garota, você deve se casar com ela.

Ele enrijeceu e lentamente virou-se.

— Não é tão fácil, Tata.

— Não é? Você perguntou a ela?

— É mais complicado do que isso.

— Por quê?

— Por muitas razões. Temos responsabilidades, ambos.

— Pah! Se você se importa com ela, você encontrará uma maneira de contornar isso.

— Isso não é tudo. — Max balançou a cabeça. — Ela já foi viúva uma vez; eu não vou fazê-la novamente.

— As pessoas morrem o tempo todo, e não apenas na guerra.

— Dá, mas às vezes, a espera pode ser tão difícil quanto uma morte.

— Você não é um general imprudente. Você luta quando pode ganhar, e você não sacrifica vidas como peões de xadrez. É por isso que Oxenburg está em uma posição tão forte. Nosso exército, ele não é grande, mas ele é forte e inteligente. Eu ouvi seu pai dizer aos outros o quanto você é respeitado, como temem o nosso exército e quantas mortes experimentamos em comparação com nossos inimigos.

— Mas sempre há pelo menos uma morte. E um dia, será a minha. Basta uma bala. Eu já vi isso uma e outra vez.

— Então você vai desistir deste presente que foi dado a você, esse amor?

— Eu nunca disse que amava ninguém.

— Você disse isso, embora não com essas palavras. Você não desiste da felicidade por nada. Mas saber que um dia estará em perigo não significa que você deve viver como se já estivesse morto. Olhe para os seus homens! Eles se casam.

— Eles não viram o que eu tenho visto. Eles não levam a notícia aos entes queridos, vêem o desespero, observam a luz morrer nos olhos das mulheres que sabem que nunca mais amará, ver a dor dos meninos que achavam que

seu pai podia andar sobre a água e jamais morreria. — Ele balançou a cabeça. — Eu morreria antes de submeter Murian a isso.

A expressão de Tata Natasha se suavizou.

— Maksim, as mulheres tem vivido com os homens sendo tolos desde que há homens e mulheres. — Ela apontou um dedo magro para ele. — Ouça e ouça bem. Você não consegue escolher com quem, ou quando, ou mesmo como você se apaixona. Essas coisas estão em mãos de um poder superior. E isso não acontece com todos - nem muitas vezes. O amor é precioso, Maksim. Precioso. Quando este presente do destino cai diante de você, você não pode se afastar dele. Quer você se case com essa mulher por um dia ou cem anos, valerá a pena o custo.

Max desejou acreditar nela. Desejou que ele não tivesse visto o que tinha visto, não saber o que sabia. Ele balançou a cabeça.

— Eu não posso fazer isso com ela, Tata.

Ela franziu o cenho.

— Você é um tolo, Max. Um idiota!

Ele conseguiu dar um sorriso.

— Eu preciso ir. Eu verei você às oito. — Ele curvou-se e depois saiu pela porta, ignorando seu bufar de frustração.

Max encontrou Orlov encostado na parede do lado de fora da porta, os braços cruzados. Ele se levantou quando viu Max.

— Você está de volta cedo, — disse Max.

— Quando saímos esta manhã, enviei Pahlen para aguardar o correio. Tive a sensação de que hoje seria o dia.

Pelo menos uma coisa estava indo bem.

— Você estava certo, eh?

— Dá. Um pacote chegou. Ele deve nos trazer aqui.

— Bom. — Max caminhou pelo corredor, Orlov seguindo ao lado dele.

Depois de um momento, Orlov limpou a garganta.

— Perdoe-me, General, mas não pude deixar de ouvir sua conversa com Sua Graça.

Max parou para encarar seu sargento.

— Ela está ocupada envolvendo-se no que não lhe diz respeito. Não cometa o mesmo erro.

Orlov abriu as mãos diante dele.

— Eu não queria ouvir, mas a voz da sua avó é carregada.

— Como o grito de um corvo.

Orlov deu a Max um olhar penetrante.

— Há sabedoria a ser encontrada nos bicos dos corvos.

Max fez uma careta.

— Você concorda com ela.

— Isso se tornou óbvio para nós quando você foi cuidar de Lady Murian.

— Ela já foi viúva uma vez. Eu não gostaria que ela fosse novamente.

— Porque você acha que ela será como Henrietta. — Orlov balançou a cabeça. — Quando Fedorovich morreu, um pouco de todos nós foi ao túmulo com ele.

— Mais para Henrietta do que qualquer um de nós. Você não viu seu rosto quando eu disse a ela que Dimitri não voltaria. Você não a viu prostrada sobre seu cadáver, nem se recusar a deixar seu lado até que desmaiou por falta de sono e fome. — Max esfregou a testa, onde começava a doer. — Eu não faria isso com Murian.

— Você não faria isso. Henrietta é minha irmã, e eu a conheço muito melhor do que você. Talvez até melhor do que Dimitri. — Orlov encolheu os ombros. — Lady Murian não é Henrietta. Minha irmã nunca foi forte. Eu avisei Fedorovich antes que ele se casasse com ela, mas ele não quis ouvir. Mais tarde, ela teve Artur e sofreu terrivelmente durante o nascimento. Isso quase a esmagou. Dimitri começou a ver o que eu quis dizer e, enquanto ele nunca se arrependeu de sua decisão, pois ele a amava, ele sabia que ela não era tão forte quanto deveria. Que ela não sobreviveria sem ele, não bem. Isso pesava sobre ele, e ele se preocupava com seu filho - e foi por isso que ele me disse que se morresse em batalha, eu a levasse com Artur para minha casa. — Orlov hesitou. — Eu sei que você se sente responsável por Henrietta tentar matar a si mesma, mas não foi uma surpresa para aqueles que a conheciam.

— Dimitri teve a sorte de você estar lá por ela. Ele... ele era como um irmão para todos nós.

— E ainda assim não nos amontoamos como um monte de cinzas quando ele morreu. E não me diga que é porque somos homens: minha Katrina nunca se comportaria como fez Henrietta. Ela também sofreu perdas, algumas tão queridas e próximas quanto as de Henrietta, mas nenhuma vez se dobrou como um pano mole. Se qualquer coisa, essas perdas a tornaram mais forte.

— Ela é uma boa mulher, a Katrina.

— Assim é Lady Murian. Ela é uma guerreira. Tão forte quanto o aço.

Max ouviu a admiração na voz de Orlov.

— Ela é.

— Então você não precisa se preocupar tanto com ela. — Orlov sorriu. — Katrina me provoca que, se eu for morto em batalha, ela encontrará um novo marido, mais novo e mais rico. Aquele que dará aos nossos filhos melhores cavalos.

Max franziu a testa.

— Eu não riria disso.

Orlov riu.

— Eu também não, se eu planejasse permitir que isso acontecesse. Mas eu não vou. — Sua expressão ficou séria. — Eu luto mais por causa da minha Katrina. Eu quero voltar para ela, e isso me deixa mais forte. Eu luto para mantê-la segura, para manter nossos filhos seguros.

— E se você morresse?

— Então ela choraria, como eu faria se ela morresse. E ela ficaria profundamente triste, mas não para sempre. Não é como Henrietta. Katrina é forte e corajosa, e eventualmente, ela encontraria outro homem.

— E isso não incomoda você?

— Pensar que eu não seria o homem a ficar ao lado dela? Dá, isso me incomoda. Mas não tanto quanto ser o homem que partiu quando eu poderia estar com ela, protegendo-a, amando-a e sendo amado por ela. Eu não perderia isso por mil vitórias.

— General! — Golovin apressou-se, Demidor e Pahlen atrás dele. — Você disse que desejaria isto imediatamente. — Golovin entregou a Max dois pacotes.

Max examinou os pacotes, surpreso com o menor dos dois. Ele reconheceu o rabisco de um pedaço de papel que ele recebeu há pouco tempo. Entre as palavras de Orlov e essa carta, um sorriso lento.

Talvez, apenas talvez, as coisas possam mudar o seu caminho afinal.

— Há mais. — Demidor acotovelou Pahlen para frente.

O homem mais velho enrubesceu.

— Perdoe-me, General, mas, ah... é possível que eu tenha alguma informação que possa ser de seu interesse.

— Sobre?

— Lady Murian.

Max colocou as cartas no bolso.

— Diga-me.

— Eu vou, porque você conhece minha lealdade, mas... — Ele estremeceu. — Eu prometi não contar a ninguém, especialmente a você.

— Você prometeu a quem?

O olhar tímido de Pahlen respondeu.

— Ah, — disse Max. — A encantadora Viúva MacCrae.

Pahlen corou.

— Ela é uma mulher adorável, General.

— É verdade. Então, ela deixou que algo escorregasse e você prometeu não revelar essa informação, mas você acha que eu deveria saber.

Ele assentiu com tristeza.

— Mas eu não posso dizer. Eu prometi. Assim... Golovin e eu estávamos pensando, talvez alguém pudesse adivinhar a informação. Então eu poderia manter minha promessa.

Max cruzou os braços e baixou os calcanhares.

— Ah! Muito bom.

— Precisamos de uma pista, — afirmou Orlov. — Alguma coisa para começar.

— Nós já sabemos que é sobre Lady Murian, — disse Max. — Deixe-me começar. Ela decidiu ignorar o meu pedido de que não agisse contra Loudan até Lord Spencer retornar.

Pahlen assentiu ansiosamente.

— Dá, isso é parte disso. Mas há mais.

— Hmm. — Orlov mordeu o lábio. — Ela deve roubar outra carruagem, então, em uma tentativa de afastar os guardas?

Pahlen hesitou, mas então sacudiu a cabeça.

Orlov parecia desapontado.

— Eu tinha certeza de que era isso.

— Nyet, — disse Max. — Murian está bem ciente de que Loudan conhece esse truque em particular. — Ele observou Pahlen. — Lady Murian não está usando seus velhos truques para afastar os guardas, então talvez tenha encontrado um novo. Um que ela ainda não tentou?

— Dá! — Pahlen não poderia ter ficado mais aliviado. — *Bozhy moj*, eu não pensei que você poderia adivinhar tão rápido.

— Que tipo de distração ela está planejando? — Orlov perguntou.

— Ela não vai contar, então Leslie não tinha mais informações, só que Lady Murian e Ian tinham suas cabeças juntas e algo estava em andamento.

Max lançou um olhar para Pahlen.

— Ela não está planejando isso em breve, está? Esta noite, talvez?

— Não esta noite, nyet. Leslie, quero dizer, a Viúva MacCrae, parecia pensar que ainda estava nos planejamentos.

— Não posso acreditar que Lady Murian não nos consultou, — Orlov disse, com as sobrancelhas baixas.

— Eu posso, — Max falou. — Nós não conseguimos trazê-la ao castelo e não oferecemos soluções novas, então ela encontrou uma.

— Mas há um traidor em seu campo, — Golovin apontou.

— Informações vazaram, mas não sabemos como. Poderia ter sido uma observação inocente, ouvida pela pessoa errada.

— Ou poderia ser um traidor, — Orlov repetiu teimosamente. — Ela não sabe. Não ficaria preocupada com o fato de o traidor poder informar Loudan e colocar ela e seu povo em perigo mais uma vez?

— Ela não acredita que o traidor seja um deles, — disse Pahlen. — Ela acha que pode ter sido um de nós.

— O quê? — exclamou Orlov. — Nenhum de nós faria tal coisa.

— Isso eu disse à Viúva MacCrae, — disse Pahlen. — Não é nosso jeito comportar-se de forma tão baixa. No entanto, — ele estremeceu — ela estava certa de que não era assim.

— Os escoceses têm um temperamento, não é? — Max colocou a mão no ombro de Pahlen. — Obrigado pelos seus esforços. Você fez bem, trazendo isso à minha atenção.

— O que você fará? — perguntou Orlov.

— Outra visita a Lady Murian fará bem, para que eu possa descobrir o que ela está fazendo. — O pensamento elevou seus ânimos, mas com um tom arrependido acrescentou: — Mas terá que esperar até amanhã. Primeiro devo ver essas missivas, e devemos estar presentes para o jantar. Eu suponho que o mensageiro espera?

— Dá, — disse Pahlen. — Raeff está lhe fazendo companhia até que você esteja pronto.

— Diga-lhes que não vão esperar muito. Orlov, você me ajudará enquanto escrevo as respostas. Há uma questão ou duas que devemos discutir. Golovin, você faria a gentileza de escoltar minha avó para o quarto dela? Ela está na sala de estar no final do corredor.

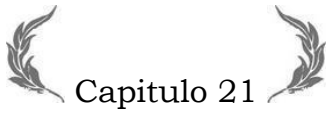
Golovin olhou para a sala de estar como se contivesse um cachorro selvagem, mas engoliu em seco e assentiu.

— Dá, General.

— Ela é mais frágil do que parece. — Max caminhou em direção à escada, seus homens se dispersaram enquanto caminhava. Ele parou na escada para dizer sobre o ombro dele: — E Golovin?

— Dá, General?

— O que quer que aconteça, não deixe que ela o transforme em uma cabra.



Capitulo 21

Murian dobrou o papel ao meio e recostou-se na cadeira.

— Estamos juntos, então.

— Sim, eu imagino. — Ian observou enquanto torcia o papel em um parafuso e depois o escondeu em uma tigela de açucar que não tinha visto nada além de papelão em mais de um ano. — É um pouco arriscado. Se falhar, Loudan vai se vangloriar, e ele terá uma prova de que estamos cometendo um crime.

— Eu sei. — Ela tocou a tampa do açucareiro, rastreando as delicadas rosas no padrão. — Você tem certeza, Ian? Ontem à noite, você parecia pensar...

— Och, moça, eu falei que eu não quis dizer aquilo. Eu estava com frio, molhado e frustrado.

— É arriscado. Se Loudan nos pegar, ele nos mandará prender. Poderia colocar seu tio, o agente, em um lugar difícil.

— Sim. Não há nada que ele possa fazer se houver testemunhas. Não vamos deixar a ele uma escolha.

— Então, não seremos pegos, — disse ela levemente, embora seu estômago doesse com o pensamento sobre isso. Ela afastou a tigela de açucar. — Somente você e eu saberemos o plano desta vez, Ian. É mais seguro.

— Sim, garota. — Ian suspirou. — Para o registro, penso que foi um dos homens do príncipe que deixou algo escorregar.

Ela queria pensar que poderia ser um dos homens de Max, pois isso a afligia mais do que poderia dizer, pensar que uma de suas próprias pessoas poderia traí-la. Mas ela não conseguia afastar a sensação de que o pior era de fato a verdade. *Mas quem?*

Ela estava em conflito consigo desde a incursão fracassada, especialmente depois de sua noite apaixonada com Max. Só de pensar naquela noite a fez tremer, e a traição de seu corpo a enfureceu. *Ele está partindo em breve. Ele não podia esperar para me lembrar disso, para me afastar.*

Ela empurrou um cacho para o lado, de repente irritada com tudo.

— Devemos encontrar esse traidor. Hoje, enquanto os homens do príncipe estavam trabalhando, eu me perguntei sobre cada um deles. É por isso que ninguém mais deve saber nada até que esteja prestes a acontecer, quando será tarde demais para transmitir detalhes sobre o nosso plano.

Um olhar arrependido escureceu o rosto de Ian.

— Eu tinha certeza de Will no inicio, mas não mais.

— Meu coração me diz que não é ele.

— Estou inclinado a concordar com você. Ele me disse palavras ásperas na noite passada, palavras que eu merecia. — Ian hesitou e depois acrescentou: — Ele está se tornando um homem, é verdade.

Murian lhe enviou um olhar sob seus cílios.

— Eu me pergunto por que ele teve tantos problemas.

— Moça, se você soubesse.

— Eu saberia, se você me dissesse. Há um segredo aí, um que você se certificou de que não contaria.

Ian corou.

— Não é uma história para ouvidos ternos.

— Eu não sou uma flor de estufa. Eu sou um cardo escocês, forte e robusto, e capaz de crescer sobre a rocha, e eu quero conhecer esse segredo sobre Will.

Ian suspirou.

— Maldição, você está determinada, não é mesmo? Suponho que é hora. — Ele esfregou o queixo, como se estivesse tentando decidir por onde começar. Finalmente, ele disse: — Você sabia que sua mãe era uma governanta?

— Sim.

— Ela veio trabalhar logo depois que a mãe de Lord Robert morreu, e ela foi um sopro de ar fresco durante aqueles tempos obscuros. Ela trabalhou vários anos e morreu quando Will nasceu. O velho lord levou o menino para debaixo de sua asa e o criou como um irmão para Lord Robert. Eles eram inseparáveis, e muitos pensavam que eram irmãos. — Ian lançou um olhar cauteloso a Murian. — Eles disseram que esse foi o motivo, moça.

Ela piscou.

— Esta dizendo... Will é meio-irmão de Robert?

Ian assentiu.

— Nascido no lado errado do cobertor.

— Eu não fazia ideia! Embora agora que eu penso nisso, eles têm a mesma cor do cabelo e dos olhos. — Ela balançou a cabeça. — Robert me disse uma vez que ele e Will eram próximos quando crianças, antes de Robert herdar seu título.

— Sim. Eles nunca se deram bem depois disso. Will estava com ciúmes e Robert gostava muito do seu novo título, um erro comum para um rapaz, mas Will não iria parar de fumegar por tempo suficiente para que os dois consertassem as coisas.

Ela franziu a testa.

— Eu me pergunto por que Robert nunca me disse isso?

— Talvez pensasse que não era um tópico para os ouvidos de uma lady. — Ian fez uma careta. — Will teve dificuldades com as outras crianças no castelo falando sobre ele não ter um pai. As coisas não eram tão ruins quando o velho lord estava vivo, apesar de ficar no pé no rapaz, mas depois... — Ian balançou a cabeça com arrependimento. — Eu deveria ser melhor para o rapaz, mas, ele é tão rabugento.

— Você acabou de dizer que ele está crescendo.

— E talvez seja assim. — Ian empurrou a cadeira para trás. — Falando sobre isso, é melhor eu voltar ao trabalho. Eu tenho pedra para quebrar e ela não vai se quebrar sozinha. — Ele levantou-se e pegou o manto.

— Ian?

Ele fez uma pausa, a mão no trinco da porta.

— Obrigada por confiar em mim mais uma vez.

Ele corou.

— Me desculpe pelo que eu disse, Moça. Eu estava com raiva e não queria dizer aquelas-

— Sim, você quis dizer. — Ela encontrou seu olhar diretamente.

Ele esfregou a bochecha.

— Algumas delas, talvez. Mas principalmente eu estava com medo, vez que quase nos pegaram.

— Eu sei, — ela disse calmamente. — E você pode estar certo. Talvez eu esteja perseguindo um unicórnio. Então eu decidi algo. Se esse novo plano não funcionar... — ela esticou as mãos nos joelhos e forçou seus lábios rígidos a sorrir, embora seu coração lutasse contra as palavras. — Eu vou parar de tentar encontrar o diário e esperarei que Spencer volte. Enquanto isso, ficaremos aqui, e faremos da nossa aldeia a melhor aldeia de toda a Escócia.

Ian se iluminou e veio beijá-la no topo de sua cabeça.

— Tudo vai ficar bem, moça. Eu prometo.

Ela assentiu, lutando com as lágrimas.

— É claro.

Ian desajeitadamente deu um tapinha no ombro dela e depois saiu, fechando suavemente a porta atrás dele.

Ela cruzou os braços sobre a mesa e apoiou a cabeça neles. Parecia que o peso do mundo se sentava sobre ela. Ela nunca se sentiu tão sozinha. Parte disso era o profundo medo de que Ian e Max estivessem certos; que ela era uma idiota por perseguir provas que ela não sabia com certeza, se até mesmo existiam. No entanto, ela tinha certeza, no fundo de seu coração, que o diário de Robert daria as respostas. Ela só podia rezar para que elas fossem as que ela esperava.

Mas e se isso não funcionar? E se o traidor novamente disser a Loudan que estamos chegando? O que acontece?

Ela esperou, mas não vieram respostas. Nada além do silêncio de sua cabana, e o leve murmúrio da aldeia.

Ela encontrou seu olhar descansando em sua cama. A solidão que sentara em seu coração inchou novamente, e ela forçou-se a afastá-la, embora não fosse tão fácil reprimir suas lembranças.

Esses últimos dois dias foram muito, muito difíceis. No primeiro dia, Max voltou com os homens, e tinha sido como se nada tivesse acontecido. Exceto que seu coração rasgou um pouco mais toda vez que ela avistou seus ombros largos, ou o flash de seu sorriso. Tanto quanto ela tentou não vê-lo, seus olhos foram atraídos para ele, uma e outra vez, cada visão um golpe para sua calma. Ela sabia que ele também sentia o mesmo. Ele talvez não se importasse com ela, como ela fazia com ele, mas ele ainda estava atraído por ela, e mostrava isso pelo jeito que seu olhar a seguia com tanta frequência quanto ela o seguia.

Ela teve algum conforto nisso, mesmo que isso a fizesse ansiar por mais. Ela se sentiu aliviada e deprimida sem medida quando ele não veio no dia seguinte. Enquanto ela se dizia repetidamente que era melhor para ambos, não podia esquecer o gosto dele, a sensação de seus dedos ásperos enquanto eles a roçavam, o cheiro de couro e sabão que permanecia em seus cabelos. Se ela fechasse os olhos agora, ela podia vê-lo diante dela, tão vivo na memória como ele era pessoalmente. O pensamento a queimou. Ele deixaria Rowallen em breve e nunca mais retornaria. *Como ele deve. Assim como eu devo ficar aqui.*

Era melhor que ela lidasse com sua aldeia e seu povo sozinha, do seu próprio jeito. Ela fez isso pelo último ano e por mais tempo. Ela não precisava da complicação de outra pessoa, especialmente de um mandão de um metro e noventa de altura, alguém que estava acostumado demais a fazer as coisas.

E, no entanto, ela não conseguia parar o vazio de seu coração com o pensamento. Em poucas semanas, Max a tinha lembrado como ser parte de algo próximo e íntimo; a magia de acordar nos braços de alguém, a solidão quando esses braços não estavam de repente mais lá.

Lágrimas brotaram e ela afastou-as com força, não querendo deixar seus pensamentos vencê-la. Ela ajudaria Ian a quebrar um pouco de pedra. Balançar um martelo pesado seria bom para sua alma angustiada. Ela apressou-se a encontrar sua capa e acabara de enrolar o cachecol sobre o pescoço quando ouviu um grito, seguido de outro.

Franzindo a testa, ela jogou a capa sobre o ombro e abriu a porta. Descendo o caminho da floresta montada no maior baio que já vira, e vestida da cabeça aos pés de preto implacável, estava a pequena avó Cigana de Max.

Cavalgando na frente dela estava Golovin, parecendo envergonhado e aterrorizado.

Ian, de pé, ao lado de uma pedra grande que ele pegou do riacho, observou, surpreendido. Ao ver Murian em sua porta, ele ficou de pé ao lado dela quando seus convidados entraram na aldeia.

— Esse é um cavalo grande para uma mulher tão pequena. — A voz de Ian tinha uma nota de admiração quando a grã-duquesa se aproximou.

— Eu estava pensando que era um cavalo pequeno para uma mulher tão grande.

Vendo a expressão de Golovin, Ian disse pensativo: — Você pode estar certa, moça.

— Ela certamente cavalga bem. — A duquesa não parecia dirigir o animal, e embora fosse obviamente um animal temperamental, percorria o caminho entre as cabanas sem a menor hesitação.

Os aldeões foram alertados agora, e ficaram em pé nas portas e penduraram-se nas janelas, observando a pequena mulher descer a rua deles. De repente, a porta da cabana da Viúva Brodie abriu-se. Seus cinco meninos pequenos correram para fora, seguidos por sua mãe, que seguiu direto para o caminho, onde ela pegou um crucifixo e segurou-o diante dela.

Sua Graça puxou seu cavalo e olhou a Viúva Brodie com um olhar gelado.

Murian apressou-se na rua, Ian estava com os pés plantados.

Ele murmurou para Murian: — Ela só está dizendo o que o resto de nós está pensando, moça.

Murian alcançou a viúva. — Viúva Brodie! O que você está fazendo? Sua Graça acabou de vir para uma visita!

— Esta não é uma duquesa, Lady Murian. Ela é uma bruxa. Você já ouviu os sussurros.

A Viúva Reeves estendeu a cabeça pela janela de sua cabana.

— Ela ameaçou transformar todos nós em sapos quando seguramos a sua carruagem. Lembra-se?

— Ou era em uma cabra? — Ian perguntou, franzindo os lábios.

Golovin lançou um olhar cauteloso para a duquesa e, em seguida, inclinou-se para sussurrar alto: — Foram cabras. Elas são suas coisas favoritas.

A grã-duquesa fixou seu olhar em Murian.

— Lady Murian, eu suponho. — Os olhos negros olharam Murian de cima a baixo e, julgando pela curva do lábio da velha, aparentemente encontrou o que queria.

Murian endureceu-se, levantando o queixo.

— Sim, Vossa Graça.

— Eu pensei que sim. Eu vim falar com você.

— Oh? Sobre o quê?

— Se você me convidar para o chá, eu posso lhe dizer. Você tem chá, não tem?

— Claro.

— Então eu vou visitar você. — Ela olhou por cima do ombro. — Golovin, a cavalgada terminou.

O enorme soldado apressou-se a desmontar, jogando as rédeas sobre um portão e depois chegando ao cavalo da duquesa. Ele levantou-a com cuidado até o chão, como se fosse feita de porcelana, tirou uma bengala banhada de ouro do selim e entregou-a para ela.

— Cuida do cavalo. Eu não demorarei. — Ela dirigiu-se a Murian. — Bem? Qual dessas choupanas é a sua?

Murian mordeu a língua.

— Esta, Vossa Graça. — *Cabana, na verdade!* Ela conduziu o caminho para sua cabana, lutando contra o desejo de responder asperamente.

Ao chegar à cabana, ela abriu a porta.

— Se você se sentar, eu farei seu chá.

A duquesa entrou, com as sobrancelhas levantadas quando notou os móveis finos.

— Bem. Isso é uma surpresa.

— Não para mim.

Ela lançou um olhar apreciativo para Murian, caminhou até a cadeira mais próxima e passou a mão pelo braço de mogno.

— Eu entendo que você roubou isso do castelo.

— Você não pode roubar o que você já possui.

— É verdade. — Sua Graça sentiu as almofadas em cada cadeira, finalmente selecionando um assento perto do fogo. Ela sentou, arrumando o xale e as saias sobre ela. — Apresse-se com esse chá. Tenho sede do meu passeio.

— Claro. — Murian escondeu sua careta e começou a preparar água para o chá. Enquanto esperava, ela tirou copos e pequenos pratos, abrindo um pote de biscoitos doces, que a irmã da Viúva Reeves trouxe em sua última visita. Quando ela se moveu, estava ciente de que o olhar da duquesa seguia-lhe cada movimento. *O que diabos ela pode querer?*

Ela supôs que descobriria em breve. Murian colocou os biscoitos nos pratos e encheu o bule de chá com a água fervente, de modo que pudesse escorrer.

A duquesa olhou para os biscoitos e cutucou, finalmente selecionando um.

Murian fez o mesmo.

— Suponho que você se pergunte por que eu vim, — a duquesa disse.

— Eu estava pensando, sim. — Murian provou o biscoito. Era crocante e com sabor de amêndoa doce, e ela saboreou a mordida.

Sua Graça cheirou seu biscoito e depois experimentou. — Humm. Nada mal. — A Duquesa deu outra mordida. Depois de um momento, ela disse: — Eu vim perguntar por que você persegue meu neto, assim.

Murian quase engasgou com o biscoito.

— Perdão?

— Já vi isso antes. Muitas mulheres perseguem meus netos, e eu direi o que eu digo a todas: você desperdiça seu tempo. Eu vim ajudá-la a entender isso.

— Vossa Graça, eu não estou fazendo tal coisa.

A duquesa estufou os lábios.

— Isso, eu não acredito.

— Para que eu perseguisse um homem, teria que desejar pegá-lo. Não tenho interesse em Max...

A duquesa levantou as sobrancelhas.

O rosto de Murian se aqueceu. — Vossa Alteza. De modo nenhum.

Os olhos escuros estavam presos no rosto de Murian.

— Ele é muito rico.

Murian verteu chá nas duas xícaras e entregou uma para Sua Graça.

— Que afortunado para ele.

— Ele é um homem poderoso, o general de um vasto exército.

— Eu tenho certeza que ele é um excelente comandante.

— Ele também é muito bonito. Todos os meus netos são.

Ele era tudo isso - bonito, poderoso, rico - mas não tocou suas verdadeiras qualidades. Ele era divertido, com um humor seco que a fazia rir. Ele também era inteligente e nunca a aborrecia. Eles conversaram durante horas trabalhando em vários projetos na aldeia, e ela ficou surpresa e satisfeita com a amplitude de seus conhecimentos.

Mas, mais do que isso, sob seu exterior rude e áspero de guerreiro, ele provou ser gentil. Seu coração doeu novamente.

— Não tenho dúvidas de que ele será um marido maravilhoso para uma princesa de sorte um dia. Mas não para mim. — Murian tomou um gole de chá para afrouxar a garganta. — Há muitos homens bonitos neste mundo, Vossa Graça. Um dia, vou encontrar um que esteja disposto a ficar aqui e compartilhar o que eu mantenho com tanto apreço.

Ela quis dizer as palavras parecendo calma e confiante, mas não conseguiu evitar o vacilar em sua voz no final da frase. O que ela mais amava era o seu povo, Rowallen, e agora um príncipe guerreiro alto, bonito e cheio de cicatrizes com uma propensão para latir ordens. Ela se viu olhando para o chá, e sentiu como se seu coração estivesse no fundo.

A duquesa murmurou algo em voz baixa, estendendo a mão para Murian.

— Dói, dá? O amor pode rasgar o coração com a mesma facilidade com que o aquece.

A simpatia inesperada foi demais. Murian mal conseguiu dar um sorriso antes de pegar o guardanapo e enxugar os olhos.

— Não importa. Nós não estamos destinados a ser. Nós... — Ela fechou os lábios sobre um soluço.

Sua Graça suspirou.

— Esse meu neto. Às vezes eu acho que eu deveria bater na cabeça dele com a minha bengala e colocar algum juízo em sua cabeça dura. Seria mais fácil para todos nós.

— Ele não carece de juízo. Ele está certo; ele e eu nos encontramos na hora errada.

— Humph. Conte-me sobre sua aldeia, as pessoas aqui.

Feliz em falar sobre algo além de Max, Murian agradeceu, primeiro mencionando apenas os itens importantes, como a forma como eles fugiram, apesar das tentativas de Loudan de forçá-los a sair e as formas como eles fez seus homens procurar seu santuário. Ela falou sobre o dia em que ela voltou para Rowallen para encontrar Robert morto e a casa em ruínas, das ameaças de Loudan, e como ela os trouxe todos aqui por segurança.

A duquesa gargalhou quando Murian contou ter levado todos os móveis, mas ficou mais séria ao discutir como Loudan havia aumentado os guardas depois de pegar Will no castelo, e como agora eles temiam que houvesse um traidor no meio deles.

Murian também descreveu a chegada de Max em sua aldeia e todo o trabalho que ele e seus homens fizeram, como ele foi gentil com ela e os outros, e como ele havia fornecido a madeira tão necessária do próprio celeiro de Loudan - o que ganhou outro riso da duquesa - e como Murian não sabia o que eles teriam feito sem eles. De alguma forma, no meio disso, ela também se viu contando à duquesa sobre o temperamento da Viúva MacDonald e as lutas da Viúva Brodie com cinco filhos brincalhões, como Will se tornou o homem que sempre pensou que seria, e como a Viúva MacCrae e Pahlen estavam mostrando sinais distintos de se apaixonar.

— Você acha que ela irá com ele para Oxenburg?

— Ou ele pode ficar com ela aqui, — Murian respondeu. — Eu não sei. Eles têm a liberdade de escolher.

A duquesa tomou um sorvo pensativo de seu chá, olhando Murian.

— Você não é o que eu esperava. Pensei em encontrar uma garota frívola, uma dada à loucura.

— Loucura?

— Dá, você está envolvida em algum esquema selvagem para recuperar o seu castelo e as terras.

— Eu não faço esquemas, Vossa Graça. Eu planejo.

Os olhos da velha cintilaram.

— Segurar as carruagens. Assim, a loucura é um termo apropriado.

Murian teve que sorrir.

— Talvez haja um pouco de loucura no meu sangue.

— Bom. Não perca isso. Isso irá salvá-la de ficar entediada quando envelhecer. Ah, você teve aventuras! Como eu invejo você. — Sua Graça selecionou mais um biscoito. — Eu já provei esses excelentes biscoitos antes; eu sei que disso.

— Você já comeu em Lady MacLure? Sua cozinheira é irmã da Viúva Reeves, então ela visita-nos com frequência e nos traz as últimas fornadas.

— Nyet. Eu nunca estive fora das terras de Rowallen até agora, então eu devo ter comido lá - Ah! Foi isso. Há uma semana ou mais, eles foram servidos no chá. Eu também comentei sobre eles. Lady MacLure deve tê-los fornecido para a cozinha do castelo.

— Por que Lady MacLure teria seu cozinheiro fornecendo Rowallen?

— Ela está servindo como a anfitriã de Loudan. Você não sabia? — Com o balançar da cabeça de Murian, a duquesa acrescentou: — Ela tem, e ela tem sido muito elegante sobre isso, também, o que é uma sorte, pois a governanta de Loudan era triste. Eu suponho que os menus agora estão sob a autoridade de Lady MacLure, pois eles melhoraram muito.

Prestes a enfiar o biscoito no chá, Murian parou.

— Espera. Quando isso aconteceu?

— Na última semana, um dia destes. Ela e seu marido parecem miseráveis, então Loudan deve tê-los chantageado de algum jeito. Dão aos seus assuntos alguma legitimidade e trazem a nobreza local. Você não domina as pessoas se não aceitarem seus convites, então ele é reduzido a suborná-los com comida, bebida, entretenimento e uma anfitriã respeitável.

Murian abaixou seu copo, sua mente estava correndo.

— A Viúva Reeves está muito próxima de sua irmã.

A duquesa não ficou impressionada.

— Então?

— Então não seria incomum para ela contar à sua irmã sobre nossos planos aqui, na aldeia. E a Viúva Reeves mencionou antes quão perto sua irmã trabalha com Lady MacLure nos menus e tal. Então, durante essas reuniões, é possível que a irmã da Viúva Reeves tenha revelado um pouco mais do que deveria.

A duquesa pousou a taça de chá também, seus olhos brilhantes.

— E então, Lady MacLure repetiu o que ela ouviu, que foi como Loudan descobriu. Assim... o seu traidor não é um traidor afinal, mas uma fofoca.

— Deve ter sido isso! — Murian recostou-se, tão aliviada que ela riu. — Estou tão feliz que você veio hoje! Esse tipo de traidor é facilmente tratado.

A duquesa puxou o xale sobre seus ombros, parecendo satisfeita também.

— Nós planejamos bem juntas, você e eu. Talvez... — Ela inclinou a cabeça para um lado, parecendo um pequeno corvo preto. — Talvez devêssemos fazê-lo agora mesmo.

— Com que finalidade?

— Para trazer Loudan de joelhos. Ele ainda tem minha tiara. — Ela murmurou algo que Murian estava bastante certa de que era uma maldição. Depois de um momento, a duquesa pegou um biscoito e acenou. — Se ao menos pudéssemos envenená-lo.

— Não estou orgulhosa disso, mas pensei muitas vezes. Mas eu quero justiça, e isso não o proporcionaria.

Os olhos negros astutos fixaram-se em Murian.

— Se acharmos este diário de seu marido, ainda é possível que sua reivindicação seja comprovada como falsa.

— É possível, mas devo pelo menos tentar. Meu povo ama Rowallen. Era sua casa. Alguns deles nasceram lá.

— Então devemos encontrar este diário e minha tiara, você e eu. Precisamos ir ao quarto de Loudan e procurar. — A duquesa e Murian ficaram em silêncio um momento, cada uma perdida em seus próprios pensamentos.

De repente, a duquesa ficou rígida.

— Bozhy moj, por que não?

Murian se aproximou.

— Você tem uma ideia?

— Claro que eu tenho uma ideia, — ela disse com irritação. — Eu sou uma Romani. Isso exigirá minha ajuda, mas nós poderemos levá-la ao quarto do conde.

— Você vai nos ajudar?

— Por que não? Não tenho nada melhor a fazer. Mas podemos precisar de uma diversão, algo para distrair os guardas.

— Eu posso ajudar a fornecer, embora ainda tenha os servos.

A duquesa sorriu. — Os servos regulares nunca questionariam uma grã-duquesa. Você vai deixá-los para mim.

Murian teve que sorrir.

— Você está certa; eles não o fariam. Vossa Graça, eu não posso agradecer-lhe o suficiente.

— Agradeça-me quando encontrarmos a tiara e o diário.

— Eu vou. Devemos planejar isso com cuidado. Haverá uma lua escura em dois dias, o que nos daria alguma proteção.

— Lua? Eu não fico acordada tão tarde. Nyet, vamos agora, à luz do dia. Eles nunca vão suspeitar disso, então a surpresa estará do nosso lado. Você pode fazer essa diversão acontecer hoje? Agora?

— Eu... suponho que sim, mas... Vossa Graça, se nós formos à luz do dia, seremos vistas.

A duquesa sorriu, um brilho em seus olhos negros.

— Da, eu pretendo ter certeza de que seremos. Venha. Chame seus amigos. Vamos precisar de toda ajuda que pudermos conseguir.

Capitulo 22

Na chamada de Max, Orlov entrou no quarto.

— As cartas estão a caminho, e solicitei que dois cavalos fossem selados e trazidos.

— Bom. — Max terminou de calçar suas botas de montar.

— Estou feliz que você tenha decidido ver Lady Murian hoje, afinal.

— Se sairmos agora, devemos voltar a tempo para o jantar. — Seria uma visita curta, mas pelo menos ele a veria. Passaram-se quase dois dias desde a última vez que ele colocou os olhos sobre ela, e agora ele tinha uma razão para procurá-la, para perguntar-lhe sobre as informações que Pahlen havia compartilhado.

Mas isso era uma desculpa, e ele sabia disso. A verdade era que ele sentia falta dela. Sentia-se com uma dor profunda que o deixava inquieto e solitário, mesmo quando conversava com seus próprios homens.

Ele pegou o divertido olhar de Orlov e se forçou a ignorá-lo.

— É importante descobrir o que Lady Murian planejou o mais rápido possível.

Orlov apertou os lábios como se considerasse isso, uma expressão educadamente descrente no rosto.

— Muito importante. Não devemos esperar um dia.

— Se formor direto para lá, poderemos voltar a tempo para o jantar.

Orlov lançou um olhar de dúvida ao relógio.

— Claro, General!

— Eu não falarei com Lady Murian por muito tempo. Alguns minutos, quinze, no máximo.

Orlov inclinou a cabeça, embora suas sobrancelhas se erguessem.

Max levantou-se e pegou o casaco.

— Você não acha que vamos voltar a tempo.

— Eu pedi lanternas, apenas no caso.

— Entendo. Suponho que você também não pensa que ela vai nos contar o que ela está planejando.

Orlov levantou as mãos.

Normalmente, muito pessimismo seria cansativo, mas Max simplesmente deu um tapa nas costas de Orlov.

— Vou provar que você está errado, se não em todas as três coisas, então pelo menos em uma.

Eles deixaram o castelo e logo estavam a caminho. Max colocou seu cavalo em um trote fácil pelo caminho, Orlov à sua direita. O sol realmente saiu. A imprevisibilidade do tempo escocês fascinou Max. Era possível experimentar até três estações em um dia.

Quando chegaram à trilha eles retardaram os cavalos para caminhar. Embora o sol de fim de tarde estivesse afundando lentamente, ainda havia muita luz para a cavalgada. Pelo menos para o passeio lá. Orlov tinha sido inteligente ao ordenar que amarrasem as lanternas ao lado de suas montarias. Tudo ficaria escuro na floresta antes do pôr-do-sol.

Max perguntou-se se Orlov estava certo sobre Murian. Ela compartilharia seu novo plano? E ele a culparia se ela não o fizesse?

Ele tinha feito uma análise de todo esse negócio, e ela merecia o melhor. Ele estava tentando bancar o nobre, dar-lhe o que ele imaginava ser a liberdade de viver uma vida melhor. Mas as palavras de Orlov fizeram Max questionar isso. Ele não tinha vontade de abandonar Murian, deixá-la sozinha por nenhum motivo. Maldição, ele queria protegê-la pelo resto de sua vida, mantê-la ao seu lado e desafiar qualquer um que ousasse prejudicá-la.

Mas ela não era um animal de estimação para ser enjaulado, simplesmente porque lhe daria paz de espírito. Ela era sua própria pessoa, essa Murian da floresta, uma mulher fada e bonita que era mais forte do que qualquer homem que conhecia. E ele não desejava deixá-la agora, nem nunca.

Que era o que ele deveria ter dito a ela quando tão descaradamente e sem emoção anunciou que deveria partir em breve. O fato de ter dito isso logo depois de uma noite louca e apaixonada, tornou o erro dele ainda pior. Estava apenas começando a perceber que havia muitas semelhanças entre amor e guerra, e o tempo era tudo. Ele tomou um momento especial e transformou-o em algo menor. Ele a magoara.

Ele não podia pegar essas palavras de volta, mas ele poderia se desculpar. E então, se ela ouvisse, ele se explicaria. Se Murian compartilharia seus planos com ele ou não, ele pelo menos tentaria reparar alguns dos danos que causara. Desta vez, falaria diretamente a ela - que ele odiava deixá-la. Que ele nunca quis uma mulher tanto quanto ele a queria. Que ele pensava constantemente nela, mas não conseguiu encontrar nenhuma maneira de resolver as lacunas em seus destinos. Que ele a amava, mas não podia prometer-lhe o — para sempre — que ela merecia.

Quando entraram no caminho escuro, seu espirito seguiu, ficando mais pesado. Ele ansiava por vê-la tão intensamente que ele poderia sentir o gosto, mas o pensamento de deixá-la…

O cavalo de Max ergueu o focinho e resfolegou, empinando um pouco. Quando Max trouxe o cavalo de volta ao controle, sentiu o fraco cheiro de fumaça. Ele olhou de volta para Orlov.

— Você cheira isso?

— Sim. — Orlov olhou sobre suas cabeças, virando o cavalo em um círculo lento. — Eu me pergunto onde... General, lá.

Max seguiu o gesto de Orlov para onde uma nuvem negra de fumaça apareceu de repente acima da fresta das árvores, passando pelo céu azul e desaparecendo.

— Rowallen?

Orlov assentiu.

— Talvez não voltemos tarde para o jantar, afinal.

Max girou sua montaria e a apressou no caminho, Orlov seguindo-o. *Murian, o que você fez?*

Quando Max e Orlov emergiram da floresta, Rowallen parecia um formigueiro chutado. As pessoas fluiam de todas as portas, algumas carregando baldes, outras com as mãos vazias, para admirar. Não demorou em encontrar o motivo do distúrbio. Uma das dependências perto do celeiro principal estava em chamas, chamas saindo das janelas, e uma grossa fumaça negra.

Max passou por um antigo carroção de fazenda que bloqueava a porta principal de Rowallen, um carroção que ele vira na aldeia de Murian apenas alguns dias atrás. Os dois grandes cavalos de estábulo observavam o caos com olhares desinteressados.

Max saltou de seu cavalo. Um lacaio que estava de pé no alto olhou ansiosamente para os criados que estavam passando, com relutância veio pegar o cavalo de Max.

Orlov chamou outro lacaio, que estava olhando o fogo do outro lado do caminho. O lacaio pegou o cavalo e amarrou-o a um anel de ferro embutido na parede do castelo para tal propósito.

Max subiu os degraus até o castelo com Orlov ao lado dele, o lacaio seguindo. Eles pararam no alto.

— Pelo menos não é o celeiro principal, onde estão os cavalos. — *Muito bom, Murian! Bem planejado.*

— Sim, meu lord, — respondeu o lacaio. — A construção é usada para armazenamento. Há comida lá, e cordas e apetrechos de cozinha, não há animais.

— Há também óleo para as lâmpadas, — acrescentou o outro lacaio, quando se juntou a eles. — Um fogo como esse vai queimar por um longo tempo.

— Isso explica a fumaça negra, — disse Orlov.

— Sim. É muito quente, ninguém pode se aproximar para derramar água sobre ele. Teremos que aguardá-lo esfriar antes de podermos limpar.

Orlov tirou as luvas.

— Parece que cada pessoa no castelo está lá. Suponho que isso significa que o jantar estará atrasado.

— Não me surpreenderia, senhor.

Max enviou um olhar a Orlov. *Bem, bem. Minha adorável Murian não só dispersou os guardas, mas também muitos dos criados*. Eles entraram no castelo, seguindo os lacaios.

Max entregou-lhe o casaco e as luvas e depois caminhou até as grandes escadas, Orlov atrás dele.

— Espero que a Sua Graça não esteja muito abalada pelo acidente, — um dos lacaios o chamou.

Max congelou. Lentamente, ele se virou.

— Sua Graça? Achei que ela estava dormindo no quarto.

Os lacaios trocaram olhares desconfortáveis.

— Eu não sei sobre isso, — respondeu o lacaio. — Mas há pouco tempo, ela saiu para um passeio.

— Sim, — acrescentou o outro lacaio. — Com um dos seus homens.

Golovin.

— O que aconteceu? Ela ficou ferida?

— Ela não é a única ferida. Mas ela estava chateada, e eu não a culpo. Deve ter sido horrível, uma criança correndo pela floresta e entrando em seu caminho desse jeito. Foi uma sorte que um agricultor passou para transportar a criança aqui.

— Um fazendeiro?

— Sim, o maior homem que eu já vi. — O lacaio balançou a cabeça. — Um gigante.

Ian.

— Esta criança que foi atingida pelo cavalo. A grã-duquesa trouxe-a aqui?

— Não é uma ela, mas um ele. Um rapaz alto.

O outro lacaio assentiu.

— Eles estão lá em cima agora, aguardando o médico, embora possa levar uma hora ou mais antes de chegar. O fogo começou exatamente quando eles chegaram, e não havia ninguém para buscar ajuda.

— Eu vou parar e ver a Sua Graça, então. Obrigado por me informar.

— Sim, Vossa Alteza.

Max subiu as escadas correndo.

Atrás dele, Orlov murmurou: — Então a grã-duquesa convenceu Golovin a levá-la para visitar Lady Murian.

— Sim, — Max disse sombriamente.

— Eu entendo que não vamos ao quarto de Sua Graça.

— Por que iríamos? Nós sabemos onde ela está.

Foram diretos para o quarto de Loudan. Normalmente os guardas estavam posicionados em cada lado, mas esta tarde o corredor estava vazio.

— Plano brilhante, — disse Orlov, parecendo impressionado.

— Se eles tiverem a melhor maneira de sair da casa. — Max bateu. — Abra a porta!

A porta abriu-se e o olho de Tata apareceu na fenda. Ela olhou-o para cima, depois para baixo, e depois voltou.

— Você está sozinho?

— Orlov está comigo.

— E os guardas?

— Eles ainda estão desaparecidos, embora eles voltem logo. — Ela abriu a porta e acenou com a bengala dela.

— Rápido!

Max entrou no quarto.

Golovin estava de pé atrás da porta, sua espada empunhada, pronta para proteger a Grã-duquesa. Ao ver Max e Orlov, ele corou e embainhou a espada.

— Não, — Max disse bruscamente. — Você pode precisar disso antes de terminarmos. — Ele olhou pela sala. Will estava passando rapidamente pelas gavetas de uma escrivaninha. O jovem acenou com a cabeça para ele e continuou com sua tarefa. Passando por ele, os pés de botas de Murian saíram de debaixo da cama, enquanto Ian olhava atrás de um enorme armário.

Orlov deu a Golovin um olhar desgostoso.

— Você tinha uma tarefa, Golovin. Uma.

Golovin pareceu doente.

— Eu sei.

— Você deveria levar Sua Graça para o quarto para tirar uma soneca. Isso é tudo. E o que você fez? Você foi com ela para a floresta, trouxe de volta os ladrões, incendiou um celeiro…

— Não fui eu que ateei o fogo, mas as Viúvas Reeves e MacCrae. — Golovin iluminou-se. — Elas fizeram um bom trabalho!

— Como distração foi bem feito. Mas não o desculpa de suas ações. Você colocou Sua Graça em perigo, — Orlov cobrou.

— Golovin não fez tal coisa. — Max cruzou a sala para onde Murian estava debaixo da cama, admirando a forma de suas pernas delineadas por suas calças. — Ninguém precisa colocar minha avó em perigo. Ela faz tudo sozinha.

— Eu gosto de uma aventura, — disse Tata Natasha, de onde estava na janela, olhando para fora. — Mantém o sangue correndo. Mas isso... Pah! Isso não é perigo. Um dia, eu lhe contarei sobre o tempo em que seu avô e eu nos encontramos com um batalhão inteiro dos homens do czar. Isso foi perigo.

— Se isso tem a ver com você e o Vovô roubando qualquer coisa, não compartilhe sua história, — disse Max.

Tata Natasha encolheu os ombros e não disse outra palavra.

Max olhou para Ian.

— Como você passou Lady Murian como um garoto ferido?

A voz abafada de Murian veio de baixo da cama.

— Foi mais difícil do que esperávamos.

— Sim, levou um pouco de tempo da parte de Sua Graça para fazer acontecer. — Ian colocou o ombro no guarda-roupa e empurrou-o da parede. — Lady Murian é um bocadinho alta para ser uma criança. Nós a envolvemos em um cobertor, mas um dos lacaios comentou sobre sua altura. Felizmente, Sua Graça pôde apontar que um de seus netos tinha 1,80 aos doze anos. Isso resolveu.

— Isso ensinou a dar uma volta, — Max disse secamente.

Murian serpenteou o caminho de baixo da cama, depois rolou e olhou para ele. A poeira cobria seus calções e casaco, uma mancha enfeitava uma de suas bochechas, enquanto uma teia de aranha pendia de sua trança onde estava presa em sua cabeça em um círculo apertado. No entanto, no segundo em que seus olhos se encontraram, era como se os últimos dias nunca tivessem acontecido.

Ele nunca esteve tão feliz em ver alguém. E, pelo brilho quente em seus olhos, ela sentia o mesmo.

Ele se abaixou e puxou-a para seus pés, deslizando seu braço sobre ela e segurando-a para ele. Tudo o que ele queria dizer para ela desapareceu, e tudo o que ele podia fazer era beijá-la. Eles não tinham tempo para mais do que um beijo rápido e duro, mas era o suficiente por enquanto.

Ian corou e desviou o olhar, murmurando em voz baixa.

Max sorriu.

— Seu gigante de estimação não gosta de mim.

Suave e flexível em seus braços, ela sorriu.

— Och, tampouco eu, mas se eu devo aturar um príncipe estrangeiro frustrante, pode muito bem ser você.

Tata Natasha mancou para outra janela e espiou por uma fenda na cortina, sua bengala batendo enquanto ela ia.

— O calor do fogo diminuiu um pouco. Há uma linha de balde do poço para a construção. Não demorará muito antes de apagá-lo. — Ela olhou para Max. — Você é alto. Veja aquelas arandelas na parede perto da lareira? Você pode alcançá-las. Verifique se elas se movem e abrem uma porta secreta.

— Uma porta secreta?

— É um castelo; nunca se sabe. Murian, veja se há algo nesse baú contra o pé da cama.

Max deu um beijo rápido na testa de Murian e então se voltou para as arandelas. Ian tocou no guarda-roupa, procurando um fundo falso na parte de trás.

Max examinou as arandelas.

— Eu acho que você não encontrou nada até agora.

— Will descobriu um cubículo escondido na escrivaninha; não havia nada, só pontas de caneta.

— O que é decepcionante, — disse Will.

Orlov deixou Golovin protegendo a porta.

— Onde devo olhar?

— Verifique o trabalho de acabamento dessas janelas, — ordenou Tata sem pausa. — Talvez haja um pedaço de madeira, uma decoração removível que irá revelar um compartimento secreto de algum tipo.

— As arandelas não se movem. — Max caminhou até uma grande penteadeira que ficava ao lado da lareira. — Você olhou aqui?

— Dá. Não há gavetas escondidas, nenhum fundo falso nas gavetas, nem nada.

Ele abriu uma gaveta, notando um arranjo ordenado de lenços de pescoço para um lado, lenços de seda para o outro. Ele puxou a gaveta e jogou tudo no chão.

Tata franziu o cenho.

— Nós já olhamos aí. Ian, verifique a mesa de mármore perto da porta.

Ian foi até a mesa e investigou.

Max esvaziou as outras gavetas e, não encontrando nada, foi ao guarda-roupa, que era a próxima peça do mobiliário no quarto. Ele abriu as portas.

— Ian já verificou isso também, — disse Tata Natasha bruscamente.

— Não vai doer olhar novamente. — Pendurado no interior havia numerosos casacos de caça, casacos de jantar e calças apertadas, enquanto uma linha de botas brilhantes estavam alinhadas no piso do guarda-roupa. Ele tirou os casacos, um de cada vez, sacudiu-os e depois os deixou cair no fundo do guarda-roupa.

— Você está perdendo tempo, — disse Ian. — O conde não esconderia algo em um lugar tão óbvio como um bolso.

Max o ignorou e removeu uma pilha de camisas engomadas. Por fim, ele pegou as botas e as abriu.

Quando ele virou a quinta bota, alguma coisa brilhante caiu, bateu no chão com um forte ruído e depois rolou em círculo.

Todos olharam.

— Acredito que acabei de encontrar a coroa de Oxenburg. — Ele pegou e examinou, feliz por ver que nenhum dano tinha sido causado.

Tata Natasha não poderia ter ficado mais rígida.

— Ele tinha nossa coroa real escondida em uma bota?

— Aparentemente, sim. Com tantos guardas, talvez ele não sentisse a necessidade de escondê-la tão bem.

— A queda danificou sua coroa? — Murian perguntou de onde ela estava cavando no baú.

— Não que eu possa ver. — Ele a ergueu. — Droga, isso é pesado.

Tata veio pegá-la dele. Ela inclinou a bengala contra a cama e depois limpou a coroa com a borda de seu xale.

— Quando você a usa muito tempo, dá dor de cabeça.

— Eu imagino que sim. — Max verificou as botas restantes, mas não encontrou mais nada.

Tata colocou a coroa em sua cabeça, parando para se admirar no espelho.

— Tata!

— É a minha última oportunidade. Comece a procurar por esse diário. Não temos muito tempo. — Ela voltou para a janela, sua bengala batendo a cada passo. — O fogo está contido. As pessoas estão retornando ao castelo. Devemos nos apressar.

Will fechou a última gaveta da escrivaninha.

— Onde mais eu deveria olhar?

— As pequenas mesas perto da cama. — Murian olhou rapidamente para Max, e depois acrescentou: — Certifique-se de que você não busca apenas compartimentos secretos, mas outros lugares também. Lugares óbvios.

Will fêz o que lhe disseram.

Todos ficaram em silêncio enquanto cada um deles corria apressadamente através de potenciais espaços escondidos.

Ao lado, surgiu um barulho. Tata anunciou: — Loudan está de volta, gritando para os guardas. Eu acho que ele percebeu que deixaram o castelo desprotegido.

— O que significa que eles retornarão para seus postos em breve, — disse Max severamente. — Nós devemos sair.

— Nós não podemos. — Murian fechou o baú e levantou-se. — Eu sei que está aqui. Robert manteve isso neste quarto, então tem que estar aqui.

Max viu o desespero em seus olhos.

— Murian, não podemos ficar. Você sabe disso.

— Há passos subindo pela escada. — Golovin agarrou sua espada. — Muitos.

Orlov correu até a porta e abriu-a.

— Por aqui!

Murian colocou suas mãos nos quadris dela.

— Não vou sair.

— Murian, não é seguro, — Max advertiu.

— Eu não posso perder essa oportunidade.

— Eu vou ficar com Lady Murian. — Will deixou as pequenas mesas e ficou em pé ao lado dela. — Você ficou conosco no ano passado, e eu sei que não foi fácil. O mínimo que posso fazer é ficar com você quando precisar.

Ian soltou a respiração com um enorme sopro.

— Maldito inferno, isso significa que eu devo ficar, também. Oh, bem, não é muitas vezes que eu tenho a oportunidade de irritar a sua senhoria de tal forma.

Murian sufocou uma risada, e até mesmo Max teve que balançar a cabeça. Mas o retumbar fora estava se aproximando.

Maldito inferno, o que ele deveria fazer? O soldado nele advertiu que ficariam presos se ficassem, mas outra parte dele o incentivou a fazer isso por ela, a se arriscar e encontrar o maldito diário. Ela estava procurando por isso muito, muito tempo.

Ele olhou para ela e encontrou o coração dela em seus olhos. E ela estava em seu coração.

— Nós ficamos.

Orlov estremeceu, mas assentiu. Ele fechou a porta com um suspiro de pesar.

Max virou-se para Ian.

— Ajude-me a mover o guarda-roupa na frente da porta.

Os dois se apressaram a fazê-lo, a madeira pesada raspando no chão.

— Continue procurando, — ordenou Tata Natasha. — Quanto mais rápido acharmos esse maldito diário, melhor.

Murian e Will apressaram-se a fazer exatamente isso, tiraram os colchões da cama enquanto Murian procurava pelas prateleiras, agitando cada livro e empilhando-o no chão.

A maçaneta da porta chacoalhou. E então chacoalhou de novo.

— Quem está aí?

— Tasha! — Murian sussurrou.

Max levantou as sobrancelhas. Não muitos foram autorizados a se dirigir assim à sua avó, mas Tata Natasha não se surpreendeu.

— Você deve sair agora! — a voz severa ordenou através da porta.

Murian murmurou para Tata Natasha, — Responda-lhe. — Um sorriso fraco curvou sua boca. — Faça-o se arrepender.

Tata Natasha soltou uma pequena risada, e então se dirigiu até a porta. Em sua voz mais imperiosa, ela gritou: — Quem está aí?

Durante o silêncio que se seguiu, eles continuaram sua busca.

Finalmente, a mesma voz profunda respondeu através da porta, — Vossa Graça?

— Quem mais? O que você quer? Quem é você?

— Perdão, mas eu sou Capitão David MacNoor. Você está invadindo a câmara de sua senhoria.

— A câmara de sua senhoria? Não seja ridículo! Este é o meu quarto, seu idiota.

Um murmúrio surgiu sobre isso, e então o capitão MacNoor respondeu: — Desculpe, Vossa Graça, mas este é o quarto de Lord Loudan, não é seu.

— Como você sabe? — ela exigiu. — Parece o meu. Há uma cama e uma cômoda, várias, de fato, e duas cadeiras na lareira e...

— Vossa Graça, você estava no quarto verde. O quarto de Lord Loudan é vermelho.

— Sério? Deixe-me olhar.

Murian pegou outra fileira de livros e sacudiu-os.

— O que em seguida? — Will sussurrou para Murian. — Não há nada nos colchões.

— Mova os tapetes e veja se há alguma coisa aí, — ordenou Murian. — Pode ser que haja um alçapão.

Ele apressou-se a enrolar os tapetes. Do lado de fora, o guarda aclarou sua garganta no que obviamente pensou ser uma maneira severa.

— Vossa Graça, eu tenho estado guardando esta câmara há algumas semanas. Este é o quarto de Lord Loudan. Eu apostaria a cabeça do meu filho.

— Oh. — Tata Natasha se inclinou sobre a bengala dela. — Talvez eu esteja enganada, então. Os quartos nesses castelos antigos, todos se parecem.

— Sim, Vossa Graça. Pode abrir a porta, por favor? Ficarei feliz em escoltá-la para sua própria câmara.

— Isso seria bom, exceto que eu estou nua.

O silêncio estendeu do outro lado da porta.

— Perdão, Vossa Graça. Você está... você disse que você está n-n?

— Claro que estou nua! De que outra maneira eu vou tomar banho?

— Você está tomando banho? Mas... há água?

— Não, e não há banheira também! Alguém deve enviar ambos. Estive esperando aqui, e nua, por muito tempo. Espero que não tenha um resfriado.

— Ah. Nay. Eu não. Eu...ah. Vossa Graça, se você aguardar um momento, vou buscar Lord Loudan e ele pode... Um momento, Vossa Graça.

O som de seus passos correndo pelo corredor fez Tata Natasha rir entredentes.

— Isso vai mantê-los por alguns instantes, pelo menos. — Ela virou-se e mancou no chão, para onde Will tirou o tapete. — Enquanto eles buscam Loudan, vou olhar na...— Sua bengala, batendo com os passos dela, bateu numa tábua que ecoou.

Por um longo segundo, todos se olharam.

Tata bateu novamente a bengala, o som vazio até mais pronunciado.

— Eu sabia! — Murian levantou-se, seu coração correndo, as palmas das mãos úmidas. — Deve ser isso.

— Assim deve. Mas por que aqui? — Natasha perguntou. — No meio de tudo?

Murian olhou ao redor do quarto, lembrando como já foi.

— É onde o sofá costumava ficar, em frente ao fogo. É leve e fácil de mover.

Max já estava de joelhos examinando as tábuas.

— Eu preciso de uma faca.

Murian veio olhar por cima do ombro.

Orlov apressou-se a colocar uma faca na mão de Max.

Ao usar a ponta, Max pegou uma tábua. E lá, envolto em um pedaço de veludo vermelho desbotado, estava um diário de couro.

Capitulo 23

Murian apertou a mão sobre a familiar capa de couro, o couro flexível fresco sob a ponta dos dedos. Ela começou a abri-lo, mas Max a deteve.

— Devemos sair enquanto os guardas sumiram.

— Eu sei de uma maneira, — disse Will. — Vá para as escadas dos fundos. Você pode esconder-se lá enquanto eu pego a carroça e me afasto.

— Venha. — Max, Golovin e Orlov moveram o guarda-roupa, então todos correram para o patamar, deixando o quarto tristemente bagunçado para trás.

Eles podiam ouvir os homens falando, e depois subindo a escada principal.

— Este caminho. — Will os conduziu pelo corredor, longe da parte principal do castelo. Eles desceram primeiro um corredor e depois outro, girando e virando, e Max ficou feliz por terem trazido Will.

Ele finalmente parou diante de uma porta que tinha sido habilmente cortada na parede.

— Estas são colocadas em todo o castelo e servem como passagens de servos. — Ele abriu a porta e conduziu-os por uma escada estreita e escura. — Quando eu era pequeno, minha mãe costumava me trazer por aqui para visitar o lord, por isso nunca fomos vistos na grande escadaria.

— Eu sinto como se estivesse em um romance, — anunciou Tata Natasha, um tom alegre na voz dela.

Eles viraram um canto e estavam prestes a descer outro lance de escadas, quando uma porta pôde ser ouvida se abrindo, a luz de repente brilhando pela escada.

Max levantou a mão e todos congelaram no lugar. Eles podiam ouvir dois homens conversando.

Will se aproximou e sussurrou.

— Eles disseram que alguém foi enviado para guardar a porta de baixo. Nós não conseguiremos sair por aqui.

Max assentiu.

— Teremos que voltar para a parte principal do castelo. Em que andar estamos agora?

— Terceiro.

—Meu quarto está nesse andar. Vamos para lá até que possamos descobrir outra saída.

Will assentiu e liderou o caminho para o próximo patamar. Max avançou e abriu cuidadosamente a porta. Não ouvindo nada, ele saiu e olhou pelo corredor. Ao ver que o caminho estava livre, ele fez um gesto para que todos seguissem. Eles chegaram rapidamente a seu quarto.

Todos entraram, Orlov fechou a porta e trancou-a.

Tata Natasha olhou em volta.

— Seu quarto é maior do que o meu!

— Eu sou um príncipe. — Ele se virou para os homens dele. — Mova essa mesa grande na frente da porta. Pelo menos os retardará. Will pendure isso — ele puxou um lenço do bolso — no trinco da janela da frente.

— Qual?

— Não importa. Meus homens irão ver e saberão vir.

Tata Natasha pegou uma cadeira junto à lareira e sentou sobre a almofada.

— Você também tem móveis melhores. O sofá no meu quarto é como uma pedra.

Murian sentou-se em uma cadeira em frente à duquesa, segurando o diário como se fosse um escudo.

Ian esfregou o pescoço.

— O que fazemos agora?

— Agora esperamos. Meus homens virão eventualmente, e faremos o que for necessário para tirar todos daqui com segurança.

Will pegou um lampião e acendeu, e depois o levou para Murian.

Ela sorriu.

— Obrigada. — Cuidadosamente abriu o diário, e a escrita familiar fez sua voz engrossar com emoção. — Todas as noites, Robert escrevia neste livro. Posso ver a luz da lamparina cintilando sobre os cabelos dele enquanto ele arranhava algumas linhas. — Sua garganta apertou, embora ela estivesse sorrindo. Ele era tão jovem, tão cheio de esperanças e sonhos. A última vez que o vi, ele estava tão ocupado escrevendo isso que ele mal disse adeus. Na época, eu só ficaria fora dois dias, então nenhum de nós pensou que fosse uma ocasião importante.

— Robert amou você, miss, — Ian adicionou suavemente. — Mais que qualquer um.

O olhar de Max percorreu seu rosto.

— Você sente falta dele, e ainda assim você sorri.

— O que mais ela faria? — Tata Natasha perguntou bruscamente. — Eles eram casados e ele morreu. Fui casada e meu marido morreu. — Ela olhou diretamente para Max. — Por mais triste que seja, acontece o tempo todo.

Murian concordou.

— A vida nem sempre é justa, não é? É apenas um fato triste. Robert foi uma parte maravilhosa da minha juventude. Crescemos juntos, de certa forma. Nós éramos tão jovens... — Ela riu pesarosamente. — É uma maravilha que conseguimos ter um casamento tão feliz.

Ela percorreu o diário.

— Eu sempre vou sentir sua falta. Mas à medida que o tempo passa, o mesmo acontece com a dor. Agora, essas memórias são como uma velha amiga e me fazem sorrir. Tivemos a sorte de ter esse tempo juntos. — Ela virou-se para a parte de trás do diário e, ao fazê-lo, duas cartas escorregaram e caíram no chão. Ela as pegou.

— De Robert? — Max perguntou.

— Não. Estas duas estão em francês. Elas devem ser da família de sua mãe.

O olhar de Max foi fixado nas letras.

— A mãe de Robert era francesa?

— Sim. Ela morreu no parto, então Robert nunca a conheceu. Ele se casou comigo logo após o pai ter morrido. Depois de nos casarmos, em pouco tempo Robert começou a receber cartas como essas.

— Da família da mãe dele?

— Sim. Ele disse que seu pai os impediu de entrar em contato com ele, mas uma vez que Robert herdou o título, eles perceberam que seu pai havia morrido e eles começaram a se corresponder com ele.

— E o outro pedaço de papel? — Max assentiu para a folha de pergaminho dobrado que ela segurava na mão.

Ela abriu.

— Parece uma licença de casamento, assinada pelo antigo conde. Mas o nome... não é da mãe de Robert. Eu não sei... Och! — Seus olhos se arregalaram, e ela olhou para Will. — Eu acredito que isso pertence a você. — Ela segurou para ele.

Com uma mão que tremia, Will pegou o papel pesado e olhou para ele.

— O que é? — Ian perguntou calmamente.

Abaixando o papel, o rosto dele estava pálido, seus olhos molhados com lágrimas não derramadas.

— Eu tenho um pai afinal.

— O velho conde?

— Ele casou com minha mãe. Ele não me disse isso, mas... — Will fungou. — Eu acho que eu sabia. Ele sempre foi gentil comigo.

Max observou que Murian tinha parado de ler o diário. Ele veio ficar ao lado dela.

— O que você encontrou?

Ela bateu no diário.

— Aqui está: 14 de dezembro. Quando os partidários de Loudan chegaram.

Max observou quando ela inclinou a cabeça e começou a ler, com as sobrancelhas franzidas enquanto seus olhos viajavam rapidamente pelas páginas.

Ele olhou para as duas cartas esquecidas que ela colocou na mesa em seu cotovelo.

— Posso ver isso?

Murian, já perdida nas palavras dançando diante de seus olhos, não olhou para cima.

— Claro.

— Você lê francês, não é?— Ian disse.

— Dá. — Max desdobrou a missiva.

Como ele fez isso, Murian leu as últimas palavras de seu falecido marido. Ela leu lentamente no início, ouvindo as palavras na voz de Robert. Mas então, quando as palavras começaram a tocar em sua cabeça, ela leu mais e mais rápido, até que ela não mais ouviu a voz de Robert, mas as suas próprias.

As palavras nadaram diante dela. Finalmente, ela chegou ao final da última página. Ela baixou o diário e olhou para a tinta, já que parecia se mover e embaralhar, novas palavras formando na frente de seus olhos atônitos.

— Bem? — Natasha perguntou com impaciência. — O que diz aí? Houve algum duelo? Ou Loudan o assassinou, como você suspeitava?

Murian balançou a cabeça, incapaz de pensar com bastante clareza para falar.

— Moça? — Ian inclinou-se para ver seu rosto. — O que é?

Ao lado dela, Max redobrou uma das missivas francesas, uma sombra nos olhos dele.

— Och, Lady Murian! — Will disse. — O que o diário de Lord Robert diz?

Ela deu um suspiro estremecido.

— Loudan estava falando a verdade. Houve um duelo.

Ian fez uma careta.

— Puta merda! Eu tinha medo disso.

— Mas não houve jogo de cartas, — acrescentou Murian. — E não foi Loudan quem desafiou Robert. Foi Robert que desafiou Loudan.

— Então, o duelo foi por qual razão? — Ian perguntou.

— Por isso. — Max ergueu as cartas.

O olhar de Múrian travou neles, seu estômago dolorido e apertado. Ela assentiu.

— Robert conhecia Loudan antes de nos casarmos. Ele nunca me disse isso.

— Ele não lhe disse muitas coisas, — Ian falou.

— Aparentemente sim. Loudan foi quem colocou Robert em contato com seus parentes franceses.

— Loudan? — Ian disse, espantado.

— Sim. Loudan de alguma forma conheceu a avó de Robert, dizendo que a encontrara antes da guerra, e como ela falara com carinho da mãe de Robert e desejara conhecer seu neto, mas o velho lord não permitira.

— Quando Loudan disse a Lord Robert isso? — Ian perguntou. — Eu certamente não o vi.

— Ele sempre visitou com um grande grupo de homens que caçavam juntos.

— Ah. Então, está explicado. Sempre havia grupos de caçadores parando para descansar as montarias e pedir refrescos. Lord Robert nunca os afastou.

— Ele não iria, — concordou Murian. — Nessas visitas, Loudan convenceu Robert a escrever à sua avó. Loudan mandou Robert ditar, e então o conde traduziu para o francês e escreveu as cartas.

— Que Lord Robert então franqueou e enviou, — disse Max.

Orlov franziu a testa.

— Eu não entendo. As cartas não eram para a avó de Lord Robert?

— Elas eram, mas Loudan sempre incluiu uma carta para seus amigos, que ele colocava dentro das de Robert. — Murian assentiu. — Robert escreve que sua avó era uma mulher frágil e idosa, que ficou tão feliz em ouvir dele que ele estava determinado a manter a conexão, mesmo que fosse ilegal corresponder-se com os franceses por causa da guerra.

— Bom para ele, — Tasha anunciou.

— Loudan sabia maneiras de enviar e receber as cartas dentro e fora da França, e ele ajudou Robert. Por um tempo, tudo estava bem. Robert escrevia cartas para sua avó, e Loudan as traduzia para ele enquanto lia, e lia as respostas quando elas chegavam. E todas as vezes, Loudan insistia em colocar uma nota de si mesmo, dizendo que era mera cortesia.

— Mas foi mais, — disse Max. — Muito mais.

Murian assentiu.

— Robert era muito confiante, talvez, mas ele não era um idiota. Ele logo percebeu que algo não estava certo, então, uma vez, depois que Loudan lhe deu uma nota para incluir em uma carta à sua avó, Robert primeiro levou a missiva ao vigário em Inverness, um homem com fluência em francês. O vigário traduziu e Robert ficou devastado. Loudan estava correspondendo com o inimigo, enviando locais e horários das tropas, coisas que Loudan havia extraído de seu irmão, Spencer. E o conde também estava usando a avó de Robert como mensageira, colocando-a em risco também.

— Na próxima vez que o conde veio para traduzir uma carta, Robert informou a Loudan que ele ia contar tudo a Spencer. Mas Loudan estava pronto. Ele apontou que Robert tinha franqueado todas as cartas. Ele convenceu Robert de que Spencer pensaria que ele era o traidor e não Loudan. Que ele perderia tudo, Rowallen e a mim também. — Ela rastreou seus dedos sobre as palavras escritas no diário. — Robert temia que ele fosse mandado para a forca e eu seria expulsa para o frio.

Ian balançou a cabeça.

— Então o pobre rapaz desafiou Loudan para um duelo.

— Sim, — Murian respondeu. — E foi morto. Eu diria que uma vez que isso aconteceu, Loudan viu sua chance de adquirir a propriedade, então ele inventou a história do jogo de cartas, convenceu seus amigos a jurar falso testemunho e levou sua reivindicação a Edimburgo.

Houve um longo silêncio.

Orlov acenou com a cabeça para as cartas nas mãos de Max. — Seu irmão estava certo.

Murian virou-se para Max. — Seu irmão?

Ele encontrou seu olhar firmemente.

— Meu irmão, Nik, tem os dedos em muitas tortas. Ele está sempre procurando por segredos. Ele encontrou evidências de que a informação sobre as tropas estava sendo filtrada para os franceses. A batalha onde meu amigo Fedorovich morreu foi causada por um ataque surpresa que só poderia ter vindo de um vazamento de informações.

— Spencer estava envolvido nessa batalha?

— Nós lutamos lado a lado, ele e eu. Nós dois estávamos quase mortos

Murian empalideceu um pouco sobre isso.

— Loudan teria se beneficiado muito, se Spencer tivesse sido morto na batalha.

— Por isso Nik estava certo de que Loudan estava envolvido.

Murian assentiu.

— Então é por isso que você está aqui.

— Eu pensei que você veio para me ajudar! — Natasha disse, parecendo furiosa.

— Como se você me dissesse tudo o que você faz! — Max exclamou.

— Eu nunca guardo segredos.

— Oh? Então, por que você se convidou para um jogo de cartas com Loudan se você não estivesse informada dos pensamentos de Nik sobre o conde?

Ela fungou.

— Eu talvez o tenha ouvido mencionar suas preocupações.

— E então você agiu por conta própria e usou a corôa de Oxenburg como isca.

Ela deu um tapinha na corôa que ainda descansava em sua cabeça.

— Ele não podia resistir a isso. Pensei em deixá-lo bêbado e descobrir o que Nik queria saber. Infelizmente, não funcionou da maneira que eu desejava. — Ela franziu o cenho. — Eu nunca conheci um conde mais capaz de beber.

Max balançou a cabeça e depois voltou para Murian.

— Bem? O que fazemos agora?

— Spencer deve ser informado, se podermos descobrir onde ele está. Enquanto isso... — Murian virou-se para Will. — Embora Robert fosse corajoso em seus tratos com Loudan, ele nem sempre era o melhor dos homens. Após a morte de seu pai, ele encontrou essa licença de casamento entre os papéis da propriedade e percebeu que você era seu irmão. Ele reteve essa informação de você e não havia nenhum motivo nobre por trás disso. — Ela colocou a mão no diário. — Ele não queria compartilhar sua fortuna, ou Rowallen. Isso foi errado da parte dele, e eu teria dito isso a ele, se eu soubesse.

Will corou.

— Milady, não pense mal do Mestre Robert. Seria uma coisa difícil de compartilhar, o castelo que lhe disseram que herdaria. Ele teria mudado - eu realmente acredito nisso. E se ele tivesse falado comigo, eu teria dito a ele que não gostaria de reivindicar nada. Mas eu teria ficado orgulhoso de ter um irmão.

Ian fungou e bateu no ombro de Will.

— É um bom rapaz.

Murian sorriu e fechou o diário.

— Há algo que eu não entendo, — disse Orlov. — Eu posso entender por que Loudan desejava possuir Rowallen, é um castelo encantador, e as terras são ricas. Mas por que ele jogou fora os servos?

— Eu diria que ele não tinha certeza de quem Robert havia confiado, — disse Ian. — Era mais seguro se livrar de todos nós do que nos perguntar qual de nós poderia cortar sua garganta enquanto dormia.

— Aquele bastardo escapou com muito mais do que assassinato, — declarou Will.

— Ele poderia ter, exceto por estas. — Max levantou as cartas. — Estas são duas das missivas escritas por Loudan, de seu próprio punho. Robert as manteve em seu diário, e acho que foi por algum motivo. — Max olhou para Murian. — Ele temia que ele não vencesse o duelo. Ele sabia que, com estas, você poderia limpar o nome dele, se fosse necessário. Isso é mais do que suficiente para condenar o conde, e é por isso que Loudan não queria que você achasse o diário. Ele temia que essas cartas estivessem escondidas nele.

Ian amaldiçoou bruscamente.

— Um tolo, aquele menino, desafiando o conde a um duelo. Um romântico, também, sempre pensando que as coisas resultariam bem simplesmente porque deveria.

Murian viu a dor nos olhos de Ian e ela se levantou e pôs o braço em volta dos ombros largos dele.

— Ele acreditava no que era certo. De muitas maneiras, ele não morreu em vão. Nós podemos cuidar do conde agora. Pelo menos nós temos isso e podemos...

Uma comoção soou do lado de fora.

— Falando sobre o diabo, — anunciou Tata Natasha.

Assim que ela disse as palavras, uma forte batida foi ouvida na porta.

— Abra esta porta ou eu vou quebrá-la, — disse Loudan com dureza. — E Vossa Graça, não me diga que você está de camisola. Eu sei quem está com você e você nunca faria tal coisa na frente de seu neto, Lady Murian, seu protetor Ian Beagin e esses outros tolos. — Loudan fez uma pausa, deixando-os absorverem suas palavras, e depois repetiu, — Agora abra esta porta!

Houve um sussurro de vozes, como se os guardas do lado de fora da porta tivessem crescido em posição.

Orlov apertou os lábios.

— Golovin, o que você acha? Vinte? Trinta?

— Não mais do que trinta. O salão não vai comportar mais.

Eles ouviram de perto. Durante o murmúrio, eles ouviram Loudan emitir instruções baixas, e depois os passos enquanto os guardas se moviam para a posição de cada lado da porta.

Orlov olhou a porta antes de dizer a Max, — Isso me faz lembrar Paris.

— Ah, sim. — Max considerou. — Vale a pena tentar. Precisamos mover a mesa.

— Sim. Teremos que escancarar a porta. — Eles foram em direção à porta.

Ian pulou na frente deles.

— Espera! O que estão fazendo?

Max murmurou um suspiro.

— Mover. Nós vamos permitir que o conde entre.

— Ele vai matar a todos!

Orlov rosnou.

— Ele é apenas um homem.

— E seus guardas? Vocês pensam que não irão seguir o caminho assim que a porta estiver aberta?

— Eles tentarão, — respondeu Golovin. — E podemos ter que bater algumas cabeças. Mas, para superar o número de guardas que o idiota maldito hospedou dentro desse castelo, precisamos de um refém.

— E quem melhor do que o próprio conde? — Orlov perguntou

— Uma boa briga e um refém, — Tata Natasha disse com aprovação. — Isso é bom para a digestão. Esta noite, vamos comer como Vikings!

Murian piscou. O que isso significava?

Ian balançou a cabeça.

— Você está colocando a moça em risco. Não vou deixar isso.

Max franziu o cenho.

— Você não tem voz nisso.

Ian inchou e Murian adicionou rapidamente,

— Ian, pense um momento! Estamos presos em um quarto no meio de um castelo, cercado por guardas liderados pelo homem que matou meu marido. Não acho que isso piore. Deixe o príncipe e seus homens fazer o que melhor fazem: lutar. Nós vamos ajudá-los e...

— Aqui agora! — Loudan ergueu a voz. — Vou contar até dez, e então meus homens derrubarão esta porta!

— Está bem, então. — Ian estalou os dedos. — *Por um centavo, por uma libra*. Moça, pegue a grã-duquesa e fique atrás da cama.

— Um! — Loudan gritou.

— Pah! Parecemos crianças para você? — A grã-duquesa ergueu a bengala. — Saia do nosso caminho e deixe-nos ter com eles!

— Dois!

— Se as coisas correrem bem, ninguém terá que fazer muita coisa. — Max virou-se para Will. — Já que elas não se esconderão como foi pedido, vigie Lady Murian e minha avó.

Will se moveu entre elas e a porta.

— Três!

—Orlov, você e Ian ajudam a mover a mesa. Golovin, você sabe o que fazer.

— Quatro!

— Dá, General. — Golovin embainhou a espada e foi até a lareira, onde ergueu o ferro de combate judiciosamente.

— Cinco!

Golovin retornou à sua posição, encostado na parede, a um lado da porta, a barra presa como um bastão de cricket.

— Seis!

Com a mesa seguramente fora do caminho, Orlov e Max ficaram na frente da porta. Max disse: — Ian, quando lhe dermos o sinal, abra bem a porta, mas não não deixe ir.

— Sete!

Max disse: — Assim que tivermos o conde, você deve fechá-la rapidamente.

Quando Ian foi até a porta, Orlov advertiu: — Você terá que colocar seu ombro nela. Todos estarão empurrando, tentando entrar.

— Oito!

Max disse: — Pronto? Agora!

— No...

Ian abriu a porta.

O conde ficou levemente para trás da porta, dois de seus guardas antes dele, suas armas esticadas.

Eles deram um passo adiante.

Golovin passou a barra de ferro diretamente pela porta, acertando os dois guardas em seus rostos, o mais alto pegando o golpe no nariz, o mais baixo na testa.

Eles caíram no chão como troncos, suas armas caindo com eles.

Antes que o conde pudesse se mover ou novos guardas pularem na frente dele, Max pegou o conde pelo manto e puxou-o para dentro.

— Feche a porta!

Ian a fechou quando os guardas correram em direção a eles, saltando sobre seus camaradas caídos. Um guarda conseguiu colocar o braço dentro da porta, mas Golovin bateu com o fogo e, com um grito, foi retirado.

Com o ombro no painel, Ian abaixou a cabeça e empurrou a porta.

Golovin trancou-a quando Max jogou o conde em uma cadeira.

Loudan agarrou seu pescoço, lutando para respirar, olhando todo o tempo.

Alguém bateu na porta.

— Abra isso agora ou vamos disparar através dela!

— E matar o conde, que está diretamente na linha de fogo? — Tata Natasha gritou de volta. — Se você matá-lo, ele não poderá lhe pagar por um longo tempo. Talvez nunca mais.

Um murmúrio surgiu.

— Deixe o corredor e desça as escadas para aguardar instruções, — ela ordenou, como se ela fosse o general e não Max. — Você não vai forçar a porta, nem planejar quaisquer truques, ou nós seremos forçados a matar o conde, cortar seu coração e comê-lo.

Ainda ofegante, os olhos de Loudan se arregalaram, enquanto fora da porta, reinou um silêncio horrorizado.

Max suspirou.

— Tata Natasha, você precisava fazer isso? As pessoas já pensam em você como uma bruxa.

Ela encolheu os ombros.

— Isso me diverte. — Ela tocou sua bengala no chão perto dos pés de Loudan. — Você. Faça algo útil. Diga-lhes para ir.

Loudan olhou para a tiara em sua cabeça e um escárnio enrolou seus lábios.

— Eu não direi nada a eles, sua Cigana suja...

A bengala de Tata bateu no joelho dele.

— OWWWWW!

Ela bateu novamente, pegando um dos seus dedos com ele.

— Pare! Por favor, pare!

Os guardas do lado de fora da porta ficaram silenciosos enquanto Loudan gemia alto, agarrando o joelho com uma mão, enquanto enfiava a outra debaixo do braço e balançava para frente e para trás.

Tata disse alto para os guardas da porta: — Vocês ainda estão aí? Foi-lhes dito para sair.

Eles ouviram o barulho de armas quando os guardas se afastaram.

Depois de um momento, a voz de Demidor soou fora da porta. — General, Raeff e eu estamos aqui. Vamos proteger a porta e garantir que ninguém entre.

— Muito bom. E Pahlen?

— Ele acompanhou o mensageiro, mas deve retornar a qualquer momento.

— Muito bom. — Max voltou para Loudan, que agora estava caído na cadeira. — Bem. Aqui estamos.

O conde franziu o cenho.

— Como se atreve a entrar na minha casa!

— É nossa casa, não sua, — Murian disse friamente. — Nós encontramos o diário, e nós sabemos o que você fez. Você será enforcado como um traidor, e Rowallen será devolvido para aqueles que o amam.

Loudan empalideceu.

— Onde estava? Eu olhei por toda parte procurando essa coisa maldita?

— Isso importa? — Murian perguntou. Ela levantou o diário. — Nós temos isso, e algumas das cartas que você escreveu.

Os lábios de Loudan diminuíram.

— Você não pode provar que essas cartas são minhas. Tenho muitos amigos em Edimburgo. Seu caso será descartado antes mesmo de chegar.

— Nós vamos ver isso. Eu também direi a Spencer o que você fez. Ele cuidará para que você pague pelos seus erros.

Loudan sorriu.

— Talvez você deva escrever para ele, como você tentou fazer bastante no ano passado.

— Eu sei que você interceptou essas cartas. Eu não sei como, mas quando Spencer retornar, ele vai me ouvir.

— Se meu irmão voltar da guerra. — O pensamento pareceu tranquilizar o conde, pois conseguiu dar um sorriso frio e feio. — Que duvido que aconteça.

O coração de Murian apertou.

— Você não prejudicaria seu próprio irmão.

— Meu meio-irmão, — Loudan corrigiu-a. — E ele fez muito para me prejudicar. Quando nosso pai estava em seu leito de morte, ele disse a Spencer que eu deveria ter metade das propriedades e da fortuna.

— Sim, quando ele morresse. Spencer me contou tudo enquanto eu vivi com ele.

O rosto de Loudan ficou avermelhado.

— Por que diabos eu deveria ter que esperar por isso? E então, meu irmão sanguinário tornou-se imbuído de fervor patrótico. Não é barato prover um exército inteiro; então para financiar a si mesmo e suas tropas, ele começou a vender propriedades. Ele vendeu cada maldita e me deixou sem nada.

— Elas não eram suas, mas dele, — disse Murian. — Ele ama seu país.

Loudan riu.

— Ele ama sua causa. Sua glória. Seu título maldito e medalhas malditas e prêmios malditos. As pessoas pensam que ele é um semideus, e ele o bebe como se fosse seu tributo! Eles dizem que a corôa irá restabelecer suas propriedades perdidas e a fortuna. E pode acontecer; ele sempre soube como estar no topo. Você o acha um herói, mas eu o conheço pelo pequeno tirano que ele é.

— Você disse que ele não voltaria, — disse Max. — Por que ele não iria voltar?

Murian pegou o sorriso de Loudan e um peso doentio afundou em seu estômago.

— O que você fez?

Loudan encolheu os ombros.

— Meu irmão não é tão inteligente quanto ele pensa. Tive pessoas perto dele esse tempo todo – meu pessoal. Pessoas que farão o que eu quiser, como eu disser. E eu lhes disse que seria melhor se ele não voltasse da guerra.

Um barulho soou do lado de fora: o pisoteio de cavalos, o chiar de uma carruagem.

Tata Natata foi até a janela.

— É uma carruagem, cercada por guardas. Muitos, muitos guardas, todos em uniforme. — Ela olhou para Max. — Você fez isso?

Murian viu um sorriso cintilar no rosto de Max, e por algum motivo, seus medos fugiram.

— Talvez, — ele disse.

— Quem é? — ela perguntou.

— Eu não sei, — Natasha disse, quando os gritos surgiram do lado de fora, seguidos pelo som das espadas. — Mas os guardas não têm escrúpulos em prender os homens do conde. Há uma briga e... — Ela franziu o cenho. — Já está acabado. Os homens de Loudan estão baixando suas armas. Suponho que não posso culpá-los. Eles estão em menor número. — Ela apertou os olhos para a carruagem. — Que escudo interessante. Um leão dourado comendo um bebê. Isso é bastante formidável...

Murian estava de pé, correndo para a porta.

— É Spencer! Ele voltou!

Capitulo 24

Murian estava no terraço de trás de Rowallen, o vento girando sua capa enquanto observava o por do sol escorrer sobre o gramado.

A porta atrás dela se abriu e ela sabia por seu arrepio quem era.

Max aproximou-se dela, perto o suficiente para que, se ela se recostasse um pouco, ela o tocaria. Tanta coisa aconteceu nas últimas horas. Muito para compreender. Spencer realmente havia retornado, trazendo seus soldados e retomando Rowallen.

Os braços de Max pousaram sobre ela, o queixo apoiado contra sua cabeça. Quente e forte, ele não ofereceu nenhuma palavra, mas ficou silencioso, esperando.

Quebrando o silêncio, ela disse: — Rowallen finalmente está livre do alcance de Loudan.

— Dá. Já não era sem tempo.

— E agora é de Will, ou será uma vez que a licença de casamento seja autenticada. É triste o velho lord sentir que ele tinha que esconder seu casamento com sua governanta. Acho que seu povo teria sido indulgente.

— Sim, mas a nobreza vizinha poderia não ter sido.

— Provavelmente não. — Ela suspirou. — É uma pena.

— Dá. Spencer já enviou homens para a igreja paroquial para verificar a veracidade da licença. Nós saberemos em breve. — A respiração de Max aqueceu sua testa. — E se for real, *dorogaya moya*? Então, o quê?

— Não muda nada. Se ele é o novo lord, então eu o ajudarei a dirigir o castelo. Ele nunca esteve nessa posição e precisará de orientação.

— Então você não está chateada, por o castelo não ser seu?

— Nem um pouco. — Ela ficou surpresa com isso, mas tudo o que conseguia trazer à tona era um leve arrependimento por ela não ter conhecido a verdade mais cedo. — Nunca foi sobre o castelo, Max. Era sobre as pessoas. Elas mereciam suas casas de volta.

Seus braços apertaram sobre ela. Finalmente, depois de um longo silêncio, ele disse: — Eu esperava que essa fosse a verdade, mas eu não tinha certeza.

Ela se inclinou para ele e pousou a cabeça em seu ombro.

— Como está Spencer?

— Ainda está furioso. Ele falou com Loudan.

— E?

— O conde agora está acorrentado na masmorra e Spencer enviou nota para o agente. — Max olhou para ela. — Eu não sabia que seu castelo tinha uma masmorra.

— Loudan é o primeiro convidado em mais de um século. Sua visita está atrasada.

Max esfregou a bochecha nos seus cabelos.

Ela suspirou. Parecia tão certo quando ele a tocava. Confortável e emocionante, ao mesmo tempo. Ele derreteu seu coração e aqueceu sua alma. Deus, ela sentiria falta dele quando ele fosse embora. Ela virou-se ligeiramente para enterrar a cabeça no pescoço dele, seu peito doendo com esse pensamento.

Ele a segurou mais perto e ela inalou seu aroma de couro e sabão, esfregando a bochecha em seu casaco de lã. Finalmente, ela ergueu o rosto para o dele.

— Eu não sei o que farei com você.

Ele sorriu e deslizou a parte de trás de seus dedos sobre sua bochecha.

— Nós temos que falar sobre isso. Mas primeiro, Spencer nos espera no salão. Vou levá-la lá.

— Você deveria ter me contado imediatamente.

— Talvez. — Seu sorriso ficou irônico. — Não consegui resistir à chance de te abraçar.

Ela assentiu, mas não fez nenhum movimento para sair. Eles teriam poucos momentos como este. Sua garganta apertou.

Ele também não se moveu, simplesmente segurando-a, seus batimentos cardíacos sob seu ouvido firmes e fortes.

— Eu sentirei sua falta, — ela sussurrou.

Seus braços apertaram-na e ele deu um beijo na testa dela.

Ela fechou os olhos e as lágrimas brotaram. Ela sabia que não poderia ficar em seus braços sem chorar, então ela forçou um sorriso e afastou-se dele.

— Devemos nos juntar a Spencer. — Ela se virou e entrou, Max seguindo.

Ele não disse uma palavra enquanto andavam, e ela desejou que ele fizesse. Ela sabia que ele se importava com ela. Talvez não tanto quanto ela se importava com ele, mas ela tinha visto isso em seus olhos, sentiu isso em seu abraço.

Quando chegaram ao salão, Max passou por ela para abrir a porta.

Completamente miserável, entrou.

E parou.

A sala estava preparada para chá, copos e pires prontos, bandejas de tortas e bolos dispostas em uma linha elegante.

Na cabeceira da sala estava Spencer, cabelo alto e dourado, e olhando para o rei leão de seu brasão de armas. Ele estava enchendo o copo de Tata Natasha com uísque. Atrás dele, Will, vestido com roupas emprestadas um pouco grande demais, mas mais adequadas à sua posição, Ian estava ao seu lado.

Ian assentiu com a cabeça para ela, e então sorriu quando seu olhar foi para os outros na sala.

— Estamos todos aqui, garota.

A viúva Reeves sorriu.

— Lord Spencer veio até nós, e nos trouxe de volta ao castelo.

A Viúva Brodie ficou junto às janelas, seus filhos se alinhavam atrás dela, um deles secretamente atrás dela para provar a cobertura de um dos biscoitos.

— Você fez isso, moça! — A viúva Brodie disse. — Você venceu o conde!

A Viúva MacCrae, Pahlen de um lado, sua filha no outro, sorriu timidamente.

— Sua Graça diz que você era corajosa. Nós temos dito a ele o quanto isso é verdade.

As outras viúvas assentiram com a cabeça.

Murian sorriu vagamente. Eles eram seus amigos, sua família. E ela os amava a todos.

— Och, sem lágrimas! Venha! — Spencer disse, sua voz alta e ressonante como sempre. — Temos bebidas e muito para discutir.

Ela se dirigiu para o lado dele, onde ele se curvou e beijou sua bochecha.

— Eu ouvi que você esteve ocupada desde que eu viajei.

— Eu escrevi e disse tudo sobre isso, mas você não respondeu.

— Sim, havia uma cobra na minha grama, uma que eu pensei conhecer até que o general aqui me enviou uma missiva. — Spencer bateu no ombro de Max. — Eu devo muito a esse homem.

Murian olhou interrogativamente para Max.

Ele encolheu os ombros.

— Você disse que suas cartas não estavam chegando ao duque. Eu estava bastante certo de que uma missiva de um Príncipe de Oxenburg poderia superar o lacaio de Loudan, quem quer que fosse.

— Então ele me escreveu, — disse Spencer, — e era uma carta longa e envolvente - como um romance, cheia de intriga e perigo, e uma donzela em aflição. — Ele riu, embora houvesse uma agudeza em seu olhar quando ele olhou para Murian. — Também havia uma parte sobre Robin Hood. Devo saber mais sobre isso.

Tata Natasha resmungou.

— Ela ainda me deve quatro galinhas.

— Então você conseguiu encontrar o traidor em seu meio depois da carta do príncipe? — Murian perguntou.

— Apenas dois dos meus assessores tocavam minhas correspondências, então não demorou muito para encontrar o culpado. Depois de alguma, persuasão, ele admitiu tudo. Buscamos seus pertences e encontramos cartas do meu irmão, bem como um frasco de veneno.

Ela não conseguiu conter um suspiro.

— Seu próprio irmão!

O olhar de Spencer ficou sombreado.

— Foi uma pílula amarga, mas ele sempre foi fraco. O meu pai estava preocupado com ele e com razão. Ele foi facilmente desviado e não pensa em si mesmo como um doente.

— E agora?

— Ele enfrentará seus crimes no tribunal. Enquanto isso, eu devo muito a você, Murian, tanto por alertar o príncipe quanto para cuidar do povo de Robert após sua morte. Rowallen está em dívida, como eu.

— Estou feliz em vê-la de volta nas mãos adequadas.

Spencer começou, — Ah. Sim. Sobre isso...

Max deslizou um braço sobre a cintura de Murian.

— Murian já está bem ciente de que o castelo vai para Will. — Spencer pareceu aliviado.

— Estou feliz em ouvir isso. Há uma vinculação no castelo e nas terras, de modo que o castelo nunca iria para você, como a viúva, mas para o próximo homem em linha para o título, que é Will. Os registros na igreja paroquial confirmaram.

Ela virou um sorriso para Will.

— Eu não consigo pensar em ninguém que amaria mais o castelo.

Will corou.

— Estou comovido, milady. Mas — sua expressão ficou feroz. — Posso prometer-lhe que ninguém vai cuidar melhor dele.

Ian deu uma palmada no ombro de Will.

— Esta é a maneira de liderar.

Spencer concordou.

— Com a licença de casamento agora comprovada e o diário de Robert como evidência, não devemos ter problemas para registrar o pedido de Will.

O duque voltou-se para Will e começou a expor algumas melhorias que poderiam ser feitas imediatamente, deixando o jovem com um olhar aturdido em seu rosto.

Murian assistia, embora Max observasse que o sorriso dela não alcançava seus olhos. Só ele sabia quanto essa última atitude lhe custara. Quanto

orgulho ela engoliu para desistir de sua reivindicação a um castelo em que ela lutou de uma maneira tão feroz e determinada. No entanto, como ela havia dito, não era o castelo que segurava o coração dela.

Ele nunca quis tanto beijá-la.

Tata Natasha tomou um gole saudável de seu uísque.

— É para o melhor, Lady Murian. Você não pertence aqui, mas com meu neto. Diga-lhe que você o ama e resolva isso de uma vez por todas, pois eu desejo comer bolo.

— Tata! — Max falou. — Não é assim que isso vai acontecer.

— Como o que acontecerá? — Murian perguntou, virando o seu olhar prateado para o seu lado.

Raios, eu desejava fazer isto em particular, mas...

Ele olhou para as pessoas ao seu redor, todas as quais agora estavam olhando para eles com expectativa. Talvez agora seja o melhor momento, afinal.

Ele voltou para Murian.

— Murian, quando Spencer percebeu tudo o que tinha feito por Rowallen e seu povo, ele pensou em oferecer-lhe outra propriedade, uma que ele receberá por seu serviço na guerra.

— Há várias, eu havia dito. A coroa será muito generosa e você pode escolher.

— Minha própria propriedade?

— Sim, moça, — Spencer disse. — Maior e melhor que o castelo Rowallen também.

— Não. — Murian sacudiu a cabeça. — Eu não quero outra propriedade. — Seu olhar passou por Spencer, voltando para as viúvas e seus filhos. — Eu pertenço ao meu povo.

Max pegou sua mão, o calor imediatamente atraindo seu olhar para o dele.

Ela nunca viu tal expressão em seu rosto. Era esperança, e preocupação e incerteza... — O que foi?

— Eu estava esperando que você dissesse que não queria outra propriedade.

Ela piscou para ele.

— Por quê?

A Viúva Reeves riu.

— O Duque Spencer não foi o único que veio até nós na floresta. O príncipe veio, também, e ele nos pediu a sua mão para se casar com ele.

— O quê?

Max murmurou: — Isso não é... diabos... não é assim que eu desejei que isso acontecesse!

— Mas é verdade, — a Viúva MacCrae disse, examinando Pahlen, que sorriu de volta.

— O príncipe pediu que todos nós viéssemos a Oxenburg com você, e fôssemos sua família lá, como fomos sua família aqui. Nós todos teremos nossas próprias casas, com jardins e tal, e eu vou ser a nova governanta, eu vou.

— Eu sou sua nova cozinheira, — disse a Viúva Reeves.

A Viúva Brodie não poderia estar mais feliz.

— E eu vou ajudar com as vacas e galinhas e cabras. A Viúva MacThune vai ter sua própria oficina de tecelagem e a Viúva Grier será sua lavadeira e...

— Mas não podemos, — respondeu Murian. — E Will? Quem o ajudará?

— Você pode me deixar, — disse Ian. — Eu sou velho demais para viajar pelo mundo. — Ele colocou o braço sobre Will. — Eu estarei aqui para ajudar Will, e também teremos a ajuda do duque.

— Muitos dos meus homens terminaram com a guerra, — disse Spencer. — Eles também precisam de um lugar para chamar de seu. Nem a Rowallen nem a Will faltará assistência.

Max pegou a mão de Murian e a puxou para que ela o encarasse. Ela não sabia o que dizer ou o que fazer.

— Você esteve ocupado, — disse ela.

— Muito, se você me perguntar! — Tata Natasha disse, segurando o copo para Spencer encher novamente. — Podemos ter um bolo agora? Estou morrendo de fome!

— Ainda não, — disse Spencer. — Mas logo.

— Ignore-a, — Max ordenou Murian. — Ignore todos e escute-me. Apenas uma vez. — Ele beijou seus dedos, seus lábios mornos, seu olhar nunca deixando o dela. — Eu sei que você deu tudo por esta propriedade e essas pessoas. Se eu pensasse que mover este castelo para Oxenburg a levaria para mim, eu o moveria pedra por pedra com minhas mãos nuas. Mas percebi que você não ama o castelo. Você ama essas pessoas que fizeram de Rowallen sua casa. Então eu pedi que eles me ajudassem a vencê-la. Para me ajudar a evitar o dia mais triste da minha vida, que seria aquele em que não a veria, não poderia abraçá-la, não poderia estar com você. Eu te amo, Murian. Eu te amo mais toda vez que eu te vejo. — Ele respirou fundo e acrescentou — Mas você deve saber que eu sou um soldado. Não posso mudar isso. E não posso te prometer *um para sempre*. Mas eu posso prometer que vou te amar enquanto eu estiver respirando, e mais.

Ela olhou nos seus olhos e viu seu amor, sentiu isso em seu próprio coração como se ele tivesse colocado lá. E, olhando para ele, viu o seu povo e o

dele, sua avó e Spencer, Will e Ian, todos silenciosamente pedindo que ela aceitasse seu amor.

Eles não precisavam fazer tal esforço.

Ela voltou seu olhar para o dele.

— Suponho que eu devo embalar a bagagem.

Por um longo segundo, ele apenas olhou para ela. Então ele a levou para seus braços e a girou, beijando-a até que ela ficou tonta.

— Finalmente! — disse Tata Natasha. — Agora podemos ter bolo!

Epilogue

Oxenburg

Carruagens ladeavam a rua perto do cais onde *a Tempestade* estava ancorada. Era uma embarcação imponente, muito veloz, que tinha uma grande tripulação. Max levara Murian para o mar em sua lua de mel. Depois de quatro meses de preparação para o casamento, o que demorou muito tempo e foi uma longa espera, eles tiveram um casamento tranquilo. Tranquilo, isto é, para os padrões reais. Pelo padrão de Max, tinha sido agonizantemente formal. Embora o costume de Oxenburg ditasse que a noiva e o noivo não deviam visitar um ao outro sozinho até depois do casamento, alguém - ele suspeitava de Tata Natasha - colocou Murian gentilmente em um quarto de hóspedes no segundo andar. Portanto, ele nunca foi colocado em perigo ao escalar a treliça em seu quarto todas as noites.

No segundo em que viu Murian descendo pelo corredor usando seu vestido de casamento decorado com fios de prata, porém, ele esqueceu todas as queixas que tinha tido sobre a longa espera. Deus, ele a amava. E agora ela era dele, e ele era dela.

Após o casamento, eles passaram seis gloriosas semanas viajando pelo oceano, visitando portos distantes e se debruçando na companhia do outro. Eles teriam navegado por mais tempo, mas ele era necessário em casa. Embora Napoleão tenha sido capturado e a guerra declarada finalizada, ainda havia pontas soltas que precisavam amarrar.

Ele sorriu para Murian agora, observando como o sol havia produzido sardas no nariz dela. Se não estivessem em público, ele a teria beijado, traçando uma linha entre suas sardas e...

Mas haveria tempo suficiente para isso mais tarde. Eles estavam em seu país agora, e logo eles iriam para sua casa favorita, onde o povo de Murian os aguardava.

Ele não conseguiu levar Murian para casa rápido o suficiente.

— General! — Orlov avançou. — A carruagem os aguarda.

— Bom. — Max sorriu. — Orlov, eu ouvi que partiremos para a França.

— Em três semanas.

— Muito bem. — Max observou Murian organizando uma pilha de caixas de chapéu, para que algumas de suas novas aquisições estivessem na parte

superior. Vestida com a última moda, seu vestido de seda provocado pelos ventos do mar, ela parecia saudável e feliz, apesar de ter sido atormentada pelo enjôo nas últimas semanas. — Quanto tempo vamos ficar fora? — ele erguntou a Orlov.

Orlov seguiu o olhar de Max para Murian e sorriu.

— Dois meses, não mais.

— Bom. E nossos homens?

— Eles foram notificados e estarão prontos.

Ele agarrou o ombro de Orlov.

— É bom estar em casa, meu amigo.

— É bom ter você em casa. O povo de Lady Murian preparou a casa. Katrina está com ciúmes de você ter uma cozinheira tão boa.

— A Viúva Reeves vale seu peso em ouro.

— De fato. Vou mandar carregar sua bagagem, General. Bem-vindo à casa. — Orlov inclinou a cabeça e dirigiu-se para onde Murian estava com as caixas de compras.

Max vislumbrou um homem grande vestido com roupas finas caminhando pelo cais, um manto vermelho chicoteando sobre seus ombros.

— Alexsey! — Max abraçou seu irmão, golpeando-o nos ombros o mais que pôde, por meio de saudação. — Eu não esperava te ver aqui.

— Eu tive que vir, — Alexsey disse simplesmente.

— Você usa sua roupa da côrte. Você esteve com o pai e a mãe?

O sorriso de Alexsey vacilou.

— Na verdade, eu estava...

— Alexsey! — Murian se juntou a eles, e o sorriso de Alexsey voltou e ele a abraçou.

— Solte a minha esposa, — ordenou Max.

— Eu vou, uma vez que a beije. — Alexsey beijou a bochecha de Murian. — Bronwyn envia seus cumprimentos.

— Ela não veio com você? — Murian perguntou.

— Nyet. — Alexsey não conseguiu esconder o orgulho do rosto. — Sua condição dificulta a viagem.

— Sua condição? — Max repetiu sem expressão.

— Alexsey! — Murian deu um salto excitado e depois jogou seus braços sobre seu cunhado. — Nós não sabíamos! Por que você não nos disse? Todas essas cartas chatas dos dois e nenhum de vocês disse uma palavra!

Alexsey riu.

— Nós desejamos surpreendê-los.

— Estamos surpresos, — disse Max. — Aposto que Tata Natasha está em êxtase.

O sorriso de Alexsey ficou torto.

— É por isso que estou aqui. — Ele olhou em volta e depois deu um passo à frente para dizer com uma voz baixa: — Tata Natasha desapareceu.

— Desapareceu? De sua casa?

— Nyet. Ela estava viajando pela Escócia quando voltava da visita a Wulf e Lily.

Wulf era seu irmão mais novo, e ultimamente ele estava passando um tempo com a família de sua esposa e sua amiga, a Duquesa de Roxburghe.

Murian franziu a testa.

— Por que Tata Natasha estava visitando Wulf?

— Lily não estava bem, então Tata Natasha foi oferecer sua ajuda. Tudo o que ela fez para Lily pareceu funcionar, pois Wulf diz que ela está melhor. Mas então Tata Natasha partiu, e não tivemos nenhuma palavra por três semanas.

— Puta merda. Eu deveria ir lá...

— Não há necessidade. Nik estava em Londres. Ele está viajando para o norte enquanto falamos. Ele a encontrará.

Max assentiu, aliviado.

— Eu não sabia que Nik estava em Londres.

Alexsey não ficou satisfeito.

— Nem eu até que isso acontecesse. Nosso irmão ficou muito misterioso.

— Sim. Eu também acho.

Murian colocou a mão no seu braço.

— Eu me pergunto se Tata Natasha será encontrada hospedada na casa de uma moça escocesa espirituosa e solteira?

— Eu não sei, — disse Max. — Ela é muito mais frágil do que parece. Ela não deveria estar viajando.

Murian escondeu um sorriso, pois suspeitava que Max era o único membro de sua família a acreditar em tal coisa. Ao ver seu rosto preocupado, ela apertou seu braço.

— Suponho que a única maneira de manter Tata Natasha em casa é ter tantos bisnetos quanto possível.

Max sorriu.

— Isso ajudaria.

— Felizmente, Bronwyn e eu temos essa tarefa bem sob controle.

Houve um silêncio. O olhar de Max ficou preso em seus lábios, como se ele pudesse ver as palavras que ela acabara de falar.

Então Alexsey deu um grito enorme, enquanto Max a levantou e enterrou o rosto no pescoço dela. Ela o abraçou de volta, rindo suavemente enquanto ele a segurava.

Quando ele a deslizou de volta para seus pés, pressionou um beijo fervoroso em sua testa.

— Há quanto tempo você sabe?

— Duas semanas.

— E você está certa?

— Muito certa. É por isso que eu estive doente todas as manhãs. — Ela franziu o nariz. — Estou feliz por estar fora daquele navio!

Ele colocou seu rosto entre as mãos.

— E eu estou feliz porque tenho você aqui, comigo. — Ele apertou um beijo em seus lábios, suave e gentil, uma promessa de carícia.

Ela o beijou de volta, contente e satisfeita, e ele deslizou um braço protetor sobre seus ombros quando se viraram para caminhar até a carruagem.

Ela sorriu feliz. Isso era amor. Eles compartilhavam e encorajavam. Eles provocavam e às vezes discutiam. Tal era o caminho de pessoas apaixonadas. Mas, independentemente do que acontecia, ela sabia onde pertencia: com Max e seus entes queridos.

Ela colocou o braço sobre ele e correu para a carruagem, sorrindo quando ele riu de sua impaciência.

— Venha, Max. Vamos para casa.